UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARCÍLIO LIMA FALCÃO

**No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró
pelas famílias Escóssia e Rosado (1902-2002)**

(Versão Corrigida)

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARCÍLIO LIMA FALCÃO

**No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró
pelas famílias Escóssia e Rosado (1902-2002)**

Tese apresentada ao Departamento de
História da Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de
Doutor em História Social.

Área de Concentração:
História Social

Orientadora:
Prof.^a. Dr.^a. Nanci Leonzo

(Versão Corrigida)

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F1781 Falcão, Marcílio Lima Falcão
No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró pelas famílias Escóssia e Rosado (1902-2002) / Marcílio Lima Falcão Falcão ; orientadora Nanci Leonzo Leonzo. - São Paulo, 2018. 320 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. História do Brasil. 2. República. 3. Memória. 4. Política. 5. Comemorações. I. Leonzo, Nanci Leonzo, orient. II. Título.

FALCÃO, M. L. **No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró pelas famílias Escóssia e Rosado (1902-2002)**. 2017. 320f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2017.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

A Gilmar Falcão, carinhosamente Manego,
(*in memoriam*) meu querido irmão, que
tanto ajudou na pesquisa, mas que não
teve tempo de compartilhar os momentos
finais. Obrigado por tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradecer também é um ato de lembrar. De reconhecer os que, na longa jornada, contribuíram com esta investigação. Toda essa trajetória traz imagens de momentos vividos, das conversas, do compartilhar de avanços e dificuldades diante da pesquisa. Foi por todos esses momentos que essa tese me trouxe amigos, construídos em suas mais diversas fases. É por isso que agradeço:

A minha orientadora, Prof.^a Nanci Leonzo, pela pertinente orientação e confiança na viabilidade da pesquisa.

À Prof.^a Maria Aparecida de Aquino, pelas discussões oportunizadas ao longo da disciplina *História política e movimentos sociais: do colapso do populismo às tentativas de consolidação democrática*, e pelas consistentes considerações na banca de qualificação.

Aos professores Eduardo Tomasevicius, Jorge Christian e Sara Albieri pelas oportunas indagações e contribuições no que tange a relação entre memória e história.

A minha família, especialmente minha mãe, Fátima Falcão, por tudo. A vovó Lurdinha, que apesar dos males do Alzheimer, por muito tempo insistiu em querer lembrar por onde eu estava. Aos meus irmãos, sempre dispostos às longas e cansativas viagens à Fortaleza/CE.

À minha esposa Micarla Rebouças, pelo companheirismo, dedicação e, principalmente, compreensão nos momentos de ausência. O seu apoio foi essencial para a conclusão desta pesquisa.

À Gabriele Falcão, minha filha, pelo carinho e paciência nos momentos mais difíceis.

Ao setor de Capacitação Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pela bolsa que proporcionou a execução da pesquisa.

Aos funcionários do Museu Municipal Lauro da Escóssia – Maria Lúcia da Escóssia, Manoel, Junior, Teresa, Paulinha, Neguinho, Dinarte, Elias, Ronaldo, Adriano e Almir Moura (*in memoriam*) – por mais de dez anos de convivência em torno das fontes sobre o passado mossoroense.

Aos ex-funcionários da Fundação Vingt-un Rosado – Caio Cesar Muniz, Langeane Urbano e Raniere -, pelo acesso ao acervo da Coleção Mossoroense, do

arquivo epistolográfico da Fundação Ozelita Cascudo Rodrigues e da documentação particular de Vingt-un Rosado.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal Ney Pontes – Eriberto Monteiro e Maurilio Carneiro – pelo zelo com que tratam o acervo da Coleção Mossoroense e pelo empenho em manter as sessões da biblioteca funcionando.

Ao monsenhor Américo Simonetti (in memoriam) e à Adriana, ex-funcionária da Paróquia de Santa Luzia, pela recepção e disponibilidade da documentação do século XIX, sobre os batismos de escravos.

Ao pessoal da Biblioteca Estadual Menezes Pimentel (Fortaleza), pela acolhida nos dias em que pesquisei no acervo do jornal *Libertador*, meu muito obrigado.

Aos amigos Cláudio, Enzo Andrade, Renan, Paulão, Evandro, Cássio, Leandro e Isis, pelas andanças em São Paulo, durante as disciplinas do doutorado.

Aos amigos Lemuel Rodrigues/Rosimeire Florêncio, Paulo Gastão, Kydelmir Dantas, Cid Augusto, Caio Muniz/Maiena Paiva, Marcelo Magalhães/Flavia Spinelli e Alexsandro Donato pelo convívio e discussões em torno do passado e seu uso político pelos Escóssias e Rosados, bem como pelo empréstimo de valiosa bibliografia sobre o cangaço. A cada conversa, mais ideias e fontes fortaleciam a investigação.

Aos amigos Linhares Fonteles e Ariane Linhares, pelas leituras e conversas sobre a relação entre história e memória, na maioria das vezes, regadas a café.

Aos colegas do Departamento de História da UERN, Aryana Costa, Ariane, Lidiane Alencar, André Seal, Carlos Torcato, Fabiano Mendes, João de Araújo, Leonardo Rolim, Lindericy Lins, Rafael Medeiros e Valdeci dos Santos, pelo incentivo a cada encontro.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

A memória poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em suscitações que só os *traços-vestígios* do que já não existe são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objetivação – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e transmitem; o que mostra que ela nunca se desenvolverá sem a presença de registos interiores (*traços*) que, do exterior, os suportes materiais, sociais e simbólicos podem reavivar.

(Fernando Catroga, 2015, p. 23-24)

RESUMO

FALCÃO, M. L. **No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró pelas famílias Escóssia e Rosado (1902-2002)**. 2017. 320f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2017.

Este estudo traz uma análise da fabricação e uso do passado como estratégia de poder das Famílias Escóssia e Rosado, em Mossoró, no período de 1902 a 2002. A investigação foi realizada a partir de inúmeras fontes, dentre as quais obteve destaque a imprensa, especialmente o jornal *O Mossoroense*, em cujas páginas o passado da cidade foi sendo construído a partir da seleção de dois acontecimentos: o 30 de setembro de 1883 (data em que a cidade aboliu a escravidão local) e o 13 de junho de 1927 (quando a cidade resistiu ao ataque do bando de cangaceiros liderados por Lampião). O objetivo foi, pois, compreender a incorporação desses acontecimentos ao calendário cívico municipal e a sua transformação em comemorações públicas, tomando como referência as narrativas presentes nos jornais, cordéis, fotografias e obras dos intelectuais da cidade ligados à editora Coleção Mossoroense. Por meio dessa documentação procurou-se entender como as narrativas sobre o passado mossoroense, presentes nas comemorações, correspondem a um enquadramento de memória imprescindível ao agenciamento e veiculação da imagem política das Famílias Escóssia e Rosado como construtoras desse passado.

Palavras-Chave: Mossoró. Memória. Imprensa. Comemoração. Uso do Passado.

ABSTRACT

FALCÃO, M. L. **In the labyrinth of memory**: fabrication and political use of the past of Mossoró by the Escóssia and Rosado families **(1902-2002)**. 2017. 320f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2017.

This study brings an analysis of the fabrication and use of the past as one of the strategies of domain of the Escóssia and Rosado families in Mossoró from 1902 to 2002. The investigation was conducted by innumerable sources, among which the press, especially the O Mossoroense newspaper, stood out, because it was in its pages that the city's past was being built from the selection of two events: September 30th of 1883 (date when the city abolished local slavery) and June 13th, 1927 (when the city resisted the attack of the gang of cangaceiros led by Lampião). The objective was to comprehend the incorporation of these events into the municipal civic calendar and its transformation into public celebrations, which took as reference the narratives presented in the newspapers, cordéis (folk literature), photographs and works of the scholars of the city that were connected to the publisher Coleção Mossoroense. Through this documentation, it was tried to understand how the narratives on the past of people from Mossoró, present in the celebrations, correspond to a framework of essential memory, especially, to the agency and placement of the political image of the Escóssia and Rosado families as builders of the past of the city.

KEYWORDS: Mossoró; Memory; Press; Celebration; Use of the Past

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Itinerário de Lampião no Rio Grande do Norte (1927)	100
Mapa 2 - Influência de Mossoró nas transações bancárias no Oeste do Estado-1966	175
Mapa 3 - Influência do atendimento hospitalar de Mossoró no Oeste do Estado - 1966	176
Mapa 4 - Rede de cidades e área de influência de Mossoró – 1975.....	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados das campanhas de Vingt Rosado para Deputado Federal ..	184
Tabela 2 - Acervo do Museu Municipal de Mossoró em 1948.....	264

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Bilhete de Lampião a Rodolfo Fernandes (1927)	88
Imagem 2 - Trincheira de Rodolfo Fernandes (1927)	90
Imagem 3 - Lampião conduz a oração no bando (1936)	93
Imagem 4 - Bando de Lampião em Limoeiro (junho de 1927)	102
Imagem 5 - Resistentes Mossoroenses (1927)	104
Imagem 6 - Croqui - Roteiro do Bando de Lampião em Mossoró	111
Imagem 7 - Monumento a Dix-Sept Rosado (1953)	139
Imagem 8 - Proposta - Brasão Mossoroense (1907)	156
Imagem 9 - Noite da Cultura - 1983	211
Imagem 10 - Apoio de Dix-Huit Rosado à candidatura de Rosalba Ciarlini (1988)	223
Imagem 11 - Homenagem da Prefeitura de Mossoró ao 30 de setembro (1989)	231
Imagem 12 - Autoridades no desfile do 30 de setembro (1989)	233
Imagem 13 - Homenagem da Prefeitura de Mossoró ao 30 de setembro de 1991	235
Imagem 14 - Francisco Romão Filgueira e ex-escravos - 1948	248
Imagem 15 - Oficina com Amir Haddad – Auto da Liberdade - 1999	257
Imagem 16 - Visão panorâmica do Auto da Liberdade - 2002	259
Imagem 17 - Bloco da Paz – Cortejo Cultural Popular - 2002	260
Imagem 18 - Comemoração do 30 de setembro (1969)	268
Imagem 19 - Desfile do 30 de setembro (1969)	268
Imagem 20 - Major Romão Filgueira, Vingt-un Rosado e ex-escravos (1948)	269
Imagem 21 - Lauro da Escóssia e ex-escrava (1948)	271
Imagem 22 - Museu Municipal –1972	273
Imagem 23 - Exposição no Museu Municipal de Mossoró - 1972	274
Imagem 24 - Inauguração do <i>Pantheon</i> dos Abolicionistas (1983)	282
Imagem 25 - Comemoração do 30 de setembro (1991)	283
Imagem 26 - 1º Guia Turístico de Mossoró - 1987	285

LISTA DE SIGLAS

ANL – Academia Norte-riograndense de Letras
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
BANORTE – Banco do Estado do Rio Grande do Norte
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CEPEJUL – Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine
CIBRAZEM – Companhia Brasileira de Armazenagem
CODI – Centro de Operações de Defesa Interna
COHAB – Companhia de Habitação
COOCAR – Cooperativa Caiçara de Artistas, Técnicos e Produtores Culturais de Mossoró-Ltda
EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo
EMPROTURN – Empresa de promoções Turísticas do Rio Grande do Norte
ESAM – Escola Superior de Agricultura de Mossoró
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
DOI – Destacamento de Operações de Informação
ETENE –Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste
FENEFRTI – Feira Nacional de Fruticultura
FICRO – Feira Industrial e Comercial do Oeste Potiguar
FOCUM – Fórum Cultura Mossoroense
FURRN – Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte
FVR – Fundação Vingt-un Rosado
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBS – Instituto Brasileiro do Sal
ICC – Instituto Cultural do Cariri
ICOP – Instituto Cultural do Oeste Potiguar
IDEC – Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte
IHG-RN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado
MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PDS – Partido Democrático Social

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SBEC – Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SPHAN – Secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

TELEBRAS – Telecomunicações Brasileiras

TELERN – Companhia Telefônica do Rio Grande do Norte

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

URRN – Universidade Regional do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
PARTE I - UM PASSADO PARA MOSSORÓ	32
1 A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS	32
1.1 NO CALOR DA HORA	32
1.2 O FUTURO DO PASSADO	45
2 ATAQUE E RESISTÊNCIA A LAMPIÃO	58
2.1 BATISMO DE FOGO	58
2.2 PASSADO PRESENTE	74
2.3 A FABRICAÇÃO DA RESISTÊNCIA A LAMPIÃO	87
2.3.1 A Resistência no Cordel.....	112
3 OS INTELLECTUAIS E O PASSADO DA CIDADE	128
3.1 O MESTRE E O FEITICEIRO DAS LETRAS	128
3.2 RAIMUNDO NONATO E OS “RETALHOS DO PASSADO”	142
PARTE II – O USO DO PASSADO.....	159
4 ESCÓSSIAS, ROSADOS E O PASSADO COMEMORADO.....	159
4.1 O CINQUENTENÁRIO DO ATAQUE	159
4.2 O CENTENÁRIO DA LIBERTAÇÃO	193
5 OS ROSADOS E A ESPETACULARIZAÇÃO DO PASSADO.....	213
5.1 O ROMPIMENTO POLÍTICO ENTRE OS ROSADOS	213
5.2 NOVOS RUMOS.....	226
5.3 O AUTO DA LIBERDADE	237
6 UMA CASA PARA O PASSADO	261
6.1 O MUSEU MUNICIPAL	261
6.2 O DEVER DE MEMÓRIA	275
CONSIDERAÇÕES FINAIS	289
7 FONTES.....	295
7.1 LISTA DE FONTES HEMEROGRÁFICAS.....	295
7.2 DOCUMENTOS OFICIAIS	302
7.3 FONTES EPISTOLOGRÁFICAS	304
7.4 FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	304
8 REFERÊNCIAS.....	306

INTRODUÇÃO

A fabricação e o uso político do passado mossoroense foram permeados pela existência de dois projetos. O primeiro, tutelado pela Família Escóssia,¹ começou em 1902, quando João da Escóssia fez circular, pela segunda vez, o jornal *O Mossoroense*.² Uma de suas primeiras ações foi republicar as matérias de o *Libertador*, um outro jornal, de origem cearense, que tratara sobre a libertação dos escravos em Mossoró, a 30 de setembro de 1883.³ Esse projeto tinha como interesse a inserção da trajetória familiar dos Escóssias no imaginário político local a partir de duas estratégias: a fabricação de uma memória assentada em um passado considerado republicano e abolicionista; e a construção de um calendário cívico municipal que aureolasse o 30 de setembro como a mais importante data comemorativa.

Entre os meios para a efetivação dessas estratégias estavam o cuidado de selecionar o que deveria ser escrito e comemorado, bem como a transformação de O

---

¹ A origem da Família Escóssia foi permeada pelos atritos envolvendo a Igreja Católica e a Maçonaria. Em 1873, Jeremias da Rocha Nogueira (Liberal e maçom) teve o batismo de seu filho negado pelo vigário Antônio Joaquim (representante do Partido Conservador), por serem os pais e padrinhos membros da maçonaria. Tal situação, levou Jeremias Nogueira a batizar o filho na Loja 24 de Junho, com o nome de João da Escóssia Nogueira. Casado com Noemi Dulcila de Souza, João da Escóssia teve 12 filhos, entre eles Lauro da Escóssia, que dirigiu o jornal *O Mossoroense* de 1946 a 1977. Ver: ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Escóssia**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1998, p. 21-22. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 989).

² Fundado em 17 de outubro de 1872, o Jornal *O Mossoroense* apresentou-se como Semanário, político, “commercial, noticioso e antijesuítico”. Representante do Partido Liberal, em Mossoró, defendia os interesses da maçonaria e sofria forte oposição do Partido Conservador local, dirigido pelo padre Antônio Joaquim Rodrigues. Essas rivalidades políticas se estenderam aos posicionamentos doutrinários e religiosos envolvendo o jornalista e a Igreja Católica. Para Jaime Hipólito Dantas, *O Mossoroense* passou por três momentos de funcionamento. A primeira fase (1872 a 1875) marca os conflitos com a Igreja Católica. Na segunda fase (1902 a 1935), foi dirigido por João da Escóssia (filho de Jeremias), que transformou a produção e circulação do jornal, ao utilizar xilogravuras e fazê-lo circular por três vezes na semana (antes circulava quinzenalmente). Além disso, transformou o jornal no órgão do Partido Republicano Federal. Na terceira fase, sob o comando de Lauro da Escóssia, começou a circular em 1946 e foi fechado em 1964, por conta da instalação do governo militar. Ver: DANTAS, Jaime Hipólito. **A Imprensa em Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un, 2002. p. 33-34. Ao retomar suas atividades nos anos de 1970, *O Mossoroense* passou a ser dirigido por Lauro da Escóssia. Em 1977, Lauro vendeu o jornal à Família Rosado.

³ O *Libertador* era o órgão da Sociedade Libertadora Cearense. Em seu primeiro número (01 de janeiro de 1881) fez uma análise da situação brasileira em meio à escravidão, apontando o número de escravos ainda existentes no país e os pequenos avanços que a questão havia tido nos espaços de discussão. Aponta a lei de 28 de setembro de 1871 como algo importante, mas que não conseguiu alavancar um processo mais consistente para a questão servil. Ademais, defendeu que “sua missão é de amor, mas não vem trazer a paz [...] a liberdade só combate com a espada, porque a tyrannia não cede à razão e nem conhece o direito”. O lema em seu estandarte é tomado de empréstimo da Revolução Francesa e, em francês, concluiu o editorial: *allons, enfants de la patrie! Le jour de la gloire est arrivé!* PROGRAMA. **Libertador**, Fortaleza, p.1, 01 jan. 1881.

Mossoroense em “guardião” do passado. Desse modo, por toda a primeira metade do século XX, o jornal foi o principal narrador e incentivador das comemorações dos feitos gloriosos da cidade, dando lugar, em suas páginas, a novos acontecimentos, selecionados a partir da relevância político-social nos cenários regional ou nacional e de acordo com a possibilidade de inclusão da participação de membros da Família Escóssia na narrativa jornalística. Por esses critérios, o ataque e resistência a Lampião, em 13 de junho de 1927, também se transformou em acontecimento a ser escrito como o passado da cidade.

Lembrados anualmente em *O Mossoroense*, o 13 de junho e o 30 de setembro se constituíram no caminho para a glorificação de Mossoró, pois, produziram, respectivamente, a imagem da cidade como pioneira tanto no combate ao cangaceirismo⁴ como na abolição da escravidão. Dessa forma, esses episódios se configuraram como os marcos históricos das comemorações cívicas cuja influência da narrativa jornalística esteve sob o controle dos Escóssias até o final da década de 1940.

Em 1948, com a ascensão da Família Rosado⁵ ao poder local, através da eleição de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia para prefeito de Mossoró, teve início o segundo projeto relacionado ao uso do passado. Daí em diante, uma significativa mudança ocorreu na forma de tratar e fazer circular as narrativas sobre os acontecimentos selecionados como passado. Em sua gestão, Dix-Sept Rosado contou com a participação de Lauro da Escóssia, proprietário de *O Mossoroense*, como secretário municipal, o que tornou o jornal um dos principais parceiros das propostas culturais da Prefeitura Municipal. Tal associação foi tão expressiva que o projeto dos Escóssias se fundiu aos interesses dos Rosados em tratar o passado mossoroense como objeto de uso político por meio das comemorações cívicas.

No primeiro ano da gestão de Dix-Sept Rosado, foram inaugurados, durante as comemorações do 30 de setembro de 1948, a Biblioteca Pública e o Museu

---

⁴ EVOcando a página negra da História de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 12 jun. 1932.

⁵ De origem paraibana, o primeiro Rosado a se instalar em Mossoró, em 1890, foi o farmacêutico Jerônimo Ribeiro Rosado (1861-1930). Casado duas vezes, com as irmãs Maria Amélia Henrique Maia e Isaura Henrique Maia, formou uma família com vinte e um filhos, três do primeiro casamento e 18 do segundo. Ativo participante da sociedade mossoroense, foi Intendente de 1917 a 1919, tendo entre suas atividades administrativas a busca pela solução para o problema do abastecimento de água da cidade. Em 1948, com a vitória de Jerônimo Dix-Sept Rosado na campanha municipal, foi construído o discurso de que os filhos retomariam o trabalho desempenhado pelo pai em prol do crescimento de Mossoró. Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado (1861-1930):** uma ação brasileira na província. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1967, p. 13-64.

Municipal⁶. Também foi criado o Boletim Bibliográfico, periódico voltado à publicação das atividades e dos documentos das instituições culturais, Intendência e Câmara Municipal.

No mesmo ano, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, irmão de Dix-Sept Rosado, criou a editora Coleção Mossoroense, cujo objetivo foi incentivar e publicar estudos sobre Mossoró e a região Oeste do Rio Grande do Norte. A editora albergou diversos intelectuais que, a partir de acontecimentos locais, publicaram trabalhos, na maioria coletâneas de documentos.⁷

Coordenada por Vingt-un Rosado e influenciada por Luís da Câmara Cascudo, os estudos pautaram-se no uso da documentação referente aos dois acontecimentos selecionados como passado mossoroense: a libertação dos escravos e a resistência a Lampião. Esses episódios foram fundamentais para a consolidação do “pioneirismo e civismo” enquanto características mais significativas da escrita pela chamada “Batalha da Cultura”.⁸ Por conseguinte, a análise da documentação jornalística, bem como da produção dos cordelistas e dos intelectuais, em torno da Coleção Mossoroense, acompanhadas da construção das comemorações cívicas e de sua espetacularização, propiciou a questão que norteia este estudo, a saber: como a fabricação e o uso político do passado de Mossoró pelas Famílias Escóssia e Rosado, entre 1902 e 2002, se constituíram em estratégias de manutenção de poder?

As particularidades pertinentes ao trabalho de fabricação do passado mossoroense e seu uso político remetem à reflexão acerca da relação entre a escrita

---

⁶ CINCO meses de administração de Dix-Sept Rosado: melhoramentos realizados. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 30 set. 1948.

⁷ O conceito de intelectual, aqui empregado, é aquele que perscruta a dimensão política do trabalho dos escritores e sua intervenção na vida social quer para criticar ou legitimar o poder constituído. No caso dos intelectuais mossoroenses, a análise ocorreu a partir da compreensão da operacionalização da Coleção Mossoroense na fabricação e uso político do passado pelas Famílias Escóssia e Rosados. Ver: BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 67-90; BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução de Carmen C. Varriale et al.; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 647-648.

⁸ Denominou-se de “Batalha da Cultura” os esforços dos Rosados, especialmente Vingt-un Rosado, direcionados ao projeto de construir equipamentos culturais que viabilizassem o desenvolvimento cultural na cidade. Para tal, Vingt-un Rosado passou a congrega, em torno do Boletim Bibliográfico (meio de divulgação da Biblioteca e do Museu) e da Coleção Mossoroense (uma editora/selo que foi financiada pela Prefeitura de Mossoró no intuito de publicar, em diversas áreas do conhecimento, os estudos sobre a cidade), intelectuais que se debruçaram diante da documentação disponível e produziram, ao longo de meio século, uma vasta bibliografia sobre o passado e as potencialidades naturais da cidade.

da história e o trabalho da memória, bem como seus lugares de produção e circulação por meio da imprensa e das comemorações cívicas.⁹

As discussões em torno das aproximações e distanciamentos entre história e memória são indicativos de que o trabalho, tanto no jornal quanto na Coleção Mossoroense, ocorreu mais por uma prática voltada a salvar do esquecimento os documentos sobre o 30 de setembro e o 13 de junho que por uma operação onde a problematização desses documentos tivesse como cerne o lugar social e as experiências dos sujeitos envolvidos nesses acontecimentos. Essa prática incidiu diretamente na vida cotidiana, à medida que produziu uma leitura memorável sobre o passado da cidade e foi usada como estratégia de poder por aqueles que viabilizaram o financiamento com recursos públicos -, a Família Rosado.¹⁰

Problematizada a partir de “um lugar que não lhe é próprio” e de circunstâncias como as produzidas no tempo das comemorações, a memória é algo em permanente (re)construção. Sua fabricação, segundo François Dosse, passa a ser considerada como “fonte de reapropriação coletiva e não simples museografia isolada do presente. Supondo a presença da ausência, ela permanece o ponto de contato essencial entre passado e presente, desse difícil diálogo entre o mundo dos mortos e o dos vivos”.¹¹

Nesse sentido, a fabricação do passado mossoroense encontrou, na memória, “um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”, bem como uma forma de concatenar as narrativas jornalísticas sobre os acontecimentos aos interesses do presente. Sua importância residiu, também, no fato de a memória exercer “uma função que lhe é própria, ser um instrumento e objeto de poder”.¹² No entanto, a memória não pode ser confundida com o passado, uma vez que seu trabalho ocorre por uma seleção do que deve ser ou não lembrado e porque encontra na afetividade e sacralização elementos fundamentais à produção e legitimação

---

⁹ Sobre a relação entre história e memória ver: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al., 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996; DOSSE, François. **História**. Tradução de Maria Helena Ortiz Assunção. Bauru, SP: Edusc, 2003; DOSSE, François. **História e ciências Sociais**. Tradução de Fernanda Abreu. Bauru, SP: Edusc, 2004; RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007; CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

¹⁰ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007, p. 66.

¹¹ DOSSE, François. Op. cit, p. 184.

¹² LE GOFF, Jacques. Op. cit, p. 476.

identitária do grupo. Daí resulta, como no caso de Mossoró, um passado glorioso, limpo de rupturas e intrigas.¹³

Diferentemente, pela história, a construção do passado mantém um vínculo com um lugar social, procedimentos de análise e referência teórica ao método, o que leva a própria escrita da história, enquanto conhecimento resultante da investigação histórica, a ser resultado de uma prática permeada por uma técnica.¹⁴

Desligando-se, então, de qualquer função pedagógica ou moral, o passado surge, pela história, como a distância entre a experiência e a escrita,¹⁵ ao passo que a memória, além da criação dos heróis, busca a permanência do acontecimento pela reafirmação de atos, lugares e sujeitos merecedores da lembrança, em um processo amplamente permeado pelo esquecimento.

Mesmo partindo do presente, é esse tratamento em relação ao tempo que difere a “história e memória a partir do distanciamento, da objetivação, pois o tempo da memória, o da lembrança, nunca pode ser inteiramente objetivado, colocado à distância”.¹⁶ É por isso que, nas comemorações, o ato de lembrar possui, em seu bojo, o indício do trabalho do outro, o esquecimento, tão complexo quanto a seleção do que deve ser lembrado e comemorado.¹⁷

Tais questões em torno do trabalho da história e da memória são imprescindíveis à compreensão do uso do passado como “estratégia de poder”. Essa estratégia é entendida, aqui, como sendo “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito, de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica), pode ser isolado” e problematizado com base nos interesses que o passado pode auferir através das comemorações cívicas, pensadas e executadas sob a anuência das

---

¹³ RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. (Org.) **Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da História**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural –UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 07-09.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007, p. 66.

¹⁵ Id., p. 66.

¹⁶ PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**; Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 106.

¹⁷ Ver especialmente a discussão sobre o esquecimento e a memória manipulada. RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**; Tradução de Alain François et al., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 455-459.

questões pertinentes ao presente. Tais questões, como na história, têm como ponto de partida a realização de seu trabalho.¹⁸

Tomadas como tradições inventadas,¹⁹ as comemorações cívicas mostram, tanto pelo ritual como pela liturgia, que a identidade de Mossoró como terra da liberdade e da resistência foi um processo gestado por instituições, como a Maçonaria, o jornal *O Mossoroense*, a Prefeitura Municipal de Mossoró e a Coleção Mossoroense. Nesse processo, o jornal foi fundamental para a emergência de uma memória articulada à produção imagética da cidade e para a construção de lugares destinados às declaradas testemunhas de um tempo que, ilusoriamente, insistia em permanecer.

Assim posto, quando se associa as iniciativas dos Escóssias, intermediadas pelo jornal *O Mossoroense*, à “Batalha da Cultura”, percebe-se que a escrita da história da cidade foi uma das mais significativas estratégias de afirmação e manutenção do poder dessa família ao longo do século XX.

Quanto aos Rosados, uma vez no poder, fizeram um uso mais permanente e incisivo do passado ao amalgamarem as comemorações da abolição e da resistência aos interesses político-partidários, a começar pelas inaugurações públicas e expectativas geradas em torno da captação de recursos para novos equipamentos urbanos. Configurou-se, assim, um ciclo que renovava o simbolismo do espaço e tempo comemorativo e que fez a estratégia funcionar em benefício da manutenção do poder.

Neste estudo, o uso político do passado foi analisado a partir de dois momentos. No primeiro, buscou-se entender como a construção do calendário cívico mossoroense contribuiu para a fabricação do passado da cidade e a inserção da trajetória familiar dos Escóssias no imaginário político mossoroense. O segundo momento partiu das relações que a escrita dos intelectuais mossoroenses manteve com a narrativa jornalística sobre o passado fabricado, no sentido de entender a importância do trabalho da Coleção Mossoroense para a operacionalização da estratégia de manutenção do poder dos Rosados.

Em ambos os momentos, a imprensa foi imprescindível, sendo a análise das narrativas que circularam nas páginas dos jornais o referencial para a interpretação

---

¹⁸ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 99.

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. (Org.). **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.09.

do uso do passado como uma das estratégias de poder das referidas famílias. Enquanto fonte histórica, os jornais foram analisados no sentido de entender o papel que exerceram na fabricação, comemoração e espetacularização do passado mossoroense. A compreensão de sua influência na vida cotidiana da cidade, através da circulação das transformações urbanas e produção das expectativas geradas pela cotidianidade dos mandatos parlamentares de Escóssias e Rosados, foi, portanto, o caminho à compreensão da estratégia de tornarem o tempo e o espaço comemorativo lugar comum de representação das trajetórias familiares e do capital político, entendido, aqui, como uma “forma do capital simbólico”, construído a partir de determinadas operações que conferem a uma pessoa ou a um objeto tal reconhecimento.²⁰

Longe de ser o “espelho fiel da realidade”, a documentação jornalística não pode ser tomada como algo isolado, mas como construção temporal e espacial, permeada por relações de forças que marcaram experiências cotidianas, diferenciadas pelos lugares sociais em que foram produzidas.²¹ Por essa razão, a leitura que o historiador tende a fazer sobre o jornal também permeia o vínculo que este mantém com os grupos sociais para os quais ele é referência e pelos parâmetros utilizados em seu diálogo com a sociedade.²²

Por entender o lugar social do jornal como produto e produtor de imagens e leituras sobre o tempo e o espaço, as reflexões a respeito da fabricação e uso político do passado mossoroense passaram necessariamente pelo mapeamento da trajetória de *O Mossoroense* rumo à construção e circulação do discurso que o legitimava como referência e autoridade diante da escrita sobre o passado da cidade.²³

No jornal, o incentivo à participação nas homenagens aos abolicionistas de 30 de setembro de 1883 era tão forte que os documentos históricos (Ata da Sessão da

---

²⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 188.

²¹ SILVA, Sônia Maria de Meneses. Nação em papel: o jornal como possibilidade de investigação histórica na problemática da construção nacional no século XIX. In: FREITAS, Antônio de Pádua Santiago de et al. **Pesquisa histórica: fontes e trajetórias**. Fortaleza: EDUECE/ABEU, 2008, p. 18.

²² LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bessanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

²³ Entendemos o lugar social a partir de sua importância ao delineamento dos procedimentos metodológicos diante da seleção, organização e interesses presentes no corpus documental. CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 66-67.

Sociedade Libertadora Mossoroense, discursos proferidos, poesias e hinos) foram reproduzidos e associados ao presente, evidenciando a tentativa dos intelectuais em “resgatar” o passado. Ao ser associado a novos contextos, o uso do documento histórico esteve em constante construção diante das demandas do presente.²⁴

Especialmente em *O Mossoroense*, a documentação jornalística serviu à compreensão da importância da ritualística e liturgia das comemorações cívicas. Das solenidades, que, no início do século XX, aconteciam na Praça da Redenção, em frente à Estátua da Liberdade, participavam maçons, dirigentes de *O Mossoroense* e estudantes dos Colégios Diocesano Santa Luzia, 07 de Setembro e 30 de Setembro. Os participantes dessas solenidades realizavam a leitura dos registros sobre a libertação dos escravos, cantavam hinos e declamavam poesias. Seguindo o ritual comemorativo, visitavam as residências dos abolicionistas (vivos e mortos) e lhes prestavam homenagens. Por último, saíam em desfile, sendo aureolados pela população com vivas e glórias a grande data.²⁵

Foi por narrar os acontecimentos e se preocupar com seu lugar dentro das comemorações que *O Mossoroense* se tornou a principal fonte da memória histórica da cidade. Em suas páginas, a relação passado-presente apareceu através da rememoração e atualização dos acontecimentos e na associação do conceito de liberdade e resistência como lições do pretérito aos dilemas do presente. Essa vinculação entre os dois tempos é possível porque a atualidade jornalística ocorre na relação com o presente do leitor.

Entendida como uma “fina lâmina de tempo sobre a qual estão postas as informações e da qual é a superfície que lhes é comum”, a atualidade jornalística é discutida por Maurice Mouillaud como a relação entre jornal e leitor, pela conexão entre enunciar, publicar e ler.²⁶ Assim, mesmo que os acontecimentos remetam a outra temporalidade, o que faz a atualidade nas páginas do jornal é a exigência social

---

²⁴ KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. Documento e história: a memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011, p. 12.

²⁵ O sucesso das comemorações do 30 de setembro residia na participação do corpo social que, inserido nos festejos, lhe legitimava e fortalecia seu uso político pela estratégia de poder da família Escóssia. Ver: 30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 19 ago. 1904.

²⁶ MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 49-83. (Coleção Comunicação, 2)

da comemoração enquanto realização do presente, justificando o que deve ser lembrado e preservado como “fator de coesão e identidade”.²⁷

A atualização é, pois, parte do processo de construção do passado da cidade, que, associado e apresentado como “expressão real das experiências”, foi permeado pela organização do calendário cívico municipal, que começa com o 13 de junho e termina com o 30 de setembro. Enquanto “dimensão permanente da consciência humana”, amplamente relacionada às instituições e outros padrões sociais,²⁸ a construção do passado requer um trabalho a partir dos registros e lembranças, para que possa ser sentido enquanto temporalidade.²⁹ Esse trabalho tem, na história e na memória, características peculiares, pois ambas possuem distintas formas de selecionar o que deve ou não ser considerado passado, bem como os procedimentos para a problematização ou não dos indícios das experiências tanto temporais como espaciais. Daí a importância dos procedimentos analíticos aplicados às diversas fontes utilizadas nesta pesquisa.

Vale ressaltar que a documentação jornalística foi utilizada em todos os momentos desta investigação. De início, por meio das matérias do jornal *Libertador*, buscou-se entender as estratégias aplicadas e os interesses envolvidos diante das investidas para alavancar a campanha abolicionista em Mossoró. O cruzamento entre os argumentos lançados no *jornal* e os dados oficiais apresentados nos Relatórios de Presidente de Província do Rio Grande do Norte (1881-1883) permitiu entender as particularidades que fizeram de Mossoró o centro das atenções dos abolicionistas cearenses em terras potiguares.

Com efeito, somente pela análise das condições sociopolíticas e econômicas que marcaram as relações entre os abolicionistas cearenses e seus adeptos mossoroenses diante das áreas mais escravocratas da Província do Rio Grande do Norte é que se pode construir os referenciais a serem aplicados na compreensão do processo de seleção para a escrita do passado mossoroense tutelado pela Família Escóssia entre 1902 e 1948.

---

²⁷ MARTINS, Estevão C. de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica. **Textos de História**. vol. 15, n. 1/2, 2007, p. 35-48.

²⁸ HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22

²⁹ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63- 201, nov, 1998.

Durante esse período, outro acontecimento foi incorporado à escrita do passado de Mossoró pelo jornal dos Escóssias: o ataque de Lampião, ocorrido em 13 de junho de 1927. Usados no contexto em que a “recuperação do passado brasileiro” fez parte da política cultural do Estado Novo,³⁰ o ataque e a defesa da cidade foram agregados ao calendário cívico municipal e passaram a compor as narrativas que levaram à construção da memória de “Mossoró Cidade da Resistência”.

Com a Família Rosado no poder municipal, o projeto dos Escóssias foi associado às articulações que levaram a uma estrutura capaz de manter o controle político sob a liderança dos irmãos Dix-Sept, Dix-Huit, Vingt e Vingt-un Rosado. Um dos meios para a efetivação desse projeto foi a criação de instituições culturais (Museu, Biblioteca, Coleção Mossoroense e Boletim Bibliográfico) que arregimentaram para a “Batalha da Cultura” intelectuais cujas pesquisas voltaram-se ao salvamento dos documentos que versavam sobre a libertação dos escravos e o ataque e resistência a Lampião. Entre os intelectuais que compunham a rede de sociabilidade de Vingt-un Rosado estavam jornalistas, juízes, advogados, médicos, professores e funcionários públicos que produziram vasta obra, com financiamento público, distribuída entre instituições e estudiosos do Brasil e exterior.³¹

Da produção da Coleção Mossoroense foram utilizados os livros que trataram dos dois acontecimentos selecionados para a escrita do passado da cidade, especialmente os escritos por Câmara Cascudo (*Notas e Documentos para a História de Mossoró* – 1955), Raimundo Nonato (*Lampião em Mossoró*, 1955; *História Social da Abolição da Escravidão em Mossoró*, 1983), Vingt-un Rosado (*Mossoró*, 1940; *Alguns subsídios à saga quase centenária da abolição mossoroense*, 1977; *O trinta de setembro nasceu na Maçonaria*, 1988; *Repercussões pernambucanas do movimento abolicionista mossoroense*, 1989), Raul Fernandes (*A Marcha de Lampião: ataque a Mossoró*, 1980), João Batista Galvão (*Subsídios para a história da abolição do cativo no Rio Grande do Norte*, 1982), Raimundo Soares de Brito (*Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura*, 1986; *Raimundo Nonato, o homem e o*

³⁰ GOMES, Ângela de Castro. **História & Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 125-155.

³¹ A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos era uma das instituições estrangeiras que recebiam as publicações da Coleção Mossoroense. Entre os pesquisadores estava o professor norte-americano Roderic Crandall que manteve correspondência com Vingt-un em 1959. Cf. ROSADO, Jerônimo Vingt-un. **Museu Epistolográfico Maria Sylvia de Vasconcelos Câmara** (Fundação Ozelita Cascudo Rodrigues). Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1996. p.32. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 723).

memorialista, 1987; *Nas garras de Lampião (Diário do Cel. Antônio Gurgel)*, 1996) e Crispiniano Neto (*Auto da Liberdade*, 1999).

Tais estudos ajudaram a entender como a prática escriturária foi essencial à compreensão das permanências e rupturas com as narrativas jornalísticas e como serviam aos interesses dos Escóssias e Rosados em seu uso político do passado.

Ainda com base na documentação jornalística, foram analisados o Cinquentenário do Ataque de Lampião (1977) e o Centenário da Abolição da Escravidão (1983) como momentos imprescindíveis à problematização da relação entre o comemoracionismo do período e as atividades políticas de Escóssias e Rosados diante da Ditadura Militar. Por meio das matérias publicadas, buscou-se compreender o processo de transição política que desembocou no rompimento político dos Rosados e como isso resultou em uma nova estratégia de uso do passado, através do desenvolvimento de atividades turísticas locais (apresentação de grupos folclóricos, cantadores e realização de feira de artesanato e construção de lugares de memória).

Da documentação iconográfica foi problematizado o acervo fotográfico do Espetáculo *Auto da Liberdade*, entre 1999 e 2002, no sentido de entender as permanências e rupturas do novo uso do passado mossoroense após o rompimento da Família Rosado.

Por fim, do acervo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, foram examinadas as fotografias referentes aos ex-escravos e descendentes, bem como os objetos expostos nas Salas da Libertação do Escravos e do Ataque de Lampião. Essa análise foi direcionada à compreensão do Museu como o Lugar de Memória que expressou, em exposições, o sentido dado ao passado, a partir da memória que referenciou o pioneirismo e o civismo como características indeléveis da identidade mossoroense.

Junto ao exercício de análise das fontes, foram mobilizados conceitos que tornam possível a esta pesquisa localizar-se teoricamente na interface entre a História Social e História Política, tendo as discussões sobre memória e história na escrita do passado mossoroense como seu fio condutor. Nessa direção, o trabalho de reflexão sobre a historicidade da construção de uma escrita referente ao passado foi possível a partir da compreensão de que a prática dos intelectuais contribuiu para a emergência de uma cultura histórica que tornou possível a fabricação da imagem de *O Mossoroense* como guardião do passado da cidade.

Entendida como “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva mantém com o passado”, a cultura histórica é reveladora de diversas ações que, em seu conjunto, são agregadas ao uso do passado e, por assim ser, mobiliza atividades como as comemorações³². Essas comemorações, agregam atividades artísticas direcionadas ao sentido que se dá ao passado em sua relação com o presente. Desse modo, foi com o uso do passado pelas comemorações que os Escóssias e Rosados postularam um futuro para si dentro do futuro da cidade. Esse processo fez a estratégia dessas famílias funcionar em seu objetivo de manutenção do poder.

Para entender como os Rosados se constituíram em uma oligarquia urbana, partícipe de uma cultura política ancorada no paternalismo, clientelismo e vinculação efetiva ao Governo Federal também foi preciso analisar as articulações e vinculações político-partidárias dessa família. Observou-se, pois, que os Rosados ampliavam os vínculos e práticas clientelistas através das instituições públicas que inauguravam, especialmente durante o tempo e espaço comemorativo.³³

As relações dos Rosados com o passado mossoroense foi objeto de estudos em quatro campos das Ciências Humanas. Na sociologia, a dissertação de Francisco Fagundes de Paiva Neto discutiu as “Mitologias do País de Mossoró” com ênfase na formação da cidade e na relação dos Rosados com as festas cívicas. Este estudo não levou em consideração a fabricação do passado, nem a criação da tradição comemoracionista pelo jornal *O Mossoroense*. Também não analisou as transformações empreendidas pelos Rosados nas comemorações, se detendo mais na análise da difusão dos bens culturais e simbólicos utilizados pela família³⁴.

Na Geografia, a tese de José Lacerda Alves Felipe procurou relacionar “o imaginário político e memória com as possibilidades de entender a geografia de um lugar específico”. Para tanto, se baseou nas publicações da Coleção Mossoroense, tomada como um lugar de determinação dos fatos históricos que deveriam ser estudados. O geógrafo preferiu entender como os Rosados construíram “o País de

---

³² LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 1996, p. 47-48.

³³ O conceito de cultura política trabalhado no decorrer da pesquisa corresponde ao conjunto de práticas e procedimentos políticos partilhados por um partido, grupo ou família e que pode ser localizado espacial e temporalmente. Ver: ABREU, Luciano Aronne de Abreu; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **Autoritarismo e cultura política**. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 11-12; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **Culturas Políticas na História**: novos estudos. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014, p. 21.

³⁴ PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias do País de Mossoró**. Fundação Vingt-Un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 1056).

Mossoró”, a analisar a importância das comemorações como momentos de execução da estratégia de poder³⁵.

Com a mesma temática, mas na área da sociologia, Lemuel Rodrigues da Silva buscou entender “A abertura pós-Estado Novo e a estratégia de poder do Rio Grande do Norte: o caso da família Rosado -1945-1964”. O autor também analisou a formação oligárquica da Família Rosado, através de alianças partidárias pautadas em um discurso apresentado como “democrático e renovador, mas na verdade, era apenas uma readaptação à nova conjuntura, pois utilizava-se de tradicionais práticas, como o assistencialismo e o nepotismo”³⁶.

Por último, na História, Bruno Balbino Aires da Costa procurou mostrar que “Mossoró não cabe num livro: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense (1955-1980)”. O autor elencou como objetivo “analisar como a cidade de Mossoró foi construída historiograficamente pelas narrativas de Luís da Câmara Cascudo”³⁷. Assim, analisou a colaboração de Câmara Cascudo aos memorialistas mossoroenses durante a Batalha da Cultura, bem como sua relação com a Família Rosado, que lhe rendeu o título de “historiador da cidade” e a encomenda de obras, como *Notas e Documentos para a História de Mossoró e Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na Província*.

Diante dos trabalhos acima citados, esta pesquisa partiu do entendimento de que antes mesmo de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia iniciar sua empreitada editorial em torno do passado da cidade já havia uma seleção, feita pelo jornal *O Mossoroense*, sobre o que deveria ser lembrado e comemorado como o passado. Esse foi o ponto de partida para entender que, com a chegada dos Rosados ao poder municipal, em 1948, já estava em curso um projeto de poder da Família Escóssia. Além disso, observou-se que a efetivação da participação dos Rosados na fabricação do passado

---

³⁵ FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re) invenção do lugar** – os Rosados e o País de Mossoró. Rio de Janeiro: URFJ. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Tese (Doutorado em Geografia). 2000.

³⁶ SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam**: estratégias e instrumentos da consolidação do mando. Mossoró, RN: Queima Bucha, 2004, p. 18.

³⁷ COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense (1955-1980). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, RN: UFRN, 2011.

mossoroense se constituiu, ao longo de meio século, em uma das estratégias de manutenção de seu poder local.

Dividido em duas partes, este estudo tratou, na primeira, sobre a fabricação do passado em Mossoró e, na segunda, a respeito do uso político desse passado como estratégia de poder. Essa divisão se deu por conta da própria historicidade do processo, pois envolveu dois projetos de poder: o dos Escóssias, que se iniciou, nas páginas de *O Mossoroense*, em 1902; e o dos Rosados, a partir do final da década de 1940. Deve-se ressaltar que as aproximações entre Escóssias e Rosados se deram tanto por questões políticas quanto por associações familiares (casamento entre membros dessas famílias) e que tiveram suas permanências e rupturas políticas no decorrer do processo histórico.

Na Parte I, estruturada em três capítulos, tratou-se sobre a importância dos jornais para a seleção dos acontecimentos que deveriam compor o passado da cidade e sobre o papel da “Batalha da Cultura”, empreendida pela Família Rosado para a escrita sobre esse passado. O primeiro capítulo, **A Libertação dos escravos**, foi dedicado à compreensão de como a libertação dos escravos foi divulgada pelo jornal *Libertador*, para, em seguida, entender que a organização e seleção do que deveria compor o passado da cidade por meio de *O Mossoroense* estava em consonância com a construção de uma memória sobre a trajetória da Família Escóssia, proprietária do jornal. Discutiu-se ainda as estratégias que envolveram tanto a narrativa jornalística de o *Libertador* quanto a relevância de *O Mossoroense* em fazer circular os documentos sobre a abolição da escravidão, bem como o incentivo do jornal às comemorações, o mapeamento das transformações (apropriações e deslocamentos) ao longo do século XX e a construção de seu lugar como guardião do passado da cidade, o que revela a imprensa como o primeiro espaço de circulação da memória sobre o “pioneirismo” mossoroense na abolição da escravidão no Brasil.

No segundo capítulo, **Ataque e resistência a Lampião**, a discussão continuou a girar em torno da narrativa de *O Mossoroense* sobre o ataque de Lampião (13 de junho de 1927) como uma nova seleção do passado da cidade. A discussão se deu a partir da dimensão simbólica que a defesa diante dos cangaceiros teve para a construção imagética de Mossoró como uma cidade moderna, voltada ao progresso, e que não compactuava com a política ancorada no coronelismo, paternalismo e clientelismo, por isso redimiu o nordeste do cangaceirismo. Nessa seção tratou-se, também, da importância dos impressos e da literatura de cordel para a fabricação da

“resistência mossoroense” a Lampião. Entre os objetivos do capítulo destacam-se o mapeamento de outra narrativa (poética) sobre o ataque dos cangaceiros, bem como suas formas de circulação e produção da memória de Mossoró, cidade da resistência.

O terceiro capítulo, **Os intelectuais e o passado mossoroense**, traz uma reflexão em torno de como a memória histórica sobre a libertação dos escravos foi produzida pela cotidianidade do jornal e tomada como referência aos trabalhos dos intelectuais para uma escrita memorável. Nesse capítulo, também se discutiu a construção do calendário cívico municipal associado à chegada dos Rosados ao poder municipal, bem como o papel da Batalha da Cultura nas articulações políticas e na associação com os interesses da Família Escóssia diante do passado da cidade.

A Parte II trata das formas como se deu uso do passado mossoroense pelas Famílias Escóssia e Rosado e da construção de lugares de memória para esse passado. Assim posto, o quarto capítulo, **Escóssias, Rosados e o passado comemorado**, apresenta uma análise de como as comemorações do cinquentenário do ataque de Lampião (1977) e do centenário da libertação dos escravos (1983) se constituíram em momentos nos quais o uso do passado tanto esteve voltado ao projeto de desenvolvimento das atividades turísticas, como serviu de espaço para as disputas políticas locais. Com suas liturgias e rituais próprios, essas comemorações redefiniram a memória sobre o ataque de Lampião e a libertação dos escravos como os principais acontecimentos do passado mossoroense. Ademais, reafirmaram o lugar dos heróis “abolicionistas” e “resistentes” por meio da criação de lugares de memória, como o *Pantheon* dos Abolicionistas, a Igreja de São Vicente e o túmulo do prefeito Rodolfo Fernandes.

No quinto capítulo, **Os Rosados e a espetacularização do passado**, analisou-se como a Família Rosado operacionalizou a relação entre política e comemoração como uma de suas estratégias de manutenção do poder, procurando compreender como suas alianças e posicionamentos, ao longo de parte da história política do país, estiveram associadas às comemorações sobre a abolição e resistência a Lampião como forma de manter o contato com a população da cidade. Discutiu-se, também, o contexto político em que se deu o rompimento familiar e como isso incidiu nas formas de uso do passado.

O sexto e último capítulo, **Uma casa para o passado**, é uma reflexão sobre a importância do Museu Municipal como lugar de memória relacionado ao uso do passado pela Família Escóssia e Rosado. A discussão girou em torno da função social

que o museu exerceu ao longo de sua criação e como as transformações em sua forma de expor os objetos sobre esse passado evidenciaram as permanências e rupturas na elaboração do que deveria ou não ser considerado passado. Por esse viés, esse lugar é entendido a partir da circulação das narrativas sobre a abolição da escravidão local e da invasão de Lampião. Outrossim, admite-se que suas organizações e ressignificações são relevantes na efetivação do passado como uma estratégia de poder após o rompimento político dos Rosados.

PARTE I - UM PASSADO PARA MOSSORÓ

Hoje que o anjo da igualdade se inscreve no livro da história brasileira, o rasgo de patriotismo do povo mossoroense; hoje que a liberdade, desenrola imponente o estandarte auriverde e oscula o Rio Grande do Norte, a filha querida de Hejedo, venho saudar a terra dos Potyguaras, o berço dos bravos mossoroenses!

Augusto Fernandez³⁸

Ninguém acreditaria que a audácia de Lampião chegasse ao ponto de atacar uma cidade como Mossoró.

O Mossoroense, 27 de agosto de 1927.

Como os pássaros que só põe seus ovos no ninho de outras espécies, a memória produz num lugar que não lhe é próprio.

Michel de Certeau³⁹

1 A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

1.1 NO CALOR DA HORA

No calor da hora, na empreitada contra os negócios da escravidão, diversos foram os espaços de enunciação a favor da liberdade em uma nação cuja presença

---

³⁸ FERNANDES, Augusto. 30 de setembro. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 30 set. 1883.

³⁹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 162.

da mão de obra escrava começou a ser vista, por aqueles que a combatiam, como um empecilho ao desenvolvimento do Brasil.

Do Parlamento às ruas, a campanha pelo fim da escravidão ganhou as páginas dos jornais, quer para defendê-la ou criticá-la, e se transformou em uma das principais questões políticas do final do século XIX. Na capital do império, homens como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e Luís Gama usavam a tribuna e os jornais em defesa da liberdade e do trabalho livre, conclamando adeptos a espalharem a fagulha abolicionista no já desgastado tecido social brasileiro.

Imbuídos do discurso de alavancar o progresso e civilizar a nação, comerciantes, juristas e jornalistas fundaram clubes e sociedades libertadoras com o objetivo de impulsionar a abolição da escravidão negra no Brasil. Desde o início da década de 1880, as atividades abolicionistas não ficaram restritas ao Rio de Janeiro. Em todas as regiões do Brasil surgiam clubes voltados à causa abolicionista. Em agosto de 1881, foi criado, em Pelotas, o Clube abolicionista, enquanto que, em Natal (Rio Grande do Norte), nesse mesmo período, surgiu a Comissão Emancipacionista, com o objetivo de comprar a liberdade dos escravos. A população de Diamantina (Minas Gerais), por sua vez, viu um desfile da União Libertária e Republicana pedindo donativos para a libertação de uma escrava em setembro deste mesmo ano. Já em São Luiz do Maranhão, foi criada a Sociedade Abolicionista Maranhense, e em São Paulo estudantes estabeleciam a Sociedade Abolicionista Acadêmica.⁴⁰

A palavra progresso, que, corriqueiramente, aparecia nos discursos oficiais e jornalísticos, significava algo além do desenvolvimento material, abrangendo “o campo de significações pertinente à noção de civilização, à qual estavam ligadas as dimensões moral, comportamental, cultural, estética, político-social e material”.⁴¹

Foi nesse panorama político de intensas disputas em torno dos negócios da escravidão que, nas últimas décadas do império, ficou marcada, no que tange a “questão servil”, a proliferação de visões sobre as formas de conquistar a liberdade. Algumas dessas visões, como a defendida por Joaquim Nabuco, estavam restritas a discussões no Parlamento,⁴² enquanto outras surgiram pela mobilização dos escravos

⁴⁰ CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil (1850-1888)**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 183.

⁴¹ AZEVEDO, André Nunes de. Sob o lume da civilização: um estudo da ideia de progresso no Brasil das últimas décadas do período monárquico. **Intellectus**, Ano XIII, n. 1, 2014, p. 14.

⁴² NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 29.

na luta por seu processo de libertação. Como afirma Hebe Mattos, “entre 1850 e a aprovação da Lei do Ventre Livre (1871), o número de Ações de Liberdade movidas por escravos contra seus senhores na Corte de Apelação do Rio quase triplicou com relação às décadas anteriores, reunindo 194 processos e envolvendo 736 cativos”.⁴³

Nessa busca pelo fim da escravidão, os abolicionistas e suas ideias encontraram na imprensa um lugar de fala e expansão. A publicização e a dimensão política dada as notícias sobre a abolição, transformaram a campanha abolicionista em questão nacional. Nas Províncias do Norte, por exemplo, a luta para a libertação contou com a participação de jornais da Província do Ceará, entre eles o *Libertador*, responsável por fazer circular o trabalho da Sociedade Libertadora Cearense e da Maçonaria, seja com a divulgação de artigos que incentivavam a organização de sociedades libertadoras, ou pelas críticas às autoridades, proprietários e comerciantes que defendiam o trabalho escravo. Foi por meio desse jornal que se publicitou os contatos estabelecidos entre a Sociedade Libertadora Cearense e o grupo que organizou e fundou a Libertadora Mossoroense, em 1883.

Considerada uma próspera cidade do interior do Rio Grande do Norte, Mossoró era um empório comercial, com casas de importação e exportação, entre elas a “Mossoró & Cia”, de propriedade do Barão de Ibiapaba. Ademais, possuía um porto, com capacidade de circulação de pessoas e mercadorias entre as Províncias de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Tudo isso fazia de Mossoró a referência econômica no Oeste da Província. Sua população escrava era pequena. Em 1881, contava com 162 escravos, divididos em 72 homens e 90 mulheres. Destes, 78 escravos possuíam menos de 21 anos e 84 tinham idade entre 21 e 60 anos.⁴⁴ A taxa de declínio dos escravos foi de 34,9%, entre 1873-1883, passando de 223 para 145 dois meses antes da abolição local.

Diante de números tão pequenos, surgem algumas perguntas: Porque os abolicionistas cearenses deram tanta ênfase à abolição em uma cidade que não pertencia ao seu território e que contava com um reduzido número de escravos? Que redes de sociabilidade favoreceram tal movimento e quais as tensões diante da

---

⁴³ CASTRO, Hebe M. Mattos de. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 355 (História da vida privada no Brasil; 2).

⁴⁴ Relatório de Satyro Oliveira Dias, Presidente de Província do Rio Grande do Norte, 16 de março de 1882.p. 29. In: **Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Norte** (1874-1882). Mossoró-RN. Coleção Mossoroense. (Série G, n. 06, 2001).

abolição local, uma vez que abolicionistas e escravocratas partilhavam de instituições comuns, como a Loja Maçônica 24 de Junho?⁴⁵

O certo é que, em agosto de 1883, ampliou-se a luta pela libertação dos escravos em Mossoró. Em sete edições do *Libertador*, os abolicionistas cearenses justificaram os incentivos ao crescimento da campanha contra a escravidão na cidade potiguar, através das narrativas memoráveis sobre o passado patriótico dos “heróis do Rio Grande do Norte”, com destaque para Felipe Camarão e Frei Miguelinho.

Chegou a vossa vez: é a hora da luz; estamos no berço das alvoradas! O Rio Grande do Norte deve acordar, porque tem a obrigação de crescer, e a necessidade de nobilitar-se! Quem é Rio Grandense, que sintam bem isto, e atenda ao fogo, que flammeja e borbota nas suas artérias. Porque, somente eles serão os últimos Brasileiros?! Somente eles não poderão resgatar-se da injúria do esquecimento administrativo, para serem grandes, para serem notáveis?! Acaso não arde o espírito Rio Grandense; e o coração de lá não bate com violência, na punjança dos sentimentos patrióticos?! Como há de esquecer-se de si a terra que disputou o berço de Camarão, a pátria de Frei Miguelinho?! Acaso pereceu e apagou-se todo o sangue dos Andrés d’Albuquerque e de outros Natalense da Liberdade, que beberam na taça do infortúnio a cicuta do patriotismo, encarcerados nas masmorras da Bahia, no tempo em que tempestava a divina aspiração da independência?! Onde estão os heróis que desciam das serras e galopavam pelas valleiras?! Onde estão os descendentes dos que desfilavam à frente das multidões patrióticas, levando o povo para o campo macio da glória?!⁴⁶

Ao relembrar homens como Felipe Camarão (participante da resistência aos holandeses no século XVII) e Frei Miguelinho (um dos líderes da Revolução Pernambucana de 1817), cujas experiências remetem a diferentes contextos, a Sociedade Libertadora Cearense apresentou o passado como algo linear ao presente. Certamente, foi a melhor maneira de retirar das suas experiências as singularidades e de apresentar o passado patriótico, eliminando diferenças contextuais entre o tempo das experiências invocadas e seu uso no presente.

Sob essa perspectiva, os heróis potiguares passaram a ser guias das ações dos homens do presente. Partilhar seu passado, colocando-os como referência ao

⁴⁵ Fundada em 24 de junho de 1873, por maçons oriundos das lojas de Natal e Recife, que residiam em Mossoró. José Paulino de Castro Medeiros foi seu primeiro venerável. Cf. ESCÓSSIA, Lauro da. **Cronologias Mossoroenses**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p. 166.

⁴⁶ A’ NOBRE e leal cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte. *Libertador*, Fortaleza, p. 02, 04 ago.1883.

presente, a partir da memória histórica, objetivava colocar o Rio Grande do Norte como espaço das transformações e de patriotismo. Essa foi uma das estratégias à sensibilização das autoridades e homens de negócios que não acreditavam ser a escravidão um entrave ao progresso e à civilização.

O apelo do Ceará à adesão da Província do Rio Grande do Norte ao abolicionismo, além da luta contra a possibilidade de seu isolamento, buscava a identificação de um espaço marcado pelas rivalidades de interesses com o Sul, evidenciado pelas condições do trabalho escravo e de sua importância para a economia provincial.

Não pode haver mais escravos no Norte! E a Província que se ufana de trazer por apelido o nome do Norte, o nome de Grande, não pode continuar a ter escravos! Rio Grande do Norte, vingai a vossa pátria! Vós sois também grandes; vós sois igualmente patriotas! Não há que distinguir entre o nosso e o vosso patriotismo: abracemo-nos! Na luta de honra, em que está empenhado o Ceará, nós esperamos que os bons Rio Grandenses do Norte se alegrem, se alvorocem e andem pela nossa jornada. Rio Grandenses, é tempo de acordar; é tempo de vindicar do olvido o nome de um povo nobre e valente, que sabe lutar pela honra, pela vida, pela Liberdade! Rio Grandenses, o Ceará liberta-se; e será uma grande lastima ficar sitiado pelas muralhas da escravidão ao norte e ao sul.⁴⁷

Diminuta em relação às áreas sulistas, a mão de obra escrava interna foi escoada intensivamente entre as províncias do Norte e Sul, após o fim do tráfico negreiro. Essa transferência “determinou uma profunda inflexão na experiência do cativo como até então se apresentava para os cativos aqui residentes, bem como para os que, em qualquer nível, se viam envolvidos na administração do controle social dos escravos”.⁴⁸ Nesse sentido, um dos efeitos do tráfico interprovincial foi transformar algumas Províncias do Norte em campo fértil à libertação dos escravos antes da Lei Áurea. Muitos dos defensores do abolicionismo, conforme já foi mencionado, eram homens de imprensa que defendiam ser a liberdade o fundamento ao progresso e à civilização. Suas ideias, na maioria das vezes, voltavam-se à

⁴⁷ A' NOBRE e leal cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 04 ago.1883.

⁴⁸ CASTRO, Hebe M. Mattos de. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 343. (História da vida privada no Brasil; 2).

legalidade da discussão política no Parlamento, o que silenciava as formas de resistência dos escravos como construtores da liberdade.

Albergados nesse discurso, os abolicionistas cearenses usaram das páginas do *Libertador* para enfatizar a liberdade como uma forma de eliminar os empecilhos ao crescimento moral da nação. Eles agiram a serviço dos que ansiavam por uma pátria civilizada a partir de elementos liberais. Contudo, a campanha pela abolição divulgada por eles na imprensa mostrou também os limites de seus ideais, representados pelo perigo da radicalização do movimento e o medo de pôr a ordem social em risco. Essa postura fica eminente no artigo publicado no dia 08 de agosto de 1883, no qual apresentam os fundamentos que justificam suas ações:

Nós trabalhamos pela ordem e pelo progresso da pátria, procurando estabelecer sem abalos, nem agitações, as condições normaes da nossa comunhão social. Na situação actual do Brazil, a escravidão não é somente um attentado a filosofia, a razão, a moral e a religião; é mais que tudo isso: é um perigo iminente; um elemento terrível de convulsão social, e desorganização.⁴⁹

Vista como um iminente perigo, a escravidão passou a ser tratada como instituição insuportável, capaz de provocar revoltas de grandes proporções. Essa leitura, além de corroborar com a visão sobre os limites da própria liberdade dos negros, defendeu a legitimidade do movimento abolicionista e o controle dos debates entre agentes políticos e sociedades libertadoras.

Sob essa ótica, a defesa do fim da escravidão narrada no jornal cearense não pode ser pensada radicalmente como um atentado direto à propriedade privada, porque o desejo de contenção de uma possível convulsão social era também uma forma de proteção à propriedade. Além dessa premissa, as libertações, inclusive as que ocorreram em Mossoró, foram permitidas com ressarcimento aos senhores de escravos locais, por conta do angariamento da compra de escravos por cotas dos abolicionistas.

Os discursos abolicionistas chegaram a Mossoró ligados à Loja Maçônica 24 de Junho e, posteriormente, ficaram sob a responsabilidade da Libertadora Mossoroense. Fundada por proprietários e comerciantes locais, como João

---

⁴⁹ O CEARÁ e a causa abolicionista. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 08 ago.1883.

Cordeiro,⁵⁰ Durval Fiúza, Joaquim Nogueira da Costa e Joaquim Bezerra da Costa Mendes,⁵¹ a entidade organizou, ao longo de nove meses, festas cujo ápice era a libertação de algum escravo em nome do homenageado. Exemplo emblemático foi o caso da libertação da escrava Herculana, anunciada durante o baile oferecido pela maçonaria ao Intendente Municipal Romualdo Galvão e sua esposa Amélia de Souza. O episódio, segundo Vingt-un Rosado, foi narrado pelo *Libertador* em 13 de janeiro de 1883.

No dia 25 fora-lhe oferecido, no salão da '24 de Junho', um esplêndido baile, onde se abriram em riso e amor todas as belas flores em Mossoró. Reinou a mais grata cordialidade. Na animação e no entusiasmo do prazer, lembraram-se os sócios da '24 de Junho' de dar uma prova, ao irmão e sua inestimável consorte, do apreço em que essa sociedade os tinha. Cotizaram-se entre si e obtiveram a carta de liberdade da escrava Herculana, pertencente à viúva Wanderley. A carta foi entregue à graciosa esposa do nosso amigo, que a entregou solenemente à feliz redimida, animando-a com palavras de ternura e conselhos de amor. Concluiu a sua doce missão, abraçando-a e beijando-a.⁵²

O simbolismo da alforria de Herculana diz muito sobre a importância de uma recepção pomposa ao casal Romualdo Galvão/Amélia de Souza, na festa maçônica realizada na Loja 24 de Junho. Comerciante, coronel da Guarda Nacional e político, Romualdo Galvão foi presidente da Intendência de Mossoró entre 1883 a 1886. Seu lugar como a mais importante autoridade civil e militar da cidade justifica o esforço dos munícipes em laurear sua chegada do Ceará como marco simbólico da campanha abolicionista mossoroense.⁵³

Outros homens que ocupavam cargos públicos importantes ou que possuíam influência econômica na cidade aderiram às ideias abolicionistas e contribuíram na

---

⁵⁰ João Cordeiro nasceu em Sant'Ana do Acaraú, em 31 de agosto de 1842. Foi um dos fundadores da Sociedade Libertadora Cearense, em 1880, e era o encarregado, em Fortaleza, de receber os cativos que partiam de Mossoró. Cf. SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, 1983, p. 221-222. (Coleção Mossoroense. v. 285. Série C).

⁵¹ Era comerciante cearense, instalado em Mossoró. Presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense em 1883. Ibid., p. 228.

⁵² ROSADO, Vingt-un; ROSADO, América Fernandes Rosado. **Alguns subsídios à saga quase centenária da abolição mossoroense**. Mossoró, RN: Gráfica ASTECAM, 1977, p. 11-13. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 53).

⁵³ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, 1983, p. 114. (Coleção Mossoroense. v. 285. Série C).

criação da Sociedade Libertadora Mossoroense. Destacam-se, pois, Ricardo Vieira do Couto, administrador da mesa de rendas, e Idalino Alves de Oliveira, um dos sócios proprietários da firma Oliveira & Irmãos - importação e exportação.

Alguns desses abolicionistas aparecem no *Libertador* como verdadeiros vilões, o que evidencia a presença de informantes ligados à Sociedade Libertadora Cearense em Mossoró. A vigilância realizada por esses sujeitos teve como alvo as ações das autoridades judiciárias mossoroenses, observadas de perto e comentadas nas edições do referido jornal. O juiz Alcibiades Dracon, a quem se refere a matéria a seguir, é exemplo de como a Sociedade Libertadora Cearense retratou as autoridades mossoroenses em relação ao fim da escravidão.

Decididamente quem possui escravos não pode deixar de ser considerado de julgar bem contra eles! É parte, interessado, desumano e cruel! Temos sabido, que o Illm^o Juiz de Direito de Mossoró com outros seus colegas estão criando embaraços à libertação do município! Da ilustração e probidade do Dr. Alcibiades, esperamos outro procedimento, e, por isso, é que lhes dirigimos d'aqui, em nome da civilização, estas duas palavras, que S.S^a receberá, como um preito, que rendemos as suas virtudes cívicas e administrativas! Confiamos que o conspícuo magistrado não desdirá dos predicamentos bondade e justiça que sempre lhe reconhecemos! S.S^a bem sabe que é honra e glória fazer justiça, sobre ser um dever do magistrado, que sente que o é! O escravo não vale mais que um tustão; e é um vexame, que o século já não perdoa, avalia-lo por 100\$ e 200\$ rs.! O Norte emancipa-se e nós não toleramos por cá aos flibusteiros do Sul! Mossoró não deve encontrar resistência para libertar-se, na banca d'aquelle que a lei collocou para proteger os escravos que legalmente são órfãos! Não aflija a essa – Res Miserabilis: cumpra o seu nobre dever, e conte com a admiração da História.⁵⁴

Após criticar duramente essa autoridade, em 04 de agosto o jornal publicou pedido de desculpa, afirmando que foi erro de um “illustre e dedicado amigo poder enganar-se a respeito da imparcialidade d'esse magistrado nos negócios da libertação municipal em Mossoró. Elle nos transmittiu seus sustos, como agora nos transmite a sua segurança”.⁵⁵

Em contrapartida, seu colega, o promotor Genipo Alido Genuíno de Miranda, igualmente criticado, em 30 de agosto, não recebeu a mesma retratação do jornal. Em

⁵⁴ AO SENHOR Dr. Juiz de Direito de Mossoró, Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 04, ago.1883.

⁵⁵ CORRESPONDÊNCIA. **Libertador**, Fortaleza, p. 03, 30 ago.1883.

carta acusatória, o informante mossoroense autodenominado “O último dos Grachos” assim se pronunciou:

Persigão-no com um negreiro vilão e infame, como o actual Promotor Genipo, que é também o infeliz curador geral; façam, em fim, quanto quiserem e poderem, todas as picardias. Mossoró será declarado livre, em toda a extensão de seu Município, no dia immortal de 28 de setembro de 1883! Mossoró deliberou aceitar o gracioso diploma da civilização, que lhe offerecem o Libertador, para que fosse o ACARAPE do Rio Grande do Norte! ⁵⁶

Reveladora da tensão entre os abolicionistas e autoridades jurídicas mossoroenses, a carta acima mostra que o processo de libertação dos escravos em Mossoró foi marcado por tensões e pressões econômicas, com destaque para o rebaixamento da Mesa de Renda e a indisposição jurídica, voltadas a inviabilizar a campanha abolicionista na cidade. Em meio a essa situação, o *Libertador* corrigiu as informações a respeito do juiz Alcibiades Drácon, confirmando-o como parceiro desse trabalho humanitário que teria, no dia 28 de setembro, seu fim, com a abolição em Mossoró. Por outro lado, manteve sua posição contrária ao promotor Genipo Alido.

A data marcada para festa em Mossoró não poderia ser mais simbólica. Em 28 de setembro de 1871, foi promulgada a Lei do Ventre Livre, que tornou juridicamente livre todos os nascidos de mãe escrava a partir desta data. Criada em meio a intenso debate político no parlamento, a lei gerou discussões, mostrando os posicionamentos dos deputados das províncias do Norte e do Sul em relação à temática da escravidão. Revela também os ideais de outros políticos, como o conservador José Maria da Silva Paranhos (Visconde de Rio Branco, presidente do Conselho de Ministros entre 1871-1875), que destacou “aspectos do funcionamento da política imperial” no que tange às visões de liberais e conservadores em relação à escravidão. Os debates em torno da criação dessa lei foram além dos muitos interesses e diferenças econômicas que o trabalho escravo possuía para as províncias do Norte e do Sul, mostrando, pela primeira vez, uma proposta do Estado diante das “relações senhor/escravo, minando a autoridade do primeiro e dando ao segundo um ponto de apoio legal para aspirar à liberdade ou mesmo para rebelar-se”.⁵⁷

⁵⁶ CORRESPONDÊNCIA. *Libertador*, Fortaleza, p. 03, 30 ago.1883.

⁵⁷ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da Ordem: a elite política imperial**. Teatro de sombras: a política imperial. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 311.

Vale ressaltar que os contatos com os abolicionistas cearenses não aconteceram exclusivamente pela via comercial, como defendem alguns trabalhos,⁵⁸ mas por laços de sociabilidade entre alunos que, desde os tempos acadêmicos na Faculdade de Direito do Recife, tinham compartilhado das ideias liberais no que diz respeito ao trabalho livre.

Homens como Almino Afonso, Paulo de Albuquerque e Alcibíades Dracon estudaram no Recife e mantiveram contato com as ideias antiescravistas. Almino Afonso nasceu em 17 de abril de 1840, na cidade de Patu, no Rio Grande do Norte. Bacharel em Direito, pela Faculdade do Recife (1871), jornalista, magistrado e abolicionista, transferiu-se para Fortaleza em 1874, onde encontrou a campanha abolicionista em pleno desenvolvimento, a partir da Sociedade Libertadora Cearense. Por conta de sua “atuação na campanha abolicionista, Almino Affonso foi demitido da função de procurador dos Feitos da Fazenda”. Em 1883, chegou a Mossoró para uma estada de 17 dias, cujo ápice seria a libertação dos últimos escravos da cidade. Com a proclamação da República, se tornou deputado federal e Senador pelo Rio Grande do Norte entre 1894-1899.⁵⁹

Paulo de Albuquerque foi nomeado Juiz Municipal de Mossoró em 1880. Foi da mesma turma (1870) de Joaquim Nabuco e, segundo Walter Wanderley, costumavam “passar horas debatendo o *status quo* do regime escravagista, sempre harmônicos no pensamento e na esquematização do grave problema social existente”.⁶⁰

Alcibíades Dracon de Albuquerque Lima foi removido da Comarca de Barras, no Piauí, para ser Juiz de Direito da Comarca de Mossoró, por decreto de dezembro de 1882. Alcebíades Dracon nasceu em Aracati em 12 de agosto de 1838 e bacharelou-se em direito pela Faculdade do Recife em 1858.⁶¹

---

⁵⁸ BRAZ, Emanuel Pereira. **Abolição da escravidão em Mossoró**: pioneirismo ou manipulação do fato. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1999; CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010; COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012.

⁵⁹ AFONSO, Almino Monteiro. Um tribuno da abolição. In: ROSADO, Jerônimo Vingt-un. **Novas Imagens de Mossoró**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980, p. 11. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 107).

⁶⁰ WANDERLEY, Walter. **Paulo de Albuquerque**: o poeta da abolição. Rio de janeiro: Pongetti, 1969. p. 42.

⁶¹ **Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Norte – 1883-1888**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un, 2001. p. 20. Coleção Mossoroense (Série G, n. 07).

Aliados aos comerciantes e autoridades políticas locais, esses magistrados participaram da libertação mossoroense e da expansão das ideias abolicionistas no oeste da Província.⁶² Outrossim, acompanharam a expansão da campanha nas cidades em seu entorno. Suas atividades foram observadas e divulgadas no jornal *Libertador*, especialmente aquelas que incidiam nos desdobramentos da luta contra os senhores de escravos.⁶³

Diante dessas articulações, a libertação dos escravos em Mossoró pode ser entendida como a junção de um conjunto de fatores que vão da pequena participação do trabalho escravo na economia local, passando pela relação que as autoridades locais mantiveram com os abolicionistas cearenses, até a força política da cidade diante de outros municípios.⁶⁴

Nesse sentido, Mossoró foi, para o movimento abolicionista cearense, a porta de entrada para alavancar a campanha na Província do Rio Grande do Norte, estendendo-se pela zona Oeste. Na verdade, a luta mossoroense pela liberdade dos escravos teve um triplo efeito. Na fronteira Leste, com o Ceará, pressionou as cidades cearenses da Ribeira do Jaguaribe, especialmente, Aracati, São Bernardo das Russas, Limoeiro e Espírito Santo de Morada Nova,⁶⁵ ao mesmo tempo em que se expandiu pelas cidades circunvizinhas e pressionou as áreas próximas a Natal, onde estava a maior quantidade de escravos na Província.⁶⁶

---

⁶² A Sociedade Libertadora Assuense foi criada em 13 de maio de 1883, e, em 24 de junho de 1884 declarou livre os escravos. Os municípios de Caraúbas e Triumpho acompanharam Mossoró e emanciparam seus escravos antes da Lei Áurea. LIMA, Nestor. **Tradições e Glórias de Mossoró**. Natal: Tipografia Santo Antônio, 1938, p. 24.

⁶³ MOSSORÓ Livre! **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 24 out.1883.

⁶⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p. 199.

⁶⁵ A análise dos dados dos Relatórios de Presidente de Província do Ceará, no que tange a escravidão, mostra que entre abril e agosto de 1883, momento de intensa campanha abolicionista, houve um aumento da concentração de escravos nas cidades da Ribeira do Jaguaribe em relação ao declínio do número de escravos na Província. Em abril, eram 17,5% dos 19.157 escravos da Província, enquanto que, em agosto, o percentual subiu para 19,3% dos 16.556. Esses dados ajudam a pensar que os investimentos na libertação dos escravos de Mossoró, principal cidade do oeste do Rio Grande do Norte, foi, também, uma das estratégias dos abolicionistas cearenses em incentivarem a campanha nas áreas da Ribeira do Jaguaribe que faziam fronteira com as cidades sob influência de Mossoró. Ver: **Relatório do 2º Vice-Presidente da Província do Ceará**, Antônio Theodorico da Costa. Fortaleza. Typographia do Cearense. 1883.. Center for Research Libraries – Chicago/USA. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1432/000020.html>>. Acesso em: 10/05/2016.

⁶⁶ Existiam 9.807 escravos no Rio Grande do Norte em 1882. Destes, 42% estavam nas cidades próximas Natal. Ver: **Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Norte – 1883-1888**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un, 2001. p. 25. Coleção Mossoroense (Série G, n. 07).

Nas páginas do *Libertador*, essa estratégia de tomar Mossoró como ponte para alcançar outras regiões se torna perceptível nas matérias que apontam a grandeza da abolição na cidade, considerada imbuída de espírito humanitário. Tal característica é evidenciada no caso da alforria de Herculana, viabilizada por meio da cota entre maçons, na ocasião da festa oferecida a Amélia Galvão.

Outra festa, entretanto, teve maior impacto, aquela que libertou de vez os escravos, marcada pelos abolicionistas para o dia 28 de setembro. O objetivo era referenciar, a partir do simbolismo da Lei do Ventre Livre, Mossoró como a segunda cidade do Brasil a acabar com a escravidão. Contudo, a libertação mossoroense só ocorreu em 30 de setembro, sendo noticiada em edição especial do *Libertador*, que publicou agradecimentos, poesias e textos exaltando o acontecimento.⁶⁷ Um artigo de destaque foi escrito por Almino Álvares Afonso, enviado especial da Sociedade Libertadora Cearense que expôs a grandeza da libertação dos escravos e teceu ampla crítica à monarquia.

Hoje é o dia da liberdade: estamos diante da Estatua d'um Rei, é um cavallo de bronze! Tem na mão uma carta de ferro, e ha brilhantes que lhe aloiram a cauda! Mossoroenses, em nome da civilização, eu venho render-vos a minha homenagem! Libertastes o homem escravo, e a vossa Cidade e o vosso Municipio! O vosso procedimento é um *crime Imperial*, mas é um feito de gloria! *Facinum inter gloriam*! O Povo Cearense está pasmado de vosso brio; porque sendo elle o pequeno que se redimio e se libertou da ultima infamia do século, vê, soluçando de admiração, que vos libertaes, tambem vós, ainda mais pequeno! Mossoroenses, honra e gloria pela Patria, pela Humanidade!⁶⁸

O texto de Almino Affonso é um misto de louvor à libertação dos escravos em Mossoró e de rejeição à monarquia. Além disso, revela que esse evento histórico está conectado aos debates travados entre monarquistas que defendiam o trabalho escravo e os que o condenavam, bem como entre republicanos receosos com a questão, como era o caso de alguns representantes do Partido Republicano Paulista.⁶⁹

A matéria teve tanta importância que chegou a suscitar posicionamentos como o de Joaquim Nabuco, em defesa de ser no “Parlamento e não em fazendas ou

⁶⁷ HOMENAGEM a Mossoró. **Libertador**, Fortaleza, p. 01, 30 set.1883.

⁶⁸ MOSSORÓ e Vingança! Ibid., Fortaleza, p. 01, 30 set.1883.

⁶⁹ PENNA, Lincoln de Abreu. **República brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 42.

quilombos do interior, nem nas ruas e praças das cidades” que a libertação dos escravos seria conquistada.⁷⁰ Foi a possibilidade da abolição sair do controle da elite política imperial, que residiu a construção do medo de uma convulsão social. Daí a razão de a defesa da legitimidade do processo estar sob os auspícios do Parlamento.

Vale ressaltar que até alguns abolicionistas argumentaram que o fim da escravidão “estimularia a imigração europeia, promoveria a indústria e a agricultura e elevaria o caráter moral da nação”.⁷¹ Com relação a essas transformações previsíveis, as de caráter econômico estariam voltadas aos interesses dos proprietários, enquanto as sociais, necessárias à inclusão dos ex-escravos, eram discutidas por poucos abolicionistas, como Luís Gama e José do Patrocínio. Posto isso, diante dos discursos abolicionistas, a presença das ideias liberais soava um tanto no vazio.⁷²

O complexo jogo político aqui em análise abriga, em seu conjunto, múltiplas visões cujas particularidades econômicas, políticas e sociais envolvem os setores ligados ao trabalho escravo. Ele indica diferenças entre as áreas que escoavam a mão de obra escrava pela via do tráfico interprovincial e aquelas que ampliavam seus contingentes e fortaleciam os laços de dependência com o trabalho escravo.

Ao se referir a esse contexto conflituoso, José Murilo de Carvalho defende que foram “essas diferenças, e não maior ou menor modernidade no comportamento dos proprietários, [que] parecem ter condicionado as reações às iniciativas abolicionistas”.⁷³ Com efeito, essa situação, aliada as consequências das primeiras iniciativas da Coroa em promover uma legislação para a questão servil, intensificou os posicionamentos críticos estabelecidos contra a Monarquia, onde “uns acusavam o governo de imprevidência e inépcia, outros diriam que a Abolição nasceu da vontade da nação e que a Coroa nada mais fizera que aceitá-la”.⁷⁴

É importante frisar que todo esse debate teve a imprensa como porta voz mais expressiva. Ao veicularem as ideias abolicionistas, os jornais, ao mesmo tempo, revelavam os problemas que obstruíam a construção de uma nação civilizada e

⁷⁰ NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 29.

⁷¹ CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil (1850-1888)**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, Op. cit., p. 192.

⁷² CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. 1. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 62.

⁷³ Ibid., p. 321.

⁷⁴ COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 515.

voltada ao progresso, como fica exposto no texto de Almino Afonso, quando se refere ao trabalho livre como característica civilizatória.⁷⁵ Nesse sentido, a visão que colocou a abolição como caminho à civilização, especialmente a que circulou na imprensa abolicionista,⁷⁶ favoreceu as críticas a quem foi “consistentemente mais favorável às medidas abolicionistas do que a dos proprietários” no momento mais crítico ao trabalho escravo, ou seja, a Coroa.⁷⁷

1.2 O FUTURO DO PASSADO

Por meio da leitura das folhas impressas no oitocentos é possível afirmar que a reprovação à monarquia, em Mossoró, foi anterior à rejeição da escravidão. Em 1873, por exemplo, o jornal *O Mossoroense* utilizou o discurso da “Fala do Trono” para adjetivar o governo imperial como “imoral, corrompido” e responsável pelos “sofrimentos e dores da pátria”.⁷⁸ Entre as críticas ao Império e a defesa da República, deu prioridade às matérias favoráveis aos liberais, tomando como adversário político local o Pe. Antônio Joaquim Rodrigues, líder do Partido Conservador, crítico ferrenho da maçonaria e representante local na Assembleia Provincial.⁷⁹

Comandado por Jeremias da Rocha Nogueira, esse jornal apresentou-se como semanário político, comercial, noticioso e antijesuítico. Sua primeira fase, de 1872 a 1875, foi marcada pelas disputas políticas locais entre conservadores e liberais, o que contribuiu para a radicalização dos atritos entre os representantes da Igreja Católica (Pe. Antônio Joaquim) e a Maçonaria. Foi em *O Mossoroense*, portanto, que essa disputa teve sua maior expressão na imprensa local.

---

⁷⁵ MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: LUCA, Tânia Maria de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 74.

⁷⁶ Nos jornais abolicionistas a escravidão era caracterizada como “irracional e maligna, uma sobrevivência do colonialismo português, não patriótica, um obstáculo ao auto respeito nacional, rejeitada pela comunidade internacional, incompatível com a lei e os direitos naturais”. CONRAD Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil (1850-1888)**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 192.

⁷⁷ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da Ordem**. 2013, p. 320.

⁷⁸ A FALA do Trono. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 11 jan.1873.

⁷⁹ ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Síntese Histórica de O Mossoroense**. Mossoró: Coleção Mossoroense, v. 1224, 1992, p. 13. (Série B).

Ao retornar, em dezembro de 1902, sob a direção de João da Escóssia,⁸⁰ o jornal se empenhou não somente em atacar a República, mas também em publicar documentos sobre a libertação local dos escravos a partir do que foi impresso pelo periódico cearense *Libertador* no calor da hora. Essa atitude pode ser entendida como um meio de João da Escóssia requerer para sua família uma memória que lhes colocaria como vanguardas na luta pela República e trabalho livre no Rio Grande do Norte.

Por outro lado, esse esforço pode ser compreendido como uma nova forma de narrar o passado da cidade, selecionando, a partir dos objetivos políticos, fatos que moveriam a circulação do jornal em sua segunda fase (1902-1934). Nesse sentido, o uso das narrativas sobre o 30 de setembro de 1883 (apontado como principal feito dos mossoroenses no final do século XIX) e sua aproximação da população (por meio de comemorações que sacralizaram civicamente o tempo e o espaço) são vistos como estratégias dos Escóssias para estabelecer a abolição local como marco da campanha abolicionista nacional.⁸¹

No jornal *O Mossoroense*, a evocação desse momento como a principal referência sobre o passado da cidade ocorreu por meio da publicação de atas, telegramas, cartas, poesias, hinos, artigos e biografias dos abolicionistas. O conteúdo desses textos ia desde a desaprovação à recém-criada República até o exemplo que o passado da cidade propiciou à construção do imaginário sobre a abolição da escravidão.

Em parte, essas publicações se justificam pela relação que a Família Escóssia mantinha com a Maçonaria - instituição que alavancou o processo abolicionista local. Entretanto, admite-se a hipótese de que essa tenha sido uma tentativa de estabelecer, no imaginário social da cidade, *O Mossoroense* como o guardião do passado da cidade, expresso em símbolos, ritos comemorativos, crenças, discursos e representações sobre a libertação dos escravos.⁸² Por essa razão, os Escóssias

---

⁸⁰ João da Escóssia nasceu em 27 de maio de 1873 e faleceu em 14 de janeiro de 1919. Filho de Jeremias da Rocha Nogueira, João da Escóssia implementou algumas mudanças, como o uso de ilustrações a partir de xilogravuras. ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Síntese Histórica de O Mossoroense**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1992, p. 18.

⁸¹ CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo** (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005, p. 147.

⁸² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 1995, v. 15, n. 29, p. 24.

teriam incentivado a construção do calendário cívico municipal e dado ênfase à valorização dos abolicionistas, o que resultou no esquecimento das formas de resistência dos negros em Mossoró.

Esse processo de esquecimento foi imprescindível à produção de uma memória gloriosa do 30 de setembro de 1883. Foi um movimento de cima para baixo, com o completo controle político e midiático das Sociedades Libertadoras Cearense e Mossoroense e da Maçonaria. Assim, pois, a libertação dos escravos em Mossoró, como data comemorativa, encontrou, na imprensa, seu lugar de circulação,⁸³ tendo como principal representante local *O Mossoroense*, que, no intuito de manter a circulação da documentação sobre o acontecimento e incentivar as atividades comemorativas anuais, retomou, em sua segunda fase, a narrativa sobre o assunto.

Amparada por comemorações e discursos cívicos, a memória a respeito da abolição em Mossoró, construída pelos Escóssias, no jornal, reafirma os abolicionistas como homens imbuídos de ideais civilizatórios. A boa imagem desses homens foi reforçada ainda pelo resgate da memória histórica presente no jornal *Libertador*, que concedeu a eles o status de heróis da cidade.

Por trazer matérias detalhadas, o *Libertador* foi, de fato, significativo para o trabalho jornalístico dos Escóssias em prol da construção de um lugar para Mossoró na história nacional. Uma matéria que mostra sua influência é a que narra a ocasião da festa do 30 de setembro de 1883, publicada no mesmo dia da abolição mossoroense. De forma antecipada, o jornal cearense divulgou, em Fortaleza, todo o protocolo a ser seguido na manhã do evento, em Mossoró, antes mesmo que ocorresse a solenidade da entrega das cartas de alforria.

Narrada como a data áurea da municipalidade, o 30 de setembro representa o instrumento por meio do qual as elites locais, com destaque para os Escóssias, buscaram sua inserção no imaginário social e a conquista de um lugar no contexto político republicano do início do século XX. Nessa empreitada, contaram com o jornal, veículo de informação onde divulgaram o avanço civilizatório como um dos elementos do seu discurso.⁸⁴

---

⁸³ O jornal *Correio de Natal* fez uma edição especial sobre a libertação dos escravos em Mossoró. Os textos exaltaram o feito mossoroense, a participação da Libertadora Cearense e a importância da abolição mossoroense para alavancar a campanha no Rio Grande do Norte. Ver: 30 DE SETEMBRO. **Correio de Natal**, Natal, p. 01-04, 30 de set.1883.

⁸⁴ 30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 30 set.1909.

Em profícuo crescimento, naquele período, a cidade de Mossoró passou a contar com o interesse das autoridades, que usaram as festividades cívicas, tanto nacionais como municipais, como o momento de exibição das “novidades do viver moderno, a exemplo do telegrafo, do jornal, da luz elétrica, do automóvel, que dará a Mossoró ares de modernidade”.⁸⁵ Esses avanços foram acompanhados pelas transformações urbanas, entre elas: inaugurações de praças, jardins, pavimentação de ruas e outros equipamentos que refletiam as mudanças na vida social e política da cidade.

Com efeito, o simbolismo dessas benfeitorias, juntamente com a ritualística e liturgia cívica das comemorações anuais do 30 de setembro, efetivaram a monumentalização dos documentos que referenciavam, a partir da abolição local, Mossoró como terra da liberdade. A monumentalização pode ser compreendida pela importância que seu uso passa a ter para as instituições promotoras das comemorações cívicas. No momento em que os documentos são utilizados, eles fazem parte das relações de força que compõe essas atividades comemorativas e possibilitam refletir sobre a memória coletiva a partir das relações de poder presentes em sua constituição.⁸⁶ Ademais, mostram que a operacionalização do uso do passado pelos Escóssias ocorreu por meio da associação entre passado e presente. Assim posto, *O Mossoroense*, revela a cidade como centro irradiador de uma decisão estratégica à “transformação social” da nação. Além disso, produziu o discurso que pôs a liberdade como referência do passado de Mossoró.

Percebe-se, então, que o dever de memória dos Escóssias obteve êxito porque atuou no espaço comemorativo, que funciona como “meio de combate contra a amnésia coletiva, ou melhor, como forma de luta pela produção (e reprodução) de uma nova memória, assim elevada a uma espécie de garante da necessária articulação entre o passado, o presente e o futuro”.⁸⁷

Agenciada por diferentes formas de narrar o acontecimento (atas, hinos, poesias, biografias, etc.), a fabricação da memória que propôs Mossoró como pioneira

---

⁸⁵ FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró**: uma cidade impressa nas páginas de *O Mossoroense* (1872-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2009, p. 26.

⁸⁶ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 545.

⁸⁷ CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito**: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005, p. 109.

do abolicionismo nacional encontrou na relação passado/presente o espaço para que a comemoração não fosse monoliticamente a cristalização do passado, mas “uma transformação do presente, de tal forma que, se o passado aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja também ele retomado e transformado”.⁸⁸

Mais do que lembrar os fatos, o uso jornalístico do passado fez das comemorações espaço de questionamentos da situação social e política republicana.

Bella e encantadora miragem – a República vinha para nós nimbada da luz mais esplendente de felicidades incomparáveis, não assinalando unicamente, triumphal avanço para um estado de civilização mais recomendável, mas também uma phase garantidora de um bem-estar geral e ambicionado.

Antevíamos a extraordinária elevação dos créditos e dos brios nacionaes, das honras e dignidades dos beneméritos servidores da pátria rehabilitada, a absoluta verdade da justiça inviolável, a excepcional grandeza desse mysterioso pedaço do continente americano, que parecia, no delírio de muitos, surgido dos mares e aparelhado n’aquelle mesmo dia para a grande vida invejável que o esperava.

No entanto, não pode ser mais desalentador, mais terrível, o desmentido, irreverente que de tudo nos tem dado os homens e as cousas dominadoras em Nosso Paíz.⁸⁹

Com efeito, a República não trouxe o que o jornal tanto pregou contra a monarquia – a liberdade e a melhoria das condições de vida das camadas mais humildes. O saldo desolador apresentado em *O Mossoroense* refletiu o posicionamento dos Escóssias diante do naufrágio do sonho que a proclamação da República havia criado no tocante às “expectativas de renovação política de maior participação no poder por parte não só de contra-elites, mas também de camadas antes excluídas do jogo político”.⁹⁰

A desilusão apresentada diante do novo modelo político favoreceu a investida de *O Mossoroense* na tentativa de inserir a cidade na escrita da história da nação por meio de seu passado glorioso. Desse modo, dados biográficos, textos e poesias de abolicionistas nacionais e locais, como José do Patrocínio, Paulo de Albuquerque,

⁸⁸ DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 101.

⁸⁹ 15 DE NOVENBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 15 nov.1904.

⁹⁰ CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 22.

Damião de Souza Mello e Almino Affonso, apareceram com frequência nas páginas do jornal.⁹¹

O uso desses textos, ao fundamentar-se na memória comemorada sobre o 30 de setembro, contribuiu no sentido de evitar indagações sobre o processo de transição da escravidão ao trabalho livre em Mossoró, o que reforçava a oficialidade da narrativa jornalística de *O Mossoroense*. Entretanto, a campanha abolicionista esteve no mesmo diapasão com que os Escóssias insistiram em reprovar a cultura política da Primeira República. Em outras palavras, a exaltação aos abolicionistas e ao 30 de setembro omitiu as condições sociais dos homens e mulheres cujo passado escravo continuou como mácula à condição marginal diante dos direitos sociais essenciais à efetivação da cidadania.

Essa situação confirmou, em nível local, que a incorporação dos ex-escravos da sociedade mossoroense no pós-abolição ficou restrita ao mínimo que seu status de livres podia lhes oferecer em um contexto marcado pela preservação do caráter desigual e hierarquizado da sociedade brasileira.⁹²

Desse modo, até o final de sua segunda fase, os Escóssias intercalaram a publicação de documentos com a programação das comemorações da abolição. Na edição nº 55, por exemplo, o jornal comentou as comemorações do 30 de setembro e apontou a inauguração da Estátua da Liberdade, na Praça da Redenção, como:

[...] um marco commemorativo que atesta que na memória de um povo não se extingue a lembrança dos feitos gloriosos dos seus antepassados, e, como uma eloquente ironia, servirá elle de motivo para apostrofarmos os tyrannos, sempre que para aquella effigie tivermos de lançar as nossas vistas, lembrando-nos da clamorosa injustiça de um governo, que entrega seu povo ao extermínio pela negra fome.⁹³

Como referência ao 30 de setembro, a Estátua da Liberdade era o ponto de convergência na relação que o jornal *O Mossoroense* mantinha com a sociedade. Para além do jornal, outras instituições foram agregadas as solenidades da abolição

⁹¹ JOSÉ do Patrocínio. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 01, 16 fev.1905.

⁹² MACHADO, Humberto Fernandes. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto do pós-abolição. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos; P. MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C (Org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 149.

⁹³ A ESTÁTUA da Liberdade. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 30 set.1904.

da escravidão. Em 1909, o Grupo Escolar 30 de Setembro ficou a cargo das comemorações até a década de 1930.⁹⁴ As atividades desempenhadas pela escola começavam pela manhã, com um desfile até a Praça da Redenção, onde cantavam o Hino da Libertadora Mossoroense e declamavam poesias. Em seguida, saíam em desfile rumo às casas dos abolicionistas e das sedes dos jornais *O Mossoroense* e *Comércio de Mossoró*.⁹⁵

Durante anos, a comemoração do 30 de setembro ficou restrita às visitas à Estátua da Liberdade, às residências dos abolicionistas, inaugurações, realização do baile dos negros e às reuniões na Loja Maçônica 24 de Junho.⁹⁶ A força da data comemorativa, no início do século XX, partiu dos interesses da Família Escóssia em associar sua trajetória política a campanha abolicionista, buscando, assim, a inserção no imaginário social, através da construção da dimensão nacional ao pioneirismo mossoroense. Sua importância foi tão grande que a relação era maior com a Lei do Ventre Livre que com a Lei Áurea. Em muitas ocasiões, a memória do Visconde do Rio Branco, tido no jornal como um dos responsáveis por impulsionar as ideias em torno do fim da escravidão, foi citada como o ponto de partida mais significativo à expansão da campanha abolicionista.⁹⁷

Nos discursos proferidos durante as comemorações foi comum os representantes de *O Mossoroense* reforçarem esse posicionamento. Em 1910, Escóssia Filho leu um discurso para uma plateia de alunos e representantes das instituições públicas. O texto, de autor desconhecido, publicado no dia 09 de outubro, apontou a importância das comemorações e relacionou a trajetória jurídica da questão escravocrata ao 30 de setembro, ao ponto de afirmar que a libertação dos escravos

---

⁹⁴ Essa instituição foi criada em 15 de novembro de 1908, durante o Governo de Alberto Maranhão, porém só foi instalada em maio de 1909 e teve como primeiro diretor Francisco Gurgel do Amaral.

⁹⁵ 30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 09 out.1910.

⁹⁶ Segundo *O Mossoroense*, o “tradicional baile dos negros” acontecia na antiga cadeia pública. Esse prédio também funcionou como Câmara Municipal, local onde ocorreu a reunião de libertação dos escravos. *Ibid.*, p. 01.

⁹⁷ A aprovação dessa lei gerou muitas discussões políticas e necessitou que Rio Branco e seus aliados articulassem, com ambos os partidos, os múltiplos interesses que a libertação dos recém-nascidos do ventre das escravas refletiam naquele momento tanto sobre o lugar que a Coroa ocuparia na questão da escravidão, quanto em relação ao controle do processo abolicionista que deveria ser feito sem causar revoltas dos escravos. Era necessária uma solução moderada para a tranquilidade pública e para a confiança dos proprietários diante das atribulações que a abolição poderia causar. COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição**, 9. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, p. 54.

moossoroenses “representou um grande passo na jornada” que se iniciou em 28 de setembro de 1971 e foi concluída em 13 de maio de 1888.

Esse legado glorificante de nossos antepassados de hontem, que nós hoje aqui osculamos com o mais carinhoso desvanecimento e, a mais entusiástica aclamação traduz para nós, representantes da nova geração um padrão de cívica nobreza, modelo primoroso das conquistas do futuro.

Eia, mocidade de Mossoró, vos que na frase do imortal cantôr dos escravos, sois o Moyses no Sinai, erguei a vossa fronte sobranceira ao morno bafejo da brisa de nossos verdes carnaubaes e de desta extendida sobre a arca santa de nossas brilhantes tradições, entoai o solemne compromisso de vossa atividade e másculas energias em prol da grandiosa tarefa da liberdade de nossa pátria, de que a emancipação dos captivos foi o prologo e a nossa verdadeira emancipação política será o complemento.

Assim cumprireis o vosso dever com o passado e realizareis as esperanças do futuro.

Viva o dia 30 de setembro!

Viva Mossoró livre!⁹⁸

O texto evidencia como a memória sobre o passado transformou Mossoró em espaço de luta pela liberdade e tornou os Escóssias representantes desse discurso. Suas críticas repousaram sobre os vícios da política, retratados no clientelismo e no paternalismo, elementos característicos do regime republicano nas primeiras décadas, em termos de expansão dos direitos civis e políticos.⁹⁹

Diante desses posicionamentos, a busca pela legitimação do pioneirismo moossoroense no abolicionismo foi uma constante no exercício cotidiano do jornal dos Escóssias e nas instituições escolares, onde os discursos proferidos trouxeram à tona a memória sobre pessoas e lugares que, em seu conjunto, ficaram gravadas em poesias e outros documentos que listavam as ações dos que fizeram o 30 de setembro.

Na edição de 14 de maio de 1910, *O Moossoroense* apresentou o passado como herança e auto intitulou-se como responsável pela sua manutenção na vida dos habitantes da cidade.

Como sempre, passou esta gloriosa data esquecida, entre nós, que, entretanto, representamos papel tão saliente no movimento

⁹⁸ 30 DE SETEMBRO. **O Moossoroense**, Mossoró, p. 01, 09 out.1910.

⁹⁹ CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. 1. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 45.

abolicionista, tendo sido Mossoró o 2º município livre em todo o vasto território do Brasil.

Nem ao menos as repartições públicas se lembraram de hastear seus pavilhões como sempre faz O Mossoroense que, por todos os meios procura levantar bem alto a gloriosa tradição que nos legou a nossa história política, censurando sempre os que fugirem ao cumprimento deste dever quase sagrado. [...] O dia '13 de maio' que é o prolongamento do 30 de setembro, a data mais gloriosa da história de nossa civilização, deveria ser sempre lembrada em nossa terra, e, o despontar deste sol, acariciado pelos beijos reconhecidos do povo mossoroense, ao som do imorredouro Hymno Libertador.¹⁰⁰

Baseado na justificativa de que o 30 de setembro de 1883 foi o acontecimento local mais importante diante da história nacional, o jornal reivindicou um lugar para a libertação dos escravos no calendário cívico da cidade. Esse trabalho da Família Escóssia torna evidente os interesses de associar a própria trajetória de Jeremias da Rocha Nogueira, patrono da Família Escóssia, e de seu jornal, ao pioneirismo na luta que desembocou na campanha abolicionista.

O uso jornalístico do passado feito por *O Mossoroense* associou tanto a celebração do progresso, alardeada pela imprensa do início do século XX,¹⁰¹ quanto a crença de que o futuro promissor ainda encontraria, na exaltação do passado, o exemplo para sua realização.

Nessa perspectiva, a busca pela inserção da libertação dos escravos como data do calendário cívico da cidade seria, também, a incorporação da trajetória social e política da Família Escóssia dentro do que foi considerado o mais importante momento da participação da cidade em nível nacional. Todo o empenho partiu do trabalho de jornalistas de uma cidade interiorana, eufóricos por uma exaltação que não encontrou nos principais centros do país ecos, e que se restringiu a ficar localizado e com pouca repercussão jornalística, daí o entendimento dos limites e significados do 30 de setembro para os Escóssias.

Esses limites e significados refletem o olhar que o próprio jornal possuía sobre o tempo social da cidade, uma vez que a relação entre passado e futuro continuavam a ser permeadas pelo exemplo que o passado teria na construção do futuro. Isso foi exposto em um contexto (início do século XX) em que as grandes cidades, como o Rio de Janeiro, passavam por consideráveis transformações, cuja percepção do

¹⁰⁰ 13 DE MAIO. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 01, 14 de maio. 1910.

¹⁰¹ ELEUTÉRIO, Maria de Lurdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-89.

tempo social, linear e orientado, tinha no “futuro, a redenção e, no passado, o esquecimento”.¹⁰²

A batalha pela memória expresso em *O Mossoroense* mostrou que, no início dos anos de 1920, a preocupação com os rumos das comemorações do 30 de setembro foi uma constante. Em meio ao enfraquecimento das comemorações, os Escóssias apelaram à população por uma maior participação nas festividades, tendo como justificativa a importância simbólica da data para a história local.

Mossoró atravessa, positivamente, uma fase de decadência cívica, que urge remediar e remover, pela recordação systemathica e oportuna, em todos os centros e em todas as camadas populares, dos feitos patrióticos dos nossos antepassados. E nem de outra forma, nos mostraremos dignos, aos nossos próprios olhos, da herança que recolhemos e de que somos depositários e guardadores. A data aniversaria da abolição de todos os captivos residentes em território mossoroense deveria ter sido outras manifestações de regosijo que não apenas a tradicional *soirée* dançante dos libertos e a festividade do “Democrata Club”, a despeito de seu realce e imponência. As comemorações cívicas, para que alcancem a finalidade que se destinam, devem ter amplitude maior e repercussão mais extensa e mais larga.¹⁰³

Para *O Mossoroense*, ao chegarem aos clubes, as atividades comemorativas perdiam parte de sua publicidade e modificavam-se, tanto na ritualística como na essência necromântica de exaltação aos heróis do passado. No jornal, intensificou-se a retomada das comemorações com textos, como o do professor Joel de Carvalho, que enfatizou, a partir da narrativa do sofrimento dos negros escravos, a coragem e brilhantismo dos abolicionistas mossoroenses em desafiar a força dos proprietários de escravos.

Os gemidos de dôr e de angustia que ecoavam no fundo das senzalas, tocava-lhes o âmago do coração, incitando-os, cada vez mais, ao triunfo do seu benemérito desiderato.

A tribuna era liderada por Almino Afonso e a imprensa, por Jeremias da Rocha Nogueira, que ao lado de outros não menos entusiastas pela causa dominante, banuiu os gládios da palavra, que eram como verdadeiras farpas flamejantes lançadas em praça pública, para devorar a dureza e a apatia dos adversários inconscientes da grande cruzada da maçonaria, a mater propulsora da liberdade dos povos,

¹⁰² BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 25.

¹⁰³ 30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 04 out.1920.

erguia também a sua espada de fogo a fulminar e partir os élos impiedosos.¹⁰⁴

Observa-se que a fabricação da memória sobre o 30 de setembro pelos Escóssias trouxe em seu arcabouço a necessidade de inserir nomes que, até então, não eram citados como abolicionistas, como o de Jeremias da Rocha Nogueira, falecido em 26 de junho de 1881.

Patriarca da Família Escóssia, fundador de *O Mossoroense*, militante do Partido Liberal, e maçom, a memória de Jeremias da Rocha Nogueira como abolicionista era indispensável ao sucesso da estratégia de incorporação do passado abolicionista à trajetória dos Escóssias. Mas, ao ser apresentado como abolicionista, logo surgiram questionamentos, como o do jornalista José Martins de Vasconcelos. No artigo “*Adulterando a história sobre o 30 de setembro de 83 em Mossoró*”, publicado no jornal *Correio do Povo*, o jornalista questionou a veracidade da inclusão de Jeremias Nogueira como abolicionista, alegando que ele não participara da campanha abolicionista.¹⁰⁵

Nesse sentido, o processo de gestação da memória sobre Mossoró - cidade da liberdade - ganhou forma e sentido na evocação de um passado que teve como cerne os interesses de uma família que buscou um lugar na história da cidade. Entretanto, essa memória abolicionista não está restrita aos homens que lutaram pelo fim da escravidão, nela cabem também a idealização do “bom escravo”, como foi narrado pelo professor Joel de Carvalho.

Rompem-se afinal as cortinas do firmamento azul, e no horizonte fulgidos da terra invicta de Rafael Mossoroense da Glória, surge a aurora radiosa para ouvir o epinício altissonante da grande vitória. Era o 30 de setembro de 1883, que raiava grandioso e límpido como o sol brasileiro, ao ruído triunfal das grilhetas partidas. Estavam libertos todos os escravos do nosso município, “Rafael, tú doravante és livre como o vento que sibila nos leques das nossas carnaubeiras!” – Disse o grande tribuno, ao dar áquelle a alcunha de Mossoroense da Glória. Não sei se pode desejar feito mais sublime, episódio mais heroico, do que esse que nos legaram, num exemplo altiloquente de amor e de civismo aquele pugilo de espartanos tão nobres quão juntos, que hoje constituem a relíquia imperecível dos nossos dias e dos dias de amanhã.

¹⁰⁴ CARVALHO, Joel. 30 de setembro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 27 set.1931.

¹⁰⁵ VASCONCELOS, José Martins de. Adulterando a história sobre o 30 de setembro de 83 em Mossoró. **Correio do Povo**, Mossoró, p. 03, 04 de out.1910.

Sejam, pois, benditos, muitas vezes benditos, hoje e sempre, esses “varões de Plutarco”, que a 30 de setembro de 1883, escreveram com o gladio de seu feito de gigante, no bronze maciço da nossa História, essa tríplice legenda – Liberdade, Igualdade, Fraternidade.¹⁰⁶

Símbolo das articulações que desembocaram no fim da escravidão na cidade e dos desdobramentos que suas ações passaram a ter com o famoso Clube dos Espartacos, similar ao Clube do Cupim, em Recife, Rafael Mossoroense da Glória é a idealização do ex-escravo que agradece e honra a atitude das autoridades que o libertaram.

A referência ao clube do Cupim no Recife é uma associação às atividades desenvolvidas pelo “Clube dos Espartacos em Mossoró - dar abrigo e amparo aos escravos” que chegavam a Mossoró. Na correspondência que os abolicionistas mossoroenses escreviam aos abolicionistas pernambucanos, a alusão ao transporte de libertos e as pressões pós-libertação local mostram como a libertação dos escravos em Mossoró manteve a tensão que a questão abolicionista propiciava e estava longe de ser resolvida por completo. Em carta enviada ao comerciante pernambucano João Ramos, em 28 de maio de 1884, Joaquim Bezerra da Costa Mendes (presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense) expõe sua constante luta em prol da libertação nas áreas circunvizinhas e, por conta disso, afirma que continua “lutando com os infames e nojentos negreiros não só do interior como daqui!! Ainda que nesta terra não tenha mais escravos!”¹⁰⁷

Na correspondência, negócios e ideias estão juntos do comerciante abolicionista mossoroense. A luta para manter a empresa de compra de algodão e venda de produtos nacionais, mediante os obstáculos comerciais, advindos por partilhar posicionamentos sociais e políticos diante dos ideais abolicionistas, era uma constante.¹⁰⁸

As cartas, poesias, hinos e discursos foram amplamente utilizadas nos estudos publicados pela Coleção e jornal *O Mossoroense*. Sua importância se evidencia pela

¹⁰⁶ CARVALHO, Joel. 30 de setembro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 27 set.1931.

¹⁰⁷ GALVÃO, João Batista. **Subsídios para a história da abolição do cativo no Rio Grande do Norte**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1982, p. 17.

¹⁰⁸ ROSADO, Jerônimo Vingt-un. **Repercussões pernambucanas do movimento abolicionista mossoroense**. Mossoró: Coleção Mossoroense. Série B, v. 507, 1989, p. 36.

possibilidade de novas abordagens na (re)construção e ressignificação do acontecimento pelo ato comemorativo.¹⁰⁹

Persistindo no exercício de selecionar e fixar datas como marcos da cidade, *O Mossoroense*, que narrou, desde meados de maio de 1927, a possibilidade de Mossoró ser atacada por Lampião, também usou suas páginas para mostrar que a defesa diante dos cangaceiros era algo a ser lembrado como passado glorioso.

---

¹⁰⁹ KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011, p. 08-27.

2 ATAQUE E RESISTÊNCIA A LAMPIÃO

2.1 BATISMO DE FOGO

O ataque de Lampião a Mossoró não foi nada convencional, nem, tampouco, uma surpresa para as autoridades locais, que, por meio de comunicação telegráfica com outras cidades, conseguiram armas e montaram estratégias de defesa. Entre os planos arquitetados estava o zoneamento do centro da cidade com o auxílio de trincheiras, feitas de fardos de algodão na residência do prefeito, no prédio do correio e telégrafo, casas comerciais e Banco do Brasil. Enquanto isso, grande parte da população fugiu para Areia Branca, cidade litorânea distante 50km de Mossoró. Os que ficaram esperaram silenciosamente Lampião e seus cangaceiros em diversos pontos do centro da cidade. Armado o cerco, o bando não agiu com a mesma rapidez com que dominou a resistência local; não controlou os centros comerciais; nem prendeu proprietários rurais e políticos inimigos.

Segundo *O Mossoroense*, o combate ocorreu no fim da tarde de 13 de junho de 1927 e ficou conhecido como o “Batismo de Fogo de Mossoró”. Deixou um morto e um ferido, respectivamente os cangaceiros Colchete e Jararaca. A partir daí, tiveram início os rumores em torno do acontecimento, com ênfase no fracasso da empreitada de Lampião a Mossoró. Atento, portanto, ao interesse da população pelo desdobramento do episódio, o jornal passou a publicar matérias sobre a vida pessoal dos bandidos, suas intrigas familiares e seus hábitos, as quais se inseriram no cotidiano da cidade.

Preenchiam suas páginas depoimentos de cangaceiros presos após o ataque, como foi o caso de Mormaço (Francisco Ramos de Almeida) e Bronzeado (Manoel Ferreira), e matérias que narravam os detalhes da organização do ataque a Apodi e da retirada dos cangaceiros para Limoeiro do Norte (Ceará), depois da resistência mossoroense. Desse modo, foi aberto espaço na imprensa para a construção de uma memória sobre a resistência dos mossoroenses, representada nas comemorações do 13 de junho.

Uma semana após a invasão, *O Mossoroense* apresentou telegramas de vários lugares do Brasil congratulando, na pessoa do prefeito Rodolfo Fernandes, a população local pela exímia coragem para enfrentar os cangaceiros de Lampião. Da

Capital da República, Alberto Maranhão¹¹⁰ deu “parabéns pela defesa e desejava votos pela tranquilidade de seu nobre povo”.¹¹¹ De Pombal, na Paraíba, a vitória sobre os cangaceiros fora comentada por Antônio Queiroga como “um fato inusitado para o combate ao cangaceirismo no Nordeste”.¹¹² De Campina Grande, sete mossoroenses¹¹³ que ali residiam felicitaram a cidade “pelo denodo com que houveram diante da reação ao sinistro grupo de Lampião”.¹¹⁴ De Natal, o bispo diocesano Dom José Pereira Alves enviou suas “bênçãos e aplausos nobres pela generosa atitude dos queridos padres na hora heroica na defesa cathólica da Cidade”.¹¹⁵

Dos mais diversos lugares, por meio de cartas e telegramas, autoridades civis e eclesiásticas demonstraram satisfação e respeito pela coragem dos que ficaram para defender a cidade diante dos comandados de Lampião. Depois das informações sobre as particularidades da façanha mossoroense diante do “rei do cangaço”,¹¹⁶ os defensores da cidade foram apresentados, então, como uma “stóica falange de bravos que nobre e heroicamente defendeu a cidade na memorável tarde de 13 de junho, repelindo, com desassombro, o sinistro bando lampeônico, cuja nefasta acção, nos diversos rincões nordestinos, tem assumido as desastrosas proporções de um terrível cataclysmo”.¹¹⁷

Assim, pois, o 13 de junho foi transformado em fato memorável. Por conseguinte, cartas e poesias narraram a bravura dos defensores e renderam à cidade um lugar especial na imprensa. Uma dessas composições, escrita, em 27 de junho de 1927, por Francisco Cavalcanti Rocha, e publicada em *O Mossoroense*, mostrou que a batalha foi travada entre a “civilização e a barbárie”.

---

¹¹⁰ Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão foi governador do Rio Grande do Norte (1900-1904 e 1908-1914) e deputado federal (1927-1929).

¹¹¹ Vale ressaltar que esses telegramas foram enviados entre os dias 14 e 17 de junho e publicados em 26 de junho. SERVIÇO Telegráfico. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

¹¹² Ibid., p. 02.

¹¹³ João Franco Filho, Orlando Rangel, Torres Galvão, João Aprígio Pereira, Joaquim Azevedo, João André e Arthur Cardoso.

¹¹⁴ SERVIÇO Telegráfico. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

¹¹⁵ Ibid., p. 02.

¹¹⁶ MOTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. 3. ed., Rio de Janeiro, Cátedra: Brasília, INL,1976, p. 34.

¹¹⁷ AVE Mossoró! *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 03 jul.1927.

Intemerada gleba, unida e forte
 Na batalha quebrasse a vil magia
 De Lampeão, cujo estandarte e guia
 É a pilhagem, o sangue, o luto, a morte.

Heróica Mossoró – honra do Norte
 Venceste, com denodo e galhardia
 O fero bando de rapina
 Que só te desejava infausta sorte.

Ensarilhaste armas de combate,
 Tocas para o abismo heroico de rebate
 Marchaste para a luta e para a glória!
 Na punha conquistaste áureos thesoiros
 Doiram-te a frente immarcessíveis loiros,
 Heraldicos emblemas da vitória!¹¹⁸

A sequência de acontecimentos destacada no soneto apresenta o ataque dos cangaceiros como uma invasão da barbárie na cidade. Para Francisco Cavalcanti, Lampião era a representação da violência, selvageria e ignorância produzidas no interior de um espaço calcinado por males há muito denunciados na imprensa, como o coronelismo e o cangaceirismo. Esse discurso ratificou a narrativa (jornalística) que apontou a defesa da cidade como uma vitória da ordem, do progresso e da civilização.¹¹⁹

Com efeito, há uma aproximação do trabalho do jornalista com o do poeta quando ambos buscam conceituar o lugar dos cangaceiros na sociedade durante a década de 1920.¹²⁰ O primeiro narra a cotidianidade das informações sobre o ataque/defesa lhes dando uma sequência processual, ao passo que o outro “elabora e agencia os elementos escolhidos segundo uma ordem que conduz a um todo”. A convergência dessas diferentes formas de narrar reside no fato de que, dispondo da visão geral sobre o acontecimento, o poeta constrói seu discurso a partir de uma sequência temporal e de um conjunto de interesses predeterminados que “estrutura a ação” e lhe dá sentido.¹²¹

Os folcloristas também coletaram a ‘linguagem do sertão’, retratando lutas entre cangaceiros, volantes e populações sertanejas. Nomes como Leonardo Mota, Câmara

¹¹⁸ AVE Mossoró! **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 03 jul.1927.

¹¹⁹ Ibid., p. 02.

¹²⁰ MACHADO, Ronaldo Silva. História e Poesia na Poética de Aristóteles. **Mneme** - Revista de Humanidades. Caicó, v.1, n. 01, p. 01-08, ago/set. 2000.

¹²¹ Ibid., p. 01-08.

Cascudo, Rodrigues de Carvalho e Gustavo Barroso captaram e catalogaram, a partir de cantadores, cordelistas e memorialistas, danças, festas, conflitos entre famílias e os feitos de cangaceiros, coronéis e volantes. Grande parte do material coletado foi narrado em versos cantados ou declamados em espaços que iam das portas de mercado às feiras e duelos de cantorias em praças públicas. Essas formas de narrar o passado pela oralidade dos sertanejos são vistas pelos folcloristas como expressões singulares. Assim posto, empreenderam, segundo Durval Muniz, o deslocamento da produção e circulação (campo/oralidade) dessa cultura para outro lugar (cidade/escrita). Por esse motivo, o trabalho dos folcloristas, além de significar a exorcização de tudo que fosse considerado “atentatório à moral, à civilização e perigosos e perniciosos politicamente”, resultou na folclorização da poesia e linguagem do sertão.¹²²

Com referência ao Nordeste, os estudos dos folcloristas, frequentes na imprensa, contribuíram para a caracterização dos cangaceiros como um tipo sociológico próprio de uma espacialidade marcada por relações sociais permeadas pela violência por parentela, lutas por terras ou poder político. Com esse discurso, *O Mossoroense*, por exemplo, publicou na edição de 12 de junho de 1949, “*A gesta de Lampião*”, texto de Leonardo Mota, em que afirma ser o cangaceiro o assunto mais recorrente nas cantorias e que faz vibrar mais a viola dos cantadores populares que a pena dos homens de letra na compreensão das experiências sociais dos sertanejos.¹²³

Entre os folcloristas, Lampião foi considerado como o mais sanguinário dos bandidos. Por conseguinte, os versos sobre seus feitos construíram a imagem de um homem frio e cruel, capaz das piores atrocidades. Porém, não o culpavam pelos desmandos sociais existentes na região nordeste, e quando teceram comentários sobre sua pessoa, como fez Leonardo Mota, foi para explicar que a questão não era exterminar o cangaceiro, mas acabar com o banditismo mediante ações como o fortalecimento da polícia no interior dos estados assolados pelo cangaceirismo.¹²⁴

---

¹²² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas de folclore e de estudos da cultura popular**, p. 248.

¹²³ MOTA, Leonardo. *A GESTA de Lampião*. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

¹²⁴ Id. **Violeiros do Norte: poesia e linguagem do sertão nordestino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976, p. 31.

Lembrados por sua valentia e periculosidade, os cangaceiros tornaram-se elemento de um discurso gestado por imagens, sons e textos que, em seu conjunto, explicam as fragilidades do Nordeste, a saber: a relação de poder entre os proprietários rurais e os cangaceiros e a fraqueza das instituições estatais.¹²⁵ Entre os impactos desse discurso na representação dos cangaceiros, especialmente Lampião, está a ressignificação do lugar que ocupavam, ou seja, passaram de caso de polícia para objeto da cultura, especificamente a nordestina, operacionalizada no decorrer da construção da identidade regional nas primeiras décadas do século XX.

Nas páginas de *O Mossoroense* o cangaceirismo foi o principal caminho para os comentários sobre a fama nacional de Lampião e a divulgação da coragem da cidade em combatê-lo. Aos leitores do jornal chegavam informações que iam dos deslocamentos do bando aos ataques que praticaram. Essa temática, ao longo do segundo semestre de 1927, foi movida, na imprensa, pela dicotomia entre a violência dos cangaceiros e a coragem dos defensores mossoroenses.

No primeiro momento, essa lembrança foi vista como trágica, pois as matérias jornalísticas evidenciaram o desespero da população antes e depois do ataque. Entretanto, dois meses após a investida de Lampião, *O Mossoroense* priorizou a vitória da cidade frente ao mais famoso e perigoso bandido do Brasil nas décadas de 1920 e 1930.¹²⁶ Daí em diante, o discurso jornalístico direcionou as matérias no sentido de uma monumentalização do 13 de junho, fato efetivado nas comemorações anuais sobre o acontecimento.

É importante notar que as interpretações ligadas ao fato, produzidas pela leitura dos jornais, foram de encontro às expectativas produzidas no calor do acontecimento, mas isso não quer dizer que a monumentalização do 13 de junho tenha se efetivado logo nas primeiras comemorações, haja vista que a seleção e significação dos textos que mantêm contato ou se apropriam da temática se dá “a partir de [...] referências individuais ou sociais, históricas ou existenciais”.¹²⁷ Posto isso, é correto afirmar que as narrativas do jornal não são hegemônicas diante das diferentes formas de ler e apreender a visão que o periódico tentou imprimir aos leitores. Exemplo dessa

---

¹²⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013, p.54.

¹²⁶ LAMPEÃO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 07 ago.1927.

¹²⁷ CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 5.ed. São Paulo: Edições Liberdade, 2011. p. 20.

constatação é a trajetória do cangaceiro Jararaca que, de algoz à vítima da resistência, foi exterminado no silêncio da noite de 19 de junho de 1927.

Essa relação de forças constituiu-se, portanto, o canal da construção de uma memória oficial, bem como propiciou perceber uma memória que ficou à margem. De modo mais claro, as ações de *O Mossoroense* em providenciar as comemorações do 13 de junho explicam como, no interior da redação, foi se constituindo um passado memorável para a cidade, expresso anualmente como o espaço de remissão do Nordeste ao cangaceirismo.

Com efeito, o lugar construído para Mossoró após a luta contra Lampião foi agenciado no jornal *O Mossoroense* através da relação que as matérias sobre o ataque mantiveram com o sentido dado as comemorações do 13 de junho. Os crimes que os cangaceiros praticaram em suas andanças foram narrados com o objetivo de sensibilizar o leitor diante dos horrores que o “senhor do sertão” e seus comandados deixaram ao longo do caminho em suas experiências no mundo do crime desde as primeiras décadas do século XX.¹²⁸

Comprova a estratégia dos Escóssias a publicação de uma carta enviada de Serra Branca - Estado da Paraíba, ao prefeito Rodolfo Fernandes, e que fora publicada em *O Mossoroense* em 07 de agosto de 1927. Escrita pelo professor Almeida Barreto, a correspondência narra a aflição de um homem que só teve conhecimento pormenorizado dos acontecimentos envolvendo a cidade e os cangaceiros em 08 de julho. Comentou ainda que “por onde tem passado escuta com prazer e orgulho os elogios francos e espontâneos a bôa terra de que sou filho. Por ora, é o que vai-me matando a saudade da gleba natal”.¹²⁹

A mensagem da carta revela o orgulho de Almeida Barreto em pertencer à cidade. Ao mesmo tempo, mostra que a distância que o separa de sua terra foi compensada pelo prazer em ouvir os comentários construídos em torno de um fato memorável – a resistência a Lampião. Almeida Barreto também cita a coragem e determinação de Rodolfo Fernandes como político e defensor mossoroense.

A você, meu distinto amigo, envio congratulações, como representante deste povo manso e forte, que teve o bom senso de elege-lo Prefeito e bem avisado será se o conservar por muitos anos

¹²⁸ GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião**: senhor dos sertões: vidas e mortes de um cangaceiro. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 117.

¹²⁹ CARTA de Sucuru. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 07 ago.1927.

neste posto de sacrifício, sim, mas, de defesa e melhoramentos nunca dantes registrados nesta cidade. Conheço bem o seu caráter rijo e tolerante, servido por uma inteligência positivamente prática para conhecer os homens e o de que hão necessidade. Continue a realizar o seu programma, como estava fazendo na phase pacífica, desde que passou a furia canibalesca dos bandidos.¹³⁰

Três meses depois, acometido de séria moléstia pulmonar, Rodolfo Fernandes não teve tempo de usufruir politicamente dos frutos da resistência aos cangaceiros, tendo morrido em 11 de outubro de 1927, no Rio de Janeiro. Mesmo assim, sua trajetória continuou a ser narrada pelo jornal *O Mossoroense*, que o pintou como herói na defesa da cidade contra os cangaceiros.

Nessa nova configuração do 13 de junho, construída pela imprensa, a carga simbólica da presença de Lampião, cujo expoente mais visível foi o pavor que levou a população mossoroense a evacuar a cidade, é preterida em favor da construção da glória da resistência. Isso fica claro na matéria a seguir:

13 de junho!

A data de 13 de junho, transcorrida quarta-feira última, assinalou o primeiro anno em que nossa pacata e ordeira cidade assistio uma das passagens mais tormentosas de sua história, repelindo nesse dia fatídico, com a bravura dos seus filhos e dos seus habitantes, a diabólica empreitada do sinistro e famoso quadrilheiro – Virgulino Ferreira (Lampeão) – o jaguar bravo dos Sertões, que, capitaneando uma sucia facinorosa de sanguinários, ladrões e deturpadores insaciáveis dos sagrados direitos, da paz, da dignidade e da honra, tentou invadir o nosso pequenino território, com o fim único de se locupletar dos nossos haveres, deixando-nos a desolação e a dor, a orfandade, o luto e a viuvez (inelegível) na tarefa ininterrupta de espalhar por todos os recantos do nordeste o macabro véo de misérias de que vinha sendo o principal protagonista.

Falhou, entretanto, o plano do famoso bandido, que foi obrigado a uma retirada precipitada pela pujança dos bravos filhos desta gleba. E não mais se varrerá da nossa memória esse dia tétrico para a nossa história!¹³¹

Não se pode negar, no entanto, que a popularidade nacional de Lampião foi imprescindível à operacionalização que resultou no heroísmo mossoroense, construído sobre os escombros da destruição do mito da invencibilidade do rei do cangaço. Com efeito, a capacidade de organização do povo potiguar em defender sua

¹³⁰ CARTA de Sucuru. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 07 ago.1927.

¹³¹ 13 DE JUNHO. Ibid., Mossoró, p. 02, 17 jun.1928.

cidade aparece como exaltação ao futuro, reforçada pelo reconhecimento da sua resistência ante a investida dos cangaceiros.¹³² Por conseguinte, a glória da cidade estaria em tripudiar sobre a fama do bandido, infundindo, na identidade de Mossoró, a ideia de povo corajoso, heroico, amante da liberdade”.¹³³

À época do ocorrido, Mossoró não era pequena e Lampião não mensurou a capacidade de organização da defesa pelas autoridades municipais. Com uma população acima de 20.300 habitantes, a cidade era uma praça comercial com agência bancária (Banco do Brasil) e um porto, por onde a circulação de mercadorias entre Recife e Fortaleza era intensa.¹³⁴

Com casas comerciais importadoras de produtos europeus e outras exportadoras de algodão para a Europa, Mossoró não era como os vilarejos e pequenas cidades que Lampião costumava atacar. Era cidade com um pujante comércio e circulação de riquezas em torno do Oeste do Rio Grande do Norte. Na imprensa do século XX, seus ares de modernidade, apareceram na caracterização do perfil econômico, na estrutura urbana e nos equipamentos culturais, aspectos que contrastaram com as narrativas sobre os cangaceiros, maiores representantes do sertão como lugar de violência e acordos políticos.

Qualificado como “o jaguar bravo dos sertões”, Lampião foi narrado pela imprensa a partir da violência empregada contra os inimigos e pelas articulações com os coronéis coiteiros que, para além da função de proteger, também forneciam “mantimentos, munição e dinheiro. Eram eles os elos de ligação entre o comércio formal e o grupo de cangaceiros, adquirindo provisões para longas temporadas e munição necessária para os combates e assaltos”.¹³⁵

---

¹³² Muitas foram as volantes organizadas por inimigos pessoais de Lampião, como as comandadas por Euclides Flor e Davi Gomes Jurubeba. Cf. GUEIROS, Optato. **Lampeão**: memória de um oficial ex-comandante de volante. 3. ed. São Paulo: [s.n.], 1953, p. 179.

¹³³ DUTRA, Wescley Rodrigues. **Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2011, p.105.

¹³⁴ Tinha o maior parque salineiro do Brasil, três firmas de descaroçar e prensar algodão, agência do Branco do Brasil, três jornais, dois estabelecimentos de ensino secundário (Escola Normal e Escola de Comércio), dois colégios com internato (Colégio Diocesano para rapazes, e o Sagrado Coração de Maria para as moças), Loja Maçônica 24 de Junho, Cine-Teatro Almeida Castro e dois clubes de futebol: Ipiranga e Humaitá. FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. 6. ed. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005, p. 23-28.

¹³⁵ MONTEIRO, Roberto Pedrosa. **O outro lado do cangaço**: as forças volantes em Pernambuco – 1922-1938. Recife: Ed. Do Autor, 2004, p.71.

Foi por meio da dicotomia entre civilização e barbárie, tecida pela imprensa, que se deu, portanto, a fabricação da resistência de Mossoró como um lugar de combate ao cangaceirismo no Nordeste brasileiro.¹³⁶ Diante disso, a estratégia de *O Mossoroense* foi incentivar e aproximar seus leitores das comemorações do 13 de junho o que resultou em meio de controle das narrativas sobre o episódio, de modo que a cidade fosse glorificada.

Apesar de outros jornais que circulavam na cidade terem publicado matérias sobre a invasão de Lampião, foi *O Mossoroense* que inseriu o 13 de junho no calendário cívico da cidade. Percebe-se que todo o esforço consiste em mantê-lo como referência a esse passado glorioso, daí a diferença entre o 13 de junho do 30 de setembro. Na invasão, o jornal circulava e expressava os interesses ligados às autoridades municipais, outro motivo para a fabricação da memória oficial, enquanto que na libertação dos escravos o jornal não circulava e teve que, ao retornar no início do século XX, fazer uma apropriação das narrativas sobre a libertação. Para tanto, promoveu o esquecimento do jornal *Libertador*, o qual acompanhou todo o processo que culminou no fim da escravidão local.

Com esse intuito, na edição de 24 de julho de 1927, o jornal republicou matéria que circulou no periódico fortalezense *A Farpa*, na qual Lampião é apontado como o sujeito pivô da maioria das articulações entre coronéis e bandidos.

Prêso, por ventura, Lampeão, não o fuzilem; conduzam-no, tragam-no para cá, a fim de que, a luz do seu depoimento, se desmascarem as rameiras Moraes que o protegiam na sombra!
Espera-se que Lampeão, uma vez prêso seja fuzilado. É o que, se deduz da ação governamental. Um erro e uma imprevidência.
O bacamarteiro villa-bellense não pode receber logo a morte. Isso por uma simples, mas importantíssima razão: batido, aguilhão, trazido à face a justiça, ele a mácula ambulante do Nordeste, rasgaria o véu do silêncio e da sombra, apontando os tarimbeiros Moraes que tanto o não protegido.¹³⁷

Como uma das grades preocupações dos governos dos Estados do Norte, o cangaço era a vertente do banditismo que mantinha as mais fortes relações com os

¹³⁶ O conceito de Lugar é entendido aqui, como o estabelecimento de uma ordem construída na relação de forças que agem sobre um determinado referencial. No caso de Mossoró, a resistência aos cangaceiros foi narrada a partir da dicotomia civilizado/selvagem, campo/cidade. CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 13. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 201-203.

¹³⁷ PRÊSO, por ventura, Lampeão, não o fuzilem. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 24 jul.1927.

proprietários rurais envolvidos na política. Os cangaceiros, a serviço destes poderosos, perseguiram inimigos políticos e saqueavam fazendas e cidades.

Assunto intenso nos círculos do poder mesmo uma década antes do ataque de Lampião a Mossoró, o cangaceirismo era uma tônica entre os artigos que circularam na imprensa na segunda década do século XX e que apontaram para questões como a sua origem e os fatores que permitiram sua existência, entre eles o apoio dos coronéis e a ineficiência governamental em combatê-lo.

Discutido por Gustavo Barroso, em *Heróis e Bandidos: os cangaceiros do Nordeste*, o fenômeno aparece ligado à proteção que os bandidos recebiam dos políticos, principalmente no Ceará, sendo justificado pela carência de justiça, comunicação, instrução, educação e trabalho organizado, bem como pela necessidade de uma ordenação dos Estados em combater intensamente o banditismo.¹³⁸

Na análise de diversas críticas tecidas pelo jornal *O Mossoroense* aos governantes cearenses e ao Padre Cícero, que apoiaram os cangaceiros,¹³⁹ é possível confirmar a imagem do nordeste brasileiro como espaço da barbárie, que teve no cangaceirismo e misticismo polos complementares. Sendo assim, a diferença entre o Ceará e Rio Grande do Norte residiria na afirmação de Mossoró como terra livre do banditismo, fato questionado por Honório de Medeiros, que diz ser ilusória a harmonia existente entre os coronéis potiguares, uma vez que a invasão dos cangaceiros a Mossoró foi consequência da invasão de "Apodi e de uma circunstância inesperada: a chegada de Lampião. Apodi, por sua vez, foi consequência das brigas entre coronéis norte-rio-grandenses e paraibanos disputando o poder".¹⁴⁰

Indiscutivelmente, as relações dos cangaceiros com os coronéis eram fortes. Essa constatação pode ser comprovada na leitura do artigo "Lampeão e seu séquito", publicado em 17 de julho de 1927, em *O Mossoroense*. O texto denuncia a estratégia de Lampião para circular no Ceará com o apoio de políticos.

¹³⁸ BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos: os cangaceiros do Nordeste**. 2. ed. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2012, p. 17-77.

¹³⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR. **Nordestinos: a invenção do falo – uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 199. (Coleção Entregêneros).

¹⁴⁰ AS DECLARAÇÕES do cangaceiro Bronzeado do grupo de Massilon. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 2, 24 jul.1927; MEDEIROS, Honório de. **Massilon: nas veredas do cangaço e outros temas afins**. Natal (RN): Sarau das letras, 2010, p.178.

A perseguição a Lampeão no estado do Ceará tem sido uma vergonha. É sabido na Estrada de Ferro de Baturité, que o senhor Izaías Arruda, prefeito de Missão Velha, é um celebre protetor de Lampeão e que este senhor havia subido conduzindo muita munição de fuzil. Ora Lampeão ao abandonar o município de Lavras, perseguido pelos irmãos Augustus, assim o fez desmuniado; ao transpor, entretanto, o município de Aurora, é sabido por todos que o mesmo já ia bem municiado, tendo igualmente encontrado animaes preparados para uma fuga, não se sabendo, porém, quem os forneceu.¹⁴¹

As informações acima refletem os discursos construídos para o Rio Grande do Norte e Ceará no que tange à relação de suas autoridades com os cangaceiros. Era comum *O Mossoroense* afirmar que políticos do Ceará eram protetores de Lampião, enquanto os norte-rio-grandenses se eximiam da política estabelecida entre os coronéis de ambos os Estados com os cangaceiros. Evidência disso é o apoio do líder político da cidade cearense de Aurora, Isaías Arruda, na empreitada de Lampião ao Rio Grande do Norte.

É importante notar que as negociações entre políticos e cangaceiros eram marcadas por um fino fio de fidelidade, muitas vezes deixada de lado em razão dos interesses envolvidos, como foi o caso da traição que o coronel Isaías Arruda organizou para envenenar o grupo de Lampião quando retornavam do frustrado ataque a Mossoró. Segundo *O Mossoroense*:

Ao pé da serra do Cachimbo, no Município de Aurora, Lampeão estava abaixo de regular cerco das forças cearenses, tendo o senhor Izaías Arruda, planejado uma cilada contra o mesmo bandido, mandando que 8 homens seus fossem se incorporar ao grupo, e que, quando o mesmo estivesse bem localizado viesse um homem avisá-lo. Assim aconteceu. Um conseguiu se desligar e informou que o grupo estava a légua e meia do ponto ocupado pelas forças do major Moysés em um cercado de propriedade de Izaías; Fazendo este uma escolha de homens, improvisou tal cerco, em seguida ateando fogo no cercado, resultando disto a fuga de Lampeão, o que parece tem sido adremente preparado. Neste cerco Lampeão deixou um bandido morto o qual se presume ter sido o tal “Capaxu”.¹⁴²

Além da aliança com os coronéis, os cangaceiros possuíam uma “rede de informantes e espiões que avisavam sobre os movimentos da polícia” e os precaviam,

¹⁴¹ LAMPIÃO e seu séquito. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 01, 17 jul.1927.

¹⁴² Ibid. p. 01

às vezes, contra os próprios coronéis.¹⁴³ Acusado de incentivar o ataque, Isaías Arruda aparece no jornal *O Mossoroense* como o responsável pela chegada de Lampião às terras potiguares. Pela documentação, o mundo dos negócios do crime foi, provavelmente, o que motivou a arremetida dos cangaceiros a Mossoró. Além da aliança com os coronéis, os cangaceiros possuíam uma “rede de informantes e espiões que avisavam sobre os movimentos da polícia” e os precavam, às vezes, contra os próprios coronéis.¹⁴⁴

Em sua caminhada no Rio Grande do Norte, Lampião deixou um rastro de destruição e prisões de pessoas pelas quais cobrava vultosa quantia pelo resgate. Um dos prisioneiros na empreitada a Mossoró foi o coronel Antônio Gurgel, por quem os cangaceiros exigiam 21 contos de réis para sua soltura. Sem o pagamento do resgate, dias após o fracasso em Mossoró,¹⁴⁵ o coronel acabou libertado, juntamente com outra refém, Maria José (63 anos), em Limoeiro do Norte (Ceará).

Esse episódio fez surgir discussões sobre a relação entre Lampião e os reféns. Para Isabel Lustosa, os prisioneiros “foram libertados sem pagamento porque o bando tinha se afeiçoado aos reféns”.¹⁴⁶ Em direção contrária a essa interpretação, Honório de Medeiros, ao citar o trabalho do pesquisador Marcos Pinto, intitulado *Datas e notas para a história de Apody*, aponta que a articulação do coronel Tilon Gurgel para libertar seu irmão, coronel Antônio Gurgel, dos cangaceiros só é compreensível diante de sua possível participação e a do coronel Benedito Saldanha na organização do ataque de Apodi. O argumento foi sustentado pelos pesquisadores a partir da associação entre o relatório do Capitão do Jacinto Tavares, chefe de polícia da cidade de Apodi, e o depoimento do cangaceiro Bronzeado, onde apontou-se a relação entre os coronéis residentes em Apodi e Isaías Arruda.¹⁴⁷

Sem dúvida, *O Mossoroense* tem papel importante tanto no mapeamento dos cangaceiros como no acompanhamento dos fatos após o combate, uma vez que foi o

---

¹⁴³ LUSTOSA, Isabel. **De olho em Lampião**: violência e esperteza. São Paulo: Claro Enigma, 2011, p. 53.

¹⁴⁴ Ibid., p. 53.

¹⁴⁵ BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião** – Diário do coronel Antônio Gurgel. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. 1996, p. 19. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 910).

¹⁴⁶ LUSTOSA, Isabel. Op. cit., p. 56.

¹⁴⁷ MEDEIROS, Honório de. **Massilon**: nas veredas do cangaço e outros temas afins. Natal (RN): Sarau das letras, 2010, p. 131-135; PINTO, Marcos. **Datas e notas para a história de Apody**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado. (Série C, v. 1164).

jornal que divulgou os primeiros relatos sobre a invasão e resistência da cidade e investiu na transformação do 13 de junho em data cívica, como fez, anteriormente, com a libertação local dos escravos.

O ataque de Lampião e seu bando ficou em evidência em suas páginas por bastante tempo, mas, aos poucos, foram surgindo outros desdobramentos relacionados ao episódio. Na edição de 22 de maio de 1927, por exemplo, o jornal procurou mostrar a articulação do prefeito Rodolfo Fernandes em arregimentar recursos para a defesa da cidade. A matéria informa que foram comprados rifles e agilizou-se a criação da Lei Municipal nº 85, que o “autorizava a criar um corpo de Guardas Municipaes, com o effectivo que entender necessário para a defesa do Município, podendo dissolve-lo quando se normalize a presente situação pelo afastamento ou extinção do banditismo”.¹⁴⁸ Todo o esforço em preparar uma resistência a Lampião fez dos homens arregimentados uma força bem armada e estrategicamente posicionada nos principais pontos do centro da cidade.

Já nos primeiros anos após a tentativa de invasão fracassada, a temática do banditismo continuou sendo o ponto de partida das discussões apresentadas pelo jornal. Entretanto, teve início um ciclo de matérias com críticas ao governo pela inoperância diante do problema. Exemplo de publicação com esse teor é o artigo de Lauro da Escóssia, que tratou do banditismo e da ineficiência do governo em não o resolver.

Hoje, apesar do saneamento que se está fazendo, Lampeão ainda continua trazendo sobressaltadas as populações do norte, ampliando a sua horda sanguinária de elementos do cangaço, sendo indiferente ao governo provisório a vida ou a morte de seu povo.

E a mais irrefutável prova do indifferentismo do poder central é o facto de já se está escoando o oitavo mez do movimento de Outubro sem ao menos aparecer, além de cogitações, uma medida que possa extinguir essa mancha do sangue que pesa ao nosso povo.

A expedição Chevalier, o offerecimento do major Juarez Távora para combater Lampeão, tudo irrealizável, tudo (mutilado), desafiando a força dos governos dos Estados pequenos, implantando o terror às populações do Norte, transpõe fronteiras, saqueando, incendiando, depredando, roubando, matando, sem encontrar um tiro que o proste para sempre.

Se hontem elle era a vergonha da legalidade, hoje, é a vergonha do novo regimen!¹⁴⁹

¹⁴⁸ ORGANIZAÇÃO de nossa defesa feita pelo governo do Estado – contra o banditismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 22 de maio 1927.

¹⁴⁹ O EXTERMÍNIO do banditismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-02, jun. 1931.

Lauro da Escóssia viu no banditismo uma mácula tão nefasta quanto a seca na região e acusou o Governo Vargas em não criar mecanismos eficazes para solucionar a questão do cangaceirismo. Para o autor, a presença de grupos cangaceiros era resultado do já comentado apoio que os coronéis davam aos cangaceiros em troca dos serviços prestados diante de seus desafetos políticos, e sua solução não se concretizava pela falta de ações políticas voltadas ao combate desse problema social.

As críticas, em geral, apontam para o problema da força que muitos políticos possuíam diante dos grupos armados que assolaram o interior dos estados nordestinos e de suas brigas internas pelo poder. De um lado, arregimentaram os bandos de cangaceiros e, de outro, estabeleceram as forças volantes em rivalidades que envolveram disputas políticas, lutas por terras e vingança por crimes de parentela.

Divulgada nos jornais e em livros, dentre eles *Lampião: sua história*, escrito pelo jornalista Érico de Almeida, em 1926, e *Lampião: documentário*, do médico Ranulfo Prata, publicado em 1934, a relação entre coronéis e cangaceiros rendeu muitas batalhas impressas, nas quais as atrocidades cometidas eram usadas como forma de denunciar as disputas entre os grupos políticos da região.

O trabalho de Érico Almeida foi uma encomenda do Presidente da Paraíba, João Suassuna. É, na verdade, um texto biográfico. No primeiro capítulo, trata das ações do governante no combate ao banditismo. Posteriormente, o autor concentra-se nos fatores que motivaram a entrada de Lampião no cangaço e nos crimes cometidos em sua trajetória de bandido. Aponta, portanto, as relações que estabeleceu com outros cangaceiros, como Antônio Silvino e Sinhô Pereira, único líder de Lampião no cangaço, bem como as transformações que suas atitudes no mundo do crime provocaram no interior do Nordeste brasileiro, dando sequência a uma onda de crimes bárbaros contra fazendeiros e volantes.

Ranulfo Prata, por sua vez, trata de forma mais aprofundada as relações entre coronéis e cangaceiros, através de análises referentes à ação dos governos dos Estados e do Governo Federal frente ao cangaceirismo, teceu críticas ao completo abandono a que a região estava submetida, tanto pela violência dos cangaceiros como pela ferocidade das Forças Volantes que os perseguiram.

Conforme se observa, as obras apontam a necessidade de ações governamentais voltadas ao combate ao cangaço. Na avaliação de Ranulfo Prata, o insucesso diante do problema do cangaceirismo ocorreu pela falta de planejamento

dos governos e pela força do privatismo dos proprietários rurais. Para ele, as relações de reciprocidade entre as esferas governamentais alimentaram o enfraquecimento dos municípios e o tornaram indicador da relação de compromisso entre o poder público e os chefes locais, dentro de uma estrutura agrária que continuou a fornecer a “base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil”.¹⁵⁰

O texto de Lauro da Escóssia, entretanto, revela a tentativa de afastar as articulações políticas locais da culpa da não solução do problema do banditismo. Essa intenção é perceptível quando ele transfere o ônus da permanência do cangaceirismo para a esfera federal, apresentando ainda relações de poder em outro Estado, como foi o caso da associação entre Lampião e o coronel Isaías Arruda, apontado como a raiz e, ao mesmo tempo, catalizador das formas de sobrevivência desse sistema político inoperante. Desse modo, Lauro da Escóssia fez de sua análise a reafirmação do discurso de que o Rio Grande do Norte era exceção nas relações coronelísticas com o banditismo.

Porém, como se viu aqui, na busca pela conquista de Mossoró, Lampião também esteve entre coronéis do Estado que participavam ativamente da política de seu tempo, com destaque para Rodolfo Fernandes - filho de forte família política local, proprietário rural e industrial ligado ao setor salineiro, com membros da família no Congresso Nacional. Esse é um forte indício de que, provavelmente, não se eximisse dos embates políticos do sistema que encontrou na “fraqueza financeira dos municípios um fator que contribui relativamente para manter o coronelismo, na sua expressão governista”.¹⁵¹ Todavia, isso não foi problema para que fosse visto como o político que alavancou o desenvolvimento urbano da cidade através de melhorias, como a construção de calçamento de ruas, criação de praças, canalização de água, melhoramentos na limpeza, higienização e medidas de disciplinamento social, entre elas o combate ao jogo do bicho e fechamento de cabarés.¹⁵²

Aclamado pelo jornal *O Mossoroense* como herói da vitória da cidade diante de Lampião, o coronel Rodolfo Fernandes contribuiu para que o 13 de junho passasse de “página negra da história” a “passado glorioso da cidade”. A valorização da imagem

---

¹⁵⁰ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 40.

¹⁵¹ Ibid., p. 66.

¹⁵² RODOLPHO Fernandes de Oliveira Martins. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-02, 16 out.1927.

do coronel como o articulador da defesa de Mossoró aos cangaceiros e merecedor de júbilo foi construída através da veiculação de matérias que apontam sua determinação e coragem diante de Lampião.

O atentado contra Mossoró perdurará através de longos annos, com um brado de indignação à praga horrenda do cangaceirismo que ainda constitue para a vida do nordeste um dos graves problemas a exigirem a acção urgente de combate por parte dos governos. Se não houve victimas a lamentar, se a tentativa foi inútil, a tanto devemos à acção dos intrépidos defensores que, à semelhança de verdadeiros guardas das Termophilas fizeram com que a audaciosa cáfila captulasse deante a fuzilaria estratégica dos primeiros momentos de combate; devemos à impoluta austeridade do então prefeito municipal cel. Rodolpho Fernandes, varão querido já em vida e que tem hoje o seu nome aureolado na gratidão imorredoura e no respeito profundo de todos os mossoroenses. 13 de Junho- feito um dia festivo para Mossoró por uma lei de nossa Edilidade, não é mais do que a significativa homenagem do que nos é dado prestar à memória de Rodolpho Fernandes, e à gratidão aos que se expuseram à fúria da arremetida lampeônica de encontro aos umbraes da cidade.¹⁵³

A imagem de Rodolfo Fernandes como herói da resistência ganhou forma e dimensão no momento em que ele foi eximido das típicas características dadas aos coronéis da Primeira República. Sua entrada no panteão imaginário da cidade o fez mártir, de modo que apontaram sua prematura morte como resultado da resistência que organizou e dirigiu com “rapazes do comércio contra os facínoras durante vários dias, evitando, assim, o saque e a carnificina que a Mossoró estavam prometidos pelos bandidos. Isto lhe custou forte abalo em sua saúde, o que determinou a sua vinda ao Rio”.¹⁵⁴

A receita da fabricação do herói é concluída, portanto, com o sacrifício da vida em favor do bem comum. Vencer Lampião e morrer em decorrência dessa vitória fez de Rodolfo Fernandes o primeiro resistente influente na composição da nova data do calendário cívico que *O Mossoroense* construiu para manter o passado no presente.

¹⁵³ EVOCANDO a página negra da história de Mossoró. Ibid., Mossoró, p. 04, 12 jun. 1932.

¹⁵⁴ Rodolfo Fernandes morreu, segundo *O Mossoroense*, vitimado por um edema pulmonar. Seu sepultamento foi acompanhado por inúmeros políticos potiguares, entre eles Juvenal Lamartine, presidente eleito do Rio Grande do Norte, o Senador Ferreira Chaves, os Deputados Federais Alberto Maranhão, Rafael Fernandes, Dioclésio Dantas Duarte, Eloy de Souza e várias outras figuras de destaque da sociedade mossoroense. Cf. RODOLPHO Fernandes de Oliveira Martins. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 16 out.1927.

2.2 PASSADO PRESENTE

Nos anos de 1940, com o fim dos bandos de cangaceiros, as matérias veiculadas pelo *O Mossoroense* passaram a dar importância aos aspectos comemorativos que o 13 de junho ganhou na década anterior. A partir daí a invasão do bando de Lampião em Mossoró apareceu como princípio da derrocada do mais famoso cangaceiro do Nordeste e não se falou mais de coronelismo ou cangaceirismo. Lampião e seus comparsas não causavam mais medo, nem perturbavam as populações interioranas. No entanto, precisavam ser lembrados como contraponto aos resistentes em atos comemorativos que expressavam o lugar de Mossoró como ponto de partida ao combate ao cangaceirismo. Nesse sentido,

13 de junho é para Mossoró uma data de sacrifício e também de heroísmo. O punhal suicida de Virgulino Ferreira, descrevendo com sangue uma das páginas mais horrendas da vida nômade do cangaceirismo do Nordeste, encontrou nesta cidade um braço forte que o susteve nas suas arremetidas de destruição. Lampeão, o émulo da desordem e do crime, sicário de alma-corrompida e de instintos lombrosiano, acolimado por um grupo de malfeitores e acoitado pelo vírus de um nefasto desregramento de políticos que infelicitavam o Nordeste Brasileiro, naquela época de suas façanhas, tentou, como a mais arrojada de suas empresas, envolver esta cidade no rol das muitas que lhe foram presas.¹⁵⁵

O batismo de fogo de Mossoró passou a ser lembrado, então, como um momento especial da derrocada de Lampião. Ancorado na imagem dos cangaceiros, o jornal *O Mossoroense* insistiu em construir uma imagem gloriosa para a cidade dentro do combate ao banditismo no Nordeste brasileiro. Cabe destacar, porém, que uma particularidade dos anos de 1940 foi a maneira como essa imagem passou a ser veiculada, uma vez que Lampião já estava morto e o cangaço extinto. Para o jornal:

Mossoró não se renderia, jamais, e os precedentes que de todos eram conhecidos, atestavam nossa disposição para o árduo combate em que estariam envolvidos os seus homens para preservar a cidade da sanha do trabaqueiro das caatingas do Nordeste. A atitude homérica de um Rodolfo Fernandes, - o então dinâmico e heroico Prefeito, - conclamando seus munícipes a sustar as arremetidas do sicário, por

---

¹⁵⁵ O ATAQUE de Lampião foi o princípio da derrocada do Rei do Cangaço. Ibid., Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

de armas na mão para mais de 500 cidadãos, decididos a defender a cidade, a todo custo.

Mossoró teve seu batismo de fogo, mas o invasor astuto sentiu as consequências funestas de sua proeza. Deixando por terra alguns de seus sequazes, Lampeão fugiu acossado de perto pelo remorso da vã tentativa.

Desde então o facínora começou a sentir a derrocada de sua carreira no cangaço, até se consumir, de uma feita, a tragédia de sua vida.

Mossoró redimiu o Nordeste.¹⁵⁶

A leitura das matérias referentes ao 13 de junho, veiculadas pela imprensa, permite, pois, a afirmação de que a fama de Lampião foi a força motriz da circulação da narrativa que colocou a resistência como elemento de destaque do passado da cidade e deu ao jornal *O Mossoroense* o argumento para continuar a publicar matérias que justificassem a permanência da data como algo a ser comemorado em Mossoró.

Assim, no início da década de 1940, o discurso de que as ações dos cangaceiros eram associadas aos “desregramentos políticos que infelicitavam o nordeste brasileiro” foi perdendo força. Consequentemente, o jornal passou a revelar significativas modificações em sua forma de lembrar os desdobramentos da invasão dos cangaceiros, ao recorrer constantemente a comparações entre Lampião e Rodolfo Fernandes como estratégia de manter o interesse do leitor no fato histórico. Em suas páginas, o cangaceiro passou a ser descrito como um “potencial magnífico de energias orientadas para o mal, de grandes homens ao inverso, que simbolizavam, na sua coragem inútil, o mosaico complexo dos desajustamentos sociais, econômicos e biológicos de uma região sofredora e da sua humanidade”.¹⁵⁷ Enquanto isso, o coronel foi visto como “um sertanejo da melhor fibra moral, comandante providente, organizador, bravo” que não mediu esforços para proteger um “dos marcos da civilização nordestina”.¹⁵⁸

A permanência dessa dicotomia no jornal é revestida de visões sobre a região Nordeste como um espaço marcado pela ignorância e violência, construídas por discursos que utilizaram até questões biológicas para explicar as relações sociais existentes nesse espaço. Ao analisar a invenção do Nordeste por meio dos discursos

¹⁵⁶ O ATAQUE de Lampião foi o princípio da derrocada do Rei do Cangaço. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

¹⁵⁷ CORONEL Rodolpho Fernandes **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

¹⁵⁸ Ibid., p. 03.

produzidos através da literatura regionalista, bem como por leitura de pesquisadores como Oliveira Viana e Nina Rodrigues, Durval Muniz de Albuquerque afirma que:

O Norte, segundo pensamento naturalista, e, para alguns, o próprio país estavam condenados pelo caráter mestiço e de sua raça e também pela tropicalidade de seu clima. Segundo os seguidores da antropogeografia, bem como da biotipologia, os trópicos não eram adequados para o desenvolvimento de uma civilização e, muito menos, os mestiços e negros eram capazes de realiza-la. O calor e a umidade geravam abatimento físico e intelectual, levando à superficialidade e ao nervosismo.¹⁵⁹

Esses discursos são gestados em instituições existente no Nordeste desde a segunda metade do século XIX, como a Faculdade de Direito de Recife e a Faculdade de Medicina da Bahia, que albergaram, em sua trajetória, pesquisadores como Tobias Barreto, Silvio Romero e Nina Rodrigues. Nesses espaços se produziu reflexões sobre as doutrinas deterministas, tendo por base as leituras e “difusão de autores como Spencer, Darwin, Littré, Le Play, Le Bon e Gobineau”.¹⁶⁰

Destarte, ao publicizar posicionamentos desse nível, o jornal manteve a linha de construção do discurso que pôs Mossoró como referência regional, tanto nos embates pela liberdade dos escravos, quanto na resistência ao banditismo no Nordeste. Desse modo, Mossoró é “inventada” como marco de civilização, ao libertar os escravos, e como cidade politicamente correta diante dos desmandos que a política coronelística impunha nas primeiras décadas do século XX. O argumento era de que “os mossoroenses, os que descendiam dos libertadores de oitenta e três, escreveram, a 13 de junho de 1927, outra página que foi uma das mais significativas do seu passado”.¹⁶¹

A associação entre homens e seus feitos como algo que vai passando de geração a geração foi dada como a maior característica da cidade que libertou os escravos e resistiu ao ataque de cangaceiros. Ao mesmo tempo, essa nova perspectiva cedeu espaço para uma argumentação sobre a vida pessoal de Virgulino Ferreira, principalmente com relação às rixas de família, apontadas como uma das

¹⁵⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.71.

¹⁶⁰ SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 148-149.

¹⁶¹ CORONEL Rodolpho Fernandes. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

razões de sua entrada no mundo do crime. Por esse viés, na edição de 17 de junho de 1951, *O Mossoroense* assim afirmou sobre Lampião:

A memória do grande cangaceiro não serve apenas para uma volta ao passado. Ele terá sido o espírito mais perverso que pisou o nosso chão. Pelo seu bacamarte implacável passaram, talvez, milhares de vidas. Talvez milhares de pobres inocentes. O diabo habitava o seu corpo. Mas dizem que Lampeão entrou para o cangaço forçado pelas injustiças humanas. Ele não se terá tornado cangaceiro por uma questão de vocação. Forçaram-no, conduziram-no, arrastaram-no ao cangaço.¹⁶²

É importante ressaltar que a discussão em torno dos cangaceiros ganhou força com os estudos folclóricos. Desde a década de 1920, pesquisadores como Leonardo Mota e Câmara Cascudo descreveram e catalogaram os tipos populares nordestinos representados pelo folclore brasileiro. Seus estudos revelam que as narrativas desses sujeitos passaram por transformações singulares, com destaque para a emergência de uma narrativa que paulatinamente folclorizou o Nordeste e a construção da memória oficial que apresentou o cangaceirismo como um grande problema social e estrutural do Estado.

É nesse sentido que o trabalho dos folcloristas foi importante para a invenção do Nordeste, especificamente da cultura nordestina como um diferencial da identidade regional em relação a outras áreas do país.¹⁶³ Em suas narrativas o nordestino foi “representado pelos personagens populares que antecederam a emergência da sociedade urbano-industrial” e que pertenceram às relações sociais desse espaço, figurando entre eles os cangaceiros.¹⁶⁴

Esses indivíduos atraíram a atenção dos folcloristas e, a partir da década de 1950, de pesquisadores acadêmicos, entre eles a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiróz, que discutiu, em seus estudos, as razões que motivavam a entrada de jovens no cangaço. Segundo Maria Isaura, as brigas de parentela e os problemas econômicos, como as crises na produção dos principais produtos agrícolas (cana de

¹⁶² CRÔNICA da Semana. Ibid., Mossoró, p. 02, 17 jun.1951.

¹⁶³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 62.

¹⁶⁴ Id. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013, p.49.

açúcar e algodão), aliados às rivalidades entre os coronéis, foram fatores primordiais para o surgimento e suprimento de homens para o cangaço.¹⁶⁵

Com uma outra visão, Rui Facó argumenta ser a desigualdade social oriunda da ausência de justiça, analfabetismo, precariedade de comunicações e transportes, baixos salários e opressão do latifúndio que arrastou os sertanejos ao banditismo. Entretanto, defende ser “estes os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social”.¹⁶⁶

Na comparação dos argumentos desses dois estudiosos é possível apreender que Rui Facó, com posicionamentos marxistas, sustentou que os bandidos já faziam parte de uma luta contra a opressão da concentração fundiária e injustiças sociais, enquanto Maria Isaura Pereira de Queiróz afirmou que, além dos fatores estruturais (os problemas de parentela e conflitos por terra) e conjunturais (crise econômicas), existiram outros elementos responsáveis pelo ingresso de jovens no banditismo. Na documentação por ela pesquisada destaca-se a simpatia que atraía “jovens, adolescentes, até meninos, que buscavam os bandos atraídos pelas histórias de lutas, pela miragem de vida fácil e farta [...], pela fama aventureira daqueles indivíduos metidos em roupas vistosas, de chapéus e bandolas profusamente enfeitados com moedas de ouro”.¹⁶⁷

A entrada de Lampião no cangaço, apesar de ser relacionada à briga entre sua família com José Saturnino e, posteriormente, com os nazarenos, não explica sua inserção no mundo do crime, pois, antes mesmo da morte de seu pai, sua fama já era de cangaceiro, principalmente depois do “ataque de Poço Negro [que] assustou os Ferreiras, visto que punha em risco toda a família. Mostrou-lhes o risco que corriam. Daí em diante, os rapazes da família só andavam armados e começaram a adquirir a reputação de cangaceiros”.¹⁶⁸

Para Billy Chandler, José Saturnino foi o principal inimigo de Lampião. A intriga entre os Ferreiras e Saturnino começou por conta de uma “invasão de propriedade e

---

¹⁶⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997, p. 59-62.

¹⁶⁶ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1963, p. 47.

¹⁶⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. Cit., p. 59-64.

¹⁶⁸ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 37-40.

de pretensos roubos de animais e chocalhos”.¹⁶⁹ Diante da confusão, Virgulino Ferreira e seus irmãos acusavam um morador de Saturnino de praticar os roubos, o que causou uma intriga entre o fazendeiro e os Ferreiras, levando-os a venderem sua propriedade e transferiram-se para um lugar perto da vila de Nazaré, na comarca de Floresta. Existia um acordo entre os envolvidos para não circularem nos locais em que moravam, mas José Saturnino não cumpriu e foi até Nazaré, provocando a indignação de Virgulino e seus irmãos, que trocaram tiros com Saturnino e seu cunhado, José Nogueira. A intriga do povo de Nazaré foi motivada pela “insistência de Virgulino e seus irmãos em andarem armados no povoado e, depois que foram acusados de terem participado junto ao bando do cangaceiro Sebastião Pereira de assalto nas redondezas”, Antônio e Virgulino foram recebidos à bala em Nazaré.¹⁷⁰

Com efeito, o mundo de Lampião no cangaço também fora construído pela narrativa jornalística e, no caso de Mossoró, permanece como forma de trazer à tona passagens que envolvem múltiplos sujeitos, incluindo o comandante de volante Optato Gueiros. Em passagem publicada nos jornais, ele afirmou que “somente os que perseguiram Lampeão podem dizer algo a respeito da refinada astúcia, inteligência, resistência física e bravura do mesmo. Pressentia a aproximação das forças como um cão de caça”.¹⁷¹

Optato Gueiros procurou construir um lugar para suas memórias ao defender que aqueles que combateram a Lampião são os credenciados a falarem sobre lutas e maneiras de cangaceiros e volantes no interior das caatingas. Na verdade, o ex-volante recorreu à força de sua condição de testemunha para garantir seu lugar de fala diante das narrativas sobre cangaceiros e volantes. Sua atitude demonstra, portanto, a “dimensão de autoridade da testemunha”, seu simbolismo e referencialidade como participante da experiência com os cangaceiros.¹⁷²

Cabe frisar que a memória retratada por Optato Gueiros, inclusive em um livro, foi condicionada por uma refinada seleção de acontecimentos permeada por um campo de pressão que a narrativa, possui quando, da lembrança à escrita, muito da

---

¹⁶⁹ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 37-40.

¹⁷⁰ Ibid., p. 37-40.

¹⁷¹ GUEIROS, Optato. **Lampeão**: memória de um oficial ex-comandante de forças volantes. 3 ed. São Paulo: N.M, p. 14-15.

¹⁷² HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 218. (Coleção História & Historiografia).

singularidade do tempo da experiência se enlaça aos projetos de futuro, daí sua relação com o presente. Em sua obra, Optato Gueiros começa a narrativa com a infância de Virgulino Ferreira. Ele aponta os atritos que os Ferreiras travaram com José Saturnino e com as famílias Flor, Jurubeba e Nogueira, residentes em Nazaré, atual cidade de Floresta (Pernambuco). Comenta ainda sobre as dificuldades que volantes e cangaceiros enfrentaram na aridez do sertão pernambucano e sobre a religiosidade de Lampião e sua afeição ao Pe. Cícero Romão Batista.

Ao transformar em livro suas lembranças do tempo do cangaço, Gueiros procurou imprimir, além da autoridade, uma autenticidade à sua fala. Para tanto, justificou sua posição de perseguidor de Lampião por meio de um testemunho, dito verdadeiro. Dessa forma, transformou sua obra em fonte a ser aceita ou não por aqueles que requeriam a mesma condição de testemunha e que estavam, de certa maneira, em contato com os cangaceiros, protegendo-os ou combatendo-os.

Sem dúvida, os testemunhos sobre os cangaceiros configuraram-se em exercícios de “reconstruções da memória”. Seus relatos, publicados em livros ou entrevistas são fontes que propiciam ao historiador que trabalha com a memória refletir sobre a ausência como ponto de contato essencial entre passado e presente.¹⁷³ Dito isto, entende-se que é no espaço entre o tempo vivido e o tempo lembrado que o historiador problematiza a construção da memória, uma vez que a tensão existente entre o que deve ser ou não lembrado faz da memória uma seleção e esta, como tal, tem seus problemas.¹⁷⁴

No que concerne à memória que *O Mossoroense* passou a construir ao longo das comemorações sobre o 13 de junho, residiu no ato de lembrar o que os cangaceiros fizeram nas andanças pelo sertão, além de ter se constituído o fundamento para a construção da resistência a Lampião. A descrição da crueldade de suas atitudes diante das vítimas, como a que segue abaixo, permitiu ao jornal construir o espaço para a enunciação dos resistentes como homens unidos contra as atrocidades “previsíveis” dos cangaceiros.

---

¹⁷³ FARGE, Arlete. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2001, p. 22. (Coleção História e Historiografia); DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 184. (Coleção História).

¹⁷⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 203.

Virgulino Ferreira da Silva, por alcunha “Lampeão”. Foi o mais desalmado rei do Cangaço no Nordeste brasileiro. “Émulo do crime, comparsa de toda sorte de atrocidades que a um ser humano seria possível encampar, dominou as caatingas da vasta região nordestina, nunca deixando de estar presente nos seus requintes de perversidade dos altos sertões baianos aos do Ceará. Teve o topede de armar um assalto à cidade de Mossoró, tendo penetrado dois dias antes de levá-lo a efeito, nos hombrais do Estado, com sua matilha feroz, sedenta de sangue. Por onde passou deixou seu rastro de misérias, descrevendo com o punhal homicida as maiores páginas de infortúnio. Assaltou localidades, desvirginou moças, assassinou lavradores e fazendeiros incautos, conduziu outros como reféns, roubou, incendiou, invadiu lares indefesos, tudo de ruim fazendo, sem nenhum bem deixar em seu triste desígnio.”¹⁷⁵

Diante das expectativas geradas pela conhecidas atrocidades dos cangaceiros, emergiu a cidade civilizada, disposta a lutar em favor dos bons costumes e da ordem social. Mossoró foi construída simbolicamente, ao longo de um século de comemorações como o exemplo a ser seguido de organização, pioneirismo e civismo. Características indelévels publicadas e consolidadas a medida que recorria-se a memória histórica produzida nas páginas de *O Mossoroense*.

À sua ameaça contra a cidade respondeu a bravura dos mossoroenses, a cuja frente, nunca é possível ser esquecido o estoicismo de seu grande Prefeito, o Cel. Rodolfo Fernandes, pegando em armas para repelir. O assalto não se fez esperar. O bandido e seus asseclas empregaram-se na luta, conquanto desigual, entre abutres afeitos ao crime, escopeteiros no tiro, contra homens que jamais acreditavam em tamanha audácia. A sorte lhe foi adversa. Poucos instantes de refrega o bando abandonava o intento de domínio sobre a cidade. Era a preservação moral aos costumes, à honra da família que fizeram Mossoró sacudir a juba leonina, repelindo na altura, por seus filhos, a temerária empresa em que se empenhou o Rei do Cangaço, batido em retirada, deixando mortos e prisioneiros. A cidade estava vingada e vitoriosa. O acontecimento heroico valeu-lhe a primazia de demais sequências posteriormente fizeram os governos de então corar de vergonha, exterminando, por fim, o cangaço em todo o Nordeste. Tempos após Lampeão foi dominado e extinto seu grupo. A Câmara Municipal de então, deu ao dia 13 de junho a significação de um feriado, rememorando o feito heroico dos mossoroenses.¹⁷⁶

O heroísmo que *O Mossoroense* insistiu em apresentar foi, pela primeira vez, narrado no programa “Lições de História”, dirigido por Lauro da Escóssia Filho, na

¹⁷⁵ MAIS UM ANO, amanhã, do frustrado assalto de Lampeão à cidade de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 12 jun. 1955.

¹⁷⁶ Ibid., p. 08.

rádio Tapuio, como parte das comemorações do 13 de junho.¹⁷⁷ O objetivo era fazer com que a população mossoroense assistisse ao programa “para que ao menos tenham uma ideia do que foi, para Mossoró aquele assalto, conquanto burlado, do famigerado Rei do Cangaço”.¹⁷⁸

Nessa mesma comemoração, foi lançado o livro *Lampião em Mossoró*, de autoria do prof. Raimundo Nonato da Silva. Segundo *O Mossoroense*, “o professor Raimundo Nonato da Silva enfeixou em grande trabalho histórico todos os acontecimentos que precederam e sucederam o ataque de Lampião à cidade, num volume sóbrio, editado pela Pongetti”.¹⁷⁹ O ataque de Lampião a Mossoró, transformado em livro, reuniu os principais documentos sobre a investida dos cangaceiros em 1927. Como um escafandrista, Raimundo Nonato juntou os restos do acontecimento na intenção de salvá-los do esquecimento e, assim, transformá-los em outro referencial da invasão cangaceira, mostrando o percurso da trama que marcou a organização da invasão lampeônica e a bravura da resistência.

No jornal, o significado histórico do 13 de junho não era para “recordar a triste passagem do cortejo macabro, mas a resistência, a bravura, a intrepidez mossoroense repelindo o agressor”.¹⁸⁰ Assim, contra o medo do esquecimento, *O Mossoroense* persistiu nas comemorações, apresentando, a cada ano, uma narrativa mais simples, voltada a facilitar a circulação da resistência a Lampião. Exemplo disso é a matéria que segue:

O grupo ao penetrar na cidade pela linha da estrada de ferro, e alcançar a praça de São Vicente, abriu duas frentes, tendo uma atacado a ferrovia Mossoró, enquanto a outra se deslocava em direção a residência do Prefeito. Da esquina da casa do Senhor Antônio Ferreira Néo, o grupo dirigido pelo cangaceiro Jararaca atacou a trincheira do prefeito Rodolfo Fernandes, indo aquele bandido até o portão daquela residência, que conquanto fechada por vários fardos de algodão, tentou escalar. De cima do prédio a fuzilaria forçou o seu recuo, passando os assaltantes a posição defensiva, esquina, de onde veio um balaço para alcançar em cheio o terrível comparsa de Lampeão. Entrementes, era morto em combate um outro bandido,

¹⁷⁷ A Rádio Tapuio foi inaugurada no dia 01 de maio de 1955 e pertencia a Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia.

¹⁷⁸ MAIS UM ANO, amanhã, do frustrado assalto de Lampeão à cidade de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 12 jun. 1955.

¹⁷⁹ Ibid., p. 08.

¹⁸⁰ TRINTA anos da frustrada tentativa de Lampeão para tomar Mossoró de assalto. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 12 jun. 1957.

Colchete, cujo tiro fez voar pelos ares parte de seu crânio. Diante da resistência dos mossoroenses observou-se o recuo total dos assaltantes, arrastando-se Jararaca ferido, pela via férrea, até atravessar a ponte sobre o rio Mossoró para se internar na mata, onde somente no dia seguinte foi descoberto e trazido para a cadeia pública, de onde saiu dias depois para receber a punição pelas armas, já que os ferimentos recebidos na luta (tiro de fuzil no pulmão, atravessando-lhe o corpo), não demonstravam morte iminente. O corpo de Colchete foi trazido para a praça da Catedral, onde amanheceu o dia 14, na sua porta principal, para testemunho de sua audácia e da odisseia do nosso povo.¹⁸¹

Ao descrever os passos de Lampião em Mossoró, o jornal aproximou o leitor dos fatos, buscando, através da linearidade da narrativa, fazer a invasão circular por todos os cantos da cidade. Por conseguinte, o acontecimento cedeu espaço para a resistência e, dentro da descrição pormenorizada, construiu-se uma memória oficial sobre o 13 de junho.

Nas comemorações de 1971, a principal apresentação foi organizada pela Escola 13 de Junho, que criou cinco painéis vivos ligados à resistência cívica.¹⁸² Os painéis contemplaram os aspectos urbanos de Mossoró em 1927 e cada um acendeu discussões coordenadas por intelectuais ligados a Coleção Mossoroense, pesquisadores de outros estados, ex-cangaceiros e resistentes de 1927.

O primeiro painel, organizado por Raimundo Fernandes, retratou questões socioeconômicas e políticas; a presença das mulheres mossoroenses na luta por direitos sociais; e os usos e costumes dos cangaceiros. Esses pontos renderam um debate coordenado pela professora Maiza de Lurdes Martins.

O segundo painel, considerado a parte histórica, foi marcado pela presença de testemunhas que argumentaram sobre o 13 de junho. Em sua abordagem, o ex-cangaceiro Antônio Luiz Tavares (Asa Branca) conversou sobre o grupo de Lampião; enquanto o jornalista Lauro da Escóssia discutiu sobre a entrevista prestada por Jararaca; e, por último, Joaquim Felício de Moura, deu informes sobre a morte de Jararaca.

O terceiro painel abriu espaço para um debate com perguntas sobre a invasão e a resistência, direcionadas ao ex-cangaceiro Asa Branca e ao ex-policial João

¹⁸¹ BRAVURA e civismo dos mossoroenses. Ibid., Mossoró, p. 03-06, 13 jun.1962.

¹⁸² A escola 13 de junho foi fundada por Padre Sátiro Cavalcante Dantas, por ocasião do primeiro centenário de Mossoró, em 1970.

Batista do Nascimento.¹⁸³ A presença dessas testemunhas expôs o quanto o ato de comemorar é o tempo da naturalização e partilha das experiências individuais, organizadas em torno da construção da memória oficial sobre o 13 de junho.

No quarto painel, foram apresentadas fotografias sobre a invasão/resistência, capturadas por Sônia Rodrigues, Maria da Conceição Maciel e Luiza Maria Paula. Somou-se a exibição dessas imagens a leitura de uma crônica, escrita e lida por Erzelaide Fernandes, e a apresentação dos violeiros Francisco Pedra e Juvenal Evangelista que, com seus improvisos, exaltaram os resistentes mossoroenses.¹⁸⁴

Após as comemorações de 1971, *O Mossoroense* continuou a publicar documentos importantes sobre o 13 de junho. Em maio de 1972, por exemplo, trouxe ao conhecimento de todos a trajetória sacerdotal do Padre Luiz Ferreira da Cunha Motta, escrita pelo Cônego Francisco Sales Cavalcanti. O relato foi registrado pelo sacerdote no Livro de Tombo da Paróquia de Santa Luzia. Segundo Padre Motta:

No dia 13 de junho, deu-se o ataque: os bandidos entraram pelas fronteiras do Patu e desceram, apenas atacando aqui e ali, algumas fazendas, até chegarem ao povoado de S. Sebastião, desta Freguesia, no domingo, 12, pelas 6 horas da tarde. Ali estando o povoado deserto pela fuga das famílias, fizeram depredações em pequenos estabelecimentos, um incêndio e assassinaram um infeliz rapaz. Chegada a notícia a esta cidade, pelas 7 horas daquela noite, é impossível descrever-se o pânico do povo que começou numa debandada para todas as direções, na maior confusão e angústia. Nestas emergências, como era do meu dever de pastor, pus-me à frente para a defesa da cidade e, com as autoridades, começamos a preparar as trincheiras, enquanto eu percorria as ruas acalmando as multidões para uma fuga mais ordenada. Foram momentos terríveis!¹⁸⁵

No texto, o medo que tomou conta da população mossoroense contrasta com o dever das autoridades em defender a cidade. Na empreitada, os religiosos também foram protagonistas, à medida que mantiveram as atividades religiosas e agiram como conselheiros dos entrincheirados.

Todo o material divulgado pelo *O Mossoroense* até o início dos anos de 1970 foi utilizado como referência para a organização da primeira reconstituição histórica

¹⁸³ João Batista do Nascimento fez parte da escolta policial que matou o cangaceiro Jararaca no dia 19 de junho de 1927.

¹⁸⁴ BRAVURA mossoroense de 1927 foi revivida em painéis. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 16 jun. 1971.

¹⁸⁵ CAVALCANTI, Cônego Francisco Sales. Pe. Mota – sacerdote e benfeitor (XII). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 30 maio 1972.

do ataque de Lampião a Mossoró, que aconteceu no adro da Igreja de São Vicente, em 13 de junho de 1973. Nesse mesmo dia, o cine PAX exibiu, em duas sessões (uma às 16h e outra às 19h 45min), o filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, um sucesso do cinema brasileiro, da década de 1950, que utilizou a obra de Raquel de Queiroz como matriz narrativa do roteiro.

Produzido pela Companhia Vera Cruz, em 1953, o filme reproduziu o Nordeste como o espaço da violência e do fanatismo. Essa configuração, para Mossoró, na década de 1970, ajudou na consolidação do 13 de junho, dentro do imaginário social, como o momento em que a cidade deu sua contribuição no combate ao cangaceirismo. Logo, para além da significação cinematográfica, a abordagem histórica apresentada foi significativa porque apresentou uma leitura do Cangaço importantíssima à construção da memória coletiva sobre a resistência mossoroense a Lampião.¹⁸⁶

No ano seguinte, os cangaceiros estavam presentes novamente no jornal. Dessa vez, uma matéria intitulada “Ex-cangaceiro de Lampião, hoje fazendeiro fluminense quer amparar Asa Branca”,¹⁸⁷ que circulou no jornal *A Verdade*, tratou do interesse em empregar Asa Branca e foi justificado a partir do fragmento republicado em *O Mossoroense*, como ação generosa para amenizar a dificuldade econômica do ex-cangaceiro que, por “ser considerado um pedaço da História e do folclore brasileiro, merece, portanto, todo o nosso carinho e respeito”.¹⁸⁸

Entre a história e os estudos folclóricos, os feitos dos cangaceiros foram narrados por cantadores e poetas, sendo apresentados em versos e cantigas que narravam lutas, crimes, amizades e amores dos cangaceiros, o que contribuiu na fabricação de um outro olhar sobre a produção cultural referente a esses sujeitos. Esse trabalho de registrar o que, na maioria das vezes, estava na oralidade, se constituiu a partir da própria emergência do conceito de folclore ou de cultura popular,

---

¹⁸⁶ FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 87.

¹⁸⁷ O Jornal *A Verdade* era uma publicação que circulava no Centro Norte-Fluminense de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro. O contato foi feito pelo diretor administrativo do jornal H.N. Lange, em abril de 1974. EX-CANGACEIRO de Lampião, hoje fazendeiro fluminense quer amparar Asa Branca. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 07 abr.1974.

¹⁸⁸ Ibid., p. 01.

o que “implicou, normalmente, em atividade de seleção e de procedimentos de censura”.¹⁸⁹

Segundo Durval Muniz, esses procedimentos estariam ligados à própria seleção do que deveria se constituir como pertencentes à cultura popular. Por isso que os folcloristas, ao se debruçarem sobre o material coletado, selecionavam aquilo que era ofensivo “à moral, atentatório ao bom gosto, à civilização ou representava ameaça à ordem, às normas jurídicas, às leis, aos costumes ou aos poderes instituídos”.¹⁹⁰ O que o autor procurou mostrar foi a dimensão política do trabalho dos folcloristas e sua vinculação a gostos e valores amplamente relacionados ao pensamento político hegemônico.¹⁹¹

Obras como *No tempo de Lampião*¹⁹² e *Flor de Romances Trágicos*¹⁹³ evidenciam muito bem as transformações feitas pela escrita dos folcloristas, que empreenderam o uso imagético daqueles que se embrenharam em um estilo de vida cuja tensão de seu lugar como foras da lei mostrou a relação com a política e os interesses envolvidos, bem como as normas, valores e rede de comunicação/amizade que significaram, em grande parte, a sobrevivência dos grupos de bandidos.

A partir dos estudos folclóricos (1920-1950), os cangaceiros foram transformados em representantes de uma região “construída pelo agenciamento de uma série de imagens e enunciados que constituíam tipos regionais anteriores”.¹⁹⁴ Desse modo, a construção do discurso que produziu os cangaceiros como figuras folclóricas ocorreu a partir do novo sentido dado às experiências desses sujeitos. Enquanto bandidos, a negatividade desses personagens esteve presente nos folhetos de cordel, nas cantigas dos violeiros e nas histórias que circularam por meio da oralidade. Esse material encontrou, na delicada escrita dos folcloristas, um meio de produção e circulação de outra interpretação sobre as experiências de homens e mulheres calcinados pela seca, violência, misticismo e de dependência diante dos

---

¹⁸⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 36.

¹⁹⁰ Ibid., p. 36.

¹⁹¹ Ibid., p. 36.

¹⁹² MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília, INL, 1976.

¹⁹³ CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor de Romances Trágicos**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/Fundação José Augusto, 1982.

¹⁹⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR. Op. cit., p. 186.

proprietários de terra. Essa interpretação se constituiu em uma espécie de enquadramento do que foi denominado cultura popular, entendida como patrimônio e analisada histórica e geograficamente. Daí a invenção da cultura nordestina como espaço de experiência que garante a existência da comunidade histórica que partilha de um espaço comum, isto é, das narrativas sobre o passado divulgadas pelo jornal.¹⁹⁵

Merece destaque também nesse trabalho um grupo de intelectuais aliado ao historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo que, desde o final dos anos de 1940, passou a publicar livros sobre os principais acontecimentos históricos da cidade.¹⁹⁶ Sob a supervisão de Câmara Cascudo e liderados por Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, nomes como Raimundo Nonato da Silva, João Batista Cascudo Rodrigues, Walter Wanderley, Hélio Galvão, dentre outros, passaram a se debruçar sobre o passado mossoroense e produziram dezenas de obras que culminaram na memória sobre a abolição da escravidão e a “resistência” aos cangaceiros de Lampião.

2.3 A FABRICAÇÃO DA RESISTÊNCIA A LAMPIÃO

Na recomposição da narrativa dos fatos, é importante destacar que, antes da ordem de ataque de Lampião a Mossoró, dois bilhetes foram enviados ao prefeito da cidade, Rodolfo Fernandes. Escritas em 13 de junho, essas correspondências informais indicam que a luta entre cangaceiros e mossoroenses foi permeada por tentativas de negociações. Outrossim, revelam-se como indícios, muitas vezes considerados marginais,¹⁹⁷ na produção dos relatos sobre o acontecimento.

O primeiro bilhete, escrito pelo coronel Antônio Gurgel, tratou das condições impostas pelos cangaceiros para não atacarem a cidade.

---

¹⁹⁵ CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papius, 1995 p. 63. (Coleção Travessia do Século).

¹⁹⁶ No final da década de 1940, a família Rosado chegou ao poder com a eleição de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. Sua administração foi marcada, no campo cultural, pela criação do Museu e Biblioteca, bem como pelo incentivo financeiro para a realização das comemorações cívicas. A partir dessa década, se instaurou de forma mais intensa uma prática comemoracionista agregada ao poder público municipal, cuja principal característica eram as inaugurações de obras públicas.

¹⁹⁷ Esses bilhetes são indícios que “remontam a uma realidade complexa” e indicam uma experiência temporal pela qual a relação entre cangaceiros e resistentes mossoroenses não pode ser pensada apenas no tempo do ataque, mas desde que as expectativas geraram as possibilidades de defesa, mesmo que estas sejam a fuga ou a luta contra os bandidos. GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**; Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-17.

Meu caro Rodolpho Fernandes. Desde ontem estou aprisionado do Grupo de Lampeão, o qual está aqui aquartelado, aqui bem perto da cidade, manda, porém, um acordo para não atacar mediante a soma de quatrocentos contos de réis – 400.000\$000. Posso adiantar sem receio que o grupo é numeroso, cerca de 150 homens bem equipados e municiados à farta. Creio que seria de bom alvitre você mandar um parlamentar até aqui, que me disse o próprio Lampeão, seria bem recebido. Para evitar o pânico e derramamento de sangue, penso que o sacrifício compensa. Tanto que ele promete não voltar mais a Mossoró. Diga sem falta ao Jaime que os vinte e um contos que pedi ontem para meu resgate não chegaram até aqui, e se vieram, o portador se desencontrou, assim peço por vida de Yolanda para mandar o cobre por uma pessoa de confiança para salvar a vida do pobre velho. Devo adiantar que todo o grupo me tem tratado com muita deferência, mas, eu bem avalio o risco que estou correndo. Creia no meu respeito.¹⁹⁸

Sem espaço para a negociação direta com os cangaceiros e em meio às pressões truculentas do bando, o remetente recorreu aos laços familiares, ao pedir a Jaime Guedes (seu genro e gerente da Agência do Bando do Brasil em Mossoró) que, em nome de sua filha e neta de Antônio Gurgel, a senhorita Yolanda, agilizasse o envio do resgate. Em frases curtas e categóricas, de quem conhecia as condições do invasor, a resposta foi negativa. Mesmo assim, Lampeão insistiu na negociação e, a seu jeito, com expressões diretas, jogou o ataque à responsabilidade da autoridade municipal.

Imagem 1 - Bilhete de Lampeão a Rodolfo Fernandes (1927)

Capitão Virgolino-Teixeira (Lampeão)

Sr. Rodolpho.

Estando eu até aqui
pretendendo ir já foi um
aviso, ali por osinhoris.
se por acaso resolver eu
a mandar, será a importância
que eu pedi. Eu invito
di Entrada ali por não
vinto esta importância eu
entrarei, até ali penso que adeus
querer. eu entro e não aver
muito estrago, por isto si vir
o de eu não entro, ali mas
no resposste logo.

Copo Lampeão

Fonte: Museu Municipal Lauro da Escóssia – Pasta 10

¹⁹⁸ Acervo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia. Pasta 01 – Cangaço.

Com fortes ameaças Lampião tentou intimidar Rodolfo Fernandes, porém não conseguiu.¹⁹⁹ Em resposta, o coronel reafirmou sua posição negativa à negociação e não deixou outra opção aos cangaceiros senão atacarem Mossoró ou irem embora das fronteiras da cidade.

Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importância que pede e nem também o comércio. O Banco está fechado, tendo os funcionários se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo que o Sr. Queira fazer contra nós. A cidade acha-se, firmemente, inabalável na sua defesa, confiando na mesma.²⁰⁰

O texto escrito por Rodolfo Fernandes indica que a cidade viveu dois momentos distintos. O primeiro refere-se à fuga de grande parte da população em direção ao litoral, em razão das experiências de outros vilarejos e cidades atacadas por Lampião, famosas na imprensa pernambucana pelo uso da violência.²⁰¹ Dificilmente, as populações das pequenas cidades tinham tempo hábil para fugir de Lampião, pois suas investidas eram inesperadas e rápidas. No caso de Mossoró, a imprensa local foi a responsável em produzir esse “medo coletivo” em torno da imagem do cangaceiro, ao ponto de a primeira matéria após o ataque a Mossoró, publicada no jornal *O Mossoroense*, tê-lo chamado de ‘huno da nova espécie’.²⁰²

O segundo momento está relacionado à expectativa do possível ataque, o que fez as autoridades locais organizarem a defesa. Entre as medidas tomadas para a defesa de Mossoró estão: o mapeamento e conhecimento do bando de cangaceiros; criação da guarda municipal; arrecadação de recursos para a compra de armas e munição; e montagem de trincheira.²⁰³

¹⁹⁹ Transcrição do Bilhete de Lampião enviado ao prefeito Rodolfo Fernandes - Capitão Virgulino Ferreira (Lampião). Cel. Rodolpho. Estando eu até aqui dr°. Já foi um aviso, ahi p° o Sinhoris, si por acauso resolver, mi, a mandar será a importância que aqui nos pode. Eu envito di Entrada ahi porem não vindo esta importância eu entrarei, ate ahi penço qui adeus querer, eu entro; e vai aver muito estrago por isto si vir o dr° eu não entro, ahi mas nos resposte logo. Cap. Lampião.

²⁰⁰ Acervo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia. Pasta 01 – Cangaço.

²⁰¹ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 33.

²⁰² HUNOS da nova espécie – Mossoró continua em armas na expectativa de um novo ataque. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 26 jun. 1927. Sobre a construção coletiva do medo, ver especialmente a introdução de DELUMEAU, Jean. **História do Medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada; Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 11-52.

²⁰³ Segundo Raul Fernandes, foram montadas as seguintes trincheiras: Trincheiras de Rodolfo Fernandes (residência do prefeito – próxima a Igreja de São Vicente de Paulo), Alfredo Fernandes & Cia (sobrado localizado na Avenida Cunha da Mota), Tertuliano Fernandes & Cia (sobrado localizado

Imagem 2 - Trincheira de Rodolfo Fernandes (1927)

Fonte: FERNANDES, Raul *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*, p. 246.

Não era comum Lampião propor esse tipo de negociação. Nas cidades de médio porte em que organizou ataques, como em Souza, na Paraíba, em 27 de julho de 1924, o trato com as autoridades não foi tão protocolado como o que ocorreu em Mossoró. Assim posto, é notória a existência de uma certa apreensão por parte de Lampião em entrar na cidade e, por outro lado, um certo conhecimento das condições de ataque dos cangaceiros pelos mossoroenses.²⁰⁴

Com efeito, o tempo entre as notícias veiculadas nos jornais sobre a presença de Lampião no Rio Grande do Norte e as ações da população (fuga ao litoral) e autoridades municipais (organização da defesa) mostram o quanto a construção da memória sobre a resistência esteve inserida no tempo das expectativas. Essas duas

---

no norte da Praça Felipe Guerra), Trincheira da Estação, Trincheira da Firma Francisco Marcelino (sobrado), Trincheira Afonso Freire (Rua Padre João Urbano), Trincheira do Telégrafo (sobrado na rua do Triunfo), Trincheira M. F. do Monte & Cia (localizada à Praça dos Fernandes) e as trincheiras menores, compostas entre quatro e seis homens: Barragem, Igreja Matriz de Santa Luzia, Colégio Diocesano Santa Luzia, Torre da Igreja do Coração de Jesus, grupo Escolar Eliseu Viana, Mesa de Rendas do Estado, Mercado Municipal, Jornal O Nordeste, Grande Hotel, Usina de Força e Luz, Cadeia Municipal, Residência de Júlio F. Maia, Residência de Ezequiel Fernandes de Souza e Trincheira da Boca do Esgoto (próxima às margens do rio). FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. 6. ed. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005. p. 143-148. (Coleção Mossoroense - Série C. v. 1488)

²⁰⁴ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 49-66.

categorias, experiência e expectativa, enquanto “par de conceitos” dialógicos, foram, pois, fundamentais para a análise da construção da memória sobre a resistência.²⁰⁵

O trabalho de localizar/conhecer o grupo e armar os que decidiram lutar é exemplo de como essas categorias permitem pensar o tempo histórico e a relação entre passado, presente e futuro.²⁰⁶ Assim, exauridas as tentativas de negociação, Lampião decide atacar Mossoró. Os cangaceiros entraram pelo bairro do Alto da Conceição e travaram uma luta de pouco menos de uma hora, tempo suficiente para o sangue de Colchete e Jararaca escorrer ao redor da Igreja de São Vicente. Frustrado, Lampião sai em direção ao vale do Jaguaribe, especificamente para a cidade de Limoeiro do Norte, onde entrou festivamente no dia 14 de junho.²⁰⁷

Nos jornais, à medida que os relatos sobre o ataque desconsideraram todo o conhecimento construído durante o tempo das expectativas e colocaram a defesa da cidade como algo pautado na coragem e civismo “históricos” dos mossoroenses, abriu-se o espaço para o uso da mudança de perspectiva resultante do sucesso da resistência aos cangaceiros. A euforia da vitória se converteu, mais uma vez, na busca de notícias sobre o bando, de modo que eram publicadas matérias com informações relacionadas ao paradeiro dos cangaceiros. Segundo *O Mossoroense*:

Após o seu fracasso nesta cidade, demandou o séquito criminoso para a zona do Jaguaribe, penetrando na cidade de Limoeiro do Est. do Ceará, onde foi recebido sem nenhuma resistência. Acossados pelas forças parahybanas que aqui passaram pela manhã do dia 14, sob o cammando dos officiaes – Ten. João Costa e Clementino Kelé, que ao chegarem na cidade de São Bernardo de Russas, são denunciadas pelo telegrafista daquela cidade aos audazes quadrilheiros, estes são forçados a uma retirada de Limoeiro, verificada á noite, seguindo o rumo de Pereiro, do mesmo Est. do Ceará.²⁰⁸

A uma distância de 105 quilômetros de Mossoró, os cangaceiros não causavam mais medo aos potiguares, mas a imprensa não parou de levar ao leitor informações sobre Lampião. Alardeado como o “senhor dos sertões”, Virgulino Ferreira tornou o

²⁰⁵ KOSELLECK, Reinhart, **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos; Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 307.

²⁰⁶ Ibid., p. 308

²⁰⁷ BRITO, Raimundo Soares de. GURGEL, Antônio. **Nas garras de Lampião (Diário)**. Mossoró, RN. Fundação Vingt-Un Rosado, 1996, p. 42. (Coleção Mossoroense Série C. v. 910).

²⁰⁸ HUNOS da nova espécie – Mossoró continua em armas na expectativa de um novo ataque. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 26 jun. 1927.

cangaço na principal temática da violência rural no Nordeste brasileiro, especialmente pela brutalidade dos crimes e força de sua rede de contato.²⁰⁹ Imensa, essa rede foi construída tanto por conta dos conflitos de parentela, quanto pelo fato de ser o cangaço um negócio tão lucrativo que o memorialista Ranulfo Prata chegou a afirmar ser Lampião um “ótimo freguês” de armas e outros suprimentos.²¹⁰

A fama de Lampião extrapolou os limites do Nordeste e atraiu pesquisadores que adentraram os sertões em busca de histórias, como Leonardo Mota, que, em 1930, publicou, pela Oficina Industrial Gráfica (Rio de Janeiro), o livro *No Tempo de Lampião*. Logo nas primeiras páginas de seu livro, o folclorista assim descreveu o cangaceiro:

Amulatado e de estatura meã; magro e semicordunda; barba e nuca ordinariamente raspada; cabelos compridos e sempre que é possível perfumados; na perna esquerda encravada uma bala com que o alvejou o sargento Quelé, da polícia paraibana; o olho direito, branco e cego, escondido pelos óculos pardacentos, de aros dourados; mãos compridas, que semelham garras; os dedos cheios de anéis de brilhantes, falsos e verdadeiros; ao pescoço, vasto lenço de cores berrantes, preso no alto por valioso anel de Doutor em Direito; sobre o peito medalhas do Padre Cícero, escapulários e saquinhos de rezas fortes; chapéu de cangaceiro tipicamente adornado de correias e metal branco.²¹¹

Conforme descrito acima, o corpo de Lampião mesclava as marcas das experiências na vida do cangaço, como a religiosidade, acentuada com o misticismo, o apego ao sobrenatural e rezas proféticas que “fecham o corpo”. Tais características sacralizam seu espaço de atuação e demarcam ainda a existência de práticas religiosas, nas quais rezas e santos expressam “um poder que mantinha uma relativa autonomia com respeito ao catolicismo institucional”.²¹²

Por conseguinte, a vida errante era permeada por crenças que compunham o imaginário religioso do sertanejo, sendo as práticas devocionais momentos do tempo

---

²⁰⁹ Essa rede de lealdade foi quebrada em julho de 1938, quando um de seus coiteiros o traiu em uma emboscada na Grotta do Angico, em Alagoas. Lampião, juntamente com sua mulher e nove de seus cangaceiros, foram decapitados e suas cabeças expostas publicamente. GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Cangaceiros**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006, p. 15.

²¹⁰ PRATA, Ranulfo. **Lampião**: documentário. São Paulo: Editora Piratininga LTDA, 1934, p. 187.

²¹¹ MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampião**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília, INL 1976.

²¹² TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro. In: PEREIRA, João Baptista Borges (Org.). **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012, p. 23-36.

sagrado no cotidiano dos cangaceiros. Alguns desses momentos chegaram a ser registrados em fotografias, como nesta em que Lampião conduziu a oração ao bando.²¹³

Imagem 3 - Lampião conduz a oração no bando (1936)

Fonte: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Estrelas de Couro: a estética do cangaço*, p. 63.

Os cangaceiros eram homens cuja religiosidade estava ligada ao corpo, por meio de rosários, imagens de santos, rezas e patuás. A presença do sagrado e do profano no cotidiano do cangaço mostra bem que essas duas modalidades do ser no mundo são permeadas por concepções de tempo que fazem o “homem religioso sentir a necessidade de mergulhar por vezes no tempo sagrado” e acreditar que é este tempo que torna possível o tempo profano, onde se “desenrola toda sua existência”.²¹⁴ A religiosidade popular do sertanejo foi, de fato, uma preocupação da Igreja Católica no Brasil desde o período da romanização, iniciada pelo Concílio Plenário de 1899, entre o Papa Pio IX e os bispos latino-americanos, e que adentrou a década de 1930, com Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra. Movimentos como Canudos e Juazeiro do Norte, com suas lideranças carismáticas, explicitaram os “perigos” que essa

---

²¹³ A fotografia foi feita por Benjamim Abraão, em 1936. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro**: a estética do cangaço. São Paulo: Escrituras Editora, 2010, p. 63.

²¹⁴ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 22-79.

religiosidade poderia provocar na ordem social e levantaram a problemática das práticas místicas de beatos e cangaceiros.

Ao argumentar sobre essa religiosidade, Eduardo Hoornaert defendeu que o sertanejo foi “vítima de um contato fugidio, mecânico, formal, sempre apressado, irregular e afinal de contas pouco orgânico por parte da igreja oficial. Por isso ele cria um cristianismo próprio”.²¹⁵ A religiosidade dos cangaceiros era um misto de catolicismo popular com elementos simbólicos oficiais. Se por um lado andavam com escapulários, realizando rezas milagrosas (Pedra Cristalina), por outro possuíam devoção aos santos oficiais, como era o caso de Lampião devoto de “Nossa Senhora da Conceição, a ponto de rezar o Ofício dela todos os sábados”.²¹⁶ Junto ao corpo, além dos objetos sagrados, esses sujeitos levavam uma pesada vestimenta, vital à sobrevivência no atribulado cotidiano da caatinga. A indumentária era constituída por:

[...] dois pesados embornais de balas e bugigangas, protegidos por uma coberta e xale finos; tórax guarnecido por três cartuchearas bem providas; ágil como um felino, mas aparentando constante estropiamento e exaustão; às mãos o fuzil e à cinta duas pistolas parabellum e um punhal de setenta e oito centímetros.²¹⁷

Líder do principal bando de cangaceiros que assolou o Nordeste entre 1922 e 1938, também chamado de “duende das estradas, assombração das matas e caatingas”, Lampião representou um tipo de banditismo que foi além das lutas de parentela e rivalidades políticas. Desse modo, o cangaço pode ser considerado “forma de viver (e sobreviver) profissionalmente” que gerava dividendos aos seus “amigos” (coiteiros) e despesas aos estados que insistiram em persegui-lo.²¹⁸

Como se pode ver, a dimensão social da violência no cangaço, no tempo de Lampião, fez da vitória mossoroense ato memorável nos jornais. Considerados monstros sociais, os cangaceiros presentes na escrita jornalística, em sua maioria

²¹⁵ HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo Moreno do Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990, p. 49.

²¹⁶ Ver os estudos sobre a Igreja Católica e a sociedade brasileira de: AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II: terceira época: 1930-1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 11-19. (Coleção História geral da Igreja na América Latina); QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil. In: SACHS, Viola. **Brasil & EUA**: religião e identidade nacional et al. Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 59-83.

²¹⁷ MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. 3. ed., Rio de Janeiro, Cátedra: Brasília, INL, 1976, p. 01

²¹⁸ PERICÁS, Luís Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 18.

ligada ao direito ou às letras, geraram, na década de 1920, um olhar sobre a violência rural, cuja justificativa estava nas falhas das instituições jurídicas, na ausência de forças policiais e nos vícios políticos, fomentadores da proteção aos criminosos.²¹⁹

A partir dessa perspectiva passou-se a admitir que foi no meio social e político que os cangaceiros articularam seus apoios e sobreviveram às mais severas perseguições.²²⁰ Junto a essas discussões, a imagem do cangaço e do cangaceiro passou por transformações. Segundo Luís da Câmara Cascudo, esse conjunto de transformações

[...] desmoralizou o tipo romântico do cangaceiro. Outrora todos os valentões, chefes de quadrilha, tinham atitudes simpáticas, gestos cativantes, ações generosas. Poupavam as crianças, respeitavam os lares, veneravam os velhos, faziam casamentos, cobravam dívidas e que os ricos recusavam pagamento, rasgavam processos forjados pelo mandonismo político. Lampião acabou com a tradição de Jesuíno Brilhante, Adolfo Meia Noite, Antônio Silvino. É malvado, ladrão, estuprador, incendiário, espalhando uma onda de perversidade, inútil e de malvadeza congênita onde passa. Mas, anos passados, ainda Lampião estava na fase inicial e era supersticioso. Em Caraúbas, narraram-se pormenores interessantes da sua psiché. Não entrava nas casas onde via o retrato do padre Cícero Romão Batista, seu padroeiro nas terras cearenses. Venerava os oratórios. Ficava parado, descoberto, silencioso, diante dos velhos altares domésticos, cheios de santos coroados de ouro, torçais de ouro, terços e rosários de ouro, sem tocar numa peça. Dinheiro de santo é sagrado. As famílias aproveitavam este acatamento às imagens, escondendo, nos oratórios, todos os objetos preciosos, dinheiro em papel, títulos de propriedades. Lampião julgava que tudo virara tabu. Hoje evoluiu. Não espera que os Santos vigiem os patrimônios. Quebra os santuários e carrega as promessas pagas.²²¹

²¹⁹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 88.

²²⁰ BATISTA, Pedro. **Cangaceiros do Nordeste**. Parayba do Norte: Livraria São Paulo, 1929 (Especialmente o capítulo I, quando se refere às relações entre proprietários e bandidos e cita o Rio Grande do Norte); OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião**: cangaço e Nordeste. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1970 (Principalmente a introdução, quando comenta sobre as condições políticas e sociais existentes no Nordeste do período do cangaço); GUEIROS, Optato. **Lampeão**: memória de um oficial ex-comandante de volante. 3. ed. São Paulo: [s.n.], 1953 (Ver a introdução e o capítulo XV – Beatos e cangaceiros no Ceará); MONTENEGRO, Aberlado F. **Fanáticos e cangaceiros**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973. (Ver a História do cangaceirismo no Ceará); MACHADO, Maria Christina Russi da Matta. **Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro**. São Paulo: Coleção da revista de História. 1974 (capítulo I – O cangaceiro como resposta à violência do coronel).

²²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense. Série B. n. 1138, 1992, p. 37-38.

Para Câmara Cascudo, a quebra do “código dos sertões”, presente nas ações do cangaceiro romântico, desvencilhou, em parte, o cangaceiro de ser jagunço dos coronéis e o levou ao cangaço como meio de vida perigoso e rentável.²²² De acordo com Billy Chandler, o código dos sertões seria um conjunto de posturas relativo ao culto à honra e à vingança pelo insulto. O historiador procurou justificar a violência no interior dos Estados do nordeste do Brasil a partir das relações existentes nesse espaço, no que tange à terra e aos laços de parentesco. Outras questões também podem ser discutidas a partir das reflexões de Chandler, como a ineficiência da justiça e da polícia, que praticava ações tão bárbaras quanto os cangaceiros e eram protegidos por estarem a serviço do Estado.

Essa mudança facilitou a inserção do cangaceiro romântico como representação de um tipo de fora da lei, justiceiro de crimes a seus familiares e indefesos, no contexto das lutas de parentelas e abusos dos proprietários rurais. No Rio Grande do Norte, o exemplo do tipo romântico de cangaceiro foi Jesuíno Alves de Melo Calado (Jesuíno Brilhante). Nascido em março de 1844, no sítio Tuiuiú, em Patu (RN), e morto em Riacho dos Porcos, município de Brejo do Cruz, Paraíba, em dezembro de 1879. Jesuíno foi protagonista de uma sangrenta luta entre as famílias Limão e Calado, motivada, segundo Câmara Cascudo, por conta do roubo de uma cabra, encontrada morta na casa dos Limões. Considerado um cangaceiro gentil-homem, o boiadeiro romântico, espécie matuto de Robin Hood, adorado pela população pobre, Jesuíno Brilhante foi narrado na literatura de cordel e nas canções populares como defensor dos fracos, dos velhos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas. Visão que ganhou força, em Mossoró, durante a década de 1970, com a publicação em livro de documentos e matérias jornalísticas sobre a trajetória de Jesuíno.²²³

Assim, a quebra de sentido do uso da violência tem em Lampião a emergência de um novo tipo de cangaço, causador de terror aos inimigos e populações assaltadas.

---

²²² CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 37.

²²³ SILVA, Raimundo Nonato da. **Jesuíno Brilhante: o cangaceiro romântico (1844-1879)**. 3. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2007, p. 107. Sobre a trajetória de Jesuíno Brilhante ver: TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. (A primeira edição é de 1895); BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos: os cangaceiros do Nordeste**. São Paulo: ABC Editora, 2012; CARVALHO, Rodrigues de. **Cancioneiro do Norte**. 3. ed. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1967 (A primeira edição é de 1903). CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor dos Romances Trágico**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/Fundação José Augusto, 1982.

Esse novo sentido social da violência, que emergiu com o cangaço enquanto negócio, reforçou, portanto, o discurso da resistência mossoroense a partir da distinção do Rio Grande do Norte em relação aos outros Estados brasileiros no que tange ao coronelismo. Em contrapartida, o Ceará, considerado “casa dos cangaceiros”,²²⁴ serviu como exemplo às investidas da imprensa quando se reportou à relação entre coronelismo e cangaceirismo.²²⁵

Os acontecimentos de 13 de junho, ainda que rechaçados os malfeitores, deixaram no espírito do povo a mais dolorosa impressão. É que na sua marcha voraz, em terras do Ceará, para onde seguiram, os bandidos iam nos ameaçando e zombando dos esforços do nosso governo bem certo como estavam de impunidade naquele Estado onde contam com fortes elementos de proteção! É lamentável, parece uma utopia, mas é a verdade! Triste verdade! Entretanto possui o Ceará grandes forças e elementos combativos capazes de exterminar Lampião e quantos outros da mesma espécie. Mas o mal, a causa primordial da fortaleza do banditismo que hoje infesta o Nordeste, é a baixa politicagem, é a prepotência de certos chefes de partidos que contam com os serviços dos bandidos em momentos asados, coparticipando até dos roubos praticados por estes com o sacrifício da economia dos homens laboriosos, da honra das famílias e da vergonha das sociedades bem formadas. O nordeste brasileiro precisa do amparo da federação, estabelecendo o governo federal postos militares, de destacamentos organizados, como no sul do país.²²⁶

As críticas ao Ceará, por supostamente defender os cangaceiros, eram reforçadas não só na imprensa, mas também nos documentos oficiais Norte-rio-grandenses, que apontaram os esforços do estado em “aumentar os efetivos da

²²⁴ Entrevista concedida por Rodolfo Fernandes ao jornal pernambucano Diário da Manhã na edição de 04 de outubro de 1927. Ver: FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005, p. 284. Coleção Mossoroense (Série C, v. 1488)

²²⁵ Os atritos que circularam na imprensa, entre Rio Grande do Norte e Ceará, remontam a grande parte do século XIX e às duas primeiras décadas do XX, quando os dois estados disputaram na justiça o território salineiro de Grossos (a Questão de Grossos). Na imprensa, tanto discutiu-se a questão da identidade dos nascidos no território potiguar, como se produziu a imagem do Ceará como estado invasor. Ver: Id., **O (in)imaginável elefante mal-ajambrado: a questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte e o exame da formação espacial e identitária norte-rio-grandense na Primeira República**, 2012. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2012. Ainda nos anos de 1920, o jornal O Mossoroense não media esforços em criticar o Ceará pelo misticismo representado na figura do Padre Cícero Romão Batista e pelo apoio que os cangaceiros possuíam no estado. As discussões sobre essa relação aparecem nos conflitos políticos entre coronéis do Cariri cearense e suas articulações em arregimentar jagunços e cangaceiros, o que reforçava a imagem política do Padre Cícero como protetor de bandoleiros. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1976, p. 146-148.

²²⁶ O BANDIDO Lampeão e seu grupo. **O Nordeste**, Mossoró, p.01, 09 jul. 1927.

capital e do interior e dividi-la em dois corpos sendo um na capital e outro em Mossoró para atender a zona das serras”.²²⁷

Em Mossoró, o clima festivo em razão da vitória ante os cangaceiros, fez o Presidente do Estado, José Augusto Bezerra de Medeiros, ser homenageado em agradecimento ao apoio na defesa da cidade. O ato, na verdade, não passou de um evento político organizado pela imprensa local, haja vista que a contribuição do governo foi tão ínfima a ponto de não aparecer registros de participação governamental nos relatos que circularam na imprensa antes do ataque.

Grande parte desse material impresso circulou nos jornais entre as décadas de 1920 e 1940, mas somente no início dos anos 1950 começaram a ser publicados em formato de livro. Eram coletâneas de documentos oficiais e jornalísticos, grande parte resultado do trabalho dos intelectuais mossoroenses²²⁸ nos arquivos públicos e particulares sobre os acontecimentos selecionados como o passado da cidade. A viabilidade dessas publicações se deve à retomada das temáticas referentes ao Nordeste, no início da década de 1950, quando o cangaceirismo foi objeto na literatura e no cinema.²²⁹

Concomitante ao que se instalava no cenário nacional, em Mossoró, com a eleição de Jerônimo Dix-Sept Rosado para prefeito, em 1948, ganhou forma o discurso de que a cidade vivia um novo tempo. Serviços públicos, como abastecimento de água, melhorias dos espaços de lazer e calçamento de ruas, foram ampliados e viraram propaganda oficial no jornal *O Mossoroense*. Porém, foi no campo da cultura que a gestão Dix-Sept Rosado se notabilizou, em grande medida pela ação de seu irmão, Vingt-un Rosado, criador da Coleção Mossoroense, em 1949, que, aliada ao Boletim Bibliográfico, foi a responsável pela publicação de documentos e estudos sobre o passado da cidade.

---

²²⁷ Relatório do Presidente de Estado do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, em outubro de 1927. Natal, Typografia d'A Republica, 1927, p. 93.

²²⁸ No caso desta pesquisa, Vingt-un Rosado, Raimundo Nonato da Silva e Raul Fernandes, homens ligados à Coleção Mossoroense ou ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), Academia Norte-riograndense de Letras (ANL) e Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP).

²²⁹ Essa retomada foi feita na literatura e no cinema com as obras de REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953; QUEIROZ, Raquel de. **Lampião**: drama em cinco atos. Rio de Janeiro, 1954; **O CANGACEIRO**. Direção: Lima Barreto. Produção: Cid Leite da Silva. Intérpretes: Alberto Ruschel, Marisa Prado, Milton Ribeiro e Vanja Orico, Adoniram Barbosa, Zé do Norte. Roteiro: Lima Barreto: Companhia Cinematográfica Vera Cruz S.A, 1953. 94 min.54seg.

Influenciador do angariamento dos recursos às “condições tipográficas”, Vingt-un Rosado coordenou os trabalhos da editora Coleção Mossoroense em sintonia com as práticas escriturárias de instituições como a Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG-RN) e Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP). Dessa parceria são significativos os estudos de Raimundo Nonato e Raul Fernandes sobre o 13 de junho de 1927, respectivamente em *Lampião em Mossoró* (1953) e *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró* (1980).

Pensado no inverno de 1953 e publicado dois anos depois, *Lampião em Mossoró* explica o ataque dos cangaceiros por meio de uma coletânea de matérias jornalísticas, textos de folcloristas, cordéis e fotografias. Estão presentes na coletânea as matérias que circularam nos jornais em 1927. De Natal, foram utilizadas edições de 12 a 21 de junho do jornal *A República* e a edição de 05 de junho do *Diário de Natal*. Em Mossoró, ganharam destaque *O Mossoroense*, entre 16 de junho e 03 de julho; *Correio do Povo*, entre 15 de maio e 31 de julho; e *O Nordeste*, de 14 de maio a 15 de agosto.

Igualmente estão citados na obra os depoimentos dos cangaceiros presos, Mormaço (Francisco Ramos de Almeida) e Bronzeado (Manuel Ferreira); os artigos de Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Viajando o Sertão*; o texto “Repressão ao Banditismo”, do livro *Meu Governo*, de Juvenal Lamartine; o Diário do Coronel Antônio Gurgel (refém de Lampião durante o ataque a Mossoró); os cordéis de José Lima de Oliveira (O ataque a Mossoró e a vitória desta cidade), José Octávio Pereira Lima (O ataque de Lampião a Mossoró) e José Cordeiro (*Perseguição de Lampião pelas Forças Legais*); parte do livro *Ataque de Lampião a Mossoró pelo Romanceiro Popular*, de Veríssimo de Melo e; os autos de perguntas feitas aos cangaceiros (Jararaca José Leite de Santana) e Casca Grossa (Miguel Inácio dos Santos). As fotografias utilizadas foram do bando de Lampião em Juazeiro do Norte (Ceará) e dos mossoroenses. Todas foram reveladas no Ateliê José Otávio em Mossoró.

Segundo Raimundo Nonato, o intuito de organizar essa documentação foi levar ao leitor “o noticiário exato e a descrição minuciosa das cenas de vandalismo praticadas pelo grupo de Virgulino Ferreira, na sua passagem pela Zona Oeste do Rio

Grande do Norte”. Sua descrição foi tão detalhista que permitiu ao engenheiro Francisco Monte produzir o mapa do itinerário de Lampião no Estado.²³⁰

Mapa 1 - Itinerário de Lampião no Rio Grande do Norte (1927)

Fonte: SILVA, Raimundo Nonato da. *Lampião em Mossoró*, p. 11.

O trabalho cartográfico realizado pelo engenheiro referenciou a articulação entre espacialidade e identidade do Rio Grande do Norte como território no qual “não viceja a fauna dos coiteiros”. Além disso, serviu de ferramenta à consolidação do discurso do heroísmo da resistência a Lampião, à medida que o lugar de Mossoró, espaço moderno e urbano, contrastou com o dos cangaceiros, representantes do mundo rural, atrasado, violento e ignorante.²³¹

²³⁰ SILVA, Raimundo Nonato da. **Lampião em Mossoró**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956, p. 13.

²³¹ Ibid., p.16.

Enquanto componente do discurso sobre a memória da resistência mossoroense, o mapa indica ao leitor o percurso dos cangaceiros desde a Paraíba ao território cearense, estados descritos na imprensa local de forma distinta com relação ao tratamento dispensado ao cangaço. Enquanto a Paraíba era reconhecida pelo esforço em combater o cangaceirismo, o Ceará foi a referência negativa no discurso que apontou o Rio Grande do Norte como espaço politicamente livre das relações coronelísticas e com ações voltadas ao enfrentamento do banditismo. Nessa perspectiva, a representação de si a partir da produção do outro, presente nos impressos desde o início do século XX, diferenciou o Rio Grande do Norte dos demais estados do Nordeste brasileiro e também serviu aos interesses das autoridades financiadoras do livro de Raimundo Nonato de fazer circular os novos discursos sobre o crescimento urbano e cultural da cidade.²³²

Na construção dessas espacialidades, portanto, as diferenças entre os pares campo/cidade, urbano/rural, civilizado/selvagem emergiram e passaram a compor, na década de 1950, sobretudo a partir da obra de Raimundo Nonato, um monumento para a memória histórica do ataque/resistência que fez aflorar o tempo memorável, aquele “entre o evento e seu relato”, isto é, o que foi veiculado nos jornais e usado pelos intelectuais da Coleção Mossoroense. A construção do tempo memorável se dá, segundo Lucette Valensi, na distinção entre o evento e o seu relato, uma vez que este “não se contenta em se ater ao evento, separando em sua duração sequências distintas. Sendo composto quando já é conhecida a conclusão, poderíamos dizer que começa pelo fim. Pois, para chegar lá, seleciona na abundância dos fatos aqueles que, inelutavelmente, conduzem ao desenlace”.²³³

No que diz respeito às fotos utilizadas por Raimundo Nonato em seu livro, expressam não só os procedimentos de análise da fonte por ele empreendidos, mas o próprio sentido que buscou imprimir ao texto. Ao reproduzir, por exemplo, a imagem fotográfica do bando de Lampião publicada pelo *Correio do Povo* em 1927, o autor não levou em conta o contexto da publicação da imagem na imprensa, nem percebeu

---

²³² O final da década de 1940 é o momento em que a Família Rosado chega ao poder e vai empreender forte propaganda de suas realizações tanto na imprensa da capital como em Mossoró. Sobre a construção da representação do outro e suas relações de poder, ver: HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**: ensaios sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 15-30.

²³³ VALENSI, Lucette. **Fábulas da memória**: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo; Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 36-37.

que ali existia uma relação de força entre os interesses do jornal, em levar ao leitor notícias sobre os cangaceiros, e o interesse de Lampião em mostrar que não foi derrotado em Mossoró.

No jornal, a imagem possuía a legenda “Ainda o frustrado ataque de Lampião a Mossoró” e o seguinte comentário: “os bandidos que atacaram Mossoró em 13 corrente, sendo repellido, deixando um morto, um prisioneiro e muitos feridos. São chefiados por Lampião, Sabino e Massilon”.²³⁴ A mesma imagem, entretanto, aparece em *Lampião em Mossoró* com outra legenda, foi adaptada por Raimundo Nonato a partir do acervo do Museu Municipal.

Imagem 4 - Bando de Lampião em Limoeiro (junho de 1927)

Fonte: SILVA, Raimundo Nonato da. *Lampião em Mossoró*, p. 107.

²³⁴ NOTÍCIAS e Notas Diversas. *Correio do Povo*, Mossoró, p. 02, 26 jun. 1927.

Ao deslocar a imagem do texto jornalístico e modificar o sentido que foi passado ao leitor,²³⁵ Raimundo Nonato tornou evidente que, além da natureza polissêmica da fotografia, é preciso compreender que “o contexto da imagem fotográfica não é o seu conteúdo, mas o modo de apropriação da imagem como artefato”.²³⁶ Isso esteve em jogo quando a imagem dos cangaceiros circulou no jornal com sentido e forma bem diferentes de seu uso e acesso enquanto fonte histórica ou objeto museológico.²³⁷ Para Marc Ferro, a imagem fotográfica “é também uma informação que, como uma palavra, um texto escrito, um discurso”, expressa interesses tanto de quem a produz, como de quem se deixa fotografar.²³⁸ Prova disso é a imagem captada em Limoeiro do Norte, que, sem elementos que prejudicassem a invencibilidade do bando, aponta o quanto Lampião era conhecedor da importância da fotografia “para expor a imagem que queria dar a si mesmo” e a seu bando.²³⁹ Para corroborar com a tranquilidade expressa na imagem, Lampião fez chegar a todos que entrara festivamente, “com chapéus e rifles enfeitados com fitas de todas as cores e com vivas ao Governo do Ceará, ao Padre Cícero e a todos os santos que lhes vinham à lembrança”, em Limoeiro do Norte e por lá ficou até o dia 16 de junho.²⁴⁰

Enquanto “registro (expressivo) da aparência”, a referida fotografia do bando de Lampião, que serviu de contraponto às matérias jornalísticas sobre a derrota dos cangaceiros em Mossoró, vem acompanhada, no livro de Raimundo Nonato, por uma outra dos defensores da cidade, a qual não circulou nos jornais após o ataque.²⁴¹

---

²³⁵ Sobre a questão das legendas no uso de fotografias em jornal e sua importância na interpretação da imagem pelo leitor ver as análises feitas por Jeziel de Paula a partir das reflexões de George Sadoul. DE PAULA, Jeziel. **Imagens construindo a história: a fotografia na difusão do imaginário constitucionalista** de 32. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de pós-Graduação em História.

²³⁶ LIMA, Solange Ferraz de Lima. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011, p. 31.

²³⁷ BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 41.

²³⁸ FERRO, Marc. A quem pertence as imagens? In: NOVOA, Jorge. FRESSATO, Soleni Biscouto. FEIGELSON, Kristian (Org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 16.

²³⁹ GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião: senhor do Sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 28.

²⁴⁰ BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião: diário do coronel Antônio Gurgel**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1996, p. 42. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 910).

²⁴¹ KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 45.

Imagem 5 - Resistentes Mossoroenses (1927)

Fonte: SILVA, Raimundo Nonato da. *Lampião em Mossoró*, p. 165.

Como parte do acervo do Museu Municipal, a imagem dos mossoroenses compõe o Álbum da Resistência, juntamente com matérias jornalísticas que circularam entre as décadas de 1920 e 1990.

Voltado mais à organização que à problematização da documentação sobre o ataque e resistência aos cangaceiros, *Lampião em Mossoró* elucida bem os objetivos da empreitada dos intelectuais da Coleção Mossoroense pelo passado: construir monumentos de papel para albergar a memória da resistência, levantando “do esquecimento, do pó dos arquivos e das páginas dos velhos jornais da época” os documentos que revelassem as narrativas sobre o ataque/defesa da cidade. Esse árduo trabalho fez do livro uma espécie de almanaque sobre o ataque dos cangaceiros.²⁴²

²⁴² SILVA, Raimundo Nonato da. **Lampião em Mossoró**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956. p. 13.

Na primeira edição, como aponta correspondência estabelecida entre Raimundo Nonato e Vingt-un Rosado,²⁴³ a circulação ocorreu da seguinte forma: dos 500 exemplares impressos, foram enviados a Mossoró, para venda avulsa, apenas 60 livros, enquanto para Vingt-un Rosado, dos 150 prometidos, foram remetidos entre 100 e 120. Estes exemplares seriam distribuídos entre instituições e pesquisadores de sua rede de sociabilidade, sendo os demais disseminados no Rio de Janeiro.

A distribuição elucida que a circulação das narrativas sobre a resistência mossoroense a Lampião efetuou-se especialmente no Rio de Janeiro. A explicação para isso é o interesse da colônia norte-rio-grandense residente na capital carioca, somada ao pequeno volume impresso e ao público interessado pelas leituras sobre o Nordeste, particularmente relacionadas ao cangaço, o que ficou claro com a segunda edição do livro, já em 1956.

A análise da obra *Lampião em Mossoró* permite, pois, perceber que ela fez parte da estratégia de circulação e uso da imagem da cidade pensada pela família Rosado, sobretudo a partir da atuação de Vingt-un Rosado em várias frentes. Em nível nacional, essa articulação se deu com a editora Pongetti (Rio de Janeiro), já em nível regional ocorreu a partir de seu contato com as diversas instituições culturais. Por último, em nível local, tal aproximação se deu graças a sua relação com a imprensa escrita (*O Mossoroense*) e falada (Rádio Tapuio).

Em sua fala na Câmara Municipal de Mossoró, no início de abril de 1955, e publicada em junho, o prefeito Vingt Rosado citou, entre outras realizações de sua administração, a publicação do livro *Lampião em Mossoró*, de Raimundo Nonato da Silva, pela Coleção Mossoroense como o enriquecimento da bibliografia provinciana e nordestina.²⁴⁴

Além da primeira edição de 1955, o livro foi reeditado mais cinco vezes entre 1956 e 2003. Das últimas edições, a quarta (Coleção Mossoroense, 1989) merece atenção, haja vista as alterações que sofreu em seu conteúdo. As modificações esclarecem o manuseamento de fontes e os interesses em manter o livro como algo que revitaliza o conhecimento sobre o ataque/resistência. Nessa versão, foi retirado parte dos documentos do arquivo do Departamento de Segurança Pública do Estado

---

²⁴³ Carta de Raimundo Nonato da Silva para Vingt-Un Rosado. Natal, 02/06/1955. **Acervo Pessoal de Vingt-un Rosado**. Pasta 05.

²⁴⁴ MAIS UM ANO, amanhã, do frustrado assalto de Lampeão à cidade de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 12 jun.1955.

(principalmente os telegramas que mapearam a localização dos cangaceiros e aqueles que parabenizavam a cidade pela defesa diante de Lampião), a fotografia dos resistentes e os versos sobre a *Vida e Morte de Jararaca*, que corresponde à segunda parte do cordel *A derrota de Lampião em Mossoró*, de José Octavio Pereira Lima.

Ao mesmo tempo, foram inseridos novos documentos sobre o ataque, quais sejam: registro no Livro de Tombo da Matriz; o Relatório de Jaime Guedes; dois textos de Raimundo Nonato; a Programação comemorativa ao cinquentenário da Resistência Cívica a Lampião; e o texto *Três crônicas sobre o Treze de Junho*, de Vingt-un Rosado, no qual fez considerações sobre o crescimento das comemorações da resistência mossoroense como tendência cada vez mais acentuada na cidade.²⁴⁵

As alterações mostram que, na construção da memória, a seleção de fatos e documentos também constitui um trabalho de esquecimento. Nesse sentido, sua relevância volta-se à compreensão dos novos usos e sentidos que, do presente, se dão ao passado. Isso indica não ser a memória algo pronto, mas que pode ser problematizada como algo “móvel, deslocável [...] e que produz num lugar que não lhe é próprio”.²⁴⁶

Sob essa ótica, pode-se admitir que o esforço dos intelectuais mossoroenses envolvidos na escrita do passado sobre o 13 de junho de 1927 caiu mais nas malhas do trabalho que produz a memória e menos na operação de escrita da história. Assim posto, *Lampião em Mossoró* é mais que uma simples compilação de documentos, é resultado da operacionalização de interesses voltados à fabricação da memória sobre a resistência mossoroense e que elevou seu autor, a partir do “sentido público” que conquistou, ao título de memorialista da cidade.²⁴⁷

Outra obra que tratou sobre a resistência mossoroense ao ataque dos cangaceiros foi *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*, escrita por Raul Fernandes

---

²⁴⁵ O primeiro texto, publicado no jornal O Poty, em 25 de maio de 1977, é um comentário sobre o júri simulado de Lampião, enquanto o segundo tem por referência as considerações feitas nas sessões de 01 de junho e 30 de agosto, pelo deputado Dioclécio Duarte, sobre as medidas de segurança para o Nordeste, entre elas a “organização de batalhões do Exército, constituídos de filhos da região, que fossem aí estacionados, com a vantagem da fixação dos elementos de trabalho e produção”. SILVA, SILVA, Raimundo Nonato da. **Lampião em Mossoró**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1955. p. 173.

²⁴⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 162.

²⁴⁷ O sentido público de uma obra é tomado aqui na análise feita por Pierre Bourdieu, quando, ao discutir o mercado dos bens simbólicos, defendeu ser o sentido público da obra o elemento definidor do autor e “ao qual está obrigado a definir-se”. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 113.

e publicada em 1980 pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.²⁴⁸ Diferente de Raimundo Nonato, que utilizou documentos escritos, Raul Fernandes foi em busca das vozes sobre o passado e, a partir da década de 1950, começou a entrevistar resistentes e contemporâneos do ataque.

A opção pelas narrativas orais como fonte para a escrita sobre o ataque dos cangaceiros remete à discussão sobre memória e temporalidade em uma relação que “atualiza e presentifica o passado” por meio da seleção do que deve ou não ser lembrado, o que faz das experiências narradas algo distante do que foi vivido.²⁴⁹ O distanciamento entre a experiência e sua lembrança não retira, entretanto, a credibilidade do relato oral, pois sua importância não se resume à relação entre o lembrado e o esquecido, nem a possíveis divergências factuais e temporais, mas na relevância que possui para a constituição e uso da memória histórica no presente,²⁵⁰ bem como na compreensão das ressignificações que a testemunha e o entrevistador fazem, respectivamente, do fato lembrado e da utilização do relato.²⁵¹

Raul Fernandes narrou a Mossoró dos anos 1920 a partir de suas lembranças e dos entrevistados. Destas, surgiram lugares como o mercado, a Loja Maçônica 24 de junho, o Cine-teatro Almeida Castro; comemorações, como as festas juninas; o badalar dos sinos da igreja; os jornais da cidade; as conversas de calçada; a citação de canções que remetiam ao cangaceiro Jesuíno Brilhante; as histórias sobre o cangaceiro Antônio Silvino; e, por último, o plano urbanístico que seu pai estava a desenvolver.²⁵² A essas lembranças agregaram-se as de 109 entrevistados, entre 1950 e 1977,²⁵³ cujos relatos foram a fonte na produção sobre a resistência

---

²⁴⁸ Mossoroense, filho de Rodolfo Fernandes, nasceu em 09 de setembro de 1908. Formado pela Faculdade de Direito da Bahia (1930) e em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1932), Raul Fernandes foi professor do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sobre sua biografia ver o texto de Veríssimo de Melo em: FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. 6. ed. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005. p. 15-16. (Coleção Mossoroense - Série C. v. 1488).

²⁴⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, São Paulo, n. 6, p. 09-25, jun. 2003.

²⁵⁰ FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 70.

²⁵¹ COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul/dez. 2014.

²⁵² FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005, p. 23-29.

²⁵³ Dos entrevistados selecionados por Raul Fernandes 87,1 % eram homens. Em sua maioria, 67,3 %, foram entrevistados entre 1968 e 1971. No que diz respeito às mulheres, o percentual de entrevistadas

mossoroense, que, entre seus objetivos, procurou eximir o então prefeito, Rodolfo Fernandes, dos crimes cometidos contra os cangaceiros.²⁵⁴

Ao prefaciar essa obra, Câmara Cascudo afirmou que, ao ler a “marcha admirável”, creu “que Raul Fernandes ouvia a confiança sonora e persistente de Luís de Camões: não me mandas contar estranha história, mas mandas louvar dos meus a glória”!²⁵⁵ Com essas palavras, Cascudo levou ao leitor o objetivo do livro: reforçar a imagem de Rodolfo Fernandes como exemplo de homem público e herói da resistência aos cangaceiros liderados por Lampião. A invasão dos cangaceiros, narrada em *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*, trouxe particularidades antes desconhecidas, como a descrição da fuga da população, feita por Francisco Agripino.²⁵⁶

Deslocava-se pelas ruas, na incerteza de conseguir transporte. Mulheres em desalinho, com os olhos banhados em lágrimas, sobraçando trouxas, haveres, garrafas d’água, crianças no colo, ou seguras pela mão, desciam entre a multidão. Soluços pungentes rompiam do seio dos agrupamentos. Famílias inteiras, com levas de retirantes ou deslocados de guerra, lotavam os raros caminhões e automóveis que saíam disparados, em direção à costa.²⁵⁷

O desespero em sair da cidade bateu à porta de todos. Aqueles que organizaram a defesa e possuíam informações detalhadas sobre as condições de luta e o paradeiro dos cangaceiros também estavam preocupados na retirada dos familiares, como foi o caso de Rodolfo Fernandes, que assim narrou o momento:

Meu pai, não podendo ausentar-se da cidade, ordenou-me sair com a família. Atendi com relutância. Desarmado, viajei de trem, à meia

---

nesse mesmo período chegou a 78,5%. Nos dados referentes à profissão desses entrevistados, somente os telegrafistas possuíam a mesma profissão em 1927.

²⁵⁴ Foram três cangaceiros assassinados na cidade. O primeiro foi Jararaca (José Leite de Santana), preso um dia após o ataque e assassinado no dia 19 de junho de 1927. Os outros foram Mormaço e Bronzeado, assassinados no caminho de Natal. Destes nada foi publicado nos jornais locais. Ver: FALCÃO, Marcílio Lima. Nos escombros da morte: as comemorações da resistência mossoroense ao bando de lampião e as devoções ao cangaceiro Jararaca. In: COSTA, Bruno Balbino Aires da; ESTEVAM, Saul. (Org.). **História do Rio Grande do Norte: novos temas**. Natal, RN: EDUFRRN, 2014, p. 143-158.

²⁵⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2005, p. 284.

²⁵⁶ Francisco Agripino trabalhou como chofer do Cel. Antônio Gurgel em 1927. Raul Fernandes o entrevistou em 10 de dezembro de 1969.

²⁵⁷ FERNANDES, Raul. Op. cit., p. 137

noite, com minha mãe, irmã, sobrinha, cunhada e outras pessoas, até Porto Franco. Atravessamos o rio, de lancha, chegando a Areia Branca, de madrugada.²⁵⁸

Na organização dos relatos dos entrevistados Raul Fernandes tornou visível a relação de suas falas com o que foi veiculado pela imprensa, especialmente aquelas que circularam logo após ao ataque dos cangaceiros. A interpretação feita pelo autor não apresenta discrepância entre o que foi escrito em jornal e o que fora narrado pelos entrevistados, pelo menos na forma como foi tratada a imagem dos cangaceiros e a defesa da cidade. Exemplo dessa similaridade é o trecho que retrata o momento em que o bandido Colchete é atingido por um dos resistentes.

O facínora de “corpo fechado” levantou-se para o temerário lance. Com a cabeça à mostra, olhava para a trincheira, através das grades ornamentais de madeira, do muro baixo da casa da esquina. Sem perceber, tornara-se excelente alvo aos olhos do atirador alcandorado, em posição excepcional de tiro. Manoel Duarte, que no início da luta, atuara contra Sabino, era calmo e famoso de pontaria. Não podia desperdiçar as 15 balas do bernal- sua munição. Apontou arma e fez fogo. Desta vez, o resultado foi diferente. Colchete, com o impacto é lançado a quase dois metros de distância. O projétil fez-lhe horrível estrago na face, arrebatando-lhe a cabeça. Estava fora de combate.²⁵⁹

O livro de Rodolfo Fernandes apresenta uma das grandes questões do uso das narrativas orais, a saber: a relação que o pesquisador mantém, em sua interpretação, com a polifonia da oralidade. Com efeito, o uso dos relatos orais precisa de procedimentos analíticos específicos para que, uma vez impressa a interpretação do narrador ao acontecimento, o pesquisador possa problematizá-la no decorrer da sistematização da análise.²⁶⁰

Essa relação aparece muito clara em *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*, pois, ao reunir observadores de vários lugares, a narrativa, em pouquíssimas passagens, torna visível outros sujeitos da resistência, porém, quando aparecem, estão tutelados pela imagem do herói Rodolfo Fernandes.

²⁵⁸ FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2005, p. 149

²⁵⁹ Ibid., p. 196.

²⁶⁰ COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014.

Rodolfo Fernandes, de rifle à mão, atendia aos comandados, nas diversas fases do combate. Em nenhuma ocasião manifestou fraqueza. Seu decidido proceder imprimia confiança e elevado moral no espírito dos combatentes. A coragem dos homens continuava inalterável. Mantinham as posições. Disposto ao sacrifício extremo iriam ao entrevero à rama branca. Jamais se renderiam aos covardes sanguinários. O duelo tronava-se duro para os lendários bandoleiros. Compreenderam que seriam exterminados, se persistissem na empreitada. O Rei dos cangaceiros, do esconderijo, pesava a fibra dos mossoroenses.²⁶¹

Assim se configurou, pois, a associação entre o que foi narrado pelos entrevistados e os interesses do autor, a partir do trabalho de selecionar o que corroborava com a memória oficial sobre a resistência a Lampião. A narração das ações dos resistentes foram relacionadas a um minucioso trabalho de mapeamento dos lugares pelo quais Lampião e seus cangaceiros passaram até Mossoró, lançando mão da utilização de fotografias (com imagens individuais) de cangaceiros, resistentes, prédios que serviram como trincheiras, mapas feitos pelo próprio autor e um croqui da trajetória do bando por Mossoró, cujo objetivo era demarcar espacialmente a estratégia do bando durante o ataque.

O espaço percorrido pelos cangaceiros passou a compor a memória à medida em que as experiências ali vivenciadas balizaram as narrativas sobre o acontecimento e produziram simbolicamente os lados da luta: cangaceiros versus o prefeito Rodolfo Fernandes. A preocupação de Raul Fernandes, diferente da que apareceu no mapa registrado no livro de Raimundo Nonato que tratou do itinerário no Rio Grande do Norte, foi com a estratégia montada pelo bando dentro da cidade. Ao apresentar os caminhos que os cangaceiros fizeram em sua estratégia de combate durante o ataque, o autor reforçou, com uma cartografia imaginada, a narrativa sobre a resistência, tendo como centro a residência de sua família.

---

²⁶¹ FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2005, p. 197.

Imagem 6 - Croqui - Roteiro do Bando de Lampião em Mossoró

Fonte: FERNANDES, Raul. *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*, p. 162.

Sob essa perspectiva, Raul Fernandes, no seu último comentário, intensificou a defesa das autoridades locais diante da violência contra os cangaceiros e reafirmou o lugar de Mossoró como referência no combate ao cangaceirismo, justificando que a “drástica repressão” resultou, naquele momento, no arrefecimento do banditismo.²⁶²

A narrativa sobre a resistência mossoroense produzida por Raul Fernandes, a partir da coleta de informações pela via da oralidade, corroborou com a memória histórica apresentada por Raimundo Nonato em *Lampião em Mossoró*. Em seu conjunto, esses trabalhos são significativos por (re)colocarem em circulação documentos oficiais, relatos orais, fotografias, mapas, croquis, jornais e cordéis que, desde a década de 1950, encontraram na memória um abrigo (para o presente e o futuro). Nesse sentido, como “filha do presente”, a memória tem como objeto a

²⁶² FERNANDES, Raul. *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005, p. 322.

mudança e “se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto”,²⁶³ daí a importância de outros lugares, como a literatura de cordel, para a ressignificação e circulação das narrativas sobre o passado mossoroense.

2.3.1 A Resistência no Cordel

Igualmente imprescindível à fabricação da memória da resistência mossoroense ao bando de Lampião, a literatura de cordel teve sua importância para além da diferenciação entre a narrativa completa e exemplar do acontecimento e o relato fragmentado do jornal.²⁶⁴ Ela se destaca na relevância das formas de circulação e acesso, bem como no papel que a forma poética obteve na determinação da estrutura da narrativa para a memorização da narrativa histórica.²⁶⁵

Distinto do jornal, tanto na narrativa quanto na relação com o leitor²⁶⁶ - mormente no que diz respeito à linguagem, o acesso e a leitura -, o cordel foi essencial à circulação da memória histórica presente nos impressos e na construção simbólica dos espaços e sujeitos envolvidos.

Enquanto o jornal, mediante a construção do acontecimento, veiculava cotidianamente informações sobre a vida cidadina, o cordel, por meio da narrativa poética, formulou uma visão geral do acontecimento, articulando experiências pelas quais o poeta vivenciou ou se apropriou, quer pela oralidade ou por impressos.²⁶⁷ Isso só ocorre, segundo Márcia Abreu, porque “as histórias veiculadas nos folhetos de cordel têm, em geral, caráter exemplar: apresentam um mundo organizado em que

---

²⁶³ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiro**, São Paulo, 34: p. 09-24, 1992.

²⁶⁴ GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 1. ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 89.

²⁶⁵ CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Natal, RN: EDUFRRN, 2006, p. 23.

²⁶⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, p. 127.

²⁶⁷ No caso dos cordéis que foram publicados em Mossoró a partir da temática do ataque de Lampião, percebe-se claramente a influência dos relatos jornalísticos e da presença dos intelectuais em sua produção, como foi o primeiro caso de *A derrota de Lampião em Mossoró*, escrito e publicado por José Octávio Pereira Lima, dono do jornal *Correio do Povo*, em 1927. LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927.

peessoas boas e más medem forças, para chegar a um desfecho em que, invariavelmente, prevalece a justiça”.²⁶⁸

O cordelista está inserido no processo de construção da narrativa. Ele tanto pode ser um letrado que participa da fabricação da notícia e reportagens, com seus olhares sobre o acontecimento e seus sujeitos, como pode não participar desse processo e apreender o acontecimento que circulou pelo jornal a partir da oralidade ou de outras formas de acesso que a leitura possibilita. Por narrar uma história exemplar, os cordéis que trataram de bandidos, como os cangaceiros, especialmente aqueles escritos por intelectuais, fundamentaram-se nos conceitos de justiça mapeados a partir da análise da matriz narrativa utilizada para a produção do cordel. Em *A derrota de Lampeão em Mossoró*,²⁶⁹ cordel de José Octávio Pereira Lima, a fonte da composição foram as reportagens do jornal *Correio do Povo*.²⁷⁰ Como homem de imprensa, ele organizou linearmente, em versos, os desdobramentos das primeiras notícias sobre a possibilidade de ataque dos cangaceiros até a retirada do bando para Limoeiro do Norte, no Ceará.²⁷¹

Perpassando as particularidades do ataque e citando os objetivos da empreitada, o cordelista defendeu ser um negócio a investida de Lampeão em Mossoró. Apontou, ainda, que a passagem dos cangaceiros pelo oeste do Rio Grande do Norte deixou um rastro de violência que fez jus à fama que carregavam. Depredação de cidades (como fez o cangaceiro Massilon no assalto à Apodi – distante 78 quilômetros de Mossoró) e prisões sob a condição de resgate (coronel Antônio Gurgel e Maria José) justificaram os rumores sobre Lampeão e seus cangaceiros.

---

²⁶⁸ ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 2006, p. 18.

²⁶⁹ LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927.

²⁷⁰ O jornal *Correio do Povo* foi fundado por José Octávio Pereira Lima, em 13 de maio de 1926, e circulou durante oito anos. Ao escrever sobre essa fonte, Jaime Hipólito Dantas afirmou que “tratava-se de um jornal muito movimentado, onde os nomes de maior destaque na vida intelectual da província escreviam em suas páginas”. DANTAS, Jaime Hipólito. **A Imprensa em Mossoró**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un, 2002, p. 39.

²⁷¹ Distante 105 km de Mossoró, a cidade de Limoeiro do Norte, localizada no Baixo Jaguaribe, foi o destino de fuga do bando de Lampeão. No diário do coronel Antônio Gurgel, Lampeão aparece “entrando triunfalmente em Limoeiro, às 15 horas, todos enfeitados com fitas de todas as cores pelos chapéus e rifles, dando vivas ao Governo do Ceará, ao padre Cícero e a todos os santos que lhes vinham à lembrança”. BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampeão**: diário de Antônio Gurgel. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1996, p. 42. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 910). Sobre a entrada dos cangaceiros em Limoeiro do Norte ver: DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampeão e o Rio Grande do Norte**: a história da grande jornada. Natal: Cartgraf, 2005. p. 265-273.

No mesmo cordel, o coronel Rodolfo Fernandes foi narrado como o heroico prefeito que “organizou e commandou a memorável defesa dessa cidade, derrotando o bando sinistro chefiado por Lampeão” e seus comandados como bravos, defensores da ordem, dos costumes e da liberdade diante dos males que o banditismo provocava.²⁷²

Nessa luta, os cangaceiros são descritos como criminosos, émulos da desordem e selvagens da caatinga, enquanto Mossoró é apresentada como cidade civilizada e moderna por meio de seus equipamentos urbanos (praças, jardins, cinema, bibliotecas) e costumes da população. Porém, são nos detalhes do cenário da luta que o cordelista fixa o leitor nos elementos que compuseram discursivamente o sertão.²⁷³ As imagens por ele apresentadas sobre essa espacialidade remontam a produção “naturalista-realista e descrevem, pela literatura, esse espaço a partir de discursos que conjugam elementos geográficos, linguísticos, culturais, modos de vida, bem como fatos históricos”, entre eles o cangaço, o misticismo, as pequenas cidades e a seca.²⁷⁴

Foi numa tarde chuvosa
De tempestade e trovão
Que Virgulino Ferreira
Chamado de Lampeão
Comandou o grande ataque
Com o fim de fazer o saque
Da capital do sertão.²⁷⁵

Das narrativas de José Octávio Pereira Lima é possível apreender que, referenciada como capital do sertão, a conquista de Mossoró, seria o grande feito de Lampião. Desde a década de 1870, a cidade era narrada na imprensa como centro

---

²⁷² LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927, p. 01.

²⁷³ Nessa luta, os cangaceiros são descritos como criminosos, émulos da desordem e selvagens da caatinga, enquanto Mossoró é apresentada como cidade civilizada e moderna por meio de seus equipamentos urbanos (praças, jardins, cinema, bibliotecas) e costumes da população. O BANDIDO Lampeão e seu grupo. **O Nordeste**, Mossoró, p. 01, 22 jul./25 out.1927.

²⁷⁴ Sobre a construção imagética do sertão a partir da literatura regionalista ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 67.

²⁷⁵ LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927, p. 01.

político-econômico e cultural do oeste da Província do Rio Grande do Norte.²⁷⁶ Esse esforço pode ser entendido como tentativa de manter a reputação da cidade como empório comercial, bem diferente da situação econômica que amargava desde o início da década de 1920, quando seu comércio entrou em declínio por conta da emergência de outros centros, como Campina Grande, na Paraíba.²⁷⁷

Invadir Mossoró não foi nada fácil para os cangaceiros. O pouco conhecimento de sua estrutura urbana (relatado na entrevista de Mormaço ao *Correio do Povo*) aliado à estratégia montada para conquistar o principal ponto para a tomada da cidade (a casa do prefeito) deixaram os cangaceiros da frente de combate com a trincheira da Igreja de São Vicente encurralados, uma vez que os defensores da cidade, instalados na torre da igreja, controlavam o espaço em volta da residência de Rodolfo Fernandes.

O que os cangaceiros fizeram em Mossoró foi completamente diferente dos convencionais ataques (inesperados e rápidos) que já haviam realizado em cidades menores, como Souza (Paraíba) e Apodi (Rio Grande do Norte). Sem qualquer chance de defesa ao efetivo policial local, logo apoderavam-se das cidades fazendo saques e impondo a violência aos inimigos. Mas, em Mossoró a estratégia foi diferente e os resultados nada agradáveis, pois, além de perder dois cangaceiros, o grupo não conseguiu o resgate cobrado para libertar o coronel Antônio Gurgel e Maria José, prisioneiros que estiveram sob o poder do bando desde os arredores da cidade até a saída de Limoeiro do Norte, no Ceará.

---

²⁷⁶ Para Francisco Fausto de Sousa, Mossoró atraiu, desde o final da década de 1860, uma grande quantidade de casas comerciais de importação e exportação de gêneros alimentícios, manufaturados e produtos agrícolas (algodão), pecuários (couro) e extrativistas (sal, borracha e cera de carnaúba) a partir de seu porto. SOUZA, Francisco Fausto de **História de Mossoró**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1979, p. 19-21. (Coleção Mossoroense).

²⁷⁷ O declínio de Mossoró como empório comercial está ligado ao não desenvolvimento dos meios de transportes, principalmente a construção da ferrovia que a ligasse com outros centros de consumo e produção, fazendo com que o seu porto não ficasse desabastecido e mantivesse sua influência sobre as cidades do interior do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba. PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias do País de Mossoró**. Fundação Vingt-Un Rosado, 1998, p. 09-10. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1056). Sobre a crise do comércio mossoroense na década de 1920 ver: MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado**. v. 3. A guerra de Guerrilha (Fase de Domínio). Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p. 189.

O sr. Antônio Gurgel
 No Brejo do Apody
 Foi preso por Lampeão
 Mandando urgente aqui
 Num automóvel buscar
 21 contos pra salvar
 A sua pessoa ali²⁷⁸.

Recorrentes nos cordéis que têm como temática o ataque a Mossoró, os erros apresentados na estratégia dos cangaceiros só não causaram mais baixas no bando porque as duas frentes não foram diretamente ao combate. A que ficou responsável pela retaguarda sentiu o poder de fogo dos defensores e não avançou.²⁷⁹

O ataque narrado em *A derrota de Lampeão em Mossoró* mostra a disparidade do conhecimento do espaço urbano mossoroense entre os defensores da cidade e os cangaceiros. Um dos momentos mais visíveis foi quando o cangaceiro Jararaca tentou despojar o companheiro Colchete, atingido mortalmente em frente à Igreja de São Vicente.

Jararaca não recua
 Bastante afoito e atrevido
 Tenta arrastar seu collega
 Mas este já tem morrido!
 E enquanto vai desarreia-lo
 Um balaço vem prostra-lo
 Ficando logo cahido.²⁸⁰

Atitude como a de Jararaca, de manter-se firme diante do perigo, tentando despojar os bens e dificultar o trabalho de reconhecimento do corpo pelas volantes através da desfiguração da face do companheiro morto, era comum no mundo do cangaço e fortalecia a imagem de invencibilidade do grupo, uma vez que confrontavam com as informações que as Forças Volantes encaminhavam às autoridades e jornais sobre a morte dos cangaceiros.

²⁷⁸ LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927, p. 05

²⁷⁹ Essas informações provêm da entrevista do cangaceiro Jararaca (**O Mossoroense**, 19 jun.1927, p. 01-02) e do depoimento prestado por Francisco Ramos (cangaceiro Mormaço) ao delegado Martiniano de Souza na cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, em 05 de setembro de 1927. O depoimento de Mormaço foi publicado em quatro edições de *O Mossoroense* (09, 16, 23 e 30 de outubro de 1927).

²⁸⁰ LIMA, José Octávio Pereira. Op. cit., p. 08.

Em meio ao tiroteio, Jararaca conseguiu fugir para a Estrada de Ferro e só foi preso porque fora denunciado à polícia pelo casal a quem havia pedido ajuda.²⁸¹ Entrevistado na cadeia, “relatou como os cangaceiros tinham se unido para atacar Mossoró, citou os nomes dos componentes que participaram da empreitada, comentou sobre as alianças e intrigas entre os coronéis”.²⁸² Ao contrário de Jararaca, o cangaceiro Colchete caiu morto e sobre o fato os jornais pouco noticiaram e tampouco comentaram sobre seu sepultamento.

Raul Fernandes é o único memorialista que comenta sobre o sepultamento de Colchete. Sua referência foi a entrevista concedida por João Manoel, operário que ficou encarregado de sepultar o corpo de Colchete, o qual afirma que: “levaram-no, de mãos e pés atados, suspenso por um pau, apoiados nos ombros. Revessavam-se. Chegaram ao fim da jornada, molhados de suor. Fora do campo-santo, lamentaram o imperdoável descuido – esqueceram-se de revista-lo”.²⁸³

O cordel de José Otávio se distingue dos demais que trataram do ataque de Lampião a Mossoró não só pela maior influência que o escrito teve sobre o oral, mas pela própria formação letrada de seu autor que, como jornalista, demonstra conhecimentos sobre as teorias raciais europeias e criminologia presentes no pensamento social brasileiro, as quais apareciam em revistas como a *Gazeta de Medicina da Bahia* e nas obras de intelectuais como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Alberto Tores.²⁸⁴

---

²⁸¹ Sobre a prisão e morte de Jararaca ver: MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampião**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976; ALMEIDA, Fenelon. **Jararaca: o cangaceiro que virou santo**. Recife: Cadernos Guararapes, 1981; ALVES, Késia Cristina França. **O Santo do Purgatório: a transformação mística do cangaceiro Jararaca em herói**. Natal, RN, 2005; FREITAS, Eliane Tânia Martins de. **Memória, cultos funerários e canonizações populares em dois cemitérios do Rio Grande do Norte**. Tese (Doutorado Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2006; VIANA, Claudio José Alves. **Religião e cangaço na cidade de Mossoró**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012; FALCÃO, Marcílio Lima. **Jararaca: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró**. Mossoró, RN: Edições UERN, 2013. Esses trabalhos versam sobre a trajetória do cangaceiro Jararaca no cangaço, sua prisão, morte e transformação em milagreiro.

²⁸² FALCÃO, Marcílio Lima. **Jararaca: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró**. Mossoró, RN: Edições UERN, 2013, p. 31.

²⁸³ FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. 6. ed. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005, p. 223.

²⁸⁴ Sobre esses estudos ver os trabalhos de: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (Especialmente o tópico - *Medicina Legal: “esqueça o crime, atente para o criminoso”*. pp. 209-213); COSTA, Hilton. **Horizontes raciais: a ideia de raça no pensamento social brasileiro – 880-1920**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Outro posicionamento próximo ao abordado no cordel de José Octávio foi publicado no jornal *O Nordeste*. Em longa matéria sobre o ataque de Lampião a Mossoró, o jornal afirmou que os cangaceiros deveriam ser justificados por conta da frieza e crueldade utilizadas para com suas vítimas. E sobre a morte do cangaceiro Jararaca, uma semana após sua prisão em Mossoró, afirmou que “ter compaixão de Jararaca é esquecer o instinto de conservação, é negar o direito de vingança natural contra os monstros da humanidade”.²⁸⁵

O jornal recorre à mesma justificativa que levou tantos homens ao mundo do crime, à vingança; uma espécie de código de honra que se instituiu nas relações sociais no nordeste do Brasil e que, durante muito tempo, foi argumento para a entrada de Lampião no cangaço. Esse fato é questionado pelo jornalista Érico de Almeida, defendendo o autor que Virgulino e seus irmãos já estavam no cangaço quando a Força Volante comandada pelo tenente José Lucena matou seu pai.²⁸⁶

No cordel, entretanto, a morte do cangaceiro é enfatizada como símbolo da vitória mossoroense. José Octávio Pereira Lima, ao detalhar os traços do corpo de Colchete, mostrou como os estudos criminológicos apareciam nos impressos, sendo os cangaceiros representados, por meio das características físicas, como seres brutalizados e degenerados, que deveriam ser justificados com o mesmo rigor e violência com que utilizavam diante de suas vítimas. Nesse sentido, a descrição da morte de Colchete e de seu corpo pode ser considerada uma outra forma de fazer circular discursos que veem o outro como diferente, inferior e assustador, indício dos desajustamentos sociais tão propagados pelos intelectuais na década de 1920.

Esse bandido era um negro
 Sujo, asqueroso e imundo;
 Um monstro da natureza
 Que Satan mandou ao mundo;
 Era baixo, grosso e feio
 A bocca de palmo e meio
 De olhar felino e profundo

²⁸⁵ COMO se faz um monstro. *O Nordeste*, Mossoró, p. 03, 22 jul. 1927.

²⁸⁶ ALMEIDA, Érico. *Lampeão: sua história*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 1998, p. 24-25. (A primeira edição é de 1926).

As pernas eram cambadas
 O corpo de chimpanzé
 Orelhas de burro mulo
 Um bolão em seu pé;
 O cabelo pichaim,
 Coberto de peste ruim
 Fedia como chulé

Beijos de manta de carne
 Dentes de fera zangada,
 Barriga de come-longe,
 Queixada torta e furada
 Unha comprida e sebenta,
 Criatura mais nojenta
 Que coxêta não é gerada.²⁸⁷

A narrativa apresentada pelo cordelista pode ser considerada uma maneira de reafirmar a representação do cangaceiro como monstro social e de exaltação da cidade como espaço da civilização. Sua escrita, com potencial imagético e representacional, contribuiu na fabricação da memória coletiva da resistência à medida que referenciou o ataque a partir do olhar que os intelectuais mossoroenses possuíam diante dos cangaceiros como representantes da barbárie.²⁸⁸

A defesa da cidade exposta por José Octávio difere da tradicional apresentação do cangaceiro como herói, pois o cordelista, além de corroborar com as leituras expressas nos jornais locais, se distanciou da imagem romântica de representação dos cangaceiros.²⁸⁹ Ao tirá-los de seu lugar de heróis, justiceiros, e levá-los à condição de criminosos, saqueadores, ele teceu a imagem dos vencedores através da relação simbólica que se construiu entre a figura do prefeito e a cidade.

Por conseguinte, a personificação de Rodolfo Fernandes como herói corroborou com o argumento de que “o valor de uma boa crônica cordeliana não reside só no fato de documentar um acontecido, e sim no fato de, ao fazê-lo, criar com

²⁸⁷ LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927, p. 10.

²⁸⁸ POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940). 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2012.

²⁸⁹ CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 64.

palavras um retrato inesquecível, que capta poeticamente a essência do evento”.²⁹⁰ Desse modo, o percurso da narrativa da resistência mossoroense nos impressos, sem rupturas e contradições abruptas, encontrou, na imagem do herói, o sentido para a não proliferação de disputas de memória e questionamentos em sua interpretação e uso, situação que facilitou a associação do 13 de junho com outras datas comemorativas da cidade.

Sem dúvida, a bravura e o civismo da cidade foram essenciais na construção da memória coletiva, à medida que foram evocados, a princípio, nas matérias dos jornais e, posteriormente, pela literatura de cordel.²⁹¹

Em ouro ficou gravada
Junto a 30 de Setembro
Será u'a nova alvorada
Despontando alvissareira
Sobre a cidade altaneira
Nobre, santa e immaculada.²⁹²

As impressões produzidas pela imprensa e expressas no cordel de José Octávio foram relevantes porque colocaram o 13 de junho no mesmo patamar do 30 de setembro. Esse reconhecimento é de fundamental importância no processo de fabricação da memória da resistência pela força pedagógica que o cordel possui e por sua fácil acessibilidade e relação com a oralidade, tanto na composição dos versos como na leitura, segundo as práticas de leituras coletivas.²⁹³

Ainda em 1927, em Natal, foi publicado outro folheto intitulado *O Assalto de Lampeão a Mossoró onde foi derrotado*, de Mariano Ranchinho. Nos versos aparece uma leitura sobre a relação entre os políticos potiguares e cearenses com os cangaceiros. Para o cordelista:

²⁹⁰ CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 47.

²⁹¹ Em suas reflexões sobre a memória coletiva, Maurice Halbwachs defende que “são as repercussões, não o acontecimento, que entram na memória de um povo que passa pelo evento, e somente a partir do momento em que elas o atingem”, se torna memorável. HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 78-130.

²⁹² LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927, p. 06.

²⁹³ ABREU, Marcia. *Então se fosse a história bonita: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

Lampeão foi se meter
 A atacar o Mossoró
 Pensou que era o Ceará
 Que a polícia tinha dó
 Quase apanha de macaca
 E Colchete e Jararaca
 Esses ficaram no quichó.²⁹⁴

O tema central do folheto diz respeito ao jogo político em que Lampião estava inserido. Mesmo considerado, na fase do cangaço independente, o bando de Lampião esteve agregado a uma rede de dependência política que o fez permanecer ligado aos coronéis por conta das perseguições policiais.²⁹⁵ Eram, pois, nas fazendas destes homens de terra e política que os cangaceiros encontravam refúgio em suas empreitadas nas caatingas.

Diante desse contexto, o cordelista reforça o discurso do Rio Grande do Norte como estado que não apoiava cangaceiros e do Ceará como terra do cangaceirismo. Ela aponta, então, as ajudas que Lampião e seus cangaceiros receberam, de Isaías Arruda, em Aurora (cidade cearense localizada a cerca de 300 quilômetros de Mossoró), para a empreitada em Mossoró, bem como a visita que fizeram um ano antes ao Juazeiro do Norte, terra do Padre Cícero. O objetivo é fortalecer o discurso político que apontou ser o Ceará estado acolhedor de cangaceiros.

Um dos elementos desse discurso era a associação e veiculação da imagem política do Padre Cícero a todo o jogo que os coronéis praticavam na década de 1920 e não faltaram jornais para fazer severas críticas a sua suposta relação com os cangaceiros. Em Mossoró, a imprensa, bem antes do ataque, já questionava as posturas políticas do Padre Cícero diante do possível apoio aos cangaceiros.²⁹⁶

---

²⁹⁴ RANCHINHO, Mariano. **O Assalto de Lampeão a Mossoró onde foi derrotado**. Agência Pernambucana, Natal, 1927.

²⁹⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5.ed. São Paulo: Global, 1997, p. 59-64.

²⁹⁶ Ver: O BANDITISMO do Nordeste e o Ceará. **Correio do Povo**, Mossoró, p. 03, 26 jun. 1926. Da vasta literatura que trata das relações entre Padre Cícero e os cangaceiros devem ser citadas: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no mundo**. Prefácio de Roger Bastide. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 2003. (O capítulo 3 – Movimentos messiânicos rústicos); LUNA, Luiz. **Lampião e seus cabras**. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1972; FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. (O capítulo 06 - Apogeu do Cangaceiro e do jagunço e o capítulo 07 - Modifica-se o Cariri); DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (O capítulo 11- Últimos Dias - Dela Cava discute a transformação da imagem do Padre Cícero e do Juazeiro como terra de fanáticos e cangaceiros).

Sobre essa relação dos cangaceiros com o Ceará, Gustavo Barroso já dizia, em *Almas de Lama e de Aço: Lampião e outros cangaceiros*, que os próprios coronéis do cariri cearense se reuniram, em 1911, para resolverem suas contendas diante do apoio que muitos davam aos bandidos. O autor citou que, ao organizarem a reunião, feita em Juazeiro do Norte e sob os auspícios do Padre Cícero, os coronéis demonstraram que o “cangaceiro existe em função do coronel e o coronel domina em função do cangaceiro. Combata-se o coronelismo e se estará trabalhando para a extinção do cangaceirismo”.²⁹⁷ Vêm deste período, portanto, as discussões nos impressos sobre a relação dos cangaceiros com os cearenses. O debate ganhou fôlego nos cordéis, especialmente quando se descobriu que foi das terras cearenses que partiu o plano para assaltar a cidade.

Doze anos após o ataque, José Saldanha de Menezes Sobrinho (Zé Saldanha) escreveu *Lampião em Mossoró em 1927*.²⁹⁸ Os versos apresentam o diálogo entre os protagonistas do ataque/resistência (Lampião/Rodolfo Fernandes). No início, narra a fala de Lampião sobre as inimizades em Pernambuco e Paraíba e depois comenta sobre o insucesso do ataque a Mossoró, enquanto Rodolfo Fernandes respondeu negativamente à exigência em dinheiro feita pelos cangaceiros para não atacar a cidade, afrontando o bando e intimando-o a entrar na cidade. A estratégia do cordelista foi ressignificar o discurso jornalístico sobre o ataque dos cangaceiros, à medida que defendeu ser as tensões veiculadas nos jornais sobre a localização de Lampião o elemento que fortaleceu e agilizou a organização da defesa da cidade.

Ao contrário de José Octávio, em *A derrota de Lampeão em Mossoró*, Zé Saldanha não se referiu ao desespero que tomou conta da população em querer deixar a cidade, nem às preocupações das autoridades com a presença de Lampião. O que o cordelista narrou foi a firmeza da cidade em se defender dos cangaceiros. Assim, apresentou outra leitura sobre os motivos do sucesso da resistência, recorrendo ao passado, através de elementos que foram se constituindo, ao longo de outras experiências sociais, como identidade dos mossoroenses, destacando-se a bravura e o civismo.

---

²⁹⁷ BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço: Lampião e outros cangaceiros**. São Paulo: ABC Editora, 2012, p. 28.

²⁹⁸ SOBRINHO, José Saldanha de Menezes. **Lampião em Mossoró em 1927**. 2. ed. Mossoró, RN: Pedagogia da Gestão, 2004.

Eu não sei que danado é Mossoró,
 Deve ser um nome endiabrado
 Um monstro fantástico do passado
 Um feiticeiro maligno desse pó
 Um gênio, uma fada, um catimbó,
 Esse tal Mossoró não me convém,
 Eu não sei que danado é que ele tem,
 Que eu lá quase perco meu cartaz,
 O povo de lá é doido até demais,
 Mossoró não tem medo de ninguém.²⁹⁹

As intrigas de Lampião arregimentaram muitos informantes amigos/inimigos que, ao longo de 16 anos, fizeram deste bandido o homem mais temido, bem como o mais perseguido do Nordeste nas três primeiras décadas do século XX. Sua fama levou uma cidade do porte de Mossoró a evacuar a população e montar uma estrutura de guerra contra seu bando.

Pra vingar-me da raça de Nogueira
 Dos coronéis safados do sertão
 De Saturnino e de outro batalhão
 Com armas, munição e cartucheira
 Preveni-me e entrei para trincheira,
 Mandei bala com força no Nordeste,
 Pra ver se passava em todo o teste,
 Resolvi que atacava Mossoró
 Cidade de magia e catimbó,
 Nunca mais eu vou lá naquela peste.³⁰⁰

Os versos acima reafirmam o argumento de que Lampião entrou no cangaço por conta das relações de poder entre os proprietários e políticos, por suas lutas por terra e poder, bem como pelo sentimento, presente no imaginário sertanejo, de que a vingança era uma das formas de justiça.³⁰¹ No caso do ataque a Mossoró, o cordelista não apontou questões políticas, fundamentando as razões do ataque nos dividendos econômicos que poderiam render ao bando e seus financiadores. Essa alegação, todavia, não explica o esforço da marcha que Lampião e seus cangaceiros fizeram ao

---

²⁹⁹ SOBRINHO, José Saldanha de Menezes. **Lampião em Mossoró em 1927**. 2. ed. Mossoró, RN: Pedagogia da Gestão, 2004, p. 02.

³⁰⁰ Ibid., p. 02.

³⁰¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997, p. 35.

atravessar regiões pernambucanas e paraibanas, sob o encalço das Forças Volantes, para apenas atacar uma cidade como Mossoró.³⁰²

Assim, ao prosseguir com a análise dos versos de José Saldanha de Menezes, a magia e catimbó que quebraram a invencibilidade de Lampião podem ser traduzidos como o acesso às informações (recebidas com antecedência) sobre o paradeiro e interesse dos cangaceiros em querer atacar a cidade, assim como sua articulação em conseguir armas e montar nos prédios de sobrados e igrejas que compunha sua estrutura urbana, as trincheiras para a defesa.

As narrativas sobre o 13 de junho, presentes nos cordéis, chegaram as comemorações pela via do folclore. Em 1977, durante a semana das comemorações do cinquentenário do ataque dos cangaceiros, foi publicado, pela Coleção Cadernos da Caatinga, o cordel de Luiz Campos, *Vitória de Mossoró no ano de vinte e sete*, o qual foi financiado pelo Diretório Acadêmico Dix-Huit Rosado, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM).³⁰³ Nas palavras de seu presidente, Joaquim Crispiniano Neto, “a ESAM apoia o folclore por ver nele um meio de conhecer melhor o homem e a caatinga. Pois ele é produto dela”.³⁰⁴

Junto a esse *corpus* documental e artístico, produzido ao longo dos cinquenta anos que separaram o ataque de Lampião e as comemorações, os folcloristas, em suas ações de registro de versos declamados, cantados e histórias sobre as experiências do sertanejo diante de sua vida cotidiana e de seu imaginário, produziram “um deslocamento de seus lugares anteriores de prática e significação para alojá-las neste novo lugar de sentido que é o lugar do folclórico”.³⁰⁵

Destarte, o que se conhece do sertanejo e de suas experiências culturais, tomadas como populares a partir da folclorização de suas práticas, são os olhares dos intelectuais, que podem ser compreendidos mesmo com a distância que os separa

---

³⁰² Pesquisadores do cangaço, como Honório Medeiros, defendem a existência de rivalidades políticas entre os coronéis do Rio Grande do Norte e os coronéis da região do cariri cearense na montagem do assalto a Mossoró. MEDEIROS, Honório. Colocar referência completa. p. 173-214.

³⁰³ CAMPOS, Luís de Oliveira. **Vitória de Mossoró no ano de 27**. Mossoró, RN: Cadernos da Caatinga. v. 6, 1977.

³⁰⁴ Ibid.

³⁰⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **“O morto vestido para um ato inaugural”**: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 248.

dos momentos narrados.³⁰⁶ Daí ser a fabricação do folclore “inseparável dos investimentos de controle e repressão às manifestações culturais populares”.³⁰⁷

Nos versos a seguir a resistência aos cangaceiros e abolição dos escravos surgem como as datas mais significativas do passado da cidade. Neles se reafirmam a luta no processo abolicionista e a coragem diante do bando de Lampião como fundamentos da apresentação de Mossoró como centro cultural, orgulho do Rio Grande do Norte, em contextos políticos marcados por questões de âmbito nacional e regional, como foram os dois acontecimentos selecionados como o passado mossoroense.

Mossoró, terra querida
Berço da Abolição
Orgulho do Rio Grande
Centro de educação
Libertadora dos escravos
Ex-combatente de bravos
Bandidos de Lampião.³⁰⁸

Antes de ser transformado em memória, tanto nos jornais como nos cordéis, o olhar sobre os cangaceiros estava voltado à distinção entre os ditos “valores mossoroenses” e o terror provocado pelos bandidos. Essa visão, entretanto, começou a ser modificada a partir das comemorações do cinquentenário da resistência, momento em que foram agregadas atividades culturais, apresentações de grupos folclóricos, cantadores, produtos artesanais e encenações do ataque/resistência às comemorações alusivas ao 13 de junho. O intuito foi criar eventos culturais que incrementassem o turismo na cidade, o que provocou alterações tanto no conteúdo como na circulação da memória da resistência, visíveis, sobretudo, no Museu Municipal, que passou a expor objetos pertencentes aos cangaceiros (armas) e a produzir concursos literários, artísticos, escolares e de literatura de cordel.

³⁰⁶ No texto “A beleza do morto”, Michel de Certeau tece ampla discussão sobre a relação entre os estudos sobre cultura popular com a necessidade da censura para transformá-la em objeto de interesse dos intelectuais. CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 60. (Coleção Travessia do Século).

³⁰⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **“O morto vestido para um ato inaugural”**: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 261.

³⁰⁸ CAMPOS, Luís de Oliveira. **Vitória de Mossoró no ano de 27**. Mossoró, RN: Cadernos da Caatinga. v. 6, 1977, p. 01.

Por conta de sua relação com a oralidade, foi na literatura de cordel que a mudança na forma de narrar a vitória de Mossoró ao ataque dos cangaceiros passou por mais transformações. Segundo Marcia Abreu, as mudanças ocorrem pela transposição de um certo tipo de narrativa para a poética do cordel, o que faz da literatura de folhetos nordestina a mediadora entre o oral e o escrito.³⁰⁹

As diferenças entre os primeiros cordéis que narraram o ataque dos cangaceiros e aqueles que foram produzidos no calor das comemorações do cinquentenário tornaram-se perceptíveis à medida em que a memória foi sendo construída. Uma das mudanças mais significativas diz respeito ao perigo que os cangaceiros representaram para a população local, expresso primeiro nos jornais e, posteriormente, nos cordéis. Fracassado o ataque de Lampião, o medo da cidade aos cangaceiros não tinha mais espaço nas composições dos cordelistas, logo, ganhou lugar a memória gloriosa sobre o passado mossoroense.

Escrita em versos, cantada as disputas entre violeiros, e rabiscada nos projetos que chegavam à população pelas “batalhas” que as autoridades travavam no solo da capital federal, Mossoró reafirmou-se como a mais importante cidade do Oeste do Rio Grande do Norte, tendo as lideranças políticas encontrado, nas ruínas do passado, um dos meios para usá-lo politicamente em favor da manutenção do mando.

O jornal *O Mossoroense* eram publicadas matérias sobre as obras que o prefeito João Newton da Escóssia estava realizando ou que havia conseguido através dos aliados políticos, como a construção de escolas, pelo Secretário de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, João Faustino Ferreira Neto, ou pelo Governador Tarcísio Maia, que, em contato com os ministros Armando Falcão (Justiça), Rangel Reis (Interior), Reis Veloso (Planejamento), Golbery do Couto e Silva (Gabinete Civil da Presidência da República) e pelo Secretário-Geral do Ministério da Fazenda, José Carlos Freire, conseguiu obras de asfaltamento de rodovias federais, investimentos junto ao DNOCS, projetos para a via costeira, a construção de uma Penitenciária Agrícola em Mossoró.³¹⁰

Do ponto de vista político, a semana da resistência foi o momento em que as apresentações culturais dos grupos folclóricos - como os paraibanos Grupo Boi

---

³⁰⁹ ABREU, Márcia Azevedo. **História de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 2006, p.118.

³¹⁰ TARCÍSIO Maia – Governador retorna e fala hoje a imprensa. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 08 jun.1977.

Calemba e o Grupo de Xaxado, dos cantadores pernambucanos Otacílio Batista, Oliveira de Panelas e Dimas Batista e do Espetáculo da Resistência – se evidenciaram espaços propícios à promoção de projetos voltados ao desenvolvimento das atividades turísticas na cidade.³¹¹ Foi o momento também onde o uso político ficou mais evidente, porque contou com a disponibilidade dos recursos públicos para as comemorações da resistência mossoroense.

Diante de todo o aparato financeiro e artístico, o lugar do cordel foi de extrema importância aos objetivos que visaram dinamizar o turismo em Mossoró através do uso do passado. Ademais, evidenciou que a memória da resistência, a partir das comemorações do cinquentenário, passou pelo trabalho de enquadramento, cujo objetivo esteve relacionado aos interesses econômicos do governo municipal.³¹²

Esse trabalho de enquadramento é analisado por Michael Pollak a partir da busca pela consolidação de uma memória para determinada instituição que visa firmá-la diante da disputa que enfrenta com outras memórias. No caso de Mossoró, a memória da resistência passa a ser enquadrada aos novos interesses que as autoridades municipais vislumbram em relacioná-las à luta contra o banditismo no nordeste brasileiro e associá-la aos novos usos que a necessidade de desenvolvimento do turismo local exige.

Nesse sentido, o trabalho dos intelectuais foi redimensionar a própria memória oficial a partir dos estudos folclóricos, e permitir que os novos olhares sobre os cangaceiros (agora sujeitos “folclóricos”) fossem inseridos nessa nova organização da memória da resistência. Nessa empreitada, participaram outros lugares de escrita, os quais, com tanta influência quanto o cordel, produziram olhares sobre o passado da cidade, especialmente as produções dos intelectuais ligados à editora Coleção Mossoroense.

---

³¹¹ O Espetáculo da Resistência foi coordenado por uma comissão formada pelo assessor de turismo da Prefeitura de Mossoró, Lauro Monte Filho. Este contou com a colaboração do Diretor do Museu Municipal, Lauro da Escóssia (também redator do Jornal *O Mossoroense*) e do assessor especial da Empresa de Promoções Turísticas do Rio Grande do Norte (EMPROTURN), Júlio Rosado.

³¹² POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5. n. 10, 1992, p. 200-212.

3 OS INTELLECTUAIS E O PASSADO DA CIDADE

A reputação é a melhor sepultura.

Aleida Assmann³¹³

Você, que está perto do fogo, irá se aquecendo e descobrindo novidades. Lembre-se que Mossoró ainda não tem história e que você está na obrigação moral de ser o primeiro mossoroense que levantará do olvido as tradições de sua grande terra.

Luís da Câmara Cascudo³¹⁴

3.1 O MESTRE E O FEITICEIRO DAS LETRAS

Considerado como mestre para muitos dos intelectuais que escreviam sobre o passado da cidade e que tinham seus estudos com o selo da Coleção Mossoroense, Luís da Câmara Cascudo, no início de outubro de 1940, ao escrever no jornal *A República*, perguntou: “Porque Mossoró não reúne em livro a documentação esparsa que existe sobre o 30 de setembro, seus antecedentes, suas figuras, suas lutas teimosas, sua fé?”³¹⁵

Enquanto folclorista, eram suas preocupações a voracidade do tempo e a importância dos documentos sobre a libertação dos escravos para a escrita do passado mossoroense. Para Câmara Cascudo era preciso agir, pois:

O tempo está voando sobre as nossas cabeças. A documentação pode dispersar-se e desaparecer. Dezenas de episódios interessantíssimos, ainda vivos na memória privilegiada de algumas pessoas, estão ameaçados de morte, pelo esquecimento. É fácil reunir. Reunir para sistematizar o material honroso que justifica as alegrias públicas de Mossoró. Atas da Câmara Municipal, reminiscências do “Club dos Spartacus”, sessões, fatos da campanha abolicionista, as figuras dos chefes dos

³¹³ ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2011, p. 47.

³¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. [Carta] 19 out. 1937, Natal [para] ROSADO, Jerônimo Vingt-un. Mossoró. 1f.

³¹⁵ Câmara Cascudo já era considerado, nos anos de 1940, uma referência nacional, tanto na escrita do passado do Rio Grande do Norte como da cultura popular no Brasil, através de publicações como *Viajando o Sertão* (1934), *Vaqueiros e Cantadores* (1938) e *Governo do Rio Grande do Norte* (1939). Id. Acta Diurna. **A República**, Natal, p. 03, 04 out.1940.

subchefes, dos auxiliares, grandes e humildes trabalhadores do mesmo ofício moral devem, têm o direito de um lugar comum, enfeixados num só volume, como o ramallete prende, no mesmo abraço perfumado, as flôres raras e as modestas, tôdas indispensáveis à beleza do buquê.³¹⁶

Daí surgiu a proposta de publicar um livro que reunisse relatos de abolicionistas, contemporâneos e documentos escritos sobre a abolição em Mossoró. A data, que já possuía comemoração, não bastou para Câmara Cascudo, era preciso grafá-la em material mais resistente ao tempo: a tinta impressa em papel. A preocupação do folclorista com o 30 de setembro justificou-se também pela visão que possuía sobre a história³¹⁷ e por sua relação com os intelectuais mossoroenses, entre eles Vingt-un Rosado e Raimundo Nonato da Silva.³¹⁸

Câmara Cascudo agiu como escafandrista. Viu o documento como a expressão da realidade, a verdade sobre o acontecimento. Por isso, buscou salvá-lo, protegê-lo e guardá-lo como meio de anunciar o passado ao presente. Para ele, os documentos sobre o 30 de setembro eram a prova do que tinha acontecido, daí reuni-los, cruzá-los e relacioná-los para que expressassem a língua do passado, evidenciando os heróis cujas marcas devem mostrar aos homens do presente a glória da cidade.

Para ele a história tinha cheiro! Os documentos exalavam o perfume do tempo e, por isso, se fez necessário um livro sobre o 30 de setembro de 1883 que, como um feixe de documentos, revelasse a essência do acontecimento, sua importância e significado. Em um de seus textos mais expressivos ele clamou:

Salvar o Tempo! [...] É o grito que solto, rumo ao Mossoró intelectual, oficial, popular e coletivo. Nada lhe falta. Tudo está ao alcance da vontade. O que é urgente é dispor esses elementos, escrever, coordenar, transcrever a documentação, algumas fotografias possíveis, aspectos da época e de hoje dos mesmos locais. Um livro assim é uma espécie de devocionário, uma oração patriótica por

³¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. **A República**, Natal, p. 03, 04 out.1940.

³¹⁷ Sobre as visões que Câmara Cascudo tinha sobre a história ver: SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: o autor da cidade e o espaço como autoria. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História – UFRN, Natal, 2009.

³¹⁸ Primeiro foi a relação pessoal de Câmara Cascudo com a Família Rosado, cujos indícios apontam as aproximações e influências nas primeiras publicações de Vingt-un sobre a história da cidade em 1940. Depois, de forma institucional, tanto pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte como pelo Instituto Cultural do Oeste Potiguar, onde ambos eram membros desde a década de 1950. BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura**. Mossoró: ESAM. 1986, p.07. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 337).

quantos se empenham numa luta humana e divina em serviço do Homem humilde e vil.

O Tempo está passando. O livro é mais durável que os bronzes das estátuas e os mármore das lápides. Ainda levará os mossoroenses distantes o aroma daqueles momentos embriagadores. Será para o Rio Grande do Norte, um justo título de orgulho, uma credencial legítima de altivez para sua história antiga.

Mão idônea, inteligência clara, disposição pronta, recursos econômicos, tudo aí existe, perto de vós, meus amigos de Mossoró.

Êsse livro é o volume sem par, a inicial veneranda de todas as nossas bibliotecas. Que vos falta para fixar a história do Dia, já unânime escolhido para vossa festa de espírito?

Sem selos, por ser pobre o requerente, e, nestes termos na forma clássica, peço deferimento.³¹⁹

O caminho proposto ao salvamento das narrativas da documentação sobre abolição da escravidão em Mossoró foi cartografado em verbos (reunir, sistematizar, escrever e publicar) cuja simultaneidade expressa o processo da construção do produto, o livro, que deveria salvar da corrosão do tempo as narrativas da documentação sobre abolição da escravidão em Mossoró.³²⁰

O pedido de Câmara Cascudo sobre a necessidade da escrita de um livro para a abolição em Mossoró consistia em um ato de salvamento do passado, mas também pode ser pensado como forma de referenciar um saber, uma prática escriturária que albergava a narrativa sobre o acontecimento, própria do grupo que tratava sobre o passado da cidade. Assim, o livro escrito por Vingt-un Rosado, sobre a história de Mossoró, mostra que os intelectuais mossoroenses mantinham entre si uma rede de sociabilidade (quer no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, na Academia Norte-Rio-grandense de Letras, no Instituto Cultural do Oeste Potiguar ou na Coleção Mossoroense) que influenciava na forma como trabalhavam os documentos históricos e como escreviam.

Câmara Cascudo conclamou os mossoroenses a mergulharem nos arquivos e retirarem do oceano do esquecimento os indícios de um tempo que não podia passar. É por isso que sua escrita é prenhe de um mundo comprometido com a tradição e,

³¹⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. **A República**, Natal, p. 03, 04 out.1940.

³²⁰ CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 84.

para que não desapareça diante da aurora da modernidade, alertou em papel de jornal sobre a voracidade do tempo e relevância de um livro sobre o acontecimento.³²¹

O pedido de Cascudo, além de voltar-se ao “salvamento do passado”, buscou referenciar um saber ancorado na reafirmação do heroísmo dos abolicionistas. Distinta da escrita da história, que tem nas operações técnica e escriturária a prática, sua proposta voltou-se à vinculação do presente ao legado do passado da cidade.³²² Zelar pela memória histórica sobre o 30 de setembro presente nas narrativas dos jornais e nos outros documentos era, pois, o dever de memória lançado aos intelectuais mossoroenses pelo mestre natalense.³²³

Por consequência, a partir de vários lugares, intelectuais como Raimundo Nonato e Jerônimo Vingt-un Rosado reuniram documentos e reafirmaram interpretações sobre a abolição da escravidão em Mossoró.³²⁴ Ainda em 1940, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia publicou *Mossoró*, pela Editora Pongetti.³²⁵ O livro virou referência bibliográfica aos estudiosos do passado mossoroense, principalmente quando seu irmão, Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, eleito prefeito, em 1948, criou o Museu e a Biblioteca Municipal e os caracterizou como fundamentais ao desenvolvimento cultural da cidade.³²⁶

A escrita vantania aponta que as causas da libertação dos escravos estiveram associadas ao espírito humanitário das autoridades que abraçaram o abolicionismo e as atividades comerciais da cidade. Sem preocupação em problematizar o contexto da abolição, nem em questionar o centralismo das

³²¹ COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 80.

³²² CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 95-107.

³²³ Entre estes trabalhos devem ser citados: CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, Série C, v. 1, 1955; WANDERLEY, Walter. **Paulo Albuquerque**: o poeta da abolição. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969; ROSADO, Vingt-un; ROSADO, América Fernandes Rosado. **Alguns subsídios à saga quase centenária da abolição mossoroense**. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, Série C, v. 53, 1977; SILVA, Raimundo Nonato da. **O movimento abolicionista mossoroense**: sua repercussão internacional. Mossoró, RN: Cadernos da Caatinga, 1977; GALVÃO, João Batista. **Subsídios para a história da abolição do cativo no Rio Grande do Norte**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1982. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 211).

³²⁴ Entre as instituições das quais os intelectuais mossoroenses participavam estavam: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, na Academia Norte-Rio-grandense de Letras, no Instituto Cultural do Oeste Potiguar ou na Coleção Mossoroense.

³²⁵ ROSADO, Jerônimo Vingt-un. **Mossoró**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1940.

³²⁶ PRIMEIRO ano da administração Dix-Sept Rosado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 31 mar. 1949.

autoridades políticas e jurídicas que apoiaram a campanha local, Vingt-un Rosado fez mais uma louvação ao acontecimento que uma discussão sobre o cotidiano dos escravos em sua luta pela liberdade.

Como o articulador do grupo de intelectuais em torno dos estudos sobre o passado da cidade e das condições que viabilizavam os “métodos e os interesses” que delinearão os estudos e suas publicações, Vingt-Un Rosado era, ao mesmo tempo, pesquisador, incentivador e editor dos trabalhos que gravitavam em torno da Coleção Mossoroense. Olhando para essas funções, pode-se afirmar que as leituras sobre as fontes, principalmente os jornais que noticiaram a abolição da escravidão em Mossoró, foram tão direcionadas que se homogeneizou as análises a ponto de não divergirem dos primeiros olhares tecidos sobre a abolição em Mossoró por Cascudo e Vingt-un.³²⁷

Em sua narrativa, a Maçonaria aparece como instituição que ligou abolicionistas cearenses às autoridades mossoroenses na circulação das ideias libertárias na cidade, bem como evidenciou a prática escriturária,³²⁸ métodos e interesses presentes na fabricação de Mossoró como terra da liberdade.

Assim posto, a Mossoró abolicionista descoberta nos arquivos norte-rio-grandenses, cearenses e pernambucanos foi revestida do brilho comercial e humanitário que a fez “espaço da modernidade”³²⁹ e incentivadora da visão de mundo que tinha no trabalho escravo um elemento anticivilizatório.³³⁰

Ao observar o crescimento econômico da cidade na segunda metade do século XIX, Vingt-un Rosado canalizou o contexto local às ações políticas e sociais que os

³²⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 66-67.

³²⁸ Entende-se por prática escriturária sobre a abolição mossoroense a forma dos intelectuais se identificarem através de sua escrita, com as narrativas que já vinham dos exemplares dos jornais, isto é, com o lugar de produção da narrativa pela qual se orientavam e da qual produziam ou reafirmavam a memória histórica.

³²⁹ Ver: FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró: uma cidade impressa nas páginas de O Mossoroense (1872-1930)**. Campina Grande, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Humanidades.

³³⁰ Os arquivos pesquisados pertencem à Biblioteca Pública Pernambucana e à Biblioteca Pública de Fortaleza, em 1937, onde catalogou as matérias sobre a abolição mossoroense nos jornais *Gazeta de Notícias*, *Diário de Pernambuco*, *Folha do Norte*, *O Binóculo*, *O Tempo*, *A Tribuna* e *o Rebate*, bem como no cearense *Libertador*. Essa caçada aos arquivos, como se referia Vingt-un Rosado, teve como objetivo encontrar subsídios para demonstrar a repercussão da abolição mossoroense nas Províncias do Norte e embasar o argumento da importância da cidade para o abolicionismo brasileiro. Muitos desses documentos foram publicados posteriormente em: ROSADO, Vingt-un. **Repercussões pernambucanas do movimento abolicionista mossoroense**. Mossoró, RN. Coleção Mossoroense, v. 508, 1989, p. 05 (Série C).

homens do comércio passaram a entabular com o apoio dos companheiros abolicionistas cearenses. A história por ele tecida, transformou o 30 de setembro em algo festivo, alegre, desprovido de tensões, rupturas e questionamentos sobre documentos utilizados.

O autor justifica o lugar de Mossoró como centro de referência no oeste do Rio Grande do Norte pelo crescimento comercial, urbanização, trânsito de pessoas, mercadorias e ideias. Explorados em seu texto, os elementos de modernidade elencados pela via do trabalho livre foram tão fortes nos seus argumentos que impuseram ao leitor uma visão romântica sobre o contexto sociocultural em que se deu a campanha abolicionista na cidade.

Ao citar os beneméritos da causa abolicionista, Vingt-un Rosado construiu o discurso sobre os “heróis mossoroenses” a partir do lugar social que cada um ocupou no combate à escravidão. Verifica-se, em sua obra, a presença de autoridades eclesiásticas e homens da elite econômica local, entre eles: o vigário Antônio Joaquim Rodrigues,³³¹ apontado como um dos primeiros a combater a escravidão na cidade; o comerciante João Cordeiro, funcionário da firma Mossoró & Cia, que tinha participado da criação da Sociedade Libertadora Cearense, em 1880;³³² Joaquim da Costa Mendes, comerciante e presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense; Alcibíades Dracon e Paulo de Albuquerque, magistrados, cuja importância jurídica viabilizou os esforços dos abolicionistas; o intendente Romualdo Lopes Galvão e sua esposa, Amélia Dantas de Souza Galvão, única mulher considerada abolicionista.³³³

---

³³¹ O Vigário Joaquim Antônio Rodrigues é o primeiro abolicionista a ser citado por Vingt-un Rosado no combate à transformação de pessoas em escravas e na luta contra o comércio de escravos. Mas não há referências da atuação do clérigo durante a campanha em 1883. As ações do Vigário de Mossoró fazem parte das visões que a Igreja Católica possuía sobre a abolição da escravidão, uma vez que a “prática católica desse período apresentou várias faces e cada uma delas propunha um tipo de abolição e um modelo de Brasil para ser construído no tempo da liberdade”. Isso fica bem evidente quando se analisa os diferentes olhares que as irmandades ligadas aos homens de cor (que defendiam uma abolição rápida) e à elite eclesiástica (“defensora da abolição gradual, mantenedora da ordem e das relações de dependência”). Ver: PEREIRA, Camila Mendonça. **Abolição e Catolicismo**: a participação da Igreja Católica na extinção da escravidão no Brasil. 2011. p. 17-18. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense/ Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/ Departamento de História. Sobre a relação da Igreja Católica com a abolição da escravidão ver: ABREU, Martha. Pensamento católico, abolicionismo e festas religiosas no Rio de Janeiro. In: PAMPLONA, Marcos (Org.). **Escravidão, exclusão e cidadania**. Rio de Janeiro: Access, 2001; BEOZZO, José Oscar. Igreja e a escravidão (1875-1888). In: HAUCK, João Fagundes et. al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX, 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

³³² SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró: Gráfica do Senado Federal, 1983, p. 221. (Coleção Mossoroense, v. 285).

³³³ Filha de Damião Souza Mello, secretário da Relação do Amazonas, no porto de Fortaleza e um dos fundadores, em abril de 1883, do Clube abolicionista norte-riograndense em Fortaleza. Amélia Galvão

Mas, o que Vingt-un Rosado narrou com maior intensidade foram as festas comemorativas pela vitória da campanha abolicionista. Em decorrência desses momentos, citou conferências como a proferida por Bianor Fernandes,³³⁴ na Escola Normal de Mossoró em 1930, para mostrar que o movimento arregimentou a população em torno da libertação dos escravos. Eis um trecho por ele destacado:

No dia 29, são iniciados os festejos, com uma marche ou flambeaux, à noite. Cerca de cinco mil pessoas fizeram o transcurso da Praça da Redenção à Praça da Matriz, onde foram render graças ao Todo Poderoso, pelo grande acontecimento. Almino Afonso falou nesse dia. O Presidente da Libertadora Mossoroense dirigiu um ofício à Câmara Municipal, comunicando que a 30 de Setembro dar-se-ia a libertação total dos escravos em Mossoró.³³⁵

Esse era o momento glorioso da cidade e com ele Vingt-un Rosado concluiu o texto sobre a abolição mossoroense. Mostrou que entre as práticas utilizadas pela rede de sociabilidade dos abolicionistas (recifenses, mossoroenses e cearenses) estavam a troca de informações entre o Clube do Cupim (em Recife) e o Clube dos Spartacus (em Mossoró), bem como o envio de escravos rebelados para o porto de Mossoró, cujo destino era o Ceará.

Após a coleta de documentos nas bibliotecas públicas, o autor escreveu esboços biográficos de mossoroenses ilustres, sobretudo os abolicionistas. A eles anexou doze documentos referentes ao passado da cidade, os quais compunham o arquivo do coronel Francisco Fausto de Souza.³³⁶ Alguns desses documentos foram publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, enquanto outros são cópias do Livro de Tombo da Paróquia de Santa Luzia e

---

estudou no Ceará e manteve contato com os abolicionistas cearenses. Sua chegada a Mossoró foi amplamente divulgada pela imprensa abolicionista cearense, principalmente pelo jornal *Libertador*, em sua edição de 23 de abril de 1883. Ver: ROSADO, Vingt-un. ROSADO, América Fernandes. **Alguns subsídios à saga quase centenária da abolição mossoroense**. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, Série C, v. 53, 1977, p. 09-37.

³³⁴ Bianor Fernandes era magistrado e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG-RN).

³³⁵ ROSADO, Vingt-un. **Mossoró**. 3. reimp. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2014, p. 112. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 1521).

³³⁶ Francisco Fausto de Souza é considerado o primeiro a ter escrito algo sobre a história de Mossoró. Seus textos foram organizados em livro por Vingt-un Rosado, em 1979. Ver: SOUZA, Francisco Fausto de Souza. **História de Mossoró**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1979. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 96).

exemplares dos jornais *O Mossoroense* (31 de agosto de 1883) e *O Nordeste* (30 de setembro de 1932 e 15 de outubro de 1933).

A seleção de documentos feita por Vingt-un Rosado objetivou definir que o sentido da libertação dos escravos em Mossoró foi mais direcionado aos ideais civilizatórios e progressistas que às condições da mão-de-obra escrava nas atividades econômicas da cidade. Seu propósito foi comprovar, pela reprodução dos documentos, o lugar da cidade nas lutas contra os poderosos escravocratas e aclamar Mossoró como uma cidade ligada às ideias políticas veiculadas na corte. Esse posicionamento corroborou com a memória histórica, presente nos jornais que noticiaram a abolição mossoroense.

A intenção de aproximar Mossoró dos ideais abolicionistas do Ceará³³⁷ e dos debates realizados na capital do império foi o argumento que aproximou os intelectuais em torno da Editora Coleção Mossoroense e que culminou na fabricação da memória do pioneirismo mossoroense junto à memória nacional da abolição da escravatura.³³⁸

Resultado dessa aliança foi a publicação da história de Mossoró escrita por Vingt-un Rosado e dedicada a quem considerava como mestre, Luís da Câmara Cascudo. O autor apresenta ao leitor que o 30 de setembro também foi festejado no Ceará e em Pernambuco, através de matérias jornalísticas que glorificaram a atitude dos abolicionistas mossoroenses. Ao citar em sua obra o discurso proferido pelo juiz Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, da Comarca de Mossoró, Vingt-un Rosado deixou claro que a importância da produção do discurso tinha no “patriotismo dos abolicionistas” o exemplo da cidade para as futuras gerações. Segundo Paulo Leitão

Com a plena libertação do município de Mossoró, esta rústica, mas patriótica cidade, que hoje glorifica a Província inteira com o grande feito, que acaba de realizar na vasta arena da civilização com este grande acontecimento, atingimos, em parte, o supremo Desideratum

³³⁷ O Ceará era a referência da campanha abolicionista nas Províncias do Norte e recebeu líderes do movimento abolicionista, como José do Patrocínio, no decorrer do processo de expansão das ideias na Província.

³³⁸ A Coleção Mossoroense foi criada por Vingt-un Rosado, em 1949, com o objetivo de publicar pesquisas e documentos sobre a história de Mossoró e das cidades do Oeste do Rio Grande do Norte que versassem sobre as secas, arqueologia, paleontologia, geografia, genealogia. Para Paula Rejane, a Coleção Mossoroense tinha por finalidade publicar as pesquisas de Vingt-un e de jovens escritores, mas, sobretudo, serviu juntamente com o arquivo pessoal e com a organização de sua biblioteca para o seu exercício autobiográfico. FERNANDES, Paula Rejane. O intelectual e a Coleção: a escrita de si de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia por meio da Coleção Mossoroense. **Revista Sertões**, Mossoró, RN, v.2, n.1, p. 09-28. jan./jun. 2012.

do País, para cujo engrandecimento nós arrolamos, como obreiros voluntários! ... E seríamos dignos do maior dos vilipêndios, do mais acre dos baldões, se aceitássemos outra honra, que não fosse a que se prende aos modestos lugares, que ocupamos no lauto banquete, que hoje aqui se ostenta, em nome da liberdade e da Pátria... À Pátria, e somente à Pátria, é devida toda a glória porque a conquista foi para ela, e não para nós!³³⁹

Foi no exemplo do patriotismo dos abolicionistas que Vingt-un Rosado se ancorou para reafirmar a lição da cidade diante das áreas que mantiveram a escravidão no Rio Grande do Norte. Sem dúvida, a organização documental empreendida por Vingt-un foi fundamental para a construção da memória oficial sobre a libertação dos escravos mossoroenses, além do que endossou o processo de esquecimento dos vestígios sobre a resistência dos negros diante da escravidão.

Quinze anos após a publicação de *Mossoró*, outro livro tratando da história da cidade foi publicado, *Notas e documento para a história de Mossoró*, de Luís da Câmara Cascudo. Composto a partir de vasta documentação que incluía Atas da Câmara Municipal e Intendência do período de 1864 a 1949, jornais, Relatórios de Presidente de Província e relatos do historiógrafo Francisco Fausto de Souza,³⁴⁰ fora encomendado pelo prefeito Jerônimo Vingt Rosado Maia em meados de setembro de 1953.³⁴¹ Em 1955 foi publicado como a história oficial de Mossoró, onde os Rosados apareceram como promotores do passado da cidade.³⁴²

Ao argumentar sobre os motivos que levaram Mossoró à libertação dos escravos, Câmara Cascudo defendeu, com dados referentes à quantidade de escravos e sua importância para as atividades econômicas na cidade, que o movimento foi dirigido pelos grupos que, em outras partes do império, o atacavam, a

³³⁹ ROSADO, Vingt-un. **Mossoró**. 3 reimp. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 2014, p. 261-262. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 1521).

³⁴⁰ Entre os documentos publicados por Câmara Cascudo estão a Ata da Sessão que libertou os escravos em Mossoró e um relato de Francisco Fausto de Souza, datado de 13 de junho de 1930. Francisco Fausto de Sousa é considerado o primeiro historiador da cidade. Nasceu em Mossoró em 19 de maio de 1861 e faleceu em 14 de janeiro de 1931, na cidade de Areia Branca, onde foi Presidente da Intendência de 1911-1928. Ver: **Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine – CEPEJUL**- Fundação José Augusto. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000108360.pdf>. Acesso em 10/03/2016.

³⁴¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p. 07.

³⁴² COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 118.

saber: comerciantes, industriais, fazendeiros e proprietários.³⁴³ O interesse do autor voltou-se à produção de um passado glorioso, sem as marcas das rupturas e atritos, cujo legado ao presente fosse o exemplo do patriotismo expresso no 30 de setembro de 1883. Para Câmara Cascudo:

Não escolheu Mossoró outra efeméride para o seu Dia sonoro e festivo. Nem o 5 de agosto em que a provisão para a ereção da Capela de Santa Luzia marca historicamente a condensação demográfica ao redor do núcleo do arraial. Nem 24 de janeiro em sua primeira câmara municipal se instalou, inaugurando a existência comunal, o nascimento da unidade dentro da Província. Nem o 9 de novembro em que a vila fora elevada ao predicamento de Cidade, o título máximo do seu crescimento no tempo e nas honras políticas da época. A Data realmente coletiva, histórica, tradicional, medularmente ligada a todo mossoroense, é o 30 de setembro. Mossoró é o único ponto do Brasil onde uma vitória abolicionista se tornou festa oficial e coletiva e é comemorada por todas as classes nas ruas, nas praças, nas residências, nos corações.³⁴⁴

Na escrita de Câmara Cascudo o 30 de setembro encontrou seu lugar como data mais importante do calendário cívico mossoroense. Também foi em função do lugar ocupado por Cascudo, como “historiador da cidade”, que se pode entender como ocorreu a organização e a leitura dos documentos para a escrita sobre a libertação dos escravos.³⁴⁵

Conforme se observa, a relação entre o historiador Câmara Cascudo e os Rosados foi permeada por interesses que marcaram a própria feitura da escrita sobre

---

³⁴³ O autor utilizou dados retirados dos Relatórios dos Presidentes de Província para comparar o percentual de escravos diante da população em 1872. No Rio Grande do Norte, o total do número de escravos era de 5,5% em relação à população livre, enquanto que em Mossoró era de 3,5%. Deve-se levar em consideração que dos 10.282 escravos registrados em 1873 43,6% estavam nas áreas próximas a Natal, o que explica, em parte, as dificuldades do movimento abolicionista em ampliar suas atividades nessas áreas. Natal e as áreas circunvizinhas só libertaram os escravos em meados de 1888. CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p. 200. Os dados referentes ao ano de 1873 estão em tabela apresentada pelo Presidente da Província do Rio Grande do Norte, Dr. Manuel Satyro de Oliveira Dias, em 16 de março de 1882. Ver: **Falas e Relatórios de Presidente de Província do Rio Grande do Norte (1874-1882)**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-un Rosado, 2001, p. 706. (Coleção Mossoroense. Série G. n. 06).

³⁴⁴ Ibid., p. 201.

³⁴⁵ No prefácio da primeira edição de *Notas e documentos para a história de Mossoró* Câmara Cascudo já se autodenominava Historiador de Mossoró, no entanto, o título de Historiador oficial da cidade só aparece em 11 de agosto de 1967, quando o prefeito de Mossoró, Raimundo Soares de Souza, aprova a lei número 13/67, que concedeu o título de Cidadão Mossoroense e de Historiador do Município de Mossoró a Luís da Câmara Cascudo. COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 111.

o acontecimento, onde o que era relevante deveria estar em consonância com o que já se comemorava. Isso conduz a afirmação de Michel de Certeau, onde “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural”, sendo em função desse lugar que se instauram seus meios de fazer.³⁴⁶

No caso da escrita cascudiana, foi marcada pelo compromisso em exaltar a cidade no momento em que os Rosados necessitaram consolidar seu poder local, uma vez que, com a morte do governador Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia (1951), haviam perdido sua principal liderança política e buscaram, por diversas frentes, construir meios para a manutenção do poder. Um dos meios foi a fabricação da memória sobre Dix-Sept Rosado a partir da criação da Lei Municipal nº. 16, de 25 de julho de 1951, que renomeou o distrito mossoroense de Sebastianópolis com o nome de Dix-Sept Rosado; da campanha para a construção do Monumento ao Governador Dix-Sept Rosado, inaugurada em 30 de setembro de 1953; do uso do tempo comemorativo na associação entre o feito heroico e a construção do novo herói e da publicação de um livro sobre a história da cidade.

Em *Notas e documentos para a história de Mossoró*, a memória do governador Dix-Sept Rosado foi lembrada à medida que Câmara Cascudo se referiu aos avanços sociais e culturais da cidade durante sua gestão.³⁴⁷ Foi nesse contexto que a construção de um passado para Mossoró, empreendida por Cascudo, fez parte do processo de desenvolvimento cultural que, desde 1948, estava na agenda política da Família Rosado e encontrou na figura de Vingt-un Rosado seu principal articulador, especialmente pela Editora Coleção Mossoroense.

Nesse sentido, *Notas e documentos para a história de Mossoró* surgiu, como se referiu seu autor, de “pedras” que foram lapidadas a partir da cor, clareza e peso que os documentos manifestavam sobre o passado. É, pois, uma história a partir das relações e compromisso assumidos em função dos interesses que os promotores da

---

³⁴⁶ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 66.

³⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 3. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1996, p. 209-221. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 849).

pesquisa tinham para o uso político do passado da cidade, porque o que buscavam era um “edifício a serviço de Mossoró”.³⁴⁸

Imagem 7 - Monumento a Dix-Sept Rosado (1953)

Fonte: *O Mossoroense*, 30 set. 1953, p. 01

Vinte e dois anos após o lançamento do livro de Câmara Cascudo, Vingt-un Rosado e América Fernandes Rosado (sua esposa) publicaram *Alguns subsídios à Saga quase centenária da Abolição em Mossoró*.³⁴⁹ Resultado de intensa pesquisa nos acervos da Biblioteca Pública de Fortaleza e no Instituto do Ceará, o livro é uma coletânea das matérias que circularam no jornal *Libertador*, de 1883 a 1884,

³⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 3. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1996, p. 06.

³⁴⁹ ROSADO, Vingt-un; ROSADO, América. **Alguns subsídios à saga quase centenária da abolição mossoroense**. Mossoró: Gráfica Astecam, 1977. (Coleção Mossoroense. Série C. n. 53)

relacionadas à libertação dos escravos na cidade potiguar. Sua organização seguiu a cronologia em que as matérias circularam no jornal e, nos momentos em que os conteúdos destas matérias questionavam o posicionamento de algum abolicionista, Vingt-un e América Rosado trataram de justificar o papel que exerceram para a abolição em Mossoró.

O trabalho dos autores consistiu em limpar os vestígios das tensões provocadas pela libertação dos escravos entre os que narraram os desdobramentos do processo na capital cearense e aqueles que foram considerados suspeitos de atrapalhar a campanha, mas que foram inseridos como abolicionistas no imaginário da cidade.³⁵⁰

Junto a esse esforço de “depuração” do passado mossoroense esteve a preocupação em demonstrar que a libertação dos escravos em Mossoró não foi um fato isolado, mas algo que sofreu influência dos líderes abolicionistas nacionais. A busca por indícios que comprovassem os contatos com Joaquim Nabuco surgiu da relação que o juiz Paulo Leitão manteve, desde o tempo da Faculdade de Direito do Recife, com as ideias abolicionistas.

Nos documentos investigados não foi encontrado nenhum comentário por parte de Joaquim Nabuco quanto à abolição mossoroense, o que levou Vingt-un Rosado a acreditar que Nabuco desconheceu o feito mossoroense. Essa constatação, todavia, não o desanimou e o levou a publicar uma plaquete onde afirmou que, mesmo não se posicionando, Joaquim Nabuco estava a par do que acontecia em Mossoró.³⁵¹

Ainda no anseio de tornar a abolição em Mossoró fato grandioso, em 1979, Vingt-un Rosado publicou *História de Mossoró*,³⁵² de Francisco Fausto de Sousa. Uma coletânea de textos dividida em três partes: a primeira trata do povoamento da Ribeira de Mossoró e da fundação da Capela de Santa Luzia, enquanto a segunda faz um balanço cronológico do século XIX e a terceira comenta sobre as Famílias Guilherme de Melo, Alves de Oliveira, Ausentes e Freitas Costa.

---

³⁵⁰ Vingt-un Rosado se referia à matéria publicada em *Libertador* de 30 de agosto de 1883, quando um informante mossoroense do jornal, chamado de “O último dos Gracos, acusou Genipo Alido Genipo de Miranda de ser escravocrata. Genipo Miranda era considerado pelos intelectuais mossoroenses como um dos fundadores da Sociedade Libertadora Mossoroense.

³⁵¹ ROSADO, Vingt-un. **Joaquim Nabuco não tomou conhecimento da abolição em Mossoró**: Mossoró, RN: Fundação Guimaraes Duque, 2002. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 2146).

³⁵² SOUSA, Francisco Fausto de. **História de Mossoró**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1979. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 96)

Porém, quando se referiu à libertação dos escravos em Mossoró, Francisco Fausto de Sousa expôs pouquíssimas informações sobre o acontecimento, restringindo-se a comentar sobre a importância do comerciante Joaquim Bezerra da Costa Mendes como propagador das ideias abolicionistas na cidade, iniciadas com a fundação da Sociedade Libertadora Mossoroense e culminando com o fim da escravidão em 30 de setembro de 1883.

Por conseguinte, em 1988, Vingt-un Rosado continuou a busca pelo 30 de setembro e lançou a plaquete - *O trinta de setembro nasceu na Maçonaria*, onde reproduziu o discurso que proferiu em 13 de maio de 1988, na Sessão Branca da Loja Maçônica União Mossoroense das Grandes Lojas do Estado do Rio Grande do Norte. No discurso reafirmou a importância da Loja 24 de Junho para a campanha abolicionista na cidade e relacionou sua trajetória em prol da cultura mossoroense, bem como o incentivo dado por Câmara Cascudo para seu “gosto pela pesquisa histórica” e, o papel de seu pai, Jerônimo Rosado, na formação moral da família pela via de “um respeito quase religioso pela Maçonaria”.³⁵³

As publicações sobre a libertação dos escravos nos jornais, especialmente aquelas de jornalistas mossoroenses, como José Martins de Vasconcelos, que publicou, em 1933, importantes documentos em seu jornal, *O Nordeste*, foram outro ponto abordado no discurso. No entanto, diferentemente do que já havia publicado quando associou o 30 de setembro ao contexto nacional, Vingt-un Rosado referenciou o acontecimento aos outros feitos dos mossoroenses.

Os homens e as mulheres de 83 falavam a mesma linguagem de Ana Floriano, a rebelde de 1875 no “Motim das Mulheres”, um episódio local do “quebra quilos”.

Francisco Pinheiro de Almeida Castro, ao fazer uma oração republicana no recinto da Assembleia Provincial, era o mesmo orador do dia Trinta, em ideal e convicções.

Os Camboas, os Ausentes, os Guilherme de Melo, os Freitas Costa, os Souza Machado, tantos outros povoadores que enfrentaram o desafio do semiárido, eram bem os antepassados dos homens e das mulheres de 83.³⁵⁴

³⁵³ ROSADO, Vingt-un. **O trinta de setembro nasceu na Maçonaria**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1988, p. 03. (Coleção Mossoroense. Série B, n. 499)

³⁵⁴ Ibid., p. 24.

Os acontecimentos elencados por Vingt-un Rosado foram considerados como o passado da cidade a partir da visão de que a liberdade se constituiu como o elemento definidor da identidade mossoroense. O que ele fez, na verdade, foi uma seleção de fatos históricos que propiciaram estabelecer os membros de sua família, como construtores do passado mossoroense. Isso só foi possível porque a “Batalha da Cultura” se configurou como a luta em prol da realização do antigo projeto de desenvolvimento cultural da cidade, cujos marcos iniciais foram a Biblioteca Pública e Museu Municipal e, no auge, a criação das universidades. Essas “batalhas” impressas nas páginas dos jornais foram, além do esteio à circulação da imagem pública dos Rosados, um forte elemento à consolidação do lugar da Família no imaginário político e a legitimação de seu poder local.³⁵⁵

Vingt-un Rosado permaneceu fiel ao ensinamento de seu mestre, Câmara Cascudo, de que o tempo era voraz e que o passado deveria ser salvo por meio da publicação dos documentos. Assim teve origem, em 1989, *“Repercussões pernambucanas do movimento abolicionista mossoroense”*, coletânea de documentos resultante de “uma caçada realizada na Biblioteca Pública de Pernambuco, em 1937, e continuada no Arquivo Público em 1977 e 1978.”³⁵⁶ Matérias de jornais, biografias e cartas dos abolicionistas compuseram a organização do livro que, aliado a *História Social da Abolição em Mossoró*, de Raimundo Nonato da Silva, mostraram que a fábrica do passado da cidade continuou a ser a editora Coleção Mossoroense e seu diretor Vingt-un Rosado, considerado o “Feiticeiro das Letras” pelo escritor Raimundo Nunes, manteve-se na incansável batalha por um lugar para o 30 de setembro na seara da história nacional.

3.2 RAIMUNDO NONATO E OS “RETALHOS DO PASSADO”

Passaram-se quarenta e três anos até a publicação de um livro aos moldes do requerido por Câmara Cascudo, em 1940. Escrito para o centenário da libertação dos escravos em Mossoró (1983), *História Social da Abolição em Mossoró*, de Raimundo

---

³⁵⁵ COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 47.

³⁵⁶ ROSADO. Vingt-un. **Repercussões pernambucanas do movimento abolicionista mossoroense**. Mossoró. v. 508, 1989, p. 05. (Coleção Mossoroense. Série C).

Nonato da Silva,³⁵⁷ apresenta a descrição geográfica, o povoamento, o crescimento comercial e político durante o século XIX, as calamidades climáticas (com referências às secas de 1877 e 1915) e a importância do jornal *O Mossoroense* para a vida social da cidade.³⁵⁸

Em sua composição Raimundo Nonato também selecionou documentos referentes ao 30 de setembro de 1883, quais sejam: as atas de instalação da Sociedade Libertadora Mossoroense (06 de janeiro de 1883) e abolição dos escravos; os discursos proferidos pelos abolicionistas durante as comemorações em 1883; as matérias dos jornais cearenses *Libertador* e *O Cearense* (Ceará); os Hinos da Libertadora Cearense e Mossoroense; poesias; listas de abolicionistas e escravocratas; uma pequena biografia dos abolicionistas acompanhada das imagens dos mesmos e uma caricatura de Rafael Mossoroense da Glória, ex-escravo, que fecha esse livro-memorial.

Uma das particularidades de *História Social da Abolição em Mossoró* é a crítica a não inserção da abolição da escravidão local nas narrativas sobre a História do Brasil. Na obra, Raimundo Nonato aponta autores de renome nacional, como Gustavo Barroso e Pedro Calmon, como referências que evidenciam o malogro da abolição dos escravos mossoroenses diante da escrita da história nacional. Em contrapartida, não mediu esforços em homenagear hierarquicamente os “sistematizadores da história de Mossoró”, a saber: Luís da Câmara Cascudo, Francisco Fausto de Sousa, Vingt-un Rosado, Lauro da Escóssia e Raimundo Soares de Brito.

Agraciou abolicionistas e intelectuais que se debruçaram, ao longo de décadas, na catalogação e preservação dos documentos referentes ao 30 de setembro de 1883. O livro transformou-se no lugar para agradecer aqueles que estavam na saudade, como foi o caso do amigo Walter Wanderley, companheiro por décadas, nas comemorações do 30 de setembro.³⁵⁹ Para o autor a escrita do passado de Mossoró era uma caminhada que deixara um lastro de saudade a cada comemoração.

---

³⁵⁷ Raimundo Nonato da Silva era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-rio-grandenses de Letras.

³⁵⁸ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró: Gráfica do Senado Federal, 1983, p. 49-86. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 285).

³⁵⁹ Walter Wanderley (1914-1980), neto do abolicionista Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, foi contador, jornalista, deputado estadual pelo PSD (1947-1951) e membro de diversas instituições culturais como a Academia Norte-Riograndense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Instituto Genealógico Brasileiro. Foi o grande companheiro de Raimundo Nonato em suas viagens do Rio de Janeiro e Belo Horizonte para as comemorações do 30 de setembro em Mossoró. Em 1991, Raimundo Nonato publica sua agenda, onde cita sua participação nas

Sua narrativa sobre a abolição fundamentou-se na visão de que a história é uma lição moral cujo ensinamento às gerações do presente e do futuro se fez pela idealização dos abolicionistas como homens que legaram uma cidade devotada à liberdade, onde a ascensão social dos maculados pela pele foi descrita como algo indelével. Esse foi o discurso produzido nas argumentações publicadas nos jornais em torno da campanha abolicionista e reforçado pela reafirmação das obras dos intelectuais mossoroenses desde a década de 1940.

Segundo Raimundo Nonato, a abolição em Mossoró é “o resultado de uma terra livre com predestinação para uma empresa grandiosa, e sob cujo céu, se podiam abrigar todos os homens de boa vontade”.³⁶⁰ Influenciado pela leitura da obra de Gilberto Freire, especialmente *Casa Grande e Senzala*,³⁶¹ o autor mossoroense produziu uma visão homogênea do passado, sem conflitos e rupturas. Um passado produzido sem as sequelas do cativeiro, das intrigas entre abolicionistas e proprietários e da resistência dos escravos. O caminho traçado por ele, em seu ato de salvamento da memória histórica sobre a libertação dos escravos em Mossoró, foi o de fazer circular a ideia de que, enquanto lição, o 30 de setembro deveria se consolidar cada vez mais no espaço comemorativo e ser o referencial do passado da cidade no presente. Na verdade, sua escrita traz as marcas do processo elitista e conservador que fez de Mossoró uma das estratégias aos objetivos dos abolicionistas cearenses, além de inserir um grupo de comerciantes seduzido pelo discurso que teve no progresso e na civilização o meio e o fim da solução do problema da escravidão. Nesse sentido, *História Social da Abolição em Mossoró* revela a construção imagética da cidade por meio de uma visão de história que defende a importância de se explicar o passado a fim de compreender o presente e transformar o futuro.³⁶²

---

comemorações entre 1964 a 1980. Na maioria, Walter Wanderley aparece acompanhando o amigo no que chamou de “romaria do 30 de setembro”. SILVA, Raimundo Nonato da. **O Romeiro do 30 de setembro: viagens do Rio de Janeiro a Mossoró – presença nas sessões das Noites da Cultura**. Mossoró, RN. v. 703, 1991. 08-76. (Coleção Mossoroense, Série C) (Minhas memórias do Oeste Potiguar. v. 20).

³⁶⁰ Ibid., p. 72.

³⁶¹ FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

³⁶² CATROGA, Fernando. Ainda será a história mestra da vida? In: RIOS, Kênia Souza. FILHO, João Ernani Furtado. (Org.) **Em Tempo**: história, memória e educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008, p. 23.

Seu livro aparece como homenagem do Senador da República, Nilo Coelho,³⁶³ ao Centenário da Abolição em Mossoró. Composto por trinta capítulos, foi o presente comemorativo aos cem anos da libertação dos escravos da cidade ao grupo de intelectuais que frequentava as Lojas Maçônicas, a Academia Norte Rio-grandense de Letras (ANL), Ao Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP) e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG-RN). Ademais, foi recebido pelos leitores da rede de sociabilidade do autor como uma obra que retratou a verdade sobre o 30 de setembro de 1883, sendo, por isso, necessário à população mossoroense.

Em carta dirigida a Raimundo Nonato, de 22 de janeiro de 1984, o jornalista paraibano Eptácio Soares comentou que nos “fastos históricos de Mossoró, a história da abolição dos escravos é o evento do qual mais se ufanam os mossoroense, o que ressalta das páginas deste livro”.³⁶⁴ Portanto, para além das comemorações, a obra ficou conhecida como o marco para a posteridade. Leitura obrigatória à população. Posto isso, chegou à Biblioteca Municipal e escolas municipais como parte da estratégia da Coleção Mossoroense e, posteriormente, da Fundação Vingt-un Rosado (FVR foi criada em 1995), no que tange ao angariamento dos recursos públicos voltados à publicação dos títulos.³⁶⁵

Sob controle de Vingt-un Rosado, o trabalho da Coleção Mossoroense era processual, ia da seleção à distribuição das publicações. Tudo estava diretamente ligado a sua liderança – contatos, publicações de documentos, reedições e novos estudos sobre Mossoró -, mostrando que a relação autor/editor na Coleção Mossoroense, voltou-se à relevância do que era publicado para a consolidação da

---

³⁶³ Senador pelo Estado de Pernambuco, de 1979 a 1983, Nilo de Souza Coelho pertencia à ARENA. Seu contato com Mossoró era por conta de sua relação política com Dix-Huit Rosado e Vingt Rosado e seus alinhamentos políticos na Arena durante o Regime Militar. Em 1983, Nilo Coelho foi o Presidente do Congresso Nacional e autorizou a impressão do livro de Raimundo Nonato. Percebe-se que as ajudas políticas também faziam parte das estratégias de Vingt-un Rosado em imprimir os livros da Coleção Mossoroense. Durante boa parte da trajetória da Coleção Mossoroense, as publicações foram financiadas com recursos públicos, provenientes da Fundação Guimarães Duque (Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM).

³⁶⁴ SOARES, Eptácio. História Social da Abolição em Mossoró. Diário da Borborema, Campina Grande, PB. 22 jan.1984. In: RODRIGUES, José Augusto; BRITO, Raimundo Soares de. (Org.) **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista**. Mossoró, RN: ASTECAM, 1987, p. 171. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 355).

³⁶⁵ Ver: Lista de distribuição dos livros da Coleção Mossoroense. **Arquivo Particular de Vingt-Un Rosado**. Pasta 09.

memória oficial sobre a libertação dos escravos e que o “impresso, sempre, é tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido”.³⁶⁶

Exemplo dessa relação foi a organização e publicação de *História Social da abolição em Mossoró*, impresso no Centro Gráfico do Senado Federal e encomendado pelo Prefeito Dix-Huit Rosado, que “delegou poderes” ao escritor Raimundo Nonato para escrever um estudo definitivo sobre o 30 de setembro.³⁶⁷ O livro possui comentários de vários jornalistas, poetas, professores, sacerdotes e escritores que reforçaram a importância dos abolicionistas mossoroenses no âmbito do centenário da abolição mossoroense.

No que se refere à exaltação da cidade e veiculação da narrativa aos interesses das autoridades locais na ratificação da imagem de Mossoró, cidade da liberdade, é possível admitir que a escrita da história da abolição por Raimundo Nonato ficou sob medida. Sua circulação ocorreu pela rede de sociabilidade na qual o escritor estava inserido e pela divulgação que as comemorações deram ao lançamento do título durante a IX Noite da Cultura, quando foram lançados mais 100 livros de 122 autores.³⁶⁸

Ponto culminante dos lançamentos anuais da Editora Coleção Mossoroense, a Noite da Cultura era o momento em que, reunidos na Loja Maçônica Jerônimo Rosado, os intelectuais da cidade lançavam os trabalhos sobre Mossoró e Oeste Potiguar. Ali se celebrava a produção da “Batalha da Cultura”, solenidade em que a rede de sociabilidade construída por Vingt-un Rosado, ao longo de quatro décadas, se confraternizava diante dos estudos publicados.³⁶⁹

Foi no espaço comemorativo do centenário da libertação dos escravos que *História Social da Abolição em Mossoró* surgiu como monumento vivificante que retrata o heroísmo mossoroense de 1883. Porém, suas páginas também foram espaço dedicado à crítica aos historiadores pelo silêncio diante de tão importante

³⁶⁶ CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores da França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 2004, p. 173.

³⁶⁷ SOARES, Epitácio. *História Social da Abolição em Mossoró*. Diário da Borborema, Campina Grande, PB. 22 jan.1984. In: RODRIGUES, José Augusto; BRITO, Raimundo Soares de. (Org.) **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista**. Mossoró, RN: ASTECAM, 1987, p. 169. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 355).

³⁶⁸ A MAIOR noite de autógrafos do Brasil. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 20/21 set. 1983.

³⁶⁹ Sobre a Batalha da Cultura ver: COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense (1955-1980), 2011, p. 33-109.

acontecimento para o Rio Grande do Norte.³⁷⁰ Junto aos documentos garimpados especialmente no jornal *Libertador*, Raimundo Nonato cita diversos trabalhos relacionados ao 30 de setembro. Para ele, os esforços em manter a libertação dos escravos como a principal data do calendário cívico mossoroense era o exemplo do zelo que possuíam pelas coisas do passado, por isso considerou *História Social da Abolição em Mossoró* como:

Uma viagem alegre pelos caminhos destes 100 anos que se foram, na sombra silenciosa dos dias mortos, cuja vivência, ensinará ao observador a oportunidade de enriquecer seu trabalho e aprender nos seus exemplos a experiência das lições deixadas pelos grandes vultos de quantos foram úteis à humanidade.³⁷¹

O livro é exemplo de como as publicações da Coleção Mossoroense evidenciavam procedimentos e interesses especialmente pela temática genealogia, como foi o caso de Pedro Galvão,³⁷² que, ao escrever a Raimundo Nonato, mostrou-se preocupado em inserir familiares na história oficial da libertação mossoroense.

O movimento que até nossos dias, passados cem anos ainda permanece vivo no coração e na lembrança de toda a comunidade mossoroense, tem em seu bojo figuras que de certo modo merecem ser por mim destacadas. ALEXANDRE SOARES DO COUTO, meu tio, irmão de Antônio Soares do Couto (Toto Reis), Delmira Soares do Couto e Maria Soares do Couto (Maricas ou Bília) todos filhos do primeiro matrimônio de Jeremias Soares do Couto. (...) eram seus irmãos por parte de pai, João Capistrano S. do Couto, Enéias S. do Couto, Adélia Soares do Couto e minha mãe Elvira do Couto Galvão. Adélia S. do Couto era casada com um Benício de Melo, salvo engano de minha parte. Bem, a única “chave” do quebra-cabeças que não consegui encontrar para desvendar a participação de possíveis parentes por parte de meu pai, na história da Abolição, permanece perdida no emaranhado do tempo. Qual o parentesco de Romualdo Lopes Galvão e Clemente Lopes Galvão, com meu pai, Petronilo Lopes Galvão? Essa mesma indicação me fora feita por Walter Wanderley em 79. Creio, o historiador João Batista Galvão, sobrinho

³⁷⁰ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró: Gráfica do Senado Federal, 1983, p. 192. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 285).

³⁷¹ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró: Gráfica do Senado Federal, 1983, p. 191. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 285).

³⁷² Segundo José Augusto Rodrigues, Pedro do Couto Galvão era cirurgião dentista com raízes profundas em Mossoró. Manteve ampla correspondência com Raimundo Nonato na década de 1980, especialmente com relação à escrita do passado da cidade. RODRIGUES, José Augusto; BRITO, Raimundo Soares de. (Org.) **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista**. Mossoró, RN: ASTECAM, 1987, p. 173. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 355).

de Romualdo L. Galvão, pudesse projetar alguma luz o caso em tela.³⁷³

A fala de Pedro Galvão mostra muito bem como eram tecidas as relações de sociabilidade entre intelectuais e leitores em Mossoró. A entrada na rede de sociabilidade relacionada a Coleção Mossoroense aparece, em certas situações, a partir da aspiração em querer biografar e relacionar parentes próximos aos heróis do passado mossoroense. Uma das mais intensas atividades de pesquisa do grupo era ligada a genealogia, daí ser a busca de documentos familiares um dos meios mais eficazes para a manutenção da fábrica de memórias de Vingt-un Rosado.

Atentos, intencionados e dispostos a incentivar ou colocar um novo tijolo no edifício da abolição mossoroense, os leitores da Coleção Mossoroense acionavam ou inseriam-se na dimensão coletiva da rede de sociabilidade dos intelectuais que publicavam sobre o passado da cidade. O meio de inserção desses novos estudiosos começava, na maioria das vezes, com a leitura de obras sobre o 30 de setembro ou o 13 de junho e resultava em publicação de plaquete pela Coleção Mossoroense.

Por essa perspectiva, *História Social da Abolição em Mossoró* foi justificativa ao episódio da libertação dos escravos e, ao mesmo tempo, monumentalização dos documentos que circularam no jornal *Libertador* e dos escritos dos intelectuais da Coleção Mossoroense. O autor abordou o povoamento, atividades econômicas e evolução política-administrativa, desde o “Arraial de Santa Luzia” até a emancipação política (15 de março de 1852), para explicar a evolução urbana e comercial da cidade, argumento que sustentou como relevante a libertação dos escravos. Nesse sentido, o “ciclo áureo do negociante estrangeiro”, como denominou Raimundo Nonato, promoveu a tal ponto o crescimento econômico que serviu de referência às exigências por transformações urbanas que viabilizassem o comércio, como era o caso da necessidade da construção da estrada de ferro que ligaria a cidade ao interior de outros Estados e asseguraria seu futuro comercial por meio do intercâmbio comercial industrial.³⁷⁴

³⁷³ RODRIGUES, José Augusto; BRITO, Raimundo Soares de. (Org.) **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista**. Mossoró, RN: ASTECAM, 1987, p. 173-174. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 355).

³⁷⁴ GURJÃO, Rafael Fernandes. Estrada de Ferro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 18 fev.1919. Existem vários trabalhos que versam sobre a importância da Estrada de Ferro de Mossoró tanto como fator de crescimento econômico como de uso político. Ver: LIMA, Francisco Vanderlei de. **A estrada de Ferro Mossoró-Souza: do sonho econômico à miséria do discurso político**. Natal, UFRN, 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

A argumentação apresentada foi fundamentada pelos pedidos que os comerciantes do período fizeram à Câmara Municipal, o que levou Raimundo Nonato a defender que o crescimento comercial foi a condição essencial à transformação de Mossoró em espaço de proliferação das ideias abolicionistas.³⁷⁵ Diante disso, a justificativa do pequeno número de escravos, a forma como eram tratados e a agilidade no processo de sua libertação foram entendidos como consequência da visão de mundo que os comerciantes envolvidos na Sociedade Libertadora possuíam diante do trabalho escravo.

O lugar social de Raimundo Nonato da Silva como um homem ligado ao ensino e instituições comerciais, contribuiu significativamente na produção do discurso que teve no crescimento comercial a razão da riqueza, modernidade e vanguarda nos acontecimentos que colocaram Mossoró no debate das grandes questões nacionais do final do século XIX. Foi em função desse lugar que os interesses em promover a reafirmação do pioneirismo abolicionista mossoroense no Rio Grande do Norte, norteou a seleção dos documentos e as questões abordadas relacionadas a manutenção da memória dos abolicionistas como homens comprometidos com o progresso e a civilização.

Assim, nada melhor do que o ambiente comemorativo para fazer circular as narrativas que corroboraram com toda a tradição comemoracionista que, desde 1902, ganhou os espaços públicos de Mossoró e fez do centenário a congratulação da junção do uso político do passado memorável de Mossoró com as famílias que detinham o controle da imprensa e do poder político na cidade, os Escóssias e os Rosados.

A autoridade que Dix-Huit Rosado e seu irmão, Vingt-un Rosado, possuíam (o primeiro enquanto prefeito e o segundo enquanto “o mecenas mossoroense”), em autorizar e congregar em sua esfera de poder os intelectuais nas tarefas da escrita sobre o passado, mostrou o quanto a prática escriturária de Francisco Fausto, Câmara Cascudo, Vingt-un e Raimundo Nonato se transformou nos parâmetros para a escrita sobre o passado de Mossoró.

Em seus estudos, a primeira instituição que aparece como sendo um indício de modernidade é o jornal *O Mossoroense*. Visto como uma trincheira da liberdade, junto à Loja Maçônica 24 de Junho, foram considerados as instituições fomentadoras da

---

³⁷⁵ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**, 1983, p. 64-73.

abolição. A criação do jornal *O Mossoroense* aparece como “o começo de uma nova era [...] uma data sem igual na vida da cidade”,³⁷⁶ enquanto a Maçonaria foi considerada “a grande incentivadora do glorioso movimento Libertador, em Mossoró”.³⁷⁷

No final do século XIX, o olhar sobre a imprensa e a Maçonaria esteve relacionado à ideia de progresso e referendado nos discursos e símbolos que representavam os ideais civilizatórios do período.³⁷⁸ Nesse contexto, a modernidade passou, segundo José Roberto do Amaral Lapa, pela partilha de “comportamento, linguagem, hábitos, visão de mundo, símbolos e padrões de educação e disciplina dos sentidos”. Romper com as condições políticas e as relações de trabalho escravo era estar no caminho da modernidade, ou seja, era “ser republicano e abolicionista, imigrantista e amante do progresso”.³⁷⁹

Por essa perspectiva, lojas maçônicas e imprensa foram tomadas como espaços de sociabilidade propícios ao debate e veiculação das ideias abolicionistas, reforçando o argumento que “de inúmeras e complexas maneiras, a escrita, e, principalmente, a palavra impressa, estabelece novas articulações na vida cotidiana da cidade”.³⁸⁰

Por esse prisma, explica-se a importância da imprensa, especialmente o jornal *O Mossoroense*, que, a partir “da escrita de si mesma e dos seus, apresentar-se-ia [Mossoró] aos seus habitantes e aos de outras cidades”³⁸¹ como símbolo da liberdade. Em seu bojo se construiu o discurso de ser o jornal abolicionista, característica que não corresponde a sua primeira fase, pois não existe nenhuma referência que alinhe seus posicionamentos sobre a escravidão aos pressupostos da campanha abolicionista. De fato, a ligação do jornal com a abolição foi um dos mais fortes

---

³⁷⁶ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983, p. 74. (Coleção Mossoroense. Série C. v. 285).

³⁷⁷ Ibid., p. 92.

³⁷⁸ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p.119.

³⁷⁹ LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade**: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900. São Paulo, SP: Editora da USP; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008, p. 19.

³⁸⁰ CRUZ, Heloisa de faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana- 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa oficial SP, 2000, p. 66.

³⁸¹ FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró**: uma cidade impressa nas páginas de *O Mossoroense* (1872-1930). Campina Grande, 2009, p. 23-24. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

argumentos para a fabricação e circulação da memória sobre a libertação dos escravos em Mossoró, uma vez que o periódico ajudou na realização das comemorações do acontecimento desde o início do século XX.

Não obstante, ao relacionar o jornal *O Mossoroense* à abolição local, Raimundo Nonato confundiu as críticas à Monarquia e à utilização de ideias republicanas presentes no periódico, indicando a participação do jornal de Jeremias Nogueira na campanha abolicionista. Em sua primeira fase (1872-1875), *O Mossoroense* citou, ao longo de quase quatro anos, apenas uma matéria alusiva à libertação de escravos. Denominada de “mais um triunfo da liberdade”, o jornal reproduziu a matéria publicada no *Correio Paulistano*, de 09 de julho de 1874, que mencionou a atitude do “francês José Planet, ex-dono do Hotel D’Europa, localizado na capital da Província de São Paulo, em libertar 10 escravos de sua propriedade”.³⁸²

Não foi tecido no periódico nenhum comentário sobre as condições de vida e trabalho dos escravos, nem se incitou qualquer crítica à instituição. Nesse sentido, mesmo que *O Mossoroense* tenha veiculado a matéria sobre a libertação de negros cativos e, com essa atitude, reconhecido a instituição da escravidão como um problema social que o Brasil possuía, não se pode caracterizar essa ação isolada como algo que autorize denominar o jornal de Jeremias Nogueira como abolicionista.

Três meses depois, em artigo sobre o segundo aniversário do jornal, Jeremias da Rocha Nogueira, seu proprietário, afirmou que “a bandeira do *Mossoroense* é da liberdade; não a liberdade que assiste ao senhor a compressão do escravo, mas a liberdade de iguais e de irmãos”.³⁸³ Ao se reportar à visão republicana do jornal, afirmou não ser igual “a República do Paraguay de Solano Lopes”, nem a do “Prata do Caudilho Rosaz”. Também defendeu ser diferente dos “monarchistas das monarchias da Itália de Francisco José, da Hespanha de Izabel ou dos Carlista e da França de Luís Napoleão”, e, “também não o poderá ser da monarchia do Brazil de Pedro II”. E, finalmente, afirmou que seu jornal buscava a “liberdade completa e real aonde quer que ela esteja”.³⁸⁴

Negando dois governos republicanos latino-americanos, por considerar seus líderes como ditadores, e rejeitando o regime monárquico, por acreditar que o rei

³⁸² MAIS um triumpho da liberdade. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 01, 26 jul.1874.

³⁸³ ANIVERSÁRIO (17 de outubro). Ibid., Mossoró, p. 01, 24 out. 1874.

³⁸⁴ ANIVERSÁRIO (17 de outubro). Ibid., Mossoró, p. 01, 24 out. 1874.

usurpa o direito do povo, o proprietário de *O Mossoroense* expressou uma visão ilustrada sobre a liberdade a partir do discurso de que a imprensa e jornalismo eram “araútos do novo e, ao mesmo tempo, marcos da modernidade” dentro da cultura política brasileira na segunda metade do século XIX.³⁸⁵ A liberdade passou, então, a ser um dos pilares do direcionamento político do jornal, mas a leitura de seus exemplares não demonstrou que esse discurso se efetivou em práticas cotidianas. No papel timbrado do jornal, o conceito de liberdade ficou sem explicação e aplicabilidade, haja vista a não publicização de nenhuma atitude efetiva em prol de sua realização. Logo, em sua primeira fase, não encontrou respaldo nas instituições da cidade.

Mesmo diante dessas circunstâncias, ao se debruçar sobre o jornal *O Mossoroense*, a opção de Raimundo Nonato da Silva foi de credenciá-lo como o único jornal impresso na cidade a defender a causa libertária. A estratégia do autor em caracterizar o periódico como abolicionista pode ser compreendida a partir do empenho em demonstrar que a campanha abolicionista mossoroense foi um processo e, como tal, suas raízes remontam à tradição republicana, presente no jornal desde sua fundação. Com esse argumento reforçou a defesa do pioneirismo local e camuflou as estratégias dos abolicionistas cearenses em perceberem Mossoró como um ponto referencial à expansão da campanha pela Província do Rio Grande do Norte.

Raimundo Nonato foi, nesse sentido, o sistematizador da memória que distinguiu a ação dos cearenses diante do movimento abolicionista mossoroense. A produção do discurso que reconheceu a campanha abolicionista mossoroense como um processo maduro e com sólidas bases, ancoradas na leitura que comerciantes locais faziam da escravidão, faz do livro de Raimundo Nonato o instrumento de naturalização tanto da narrativa documental como do ritual comemoracionista no centenário.

Escrito a partir da leitura do jornal *Libertador* e *O Mossoroense*, como indicou a correspondência que trocou com muitos de sua rede de sociabilidade³⁸⁶ e as notas

---

³⁸⁵ RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. Cultura política na passagem brasileira do século XIX ao século XX. In: LESSA, Mônica Leite. FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito. **Entre a Monarquia e a República**: imprensa, pensamento político e historiografia (1822-1889). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 216.

³⁸⁶ A rede de sociabilidade de Raimundo Nonato aparece nos livros que José Augusto Rodrigues e Raimundo Soares de Brito organizaram sobre sua obra, no Museu Epistolográfico de Ozelita Cascudo e na correspondência que manteve, durante as décadas de 1980 e 1990, com Maria Lúcia Escóssia de Castro. Nesse acervo, os pesquisadores são advogados, magistrados, profissionais de saúde, políticos,

que citou no decorrer da narrativa, *História Social da Abolição em Mossoró* demonstrou os interesses de sua feitura diante da efetivação do acontecimento como a principal referência do passado mossoroense.

Seguindo sua trajetória nas grandes comemorações cívicas da cidade, Raimundo Nonato apresentou a segunda instituição incentivadora da abolição mossoroense: a Maçonaria. Apontou que Mossoró, com “seu comércio, sua atividade cultural, mantendo jornal, biblioteca, escolas e clube social, além de sua evidente força na política”, reuniu condições para a instalação da Loja Maçônica 24 de Junho e daí surgiram as articulações para a recepção das ideias abolicionistas na cidade. Como membro da maçonaria, imprimiu a importância da instituição para a libertação dos escravos e afirmou que em suas dependências foram arquitetadas as libertações e, posteriormente, organizadas comemorações cujo ápice eram os discursos proferidos e os hinos entoados no dia 30 de setembro.

Raimundo Nonato questiona o motivo das autoridades municipais, naquele momento, preferirem o hino da Libertadora Cearense ao que fora criado por Paulo de Albuquerque, cujas estrofes retomam a memória dos heróis do passado e glorificam o lugar de Mossoró como um dos símbolos da luta nas Províncias do Norte contra o trabalho escravo.

Escravos gemiam na pátria valente
Que deu Miguelinho, que viu Camarão
E o povo responde seu grito plangente
Rompando cadeias, partindo grilhões
E o povo responde seu grito plangente
Rompando cadeias, partindo grilhões

Alvissareira e bela cidade
A mensageira da liberdade
Sempre altaneira como um leão
Porta-bandeira do seu torrão!
Sempre altaneira como um leão
Porta-bandeira do seu torrão!

O Norte desperta sedento de glória
Abaixo a senzala cativos não mais
E o efeito gravou-se no bronze da História

---

professores e poetas. Muitos são acadêmicos, membros dos Institutos Históricos e Geográficos (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco), do Instituto Cultural do Cariri (ICC) e do Instituto Cultural do Oeste Potiguar ICOP). Ver: RODRIGUES, José Augusto; BRITO, Raimundo Soares de. (Org.). **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista**. Mossoró, RN: ASTECAM, 1987. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 355); BRITO, Raimundo Soares de. **Raimundo Nonato**: ano 80. Mossoró, RN: ASTECAM, 1987. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 405).

Caiu a Bastilha, são todos iguais
E o efeito gravou-se no bronze da História
Caiu a Bastilha, são todos iguais.³⁸⁷

O papel de Mossoró como epicentro do movimento abolicionista norte-rio-grandense destaca-se no hino pela evocação à memória dos heróis, o que, em seu conjunto, demonstra a eficácia da estratégia dos abolicionistas cearenses em associar passado e presente como justificativa à adesão ao abolicionismo. O envolvimento dos cearenses na libertação dos escravos em Mossoró foi tão forte que os símbolos do processo, em grande medida, partiram do Ceará, bem como todo o apoio à realização das alforrias, algo perceptível na relação que a Sociedade Libertadora Cearense expressou ao longo das matérias no jornal *Libertador* sobre os caminhos que a campanha abolicionista tomou na cidade.

Por essa razão, as opções feitas nas primeiras manifestações sobre o sucesso da emancipação dos cativos, incluindo a escolha do hino, das poesias e dos que fariam os discursos, bem como o teor que cada um deles teria, não conseguiram se desvencilhar da Província do Ceará. Como se não bastasse, a figura mais expressiva apresentada no jornal cearense e nos documentos produzidos na libertação foi Almino Afonso, um norte-rio-grandense, mas que, naquele momento, era o representante da Sociedade Libertadora Cearense em Mossoró.

A utilização de referenciais simbólicos - os quais vão desde os heróis que permeavam o imaginário dos intelectuais, como Miguelinho e Camarão, aos símbolos que remeteram à extensão do ato libertário, como a correlação feita entre a Senzala e a Bastilha - mostra o quanto o hino foi um importante mecanismo para a fabricação e circulação do heroísmo da cidade. Do contrário, a destruição desses símbolos era algo tão poderoso que os espaços correlacionados representavam um tempo cuja ordem, regida pela centralização política, mordança e medo, possibilitou aproximá-los para justificar que a libertação dos escravos em Mossoró significou o início da destruição da ordem escravocrata no Rio Grande do Norte.³⁸⁸

Nesse sentido, é importante dizer que, desde o primeiro momento das comemorações, o ufanismo mossoroense foi produzido através de símbolos visuais

³⁸⁷ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983, p. 168. (Coleção Mossoroense. Série C. v. 285).

³⁸⁸ Sobre a destruição dos símbolos e seu poder de mobilização e transformação, ver: HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 94.

(Estandarte da Libertadora) e sonoros (Hino da Sociedade Libertadora Mossoroense), os quais se configuraram como as primeiras expressões simbólicas da libertação dos escravos. A análise desses símbolos evidencia como, no centenário, Raimundo Nonato procurou homogeneizar discursos e imagens sobre a abolição mossoroense.

Em raríssimos momentos ele apontou, levemente, tensões envolvendo abolicionistas entre si e suas relações com os proprietários de escravos locais. Uma das poucas passagens do livro *História Social da Abolição em Mossoró* em que se expõe os atritos entre os abolicionistas e os escravocratas diz respeito a matérias que circularam no *Libertador*, principalmente em relação ao promotor Genipo Miranda, e quando o Livro de Ata da Libertadora Mossoroense desaparece. O que se sabe sobre o conteúdo da ata da sessão que libertou os escravos em Mossoró advém da cópia que foi publicada no jornal *Libertador*, de 21 a 24 de novembro de 1883

Diante desses argumentos, pode-se afirmar, então, que *História Social da Abolição em Mossoró* teve como finalidade glorificar os abolicionistas e englobar o maior número possível daqueles que gravitaram em determinadas circunstância, quer na crítica à monarquia (como Jeremias da Rocha Nogueira), quer na participação de instituições que contribuíram para a efetivação da abolição (como o promotor Genipo Miranda, único magistrado mossoroense que o jornal *Libertador* manteve como irreduzível escravocrata).

Raimundo Nonato escreveu uma obra que foi monumentalizada como a verdade sobre o 30 de setembro. Sua autoridade na composição desse monumento advém dos lugares que participou como intelectual e dos saberes que compartilhou sobre o passado da cidade. O uso dos documentos objetivou fundamentar a memória histórica sobre a libertação dos escravos e inserir os intelectuais ligados à Coleção Mossoroense. Isso foi tão pertinente no decorrer de sua escrita que cada capítulo de *História Social da Abolição em Mossoró* recorre à reprodução das matérias dos dois jornais que referenciaram os desdobramentos da campanha abolicionista local e aos símbolos que surgiam, como o Estandarte da Sociedade Libertadora Mossoroense, que circulou por vários espaços da cidade até ser transformado em objeto museológico.

Por fidalga gentileza da Intendência Municipal obtivemos do seu arquivo a bandeira da Sociedade Libertadora Mossoroense, ali cuidadosamente recolhida após o triunfo da humanitária campanha de libertação do Município. Este troféu de sagrada reminiscência acha-se

em venerada exposição em nosso Atelier transferido para a sede do Clube Democrático onde, por iniciativa da esperançosa e patriótica mocidade de nossa terra, haverá à noite espetáculo de gala em comemoração da auspiciosa e áurea data, que hoje passa.³⁸⁹

Outros símbolos que não fazem parte das primeiras comemorações, mas que compõem os monumentos da memória sobre o fim da escravidão em Mossoró são a Estátua da Liberdade e o Brasão Municipal. Raimundo Nonato os citou através das matérias de *O Mossoroense* e afirmou sua importância para a fabricação da memória sobre a abolição como algo que invadiu os espaços da cidade e representou a glória mossoroense.

Imagem 8 - Proposta - Brasão Mossoroense

Fonte: *O Mossoroense*, 30 set. 1907, p. 01.

A descrição dos elementos que compõe o brasão (sol, sal e carnaubeira), juntamente com a data 30 de setembro de 1883, manifesta os procedimentos da fabricação da identidade local como terra da liberdade, bem como os interesses das pessoas e instituições envolvidas no processo em permanecerem no imaginário da cidade.

Recordar o 30 de setembro de 1883 e gravá-lo simbolicamente era mais significativo que a própria data da elevação de Mossoró a categoria de cidade. Estava

³⁸⁹ 30 DE SETEMBRO. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 01, 30 set.1907.

em curso a construção, por meio de símbolos, da identidade mossoroense como terra da liberdade. Identidade que tem, na veiculação da memória oficial sobre a libertação dos escravos, sua manutenção através das solenidades maçônicas e comemorações cívicas sobre o pioneirismo mossoroense.

Junto à documentação jornalística agregou fragmentos de textos escritos tanto por abolicionistas como pelos intelectuais da Coleção Mossoroense. Sua organização buscou justificar a importância e permanência da temática como objeto de interesse da Coleção Mossoroense desde os primeiros estudos de Luís da Câmara Cascudo, ainda na década de 1950. Buscou, então, pela inserção dos novos colaboradores, uma forma de fazer do livro um espaço de recordação dos esforços empreendidos para a fabricação da memória histórica sobre a libertação dos escravos.

Nesse sentido, foi unindo os heróis do passado aos intelectuais da Coleção Mossoroense, no decorrer do tempo comemorativo, que se construiu um lugar para esses novos atores como artífices do passado da cidade. Nessa plêiade, o primeiro escritor foi Câmara Cascudo, visto por Raimundo Nonato como o “mestre [...] que na sua *História do Rio Grande do Norte*, traçou um largo retrospecto da Campanha Abolicionista, incluindo-a com destaque em capítulo especial do seu trabalho admirável”.³⁹⁰

Raimundo Nonato também percebeu, que a divulgação feita pelo jornal *O Mossoroense* não bastou para que a abolição mossoroense fosse reconhecida como algo importante ao fim da escravidão no Brasil. As críticas a historiadores como Tavares de Lyra, Rodolfo Garcia, Tobias Monteiro e Rocha Pombo pelo descaso com o 30 de setembro foi uma tônica em seu texto, ao ponto de acusar Rocha Pombo de ter chegado ao Rio Grande do Norte para escrever uma “História de Encomenda”, não tecendo nenhuma palavra sobre a campanha abolicionista mossoroense.³⁹¹

Foi em meio a essas críticas, portanto, que Raimundo Nonato buscou mostrar a importância da abolição em Mossoró, mesmo não estando presente na história nacional como temática recorrente a um grupo que tinha Câmara Cascudo como mestre a instigar e Vingt-un Rosado como líder e editor na cidade. Assim, *História Social da abolição em Mossoró* foi a realização do pedido feito por Câmara Cascudo

---

³⁹⁰ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983, p. 192. (Coleção Mossoroense. Série C. v. 285).

³⁹¹ Ibid., p. 192.

há quatro décadas. Um panteão aos vivos! Feito com os resquícios de um passado que se fez glorioso pela sutileza da escrita de intelectuais que encontraram nos (des) caminhos da memória a nascente que transformou e revigorou a abolição da escravidão em Mossoró a partir das comemorações e seus usos.

PARTE II – O USO DO PASSADO

Todos os indícios contêm um elemento de recordação.

Paul Connerton³⁹²

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social.

Guy Debord³⁹³

4 ESCÓSSIAS, ROSADOS E O PASSADO COMEMORADO

4.1 O CINQUENTENÁRIO DO ATAQUE

Considerado por décadas como a “Página Negra da História de Mossoró”³⁹⁴, o ataque dos cangaceiros ganhou um novo sentido com as comemorações de seu cinquentenário, em 1977. De acordo com *O Mossoroense*, o intuito era comemorar o acontecimento dando ênfase às particularidades sobre a “resistência” da cidade à Lampião. As discussões iniciais, feitas por João Newton da Escóssia (prefeito de Mossoró), Lauro da Escóssia (diretor do Museu Municipal) e Lauro Monte Filho (assessor municipal de turismo), apontam existir, junto à rememoração dos “resistentes”, interesse das autoridades municipais em promover o desenvolvimento do turismo local.

Entre as preocupações dos organizadores do evento, apontadas pelo jornal *O Mossoroense*, estavam a montagem de uma encenação teatral da luta entre mossoroenses e cangaceiros, a realização de concursos de música/poesia,

---

³⁹² CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Tradução de Maria Manuela Rocha. 2. ed. Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 07.

³⁹³ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**; Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 30.

³⁹⁴ Desde as primeiras matérias após o ataque dos cangaceiros, o 13 de junho foi anunciado no jornal *O Mossoroense* como “a página negra da história de Mossoró”. Mesmo sendo lembrado como efeméride desde 1927, foi somente com as comemorações do cinquentenário que ganharam vulto as narrativas sobre as particularidades da resistência. Essas narrativas funcionaram como elemento definidor da identidade de Mossoró como cidade que lutou contra o cangaceirismo.

exposições de artistas potiguaras, feira de artesanato, solenidades religiosas, lançamento de livros e apresentações folclóricas.³⁹⁵

De pronto, os rumores sobre esse conjunto de atividades, que se convencionou chamar de “semana da resistência”, se deslocaram das páginas de notícias às colunas sobre política, onde foram recebidas com certa apreensão por Jaime Hipólito Dantas. Entre as argumentações publicadas, ressaltam-se como as principais dificuldades para a encenação pública sobre o passado da cidade “as questões técnicas envolvendo o público, os espaços destinados aos atores e as condições de execução da teatralização do ataque dos cangaceiros”.³⁹⁶

Esse deslocamento mostra a importância política das comemorações do cinquentenário do ataque dos cangaceiros na cotidianidade do jornal *O Mossoroense*. As informações sobre comemorações ressaltavam as particularidades de sua organização e evidenciavam que seus objetivos foram além do sentimento coletivo sobre o passado, e que seu lugar nas páginas do jornal teve como principal característica a produção da “resistência mossoroense” como um novo sentido para o 13 de junho. Esse novo sentido tem no jornal, enquanto um “operador sócio simbólico”, seu veículo de circulação e apreensão (ou não), por parte do leitor, das mudanças que se apresentam na narrativa sobre o passado.³⁹⁷

Na edição de 05 de abril, *O Mossoroense*, divulgou os nomes da Comissão do Cinquentenário. O governador Tarcísio Maia³⁹⁸ e o prefeito João Newton da Escóssia eram os presidentes de honra e Lauro Monte Filho o coordenador. Os demais membros representavam as escolas públicas e particulares, universidades, Igreja Católica e imprensa.³⁹⁹

³⁹⁵ SEMANA da Resistência já tem programa oficial. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 17 abr. 1977.

³⁹⁶ DANTAS, Jaime Hipólito. Lampião em Mossoró. *Ibid.*, Mossoró, p. 01, 01 abr. 1977.

³⁹⁷ MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.) **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 51.

³⁹⁸ Paraibano de Catolé do Rocha, o médico Tarcísio de Vasconcelos Maia era primo de Vingt e Dix-Huit Rosado. Segundo Marlene da Silva Mariz, Tarcísio Maia se “estabeleceu em Mossoró como pecuarista. Foi Secretário de Educação no governo de Dinarte Mariz, em 1956, Deputado Federal em duas legislaturas e Presidente do IPASE no governo Castelo Branco. Sua indicação pelo governo dos militares para a sucessão de Cortez Pereira, foi articulada pelo General Golbery do Couto e Silva”. MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Sebo Vermelho edições, 2005, p. 363.

³⁹⁹ Além dos já citados, faziam parte da comissão “o professor e jornalista Dorian Jorge Freire (Diretor de *O Mossoroense*), Lauro da Escóssia (diretor do Museu Municipal e colunista de *O Mossoroense*), o reitor Elder Heronildes da Silva (da Universidade Regional do Rio Grande do Norte), professor Laplace Rosado Coelho (presidente da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte), Padre Sátiro Dantas (diretor do Colégio Santa Luzia), vice-reitor Genivan Josué Batista (representando os colégios

A presença dessas instituições nas comemorações do cinquentenário tanto evidenciou “a capacidade de mobilizar e tocar a vida cotidiana das pessoas” quanto referendou o papel na construção e partilha de um sentimento coletivo sobre o passado.⁴⁰⁰ Articulado em meio aos interesses do presente, o uso do passado no cinquentenário do Ataque de Lampião a Mossoró, ressignificou o acontecimento, à medida que fez emergir com maior intensidade a imagem dos cangaceiros como protagonistas do ato comemorativo. Desse modo, a memória como presente do passado encontrou, no tempo da comemoração o sustentáculo para a efetivação do interesse: rememorar os resistentes.

Para Paul Ricoeur,⁴⁰¹ ao problematizarem os fenômenos sociais em sua dimensão temporal, os historiadores reformulam o papel da memória como algo seletivo, de forma que recordar ou esquecer é sempre uma ação erigida a partir dos interesses do presente. Nesse sentido, as comemorações do cinquentenário iniciaram uma nova relação com a narrativa histórica de *O Mossoroense*. Elas afloraram uma memória que se pretendeu oficial e que, em seu conjunto, ressignificou lugares e sujeitos envolvidos no ataque de Lampião a Mossoró.

Cangaceiros e resistentes passaram a compor lugares que até então não possuíam. Por consequência, os homens que ajudaram na defesa de Mossoró tornaram-se resistentes ao cangaceirismo, enquanto os cangaceiros deixaram de ser caso de polícia e foram inseridos na comemoração como figuras exóticas, sem qualquer vestígio de perigo. Esse novo perfil a eles atribuído era direcionado aos interesses da cidade em alavancar as atividades turísticas, e permitiu sua inserção

---

estaduais), Antônio da Graça Machado (secretário municipal de Educação e Cultura do Município), Genésio Filgueira Neto (do Colégio Dom Bosco), monsenhor Américo Simonetti (da Rádio Rural), Canindé Alves (da Rádio Tapuyo), Ivonete de Paula (da Rádio Difusora), professor Vingt-Un (diretor da Escola Superior de Agricultura- ESAM), vereador Milton da Silveira (presidente da Câmara Municipal), professores José Cesário (da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral) Natália Bezerra (da CIAM) e Manuel Duarte Filho, Gilbamar Lopes e Irmã Maria Aparecida (do Colégio Sagrado Coração de Maria)”. MOSSORÓ relembra durante 7 dias luta contra cangaço. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 abr. 1977.

⁴⁰⁰ CORDEIRO, Janaina Martins. As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972: uma festa esquecida? In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho de 2001, p. 03. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300478234_ARQUIVO_ANPUH2011.pdf. Acesso em: 25/04/2016.

⁴⁰¹ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 140-141.

como representantes da Região Nordeste, bem como a caracterização de um novo tipo sociológico.⁴⁰²

Juntamente com os beatos, os cangaceiros passaram a simbolizar uma região narrada como selvagem, onde o misticismo e a “imaginação popular mitologizou os cabras mais valentes e os cangaceiros mais audazes”.⁴⁰³ Diante da demanda do uso da imagem dos cangaceiros no cinquentenário do ataque de Lampião, a narrativa jornalística de *O Mossoroense* apresentou mudanças ao ressignificar os lugares desses sujeitos no tempo comemorativo. Os desdobramentos dessas mudanças foram perceptíveis a partir do uso do passado e da intenção de justificá-lo diante dos interesses do presente.⁴⁰⁴ Entende-se, então, que além de mobilizar a função pedagógica da memória, as comemorações de cariz cívico podem romper, mesmo que parcialmente, com a memória oficial, no momento em que propõe um outro olhar sobre o acontecimento. Olhar que aparece em *O Mossoroense* ao partir da escrita do jornalista Lauro da Escóssia, autor da coluna *Lampião em Mossoró*. O jornalista rememora acontecimentos e os relaciona às demandas do presente, tendo como referência a relação entre o ato de comemorar o cinquentenário do ataque de Lampião e os interesses em desenvolver o turismo local.⁴⁰⁵

Essas (res)significações surgiram através da criação artística, concretizada no teatro. Em Mossoró, foi o escritor e teatrólogo Tarcísio Gurgel um dos responsáveis pela espetacularização do 13 de junho. Ao visitar a cidade, em abril de 1977, ele concedeu entrevista a Jaime Hipólito Dantas e esclareceu que o objetivo da encenação teatral não era fazer a reprodução do tiroteio entre “os cangaceiros e os defensores de Mossoró, até porque, como espetáculo teatral, que interesse poderia despertar uma troca de tiros que, ao que parece, não durou mais de 15 minutos e não deixou mais que duas vítimas?”⁴⁰⁶

⁴⁰² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do falo -uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 199-203. (Coleção Entregêneros).

⁴⁰³ MONTENEGRO, Abelardo. **Fanáticos e cangaceiros**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973, p. 207.

⁴⁰⁴ Sobre o uso do passado e da história com temática do ofício do historiador, ver: HARTOG, François. REVEL, Jacques. Note de conjuncture historiographique. In: **Les usages politiques du passé**. Paris, Éditions de l'EHESS, 2001, p. 13-24.

⁴⁰⁵ Sobre a função pedagógica da memória e sua relação com o ato comemorativo, ver: CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005, p. 106.

⁴⁰⁶ DANTAS, Jaime Hipólito. Teatro para Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 abr. 1977.

Para Tarcísio Gurgel, o “Espetáculo da Resistência”, enquanto criação artística, tinha como objetivos fazer a população “reviver o acontecimento” e, ao mesmo tempo, divertir o turista que estivesse em Mossoró durante as comemorações.⁴⁰⁷ O espetáculo foi uma adaptação da narrativa jornalística ao teatro. Por seu caráter lúdico, a arte cênica expressa um diálogo coletivo que “serve também para enaltecer mitos, heróis, exemplos a serem seguidos”.⁴⁰⁸ Sua dimensão pedagógica funcionou duplamente. Por um lado, continuou a enaltecer as imagens do prefeito Rodolfo Fernandes e do cangaceiro Lampião, não apenas como referências do acontecimento, mas como sujeitos “folclorizados”, a partir da figura do coronel⁴⁰⁹ e do cangaceiro, isto é, como tipos regionais do Nordeste brasileiro nas décadas de 1920 e 1930.⁴¹⁰

Por outro lado, a exposição do conhecimento histórico sobre o acontecimento foi além de sua matriz jornalística e expressou-se por outros meios de circulação pública, como o teatro, as cantorias de viola, declamações de poesia de cordel e danças, como o xaxado. Essas apresentações artísticas mostram que, no final da década de 1970, o uso do passado foi pensado, de maneira estratégica, como ponte para o turismo em Mossoró.

Mesmo não sendo diretamente contemplada com os primeiros investimentos voltados à promoção do turismo no nordeste brasileiro,⁴¹¹ a cidade contou com a força

⁴⁰⁷ DANTAS, Jaime Hipólito. Teatro para Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 abr. 1977.

⁴⁰⁸ ARAUJO, José Ricardo da Silva. **A dimensão pedagógica do teatro**: reflexões sobre uma proposta metodológica. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas/Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Maceió, p.10.

⁴⁰⁹ Sobre a construção da imagem do coronel e sua relação com o poder local no Nordeste do Brasil, ver: FORTUNATO, Maria Lucinete. **O coronelismo e a imagem do coronel**: de símbolo a simulacro do poder local. Tese (Doutorado História) - Programa de Pós-graduação em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Campinas, SP: UNICAMP. 2000.

⁴¹⁰ Ao analisar a invenção do nordestino a partir da produção discursiva pela literatura regionalista, Durval Muniz de Albuquerque Junior defende que a produção imagética dos cangaceiros como uma figura mítica tem, na morte de Corisco, o marco simbólico do fim do cangaço, no início da década de 1940. Para este autor, a justificativa apresentada foi relacionada a maior presença do Estado na região, bem como no papel da grande imprensa no silenciamento das ações desses sujeitos. É nesse sentido que os cangaceiros vão sendo tecidos como “símbolos de um passado, vencidos pela ordem e pela civilização” e “se torna um mito, no momento que deixa de fazer história”. ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 230.

⁴¹¹ Segundo o relatório do Banco do Nordeste, os investimentos no turismo na região Nordeste deveriam contemplar, através de eventos culturais, os “festejos, feiras, congressos, folclore, etc., que se realizam no decorrer de todos os meses do ano. Essas atividades, muitas delas tradicionais, são, todavia, desconhecidas de grande parte da população, até mesmo da própria área”. O objetivo era investir em eventos dessa natureza para atrair o turista interno, especialmente aqueles da região sul e do eixo Rio –São Paulo. Ministério do Interior. Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de estudos econômicos do Nordeste (ETENE). **Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980**. Turismo. Fortaleza, 1971, p. 49.

do deputado federal Vingt Rosado (ARENA), junto aos governantes militares, para atrair recursos a serem aplicados na estrutura urbana e na edificação de uma mínima infraestrutura hoteleira.⁴¹² Por esse caminho, delineou-se a estratégia dos Rosados e seus aliados de potencializar as ações dos órgãos governamentais (federais e estaduais) que tratavam das políticas de promoção do turismo.⁴¹³

Criados no governo dos militares, esses órgãos tinham como objetivos: vender uma imagem totalmente diferente da experienciada pela população no tocante à política e à economia do período;⁴¹⁴ investir em infraestrutura e hotelaria nas áreas com maior potencial turístico.⁴¹⁵ No Nordeste, esse trabalho foi realizado em parceria com a SUDENE, que, junto ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB), iniciou a captação de verbas para bancar os projetos voltados à exploração dos recursos naturais para o turismo de lazer, especialmente no litoral das capitais estaduais.

A política de turismo para a região teve como foco o público interno, preferencialmente a população do Centro-Sul.⁴¹⁶ Para atrair essas pessoas, algumas ações foram desenvolvidas, como “a primeira campanha de incentivo ao turismo no

---

⁴¹² Os órgãos responsáveis pelo desenvolvimento do turismo na região (EMBRATUR e EMPROTUR) apontam esses investimentos como as primeiras ações voltadas ao incremento da atividade turística na região. Em Mossoró, o principal empreendimento estatal voltado ao setor hoteleiro foi a construção do Hotel Thermas. Projetado no governo de Tarcísio Maia (1975-1979), o hotel ainda hoje conta com uma estrutura de “60 apartamentos, 4 suítes, 9 piscinas termais, 3 bares, saunas, quadras de basquete, tênis, futebol de salão, minicampo de futebol, restaurante climatizado, salão de convenções, cozinha regional e internacional, parque infantil, lago artificial, lavanderia industrial, frigobar, ar condicionado e televisão em todos os apartamentos, além de pessoal especializado”. Com essas características o empreendimento estava voltado ao turismo de lazer e dentro do projeto para incrementar o turismo da cidade na década de 1980. Sua inauguração ocorreu em dezembro de 1979, sob as bênçãos do bispo D. gentil Diniz Barreto e show de Luiz Gonzaga. Estavam presentes nesse momento o governador Lavoisier Maia Sobrinho e o presidente da EMPROTUR, Jussier Santos. Cf. ESCÓSSIA, Lauro da. **Cronologias Mossoroenses**: quando, como e onde aconteceram os fatos. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2010, p. 285-286.

⁴¹³ As primeiras iniciativas a uma política de melhoria nas condições urbanas da cidade, como o calçamento e asfaltamento de ruas, construção de praças e as tentativas de solucionar os problemas do comércio ambulante no centro da cidade, tudo voltado ao incremento do turismo, tiveram em Vingt Rosado o seu principal beneficiário político. No jornal *O Mossoroense*, as constantes matérias sobre os recursos que o deputado conseguia para as melhorias urbanas, bem como a divulgação de seus contatos com os dirigentes da Comissão Nacional de Política Urbana e da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, eram um mecanismo de aproximação do político com sua principal área eleitoral. VINGT – mais de 2 milhões para projeto de João. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 21 abr. 1977.

⁴¹⁴ MÜLLER, Dalila. et al. **O despertar do turismo no Brasil**: a década de 1970. International Conference on tourism e management studies. Book of Proceedings. v. I, Algarves, 2011, p. 692-700.

⁴¹⁵ BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006, p. 24. (Série Turismo)

⁴¹⁶ BRASIL, Ministério do Interior. Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de estudos econômicos do Nordeste (ETENE). **Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980**. Turismo. Fortaleza, 1971, p. 13.

Nordeste, realizada em 1971, sob a liderança do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), com a colaboração de estados da área e empresas privadas, sob a chancela da EMBRATUR”.⁴¹⁷

Como dito acima, as ações governamentais do período só contemplavam as capitais nordestinas, por conseguinte, as cidades médias, como Mossoró, ficaram fora dos projetos. Essa realidade foi o pontapé para a publicação de matérias jornalísticas relacionadas aos interesses pelo desenvolvimento do turismo em Mossoró e, conseqüentemente, com cobranças direcionadas às autoridades, no sentido de buscarem alternativas compensatórias para a falta de investimentos. Em meio ao entusiasmo do Governo Federal diante das atividades turísticas, foi algo premente no jornal *O Mossoroense*, desde o início da década de 1970, textos de colunistas como Jaime Hipólito, Lauro da Escóssia Filho e Rafael Negreiros, que alertavam as autoridades municipais para a necessidade de melhorarem as condições urbanas e investirem no acesso ao litoral. Além disso, propuseram o embelezamento das praças, a propaganda das potencialidades turísticas naturais e a valorização dos acontecimentos históricos como forma de fomentar a atividade turística na cidade.

Em matéria intitulada “Indústria do Turismo”, Rafael Negreiros teceu críticas à relação do turismo com a situação dos espaços públicos de Mossoró. Entre as exigências expostas nas páginas do impresso estavam: o embelezamento dos espaços públicos e criação de Lugares de Memória; melhoria das condições de vida da população por meio da construção do calçamento de ruas, chafarizes públicos e estradas que ligassem o centro urbano às zonas rurais; e melhoria nos serviços de abastecimento de água e energia. Esta foi a mensagem expressa pelo colunista:

Devemos preservar de maneira possível a praça onde se encontra o maior feito dos mossoroenses, a abolição. A Praça da Redenção tem sido abandonada nos últimos anos. Sabemos que já houve tentativa para melhorá-la. Acontece que isso precisa de conservação. E o resultado é aquele. A Praça de Paulo Leitão e de Almino Afonso está esquecida, abandonada, horrível, sendo, talvez, das nossas muitas praças, a que apresente pior estado.

Depois, vamos preservar todos os nossos feitos, com aposição de placas comemorativas em todos os locais onde a intrepidez, a bravura e o espírito libertário do nosso povo se fez sentir vitoriosamente, porque isso é história e isso é o que fica para os pósteros nos museus.

---

⁴¹⁷ BRASIL, Ministério do Interior. Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de estudos econômicos do Nordeste (ETENE). **Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980**. Turismo. Fortaleza, 1971, p. 13-14.

Quanto ao mais, deixemos a história de lado, é lutar para que o Brasil todo conheça a praia de Tibau, com uma boa estrada e com um bom hotel. No nosso entender é o que temos a mostrar. Vamos, pois, preparar esse ambiente para que os visitantes saiam satisfeitos. Para tudo isso o Governo Federal está chamando a atenção de todo o Brasil, concedendo, inclusive, os recursos necessários.⁴¹⁸

Ligados a Aluizio Alves (MDB),⁴¹⁹ os proprietários de *O Mossoroense* não mediram as críticas à política dos Rosados. Por toda a primeira metade da década de 1970, foi o jornal dos Escóssias o lugar onde se configurou a maior oposição aos Rosados. As críticas gravitavam em torno do uso das instituições públicas municipais como espaço das práticas paternalistas e clientelistas e da alternância político-partidária, o que reiterou o argumento de que Vingt e Dix-Huit Rosado apoiavam quem estivesse no poder⁴²⁰.

O acirramento político chegou a tal ponto que Lauro da Escóssia Filho candidatou-se em oposição a Dix-Huit Rosado (ARENA) na eleição municipal de 1972. Dessa disputa saiu vitorioso Dix-Huit, que passou a investir nos melhoramentos urbanos e nas comemorações das datas cívicas da cidade. Entretanto, foi na administração de João Newton da Escóssia (1977-1982)⁴²¹ que algumas ações no campo cultural incentivaram a atividade turística local. A reforma e reorganização do acervo do Museu Municipal e o incremento das comemorações dos principais acontecimentos históricos da cidade, realizados em sua gestão, apareceram em *O Mossoroense* como parte das estratégias do desenvolvimento de atividades turísticas.

Mesmo com esses avanços, os jornalistas do periódico ainda questionavam as condições do turismo. Em matéria “Turismo em Mossoró”, Jaime Hipólito Dantas

---

⁴¹⁸ NEGREIROS, Rafael. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 22 maio. 1971.

⁴¹⁹ Advogado e jornalista, Aluizio Alves foi o principal opositor político dos Rosados. Udenista, ocupou o cargo de deputado federal de 1945 a 1958. Em 1960 foi eleito governador do Rio Grande do Norte pelo PSD. Durante o Regime Militar, Aluizio Alves teve seu mandato caçado pelo AI-5, passando uma década afastado da política potiguar. Ver: LEITE, Arlan Eloi. **O jornal Tribuna do Norte e o Golpe Militar de 1964** [recurso eletrônico]: a publicidade da “subversão” potiguar. Natal, RN: EDUFRN, 2016, p. 15.

⁴²⁰ PAPEL carbono. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 24 out. 1972.

⁴²¹ As relações entre *O Mossoroense* e os Rosados melhoraram, em 1976, com a eleição de João Newton da Escóssia, primo de Lauro da Escóssia Filho. João Newton foi candidato pela ARENA e contou com o apoio dos Rosados. Durante sua administração, o jornal passou a divulgar as ações do governo através da coluna *O Dia do Prefeito*. Outra importante mudança se deu na gerência do jornal, pois, no início de fevereiro de 1977, Vingt Rosado se torna seu proprietário. Daí em diante, *O Mossoroense* se tornou no principal veículo de circulação da política dos Rosados e seus aliados, como os governos militares. Ver: ADESÕES em massa à homenagem a Vingt. Ibid., Mossoró, p. 03, 19 nov. 1976.

apontou a falta de eventos públicos como um dos pontos mais relevantes ao não desenvolvimento dessa atividade econômica.

Falar de turismo em Mossoró, só com muita boa vontade. E alguma dose de romantismo. Chega a ser agradável para nós, o simples pensar que a administração municipal conta com uma assessoria de turismo, para cuidar dos assuntos turísticos da cidade. E que algumas empresas especializadas do sul do país, chegam a incluir Mossoró no seu roteiro de viagens pelo Brasil.

Não é gratificante?

Mais é só o que existe nada mais. Porque, pra falar a verdade, nada há aqui ainda o que um turista ver. E se não há nada é porque nada ninguém fez, até hoje.

A própria assessoria de turismo, da prefeitura, que saiba, faz durante o ano duas coisas: organiza o carnaval de ruas, que, diga-se de passagem, é chinfrim paca, e cuida do desfile cívico 30 de setembro. Estou exagerando?

O meu caro Lauro Monte Filho sabe que não. Mas também devo reconhecer que não se faz nada sem se ter nada. Quer dizer, ninguém trabalha sem dispor dos recursos indispensáveis ao serviço. Este é o seu caso.

Noutras palavras, se a administração tem sua assessoria de turismo, a esta devem ser dados os meios para que possa funcionar e, funcionando, alguma coisa venha a criar. O que é vão é existir o órgão e nada poder ele fazer, ao menos para dar provas da sua existência.⁴²²

Aliada à precarização dos trabalhos por parte da Assessoria de Turismo Municipal, a necessidade de novos eventos culturais entrou na pauta das críticas do jornal. Sem grandes recursos naturais à implementação do turismo de lazer, as possibilidades apontadas direcionaram-se para revitalizar os eventos que a cidade já realizava. Era preciso construir um ambiente propício à emergência de atividades culturais e, assim, condicioná-las à atividade turística.

A partir de 1977, por conta das comemorações do cinquentenário do ataque frustrado de Lampião a Mossoró, a busca por recursos voltados a oportunizar as mínimas condições ao início da atividade turística local se tornou mais visível na política dos Rosados e de seus correligionários políticos, que ocupavam cargos eletivos, como era o caso de João Newton da Escóssia.

A tentativa de implementação do passado como um dos meios ao fortalecimento das atividades turísticas levou as autoridades a investirem na melhoria da estrutura urbana da cidade, especialmente as vias públicas e os serviços de

---

⁴²² DANTAS, Jaime Hipólito. Turismo em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 14 jan. 1977.

limpeza e urbanização das áreas centrais onde eram realizadas, anualmente, as festividades da libertação dos escravos, no dia 30 de setembro, e da resistência, em 13 de junho.

A revitalização do centro da cidade, as obras inauguradas e os novos recursos captados durante as comemorações do cinquentenário da “resistência a Lampião”, foram usados como mecanismo de aproximação mais efetiva dos Rosados com a população. Entre os efeitos dessa relação se destaca a construção do discurso de que seus mandatos políticos eram “batalhas” em prol do crescimento da cidade.⁴²³

Em *O Mossoroense*, era comum a divulgação da tramitação dos projetos do deputado e novo proprietário do jornal, Vingt Rosado, nas secretarias e Ministérios do Governo Federal. Muitas das suas propostas estavam voltadas à melhoria nos serviços de urbanização, transporte, abastecimento de água, energia, construção de postos de saúde, laboratórios de análises clínicas e compra de equipamentos, como caminhões para coleta de lixo da cidade e da zona Oeste.⁴²⁴ Desse modo, as comemorações foram se consolidando como estratégias de publicização das realizações do exercício parlamentar de Vingt Rosado.

A partir dos projetos do deputado, o prefeito João Newton manteve amplo contato com o governo arenista de Tarcísio Maia, especialmente com Benivaldo Azevedo, secretário de Indústria, Comércio e Turismo do Estado, com quem conseguiu articular a participação da Empresa de Promoções Turísticas do Rio Grande do Norte (EMPROTURN) nas comemorações do cinquentenário do ataque de Lampião.

Conforme se pode observar, em todas as esferas políticas que os Rosados atuaram demonstraram empenho em viabilizar a atividade econômica. Aliados políticos, entre eles o vereador e líder arenista na Câmara Municipal de Mossoró, Expedito Maria de Azevedo, chegaram a convidar Júlio Rosado, assessor da EMPROTURN, para juntos discutirem o desenvolvimento e dinamismo do turismo

---

⁴²³ Sobre a presença das autoridades locais nas festas comemorativas do 30 de setembro e do 13 de junho, ver: SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação do mando**. Mossoró: Queima Bucha, 2004; PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias no País de Mossoró**. 1. ed. Mossoró: Gráfica da ETFRN/UNED, 1998, v. 500; LACERDA, José Felipe Alves. **A (re)invenção do lugar- Os Rosados e o País de Mossoró**. 1. ed. João Pessoa: GRAFSET, 2001, v. I.

⁴²⁴ VINGT quer mais recursos para asfaltar a cidade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 20 abr. 1977.

local.⁴²⁵ Parte de suas exposições foi publicada na matéria “Júlio quer dinamizar o turismo em Mossoró”, que circulou em *O Mossoroense* em maio de 1977.

O primeiro passo para que isso aconteça, já demos. Falo das comemorações alusivas ao cinquentenário da resistência de Mossoró ao bando de Lampião, que terão o apoio total da EMPROTUR. Agora veremos o que podemos fazer, em matéria de turismo, nesta cidade. Acredito que muita coisa possa ser feita. E será, pois, estamos contando com o apoio integral da Prefeitura de Mossoró.⁴²⁶

Para Júlio Rosado, os seguintes passos deveriam ser simultâneos: estabelecimento de um calendário comemorativo, criação de uma estrutura hoteleira capaz de acolher o turista e, junto a essa estrutura, o embelezamento da cidade.⁴²⁷ As atividades comemorativas seriam, portanto, a razão para a realização dos investimentos turísticos e não o contrário. Diante dessa perspectiva, a opção por atrações culturais consideradas populares e folclóricas dominaram a programação do cinquentenário da Resistência. Grupos de xaxado e violeiros, exposição do desenhista natalense Eliphas Bulhões, concurso literário e feira de artesanato juntaram-se à visita ao túmulo do Coronel Rodolfo Fernandes, aos bailes e às missas no adro da Igreja de São Vicente.⁴²⁸

Parte dessa programação foi patrocinada pelo Governo do Estado, através do Banco do Estado do Rio Grande do Norte (BANORTE), da Secretária da Indústria, Comércio e Turismo e da Secretaria de Bem-Estar Social, o que mostra a importância

⁴²⁵ JÚLIO quer dinamizar o turismo em Mossoró, **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 19 maio. 1977.

⁴²⁶ Ibid., p. 02.

⁴²⁷ Entre as realizações do governo estadual no setor hoteleiro, em Mossoró, está a construção do hotel Thermas, inaugurado, em 12 dezembro de 1979, pelo governador Lavoisier Maia. ESCÓSSIA, Lauro. **Cronologias Mossoroenses**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p. 285. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 1579).

⁴²⁸ A programação completa, que circulou nas páginas de *O Mossoroense*, foi assim organizada: Dia 07 de junho – Início das comemorações com solenidade no Museu Municipal, quando falará o prefeito João Newton e o diretor do Museu, Lauro da Escóssia; Dia 08 – Feira de artesanato na Travessa Martins de Vasconcelos, com peças à venda e cujas melhores serão premiadas. Apresentação da peça teatral “A Derradeira Ceia”, de Luís Marinho, pelo Grupo Expressão de Natal; Dia 09 – Apresentação dos grupos folclóricos Boi Calemba (Natal) e xaxado (Paraíba); Dia 10 – Apresentação de violeiros e do Trio Mossoró; Dia 11 – Conferência do escritor Raimundo Nonato, que será saudado pelo escritor Jaime Hipólito Dantas. Espetáculo da Resistência e Forró de Lampião; Dia 12 – Cavalhada. Corrida de prado na ESAM. Espetáculo da Resistência. Apresentação do Coral da Escola Técnica Federal de Natal e inauguração dos blocos do Campus Universitário; Dia 13 – Visita ao túmulo do prefeito Rodolfo Fernandes. Vaquejada na ESAM. Missa dos Vaqueiros. Conferência do Professor Raul Fernandes (filho do prefeito Rodolfo Fernandes) e espetáculo da Resistência. SEMANA da Resistência já tem programa oficial. **O Mossoroense**, p.03, 17 abr. 1977.

dada pelos governos arenistas, durante o “Regime Militar”, à realização de comemorações públicas que exaltassem, a partir da valorização dos feitos e heróis do passado, o civismo e patriotismo como sentimentos coletivos.

Durante os governos militares, os festejos cívicos foram utilizados como uma das formas de aproximação entre governo e sociedade, sendo que a importância dessas festas residia na sua capacidade em “mobilizar e tocar o cotidiano das pessoas”.⁴²⁹ Um bom exemplo da força das comemorações cívicas foi o Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972). Organizada no governo Garrastazu Médici, foi considerada “a maior festa cívica nacional realizada na ditadura”.⁴³⁰ Tinha entre seus objetivos construir e reproduzir a imagem de que o Brasil, politicamente, vivia em um regime democrático. Assim, o 7 de setembro se constituiu importante momento de comemoração, sendo sua preparação/realização marcada por uma propaganda que buscava “difundir a imagem de um clima de paz social e otimismo populares”.⁴³¹

Em Mossoró, a Família Rosado e seus aliados também realizavam suas festas cívicas e as usavam para consolidar sua imagem como governantes comprometidos com o crescimento da cidade e bem-estar da população. Essa relação alimentava as matérias jornalísticas e conferia aos Rosados elementos essenciais ao exercício do mando a partir do simbolismo da comemoração. Um fator que muito contribuiu para o sucesso dessa empreitada foi a aquisição e utilização de *O Mossoroense* para a circulação das ações dos Rosados e seus aliados em todas as esferas do governo.

O jornal passou a narrar a cotidianidade do exercício do mandato do deputado federal Vingt Rosado e do prefeito João Newton da Escóssia. Vingt Rosado foi apresentado aos leitores como o “líder-líder” de Mossoró e do Oeste Potiguar. Suas ações eram publicadas como propaganda política e baseavam-se na divulgação da

---

⁴²⁹ CORDEIRO, Janina Martins. As comemorações do Sesquicentenário da Independência: uma festa esquecida? In: **Anais do Simpósio Nacional de História – Anpuh**: São Paulo, julho de 2011, p. 01-16. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300478234_ARQUIVO_ANPUH2011.pdf. Acesso em: 25/04/2016.

⁴³⁰ Ibid., p. 01-16.

⁴³¹ CHIRIO, Maud. **Fêtes nationales et régime dictatorial au Brésil**. Vingtième Siècle. Revue d'histoire 2006/2, n. 90), p. 89-108.

captação de recursos para a obras de infraestrutura da cidade e no repasse de verbas a instituições privadas ligadas à saúde e educação.⁴³²

Quanto a João Newton, para descrever suas articulações diante do governo do Estado, as obras por ele realizadas, seu lugar na conjuntura política arenista potiguar e sua fidelidade a Vingt Rosado, o jornal criou a coluna “O Dia do Prefeito”, que circulou durante todo o seu mandato. É importante destacar que ele foi o grande incentivador do cinquentenário. Suas ações evidenciam o quanto os interesses que evocava atrelavam o uso do passado ao objetivo de impulsionar o turismo como atividade econômica em Mossoró. A ressonância de sua labuta em prol dessa conquista para a cidade ficou grafada nas páginas de *O Mossoroense* através das matérias que tratavam de melhoramentos urbanos, como os serviços básicos de abastecimento de água e energia, alargamento e asfaltamento de ruas e avenidas e reformas de praças e museu.

Nessa busca por uma cidade preparada para a atividade econômica, a insistência em melhorar o acesso ao litoral e construir o porto marítimo em Areia Branca esteve na pauta das reivindicações do deputado federal Vingt Rosado.⁴³³ Todavia, não foram as belezas naturais em torno de Mossoró o caminho ao desenvolvimento do turismo, mas sim o uso do passado mossoroense, que se configurou como essencial para a realização de um tipo de evento cultural que valorizasse os elementos folclóricos e o artesanato, de modo a atrair os olhares do país.⁴³⁴

Sob essa perspectiva, as comemorações do cinquentenário do ataque dos cangaceiros a Mossoró se singularizou por apresentar elementos que ressignificaram as narrativas sobre o acontecimento, o que resultou em uma nova relação da sociedade local com o seu passado, baseada na folclorização do cangaceiro. Essas

---

⁴³² VINGT Rosado é agora acionista deste jornal. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 fev. 1977.

⁴³³ A cidade de Areia Branca é uma área de produção salineira localizada a 42 km de Mossoró. A busca pela construção do Porto Marítimo, nessa cidade, para ao escoamento da produção de sal foi, durante as décadas de 1960 e 1970, um dos principais temas dos discursos do Deputado Federal Vingt Rosado Ver: **Diário do Congresso Nacional, Brasília**, p. 1964, 26 ago. 1964; p. 8419, 30 nov. 1967; p. 7261, 16 out. 1973; p. 1785, 18 abr. 1974.

⁴³⁴ O relatório do Banco do Nordeste advertia os Estados da importância ao incentivo das atividades folclóricas e artesanais para indústria do turismo, bem como orientou os organismos estaduais, que se ocupavam do turismo, a “preservar, promover o ressurgimento e desenvolver as atividades folclóricas e artesanais, através de fixação de datas para a realização de festejos e feiras, respectivamente, bem como da coordenação dessas manifestações de arte”. BRASIL, Ministério do Interior. Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de estudos econômicos do Nordeste (ETENE). **Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980**. Turismo. Fortaleza, 1971, p. 51.

comemorações se constituíram, portanto, o meio de circulação da memória, presente nas músicas e poesias, nas apresentações de cantadores e grupos folclóricos. Em contrapartida, a ritualística dos festejos revelam o quanto a memória sobre o 13 de junho foi “historicamente controlada” pelo jornal *O Mossoroense* e intelectuais ligados à *Coleção Mossoroense*.⁴³⁵

Das poucas rupturas a esse “controle social da memória”, voltado à exaltação da cidade e seus resistentes, encontram-se as narrativas dos e sobre os cangaceiros que prestaram depoimentos à polícia logo após o frustrado ataque, bem como as que emergiram da morte do cangaceiro Jararaca.⁴³⁶ As particularidades relatadas por esses sujeitos serviram de base aos discursos que reforçaram o sentido da comemoração durante a solenidade de abertura da Semana da Resistência. Segundo o prefeito João Newton da Escóssia:

Quando nos propusemos a elaborar um programa para as comemorações da resistência cívica deste município ao bando de Lampião, fizemo-lo com o propósito de enaltecer a cultura àqueles homens que arvoraram na bravura do civismo.

Entendemos que é no culto dos espíritos fortes, provados pelos embates da vida, que nos elevaremos à mesma grandeza de combatermos, quer seja contra a violência dos que nada têm a perder, e sim a destruir, quer seja para construirmos o futuro do indivíduo, da família e da comunidade.

É-nos grato, por dever e elevada compreensão, destacar, nestas comemorações, a figura ímpar de Rodolfo Fernandes. Àqueles que se somaram ao grande prefeito de 1927, na luta contra o chamado ‘rei do cangaço’, e que já faleceram, nossa homenagem póstuma. Aos que ainda vivem, nossa admiração e gratidão. Àqueles que hoje se doam à preservação da paz do povo, à participação dos programas de governo e à comunhão de sentimentos nobres e ações eficazes, nosso maior incentivo e apoio.⁴³⁷

⁴³⁵ Sobre as reflexões a respeito da construção da memória social e suas formas de circulação e controle através das comemorações ver: CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Tradução de Maria Manuela Rocha. 2. ed. Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 07-45.

⁴³⁶ Logo após o ataque, os cangaceiros Bronzeado e Mormaço foram presos e, na ocasião, prestaram depoimentos nos quais comentaram sobre a montagem e os desdobramentos do ataque a Mossoró. A outra memória é sobre o cangaceiro Jararaca (José Leite de Santana), único do bando de Lampião que foi capturado com vida em Mossoró. Jararaca foi preso no dia 14 de junho e assassinado na noite do dia 19. Os jornais da época não deram importância ao acontecimento e quando se posicionaram foi no sentido de justificar a ação policial. Três anos após a morte de Jararaca, o folclorista cearense Leonardo Mota comentou no livro *No Tempo de Lampião* alguns detalhes sobre a morte do cangaceiro. Mas, uma memória sobre a morte de Jararaca ficou à margem daquela que se constituiu como oficial, aparecendo seus primeiros sinais em jornal na primeira metade dos anos de 1940, por conta das visitas que se faziam ao túmulo de Jararaca. FALCÃO, Marcílio Lima. **Jararaca: memória e esquecimento sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró**. Mossoró: Edições UERN, 2013.

⁴³⁷ MENSAGEM do Prefeito – Para a História: o que foi o Cinquentenário de Lampião em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12/13 jun. 1977.

Nota-se, que as comemorações eram o momento de coadunar os desafios do presente com a imagem do passado, reafirmando, através do empenho da gestão, a realização da festa cívica, a bravura e o civismo como valores ratificantes da identidade de Mossoró como cidade libertária.

Como parte da estratégia do prefeito em promover o desenvolvimento do turismo local, as comemorações sobre o 13 de junho foram imprescindíveis, haja vista terem contribuído para a produção da imagem de Mossoró como “cidade da resistência”. Para além do propósito de reforçar a identidade local, as festas serviram aos interesses políticos dos Rosados, à medida que buscaram consolidar uma memória que homogeneizasse o sentimento coletivo, ancorado na coragem e no heroísmo diante do maior bandido do nordeste brasileiro. Foi pela fama nacional de Lampião que se assentou, então, toda a memória da resistência, bem como a estratégia de usá-la como meio para alavancar o turismo na cidade.

Sem dúvida, o ano do cinquentenário é fundamental à compreensão dos interesses que nortearam o uso político do passado pelos Rosados por meio da construção da resistência cívica mossoroense aos cangaceiros de Lampião. Desde o início de janeiro de 1977, *O Mossoroense*, através da coluna “Temas e Voltas”, de Jaime Hipólito Dantas, já alertava os leitores sobre o descaso com o turismo na cidade, a ponto de confessar que era “algo tão romântico” que a assessoria de turismo municipal realizava anualmente apenas o carnaval de rua e o desfile cívico do dia 30 de setembro.⁴³⁸

Em fevereiro do mesmo ano, o prefeito João Newton da Escóssia reinaugurou o Museu Municipal e nomeou o jornalista Lauro da Escóssia como diretor da instituição. A exposição inaugural contemplou a temática da história de Mossoró a partir de peças relacionadas à mineralogia, paleontologia, população indígena, libertação dos escravos e ao ataque dos cangaceiros.

No jornal *O Mossoroense*, a euforia da reativação do museu ocorreu pela associação da história da cidade com a trajetória do jornal, como também pela indicação de Lauro da Escóssia para dirigir a instituição.

---

⁴³⁸ MENSAGEM do Prefeito – Para a História: o que foi o Cinquentenário de Lampião em Mossoró. Ibid., Mossoró, p. 02, 14 jan. 1977.

Ninguém perde em visitar o Museu de Mossoró, reequipado e provisoriamente instalado na rua 30 de Setembro, esquina com a travessa Dr. Alcides Menezes da Silva. A par de uma seção de mineralogia e paleontologia, há utensílios guerreiros e de danças rituais, objetos de caça dos índios canelas, o bacamarte que pertenceu a Jesuíno Brilhante, o Estandarte da Libertadora Mossoroense, documentação sobre o cangaço chefiado por Lampião. Todas as peças importantes estão ali e poderão ser explicadas aos interessados pelo diretor da casa, jornalista Lauro da Escóssia.⁴³⁹

Dada sua importância para a amplitude do acervo e consequente produção e circulação da história da cidade, os investimentos dos Rosados e aliados políticos nas instituições culturais e outros equipamentos urbanos em Mossoró não podem ser vistos de forma isolada. Todo esse conjunto fez parte do processo de melhoramento urbano que, desde o início da década de 1970, vinha sendo implementado a partir dos indicadores apresentados nos “Subsídios ao Planejamento da Área Nordeste”. Esse documento apontou Mossoró como centro regional do Oeste do Rio Grande do Norte, tanto pelo acesso aos serviços públicos em educação e saúde, como pelo crescimento de suas atividades econômicas pautadas, principalmente, na salineira.⁴⁴⁰

Percebe-se, então, que, durante a trajetória política da Família Rosado, a busca pelo funcionamento de instituições culturais, como Museu Histórico, Biblioteca Pública, bem como a ampliação de estabelecimentos escolares, criação das universidades e melhoria dos equipamentos urbanos, à medida que reforçaram o lugar de Mossoró na hierarquia urbana no Oeste do Estado, também funcionaram como estratégia para a manutenção do controle político municipal.⁴⁴¹ As “batalhas” pela

---

⁴³⁹ MUSEU. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 27 fev. 1977.

⁴⁴⁰ Esse documento era elaborado pelo Ministério do Planejamento e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Seus dados não só revelavam a hierarquia das cidades no tocante aos serviços e produção econômica, mas também indicava os caminhos para a construção de estratégias ao desenvolvimento econômico e melhorias nos serviços básicos de saúde e educação. BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia - **Subsídios ao planejamento da área nordestina**. Rio de Janeiro, 1971. v.16, p. 39-41.

⁴⁴¹ Com a chegada dos militares no poder, os Rosados ampliaram sua base de sustentação política e conseguiram angariar muitos recursos para a construção de universidades e melhorias urbanas. Isso se converteu em mecanismo de fortalecimento político da Família e em forma de produção de uma imagem positiva do Regime Militar. Um dos momentos mais significativos da presença dos militares na cidade foi durante a visita do presidente Arthur da Costa e Silva, em 22 de dezembro de 1967. Na ocasião, o Presidente Costa e Silva inaugurou o serviço de abastecimento de água, a linha de transmissão de energia elétrica, vinda da Hidrelétrica de Paulo Afonso, a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) e o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró. Ver: Fala do Deputado Federal Vingt Rosado. **Diário do Congresso Nacional**, 30 de novembro de 1967, p. 8418.

água, energia e cultura⁴⁴², por eles implementadas, foram pautas de matérias jornalísticas em *O Mossoroense* e fizeram dos Rosados os próceres do desenvolvimento local.⁴⁴³ Essa estratégia ganhou força quando os documentos oficiais citaram Mossoró como centro regional e apontaram os serviços financeiros e de saúde como demarcadores da área de maior influência da cidade a partir da segunda metade da década de 1960

Mapa 2 - Influência de Mossoró nas transações bancárias no Oeste do Estado-1966

Fonte: Subsídios ao Planejamento da Área Nordeste – IBGE (1971)

⁴⁴² Sobre essas campanhas, denominadas pelos Rosados de batalhas, especialmente a “batalha da cultura”, ver: COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 33-71.

⁴⁴³ Na edição do dia 02 de fevereiro de 1977, o jornal *O Mossoroense* divulgou que Vingt Rosado era seu novo proprietário. Vingt Rosado foi apresentado como “um companheiro nessa luta difícil (e empolgante) [...] a continuar a assegurar ao nosso povo a sua folha mais que centenária, patrimônio do Rio Grande do Norte e porta voz de toda família mossoroense”. Esse foi o intuito de Vingt Rosado com *O Mossoroense*: se configurar como seu interlocutor diante da população da cidade. Assim, o papel do jornal foi de divulgar a atividade parlamentar de Vingt Rosado no que concerne aos recursos que alocava para Mossoró e o Oeste do estado. VIGNT Rosado agora é acionista deste jornal. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 fev. 1977.

Mapa 3 - Influência do atendimento hospitalar de Mossoró no Oeste do Estado - 1966

Fonte: Subsídios ao Planejamento da Área Nordeste – IBGE (1971)

Na primeira metade da década de 1970, o lugar de Mossoró no desenvolvimento regional do Oeste do Rio Grande do Norte⁴⁴⁴ deu aos Rosados o contato político (incluindo Mossoró e a área de sua maior influência)⁴⁴⁵ com uma população de 242 mil pessoas, o que correspondia a 15,4% da população do Rio Grande do Norte. Foi nesse espaço onde os Rosados organizaram sua base eleitoral, e para onde dirigiram os projetos e recursos que alavancaram no Governo Federal, especialmente aqueles ligados a obras e serviços urbanos, publicados como propaganda política em *O Mossoroense*.

A política dos Rosados estava em consonância com a dos governos militares, pois voltava-se especialmente para as obras de urbanização da cidade, bem como para os projetos que contemplavam a zona rural (eletrificação) e a área salineira, com

⁴⁴⁴ Segundo o Anuário Estatístico Brasileiro de 1975, o Rio Grande do Norte possuía 150 municípios distribuídos em três mesorregiões. A mesorregião do Oeste Potiguar era composta 43 municípios distribuídos em quatro microrregiões (Salineira-Norte-Riograndense, Açú-Apodi, Serrana Norte-Riograndense e Seridó). **ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE**, Natal. Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – IDEC, 1975, v. 2, 1975, p. 331-34.

⁴⁴⁵ A área de maior influência de Mossoró era composta pelas cidades de Areia Branca, Carnaubais, Grossos, Açú, Apodi, Augusto Severo, Caraúbas, Felipe Guerra, Governador Dix-Sept Rosado, Itaú, Janduís, Paraú, Severiano Melo e Upanema. Juntas, essas cidades somavam 146.042 habitantes, o que correspondia a 9,42% da população do Estado. *Ibid.*, p. 35.

destaque para a criação dos Portos de Mossoró e Areia Branca. Essa política correspondia ao que defendeu o Presidente Ernesto Geisel em discurso sobre o crescimento e urbanização das cidades brasileiras durante a abertura do simpósio sobre Política Urbana, da Fundação Milton Campos, promovido pela ARENA, em 1975. Na ocasião, o presidente afirmou que a política urbana do governo gravitava em torno de diretrizes que visavam “a contenção e ordenamento da expansão das Regiões Metropolitana de São Paulo e Rio de Janeiro e das áreas sob sua influência, particularmente no eixo Rio-São Paulo”. Buscava-se “a disciplina do crescimento das metrópoles regionais de maior densidade econômica (Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte)”; a “ordenação do crescimento e a dinamização da base econômica e dos equipamentos sociais das metrópoles das regiões menos desenvolvidas (Salvador, Recife, Fortaleza e Belém)”; bem como o “estímulo ao desenvolvimento das cidades de porte médio, sejam capitais de Estado ou polos sub-regionais importantes”, através de investimentos em infraestrutura que fortalecessem a capacidade produtiva e as funções urbanas.⁴⁴⁶

A captação dos recursos destinados as cidades de médio porte e a associação entre o tempo das comemorações e as inaugurações das obras de melhorias urbanas mantiveram os Rosados fiéis à cultura política que encontrava, no paternalismo e personalismo, os elementos definidores de sua atuação.⁴⁴⁷ Pertenceram a um ciclo de relações políticas que foi se estreitando a ponto de a escolha dos candidatos ao executivo municipal, especialmente a partir dos anos de 1970, restringir-se ao núcleo familiar. As justificativas para essa afirmação encontram-se nas disputas eleitorais da zona Oeste, entre os Rosados e o grupo de Aluísio Alves, que, desde o início da

---

⁴⁴⁶ GEISEL, Ernesto Beckmann. **Discursos**. Brasília, DF: Assessoria de Imprensa da Presidência da República/Departamento de Imprensa Nacional, 1976, p. 259-267. v.2.

⁴⁴⁷ Optou-se pelo conceito de cultura política defendido por Rodrigo Patto Sá Motta, ou seja, o “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, expressando identidade coletiva e fornecendo leitura comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”. Ao observar essa definição, é perceptível que a trajetória política dos Rosados foi marcada pela apropriação e manutenção de elementos como o patrimonialismo, personalismo e clientelismo como definidores de sua prática política ao longo de seis décadas. Com participação ativa na política estadual, com representações em todas as esferas do legislativo, os Rosados souberam preservar esses elementos tanto na ditadura militar quanto na “transição autoritária e conservadora”. Destarte, uma de suas principais características foi a produção de uma memória benéfica sobre o regime militar no que tange ao crescimento da cidade, bem como no esquecimento de todo o aparato repressor que marcou esses governos. Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Ruptura e continuidade na Ditadura Brasileira: a influência da cultura política. In: ABREU, Luciano Aronne de. **Autoritarismo e cultura política**. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, pp. 12-17; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **Culturas Políticas na História: novos estudos**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014, p. 21.

década de 1960, expressaram seus posicionamentos políticos, respectivamente, nos jornais *Diário de Mossoró* e *O Mossoroense*.

As críticas de *O Mossoroense* a Dix-Huit e Vingt Rosado, como também aquelas proferidas pelo *Diário de Mossoró* a Aluizio Alves e seus correligionários mossoroenses, exprimem o papel da imprensa local na veiculação dos projetos políticos em disputa no decorrer das décadas de 1960 e 1970.

Em 1961, Dix-Huit Rosado fundou o *Diário de Mossoró*. O jornal era o veículo de comunicação entre os Rosados e a sociedade mossoroense. Na pauta estava a divulgação das articulações dos Rosados em sua luta para manterem-se junto ao poder. O jornal fez circular entre os mossoroenses a visão de Dix-Huit e Vingt Rosado em defesa do presidencialismo e do apoio a João Goulart, bem como as críticas a Aluizio Alves e seus correligionários.

Durante seu período de circulação (1961-1963), a oposição a Aluizio ganhou uma dimensão tão impressionante que se tornou o principal assunto político de toda a rápida trajetória do jornal. Pautado no questionamento das ações da administração estadual de Aluizio Alves (1961-1966) e nas suas articulações com correligionários mossoroenses, o *Diário de Mossoró* era o principal veículo de combate de que os Rosados dispunham para defender a área de sua influência política.

O contraponto aluizista aos Rosados se dava no jornal *O Mossoroense*, onde Lauro da Escóssia Filho, candidato a deputado estadual, na eleição de 1962, iniciou a coluna “*Posto Avançado*”. Nesse espaço, ele teceu, durante cinco meses (julho a novembro de 1962), uma campanha na qual o paternalismo e o personalismo utilizado por Vingt e Dix-Huit foram as temáticas centrais.⁴⁴⁸

Agregados ao PSD e, posteriormente, ao MDB, os aluizistas foram os protagonistas da única grande derrota política dos Rosados em uma eleição local, vivenciada, em 1968, por Jerônimo Vingt-un Rosado Maia (ARENA). Dessa vez, quem alcançou a vitória foi Antônio Rodrigues de Carvalho (MDB), ex-aliado dos Rosados e que já havia ocupado o cargo de prefeito no período de 1958-1962.

Entre os impactos da derrota estão: a ratificação de Vingt-un Rosado como “operário da cultura” e a reafirmação do lugar dos membros da Família Rosado no

---

⁴⁴⁸ Sobre essa redefinição dos lugares do Rosados ver os trabalhos de PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias no País de Mossoró**. 1. ed. Mossoró: Gráfica da ETFRN/UNED, 1998, v. 500; LACERDA, José Felipe Alves. **A (re) invenção do lugar**- Os Rosados e o País de Mossoró. 1. ed. João Pessoa: GRAFSET, 2001, v. I; COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012.

jogo político mossoroense. Vingt Rosado se consolidou como representante na Câmara Federal, enquanto Dix-Huit (prefeito) e Vingt-un (vereador) passaram a ocupar os cargos municipais. Este último também se manteve como o intelectual da família, responsável pela manutenção do fluxo da Coleção Mossoroense, albergada nas dependências da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (por meio da Fundação Guimarães Duque) desde meados da década de 1970 até 1994, quando o candidato a reitor, apoiado por Vingt-un foi derrotado.

A escolha dos Rosados para os representantes aos cargos no executivo mossoroense passou a ser por laços de sangue ou sociais, este último por meio de casamentos.⁴⁴⁹ Com efeito, o exercício do mando dos Rosados exigiu muito mais que os esforços empreendidos ao fortalecimento das atividades econômicas, urbanização e ampliação dos serviços no Oeste Potiguar.

A posse de veículos de comunicação intensificou a presença e o papel que ocupavam no desenvolvimento da cidade, bem como garantiu destaque - nos momentos mais tensos da repressão dos militares aos grupos de esquerda - às narrativas oficiais que justificavam ou silenciavam as contradições internas, interesses diferenciados, os impactos das perseguições políticas, condições de vida da população e da “modernização conservadora” durante a década de 1970.⁴⁵⁰

Nesse período, os Rosados comandavam a emissora de rádio Tapuyo, de propriedade de Dix-Huit, e o jornal *O Mossoroense*, comprado por Vingt em 1977. A orientação editorial deste último acompanhou o processo de transição política na cidade. No primeiro momento, direcionou suas páginas a uma imagem favorável aos governos militares, pois seus proprietários eram os dirigentes da ARENA local. Mas esse direcionamento era dubio. Se, por um lado, omitia as ações mais radicais dos militares e dava ênfase às melhorias que os Rosados conseguiam junto ao governo federal, por outro, especialmente no Governo Geisel, permitia que alguns de seus redatores se posicionassem criticamente em relação a determinados instrumentos de mando dos militares, como no momento da extinção do AI-5.

---

⁴⁴⁹ De 1972 a 2000, todos os candidatos vitoriosos estavam ligados aos Rosados por um desses dois laços. Nesse período, foram eleitos prefeitos de Mossoró Dix-Huit Rosado (1972, 1982 e 1992), João Newton da Escóssia (cunhado de Vingt Rosado, eleito em 1976) e Rosalba Ciarlini Rosado (casada com Carlos Augusto Rosado, eleita nos pleitos de 1988, 1996 e 2000).

⁴⁵⁰ AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência- O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999, p. 21-35.

A princípio, esse posicionamento não pode ser tomado como uma reação contra os governos militares, mas como o caminho que os Rosados, enquanto arenistas, seguiram diante das propostas um tanto nebulosas adotadas, a partir do Governo Geisel, em relação à abertura política. Foi nesse ritmo que *O Mossoroense* se transformou no veículo de comunicação que mais expressou a relação entre os Rosados e os governos militares na cidade. Pode-se dizer que o jornal era o elo de ligação dos Rosados com a população, por isso, insistiam na publicação dos recursos alocados por Vingt, Dix-Huit e seus correligionários.

Na área da educação, por exemplo, houve a preocupação de registrar as melhorias na infraestrutura das instituições de ensino superior da cidade, acompanhadas pela relação de forças estabelecida entre os dirigentes dessas instituições e os Rosados. Merece destaque aqui as intervenções do período de transição em nível municipal, feitas por Dix-Huit, através da Lei 139/1983, quando unificou as funções administrativas da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) e da presidência da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) no cargo de reitor.

A relação política dos Rosados com a URRN, foram marcadas, até o início da década de 1980, por laços de dependência dos recursos que Vingt Rosado destinava ao pagamento de professores e pelas emendas que conseguia para melhoramentos na infraestrutura. Isso levava a instituição a manter laços paternalistas e de interferência na gestão da instituição, os quais só foram rompidos com a estadualização da universidade.⁴⁵¹

É notório que, à medida que se dava a abertura política, os Rosados empreendiam as mudanças necessárias à sua manutenção no poder, bem como a sobrevivência de uma memória sobre sua participação no Regime Militar, a ponto de Vingt e Dix-Huit Rosado, no período da transição, se filiarem ao PMDB, após décadas liderando a ARENA mossoroense. Todo esse processo transitório e suas nuances em uma cidade de médio porte, como Mossoró, bem como os investimentos e intervenções no ensino universitário, mostram como a “modernização conservadora” serviu aos interesses dos militares em manter seus aliados políticos regionais e dar condições a produção de uma memória feliz sobre os “anos de chumbo”.

---

⁴⁵¹ FILGUEIRA, Maria da Conceição Maciel. **Dominação política e universidade**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2006, p. 33-90. (Coleção Mossoroense. Série C. v.1508).

Os investimentos na educação superior aparecem nas reflexões de Rodrigo Patto Sá como algo que “ocorreu simultaneamente à implantação de sistema de informações e vigilância para punir os adversários e suspeitos, muitos dos quais foram expelidos do sistema universitário. Assim, as Universidades foram local privilegiado do projeto modernizador-conservador da ditadura, processo em que se combinaram impulsos destrutivos e construtivos, por vezes contraditoriamente”.⁴⁵²

Do ponto de vista econômico, os Rosados devotaram grande parte de seus discursos e proposições à economia salineira. A recorrência das temáticas referentes ao setor pode ser percebida no exercício parlamentar do senador Dix-Huit Rosado (1959-1966). Dos seus 37 pronunciamentos, 12 foram sobre a situação do setor salineiro. Temáticas como a construção do Porto em Areia Branca; produção no período das enchentes; distribuição da mão de obra; administração de seu irmão Vingt-un Rosado na presidência do Instituto Brasileiro do Sal (IBS); e do problema da comercialização foram contemplados pelo parlamentar. Dos requerimentos propostos, três direcionavam-se à atividade salineira e estavam voltados à obtenção de informações do IBS sobre a produção, circulação e mão de obra.⁴⁵³

Em parte, a preocupação foi motivada pela atuação da Família no setor e pela importância que possuía para a área, devido sua influência política, vista, por exemplo, quando Jerônimo Vingt-un Rosado Maia passou a presidir o Instituto Brasileiro do Sal (IBS) no período de 1961 a 1964. Nesse setor, os Rosados fizeram uma política dúbia. Para o empresário salineiro, prometeram uma estrutura portuária e bancária que resolvesse “o crucial problema do barateamento e escoamento da produção”,⁴⁵⁴ enquanto que para o trabalhador salineiro, as melhorias viriam através de ações assistencialistas, como a criação do Hospital Francisco Menescal (Hospital do Sal).⁴⁵⁵

Apesar das melhorias que o assistencialismo do IBS promoveu, o operário salineiro, durante a década de 1960, se deparou com a mecanização das grandes

---

⁴⁵² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Ruptura e continuidade na Ditadura Brasileira: a influência da cultura política. In: ABREU, Luciano Aronne de. **Autoritarismo e cultura política**. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 21.

⁴⁵³ Ver: Pronunciamentos de MAIA, Jerônimo Dix-Huit Rosado. **Diário do Congresso Nacional**. Brasília, 1959-1966.

⁴⁵⁴ FALA de Vingt Rosado. *Ibid.*, p. 8419, 30 nov. 1967.

⁴⁵⁵ Esse hospital foi inaugurado em 14 de fevereiro de 1964 e passou a ser conhecido como o “Hospital do Sal”. MAIA, Geraldo. Vingt-un e o Hospital do Sal, Caderno Universo. Jornal **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 24 fev. 2008.

salinas. Segundo Francisco das Chagas Paiva Filho, o resultado desse rápido processo de automação foi o desemprego que, “embora nunca ter sido oficialmente divulgado o número exato de liberação de mão-de-obra, foi discutido por alguns anos o desemprego de 3 a 8 mil operários”.⁴⁵⁶

Nesse contexto, a ação do Rosados foi de promover a produção de um discurso sobre o desenvolvimento da cidade no qual empresários e operários estivessem em sintonia. Fabricaram, então, por meio do jornal, uma imagem que omitiu as condições cotidianas de vida e trabalho nas pequenas e artesanais salinas, bem como as consequências do desemprego nas grandes empresas salineiras. A imagem que passaram foi das iniciativas que realizaram junto ao Instituto Brasileiro do Sal, daí se apresentarem como administradores voltados ao bem-estar dos operários. Na verdade, o que apareceu nos jornais que circulavam na cidade foram propostas apresentadas por Vingt e Dix-Huit cujo objetivo era o incremento da indústria salineira e sua proteção, como também as ações assistencialistas de Vingt-un no IBS.

Para isso, tanto no Congresso Nacional como no Senado, os representantes dos Rosados defenderam a indústria salineira por meio da proposição de obras estratégicas, como a construção dos portos marítimos de Areia Branca, Macau, e a condenação das iniciativas que viam, no aumento da malha ferroviária entre Mossoró e Natal, a solução para o escoamento do sal.⁴⁵⁷ Em meio à batalha pelo setor salineiro estavam as preocupações dos Rosados com a área de influência de Mossoró e a necessidade de inseri-la nos Planos de Desenvolvimento Regional da SUDENE.

A partir do mapa 04, a seguir, é possível ter a dimensão da importância das três sub-regiões diretamente ligadas a Mossoró e, politicamente importantes para a permanência dos Rosados nas esferas de poder. Os três centros de desenvolvimento sub-regional nele representados pautavam as atividades econômicas na agricultura/pecuária/serviços (Assu/Pau dos Ferros) e na produção de sal marinho (Areia Branca).

---

⁴⁵⁶ PAIVA FILHO, Francisco das Chagas. **Uma análise da dualidade do mercado produtor salineiro do Rio Grande do Norte**. Natal: PRAEU, 1982, p. 12.

⁴⁵⁷ O projeto dos portos de Areia Branca e Macau não avançaram, pois os investimentos federais se voltaram à ampliação da malha rodoviária entre Fortaleza e Natal. Sobre os projetos voltados à indústria salineira ver: FALA de Vingt Rosado. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, p. 6944, 26 ago. 1964.

Mapa 4 - Rede de cidades e área de influência de Mossoró – 1975

Fonte: Diagnóstico estrutural do Estado do Rio Grande do Norte/IDEC (1975, p. 65)

Estrategicamente importantes para a manutenção do poder dos Rosados, os catorze municípios que compunham a área de maior influência de Mossoró estavam nas microrregiões Salineiras Norte-Riograndense e em Assu-Apodi. Juntos, possuíam 44.995 eleitores, correspondente a 10,2% do eleitorado inscrito no Rio Grande do Norte.⁴⁵⁸ Esses centros eram formados pela cidade de Assu (1º nível), Areia Branca e Pau dos Ferros (2º nível). Para a Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (IDEC) o que caracteriza um centro sub-regional de 1º nível são suas funções específicas ligadas às atividades econômicas e que ampliam os serviços e consumo, exercendo, assim, influência em determinada área. Já, o centro sub-regional de 2º nível apresenta “um comércio de relativa importância para pequenas áreas, como serviços de educação e saúde de um certo nível, não chegando a apresentar funções específicas”.⁴⁵⁹ Com populações que variam de 6.500 a 11.000 habitantes, essas áreas foram imprescindíveis a estratégia de manutenção do poder dos Rosados.⁴⁶⁰ Ao relacionar os resultados eleitorais das campanhas de Vingt Rosado para deputado federal, até o final da década de 1970, percebe-se que a manutenção do controle da administração mossoroense foi se tornando cada vez mais indispensável à permanência da Família Rosado na Câmara Federal.

Tabela 1 - Resultados das campanhas de Vingt Rosado para Deputado Federal

	Eleição	Partido	Votos na eleição	Votos em Mossoró	%
Vingt Rosado	1962	UDN	24.527	9.679	39,4
	1966	ARENA	29.490	Dados indisponíveis	
	1970	ARENA	40.009	16.469	41,1
	1974	ARENA	49.737	14.091	28,3
	1978	ARENA	44.743	17.360	38,7
	1982	PDS	43.421	17.483	40,2

Fonte: Superior Tribunal Eleitoral/Tribunal Regional Eleitoral (1962-1982)

⁴⁵⁸ Os percentuais foram elaborados a partir dos dados do anuário de 1975. Ver: **ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE**, Natal, 1975, p. 356-58. v.2.

⁴⁵⁹ GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Diagnóstico Estrutural do Estado**. Natal: Secretaria do Planejamento/IDEC, 1975, p. 127-128. v. I.

⁴⁶⁰ Ver: **ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE**, Natal, 1975, p. 356-58. v.2.

Os resultados eleitorais apontam que foi no período de maior concentração de poder da ARENA que os Rosados ampliaram a influência política no Oeste do Rio Grande do Norte. O crescimento do capital político-eleitoral da Família Rosado durante o Regime Militar chegou a 102% no período em que se encerra o chamado Milagre Brasileiro. Esse crescimento pode ser explicado tomando como referência os resultados das campanhas de Vingt Rosado para o cargo de deputado federal. Nota-se que as maiores oscilações se deram com o crescimento da participação eleitoral nos municípios mais influenciados pelos serviços oferecidos a partir de Mossoró, e que o percentual eleitoral de Vingt Rosado na cidade se estabilizou em torno dos 36% dos votos válidos.⁴⁶¹

Nesse período, atuaram em consonância com os Planos da SUDENE e contaram com a influência do jornal *O Mossoroense*, a partir da segunda metade da década de 1970, para a circulação do exercício cotidiano do mandato parlamentar do deputado federal Vingt Rosado. Foi nessa direção que quatro dos dez discursos proferidos por Vingt Rosado no Congresso Nacional, na década de 1970, voltaram-se para as ações ligadas às atividades da SUDENE no Rio Grande do Norte, sendo o crescimento da atividade salineira e escoamento da produção de sal marinho, o principal assunto.

A estratégia de captação de recursos por Vingt e Dix-Huit Rosado direcionava-se as propostas de ação contempladas no III Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste (1966-1968) no que tange aos investimentos voltados à execução de obras, melhoramentos e reaparelhamentos dos portos no Nordeste. O Plano Diretor contemplava os principais portos (Recife, Salvador e Fortaleza) e buscava aplicar os recursos levando em conta:

[...] não apenas o volume físico das operações realizadas, mas, igualmente, a necessidade de explorar ao máximo a potencialidade de alguns pequenos ancoradouros, tendo em vista o atendimento de necessidades econômicas da sub-região a que servem.⁴⁶²

Nesse grupo encontravam-se os portos de Natal, Cabedelo, Maceió e Aracaju que, segundo as diretrizes do III Plano, seriam reaparelhados. Percebe-se claramente,

⁴⁶¹ RIO GRANDE DO NORTE. Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://inter04.tse.jus.br/ords/dwtse/f?p=1945:1:::NO:RP:POHIDMOSTRA:S>>. Acesso em 03/11/2015.

⁴⁶² BRASIL. SUDENE. **III Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste**. 1. ed. Recife. Divisão de Documentação, 1966, p.70. (Série Planejamento)

pelos discursos proferidos no Congresso Nacional e pelas matérias que circularam em *O Mossoroense*, que foi nesse espaço que os Rosados ampliaram seus esforços na busca da construção dos Portos de Mossoró e Areia Branca. A justificativa era a importância da cidade como a principal produtora de sal no Brasil. O objetivo era dotar cada vez mais a cidade de uma infraestrutura capaz de atender as demandas do produto no mercado interno e externo e ampliar o papel da cidade por toda a zona salineira, considerada como área de grande influência mossoroense, por conseguinte de suma importância política para os Rosados.

Esses discursos eram adaptados à realidade local e associados aos recursos financeiros que o deputado conseguia alavancar. Em seguida, serviam de conteúdo às matérias jornalísticas que circulavam na cidade. Foi por esse caminho que os Rosados, além de viabilizarem os serviços públicos urbanos, também inauguraram duas universidades em Mossoró. A criação da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) e da Escola de Agricultura de Mossoró (ESAM) foi uma ação estratégica dos Rosados que também acompanhou os objetivos postulados no III Plano Diretor da SUDENE (1966-1968), que previa somente investir na “ampliação das instalações e equipamentos das unidades universitárias, com ênfase nas três grandes universidades do Nordeste: Bahia, Recife e Ceará”.⁴⁶³ A ESAM foi criada em uma cidade não contemplada com os recursos destinados ao ensino superior, mas que estava estrategicamente localizada entre duas das principais universidades nordestinas citadas no plano de ação da SUDENE, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal de Pernambuco. Mais uma vez, os Rosados atuaram nos setores em que a SUDENE potencializava as principais capitais regionais.

Outras instituições culturais como o Museu, Biblioteca Pública e Coleção Mossoroense também fizeram parte das estratégias que sustentavam politicamente os Rosados no Oeste do estado. Os contatos que Vingt-un Rosado manteve com lideranças políticas que tinham seus trabalhos publicados na Coleção Mossoroense são um indicativo de que a rede de sociabilidade dos intelectuais servia como ponte às relações políticas da Família Rosado, especialmente pelo controle exercido pela ARENA do Rio Grande do Norte durante a segunda metade da década de 1970.⁴⁶⁴

⁴⁶³ BRASIL. SUDENE. **III Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste**. 1. ed. Recife. Divisão de Documentação, 1966, p. 95. (Série Planejamento).

⁴⁶⁴ O contato político que os Rosados mantiveram no Oeste Potiguar, por conta de sua influência na ARENA, foi enorme e pode ser demonstrado no aumento dos resultados eleitorais de Vingt Rosado, que chegou a 82,42% entre 1962 e 1978. Além do Governo do Estado, a ARENA administrava 140 dos

Em discurso pronunciado no Congresso Nacional em 26 de novembro de 1977, Vingt Rosado fez um balanço das comemorações do cinquentenário da resistência cívica ao bando de Lampião. Apontou também o cinquentenário do voto feminino e os dez anos da fundação da Escola de Agricultura de Mossoró (ESAM) como marcos importantes da história da cidade. O discurso aparece em direção contrária ao que fora veiculado no jornal *O Mossoroense* durante as comemorações do cinquentenário, quando, por meio de apresentações artísticas, o passado comemorado foi inserido na lógica mercadológica do turismo e na sociedade do espetáculo.⁴⁶⁵

Por consequência, os lugares ocupados por mossoroenses e cangaceiros no cinquentenário deixaram de se reportar aos pares campo/cidade, civilizado/selvagem, e se voltaram às necessidades de incorporá-los, nas comemorações, como representantes de uma sociedade que, discursivamente, foi folclorizada, segundo Durval Muniz em uma operação de fusão entre o folclore e o folclorista e a própria região durante as décadas de 1920 a 1950.⁴⁶⁶

De fato, o uso do passado mossoroense afirmou a figura do cangaceiro como um tipo sociológico cuja origem e modo de vida próprios foram narrados por memorialistas e folcloristas, ainda na primeira metade do século XX.⁴⁶⁷ Em contrapartida, Vingt Rosado, no término de sua fala durante as comemorações, interpretou que os cangaceiros eram resultado das desigualdades sociais, o que corroborou com os argumentos que justificaram a resistência mossoroense como luta entre a civilização e a barbárie.

Grandes homens ao inverso, energias colossais desencadeadas aos ventos da desaculturação, dos desajustamentos sociais, ei-los apocaliticamente a marcar a terra calcinada com os sinais do ódio, da vingança, da destruição. Tinham um comandante, Virgulino Ferreira, o Lampião, tal como no conceito matemático, expoente negativo de uma gente que não se definira em tipo étnico. Fabulosos cavaleiros a serviço do mal em junho de 1927, vencem 400 quilômetros em 100

---

150 municípios do Rio Grande do Norte, em 1976, o que favoreceu o fortalecimento dos Rosados no Oeste Potiguar. DANTAS, Jaime Hipólito. Infidelidade. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 02, 24 nov. 1976.

⁴⁶⁵ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 23-35.

⁴⁶⁶ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**. A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013, p. 23-54.

⁴⁶⁷ Id. **O morto vestido para um ato inaugural**: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 19-33.

horas, conseguindo atingir o alvo da jornada imensa: a cidade de Mossoró.⁴⁶⁸

Os argumentos citados remontam a intelectuais como Gustavo Barroso, que, na década de 1920, procurou justificar a origem e permanência do cangaceirismo como resultado de condições políticas que expropriaram grande parte da população do nordeste brasileiro das condições mínimas de educação e segurança.

Na verdade, o propósito do deputado, ao proferir tais palavras, foi apresentar a cidade de Mossoró, na narrativa jornalística, como o mais importante centro político, econômico e cultural do interior do Rio Grande do Norte. E mesmo tendo sido retomada no Congresso Nacional, sua fala foi mais um apanhado da narrativa oficial sobre o 13 de junho do que uma explicação das mudanças ocorridas nas comemorações do cinquentenário.

De fato, as argumentações de Vingt Rosado não condizem com as ressignificações feitas por Lauro da Escóssia, principal narrador do acontecimento no jornal *O Mossoroense*. Na coluna “Lampião em Mossoró”, Lauro da Escóssia rediscutiu, em dezessete matérias, o ataque de Lampião e a resistência mossoroense, apresentando os objetivos implícitos às comemorações.⁴⁶⁹ Nesse sentido, as comemorações sobre o 13 de junho foram transformadas em algo para além de um “culto nostálgico e regressivo” e que fez o passado ser “reinterpretado à luz da lição que se dar ao presente e ao porvir”.⁴⁷⁰ Essa lição correspondeu aos interesses norteadores das ações dos Rosados, Escóssias e correligionários, quando selecionaram e utilizaram o cinquentenário do ataque de Lampião para

⁴⁶⁸ FALA de Vingt Rosado. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, p. 8419, 26 nov. 1977. Esse posicionamento de Vingt-un Rosado foi publicado em 1965, na terceira edição do livro *Lampião em Mossoró*, de Raimundo Nonato, com o título de “Três crônicas sobre o treze de Junho”. Ver: SILVA, Raimundo Nonato da. **Lampião em Mossoró**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Pogentti, 1965, p. 161-65.

⁴⁶⁹ As matérias receberam como título: I- Guerra à vista (13/05/1977); II – Guerra à vista (15/05/1977); III – Dia D (17/05/1977); IV – A mercê da luta (18/05/1977); V – Primeiras notícias da fuga (19/05/1977); VI – Prisão de Jararaca (22/05/1977); VII- Não era lombrosiano (24/05/1977); VIII – Queria malagueta para se curar (25/05/1977); IX – Lampião perdeu seis cangaceiros em Mossoró (26/05/1977); X – Dois sacerdotes nas trincheiras de Mossoró (29/05/1977);); XI – Dois sacerdotes nas trincheiras de Mossoró (31/05/1977);); XII – Dois sacerdotes nas trincheiras de Mossoró (01/06/1977); XIII- Mossoró era cidade de mais de 15.000 almas despoliciaadas (02/06/1977); XIV – Relatório impressionante (05/05/1977); XV – Banqueteados em Limoeiro (07/06/1977); XVI – Jararaca foi sepultado com algemas (08/06/1977) e XVII- Jararaca não queria ser preso em Mossoró (09/06/1977).

⁴⁷⁰ CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015, p. 81.

(re)construírem uma memória sobre a resistência mossoroense diante dos cangaceiros.

Pode-se dizer, portanto, que foi no uso do passado que a celebração da resistência ganhou significado, se constituindo como espaço e momento propícios para a reafirmação do discurso político dos Rosados como os responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico da cidade. Nessa empreitada, o jornal *O Mossoroense*, mais uma vez, teve papel preponderante na circulação da memória histórica e na cobertura das solenidades que marcaram a comemoração do cinquentenário.

Duas foram as memórias que circularam no jornal: a memória histórica, presente nas edições de 1927 de *O Mossoroense*; e a memória particular de Lauro da Escóssia, testemunha ocular do ataque dos cangaceiros e da montagem da resistência mossoroense. Do dia 13 de maio ao dia 09 de junho de 1977, ganhou destaque na coluna “Lampião em Mossoró”, comandada por Lauro da Escóssia, as matérias por ele publicadas quando cobriu o ataque dos cangaceiros desde as primeiras notícias a respeito da presença do bando no Oeste do Rio Grande do Norte, até a sua fuga para Limoeiro do Norte (Estado do Ceará).

Segundo Lauro, “o ataque ao Apodi foi o estopim para Mossoró preparar sua defesa”.⁴⁷¹ As primeiras precauções contra os cangaceiros ocorreram sem a presença de Lampião nas terras potiguares. Para o colunista, quem iniciou as ações de defesa da cidade foram os comerciantes locais, assumindo, posteriormente, as autoridades municipais, principalmente o prefeito Rodolfo Fernandes, que recebia informações telegráficas, de várias procedências, dando conta da marcha dos cangaceiros no Rio Grande do Norte.⁴⁷²

Na tentativa de reavivar a luta entre mossoroenses e cangaceiros, Lauro da Escóssia resgatou ainda a seguinte descrição do acontecimento por ele elaborada durante a invasão do bando a Mossoró:

Lampião penetrou com um grupo no prédio da União dos Artistas, fazendo cerrado tiroteio contra a trincheira da Estrada de Ferro, onde estavam Saboinha, muitos funcionários da ferrovia e outros defensores. Outro grupo chefiado por Sabino, lugar tenente de

⁴⁷¹ ESCÓSSIA, Lauro da. Lampião em Mossoró (I) – Guerra à vista. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 maio. 1977.

⁴⁷² Id. Lampião em Mossoró (II). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 15 maio. 1977.

Lampião e do qual faziam parte Jararaca, Colchete e vários outros bandidos, passou a guerrear nas imediações da residência do prefeito Rodolfo Fernandes e na Avenida Alberto Maranhão. Este grupo ficou na mira dos fuzis dos que estavam na torre de S. Vicente, de onde partiram, ao que se admite, os projeteis que mataram Colchete com profundo ferimento sobre o olho esquerdo, arrancando-lhe parte do cérebro, isto na esquina da residência do sr. Antônio Ferreira Néo e feriram gravemente ao seu companheiro Jararaca, com um tiro no peito, alcançando-lhe o pulmão, quando este procurava “desarvorar” àquele seu colega, abrindo-lhe a camisa e retirando seus pertences e armas. Jararaca foi ainda atingido por uma segunda bala que se alojou numa de suas pernas.

Jararaca de punhal na mão, quis romper a fuzilaria que vinha do parapeito da casa do Prefeito Rodolfo Fernandes, procurando transpor os fardos de algodão colocados defronte àquela residência para uma luta corpo a corpo com os defensores da cidade. Não conseguiu e já de regresso desse frustrado intento foi atingido mortalmente.⁴⁷³

A descrição do ataque dos cangaceiros e da resistência mossoroense põe o cangaceiro Jararaca como personagem principal da coluna jornalística “Lampião em Mossoró”, de modo que Lauro da Escóssia dedicou cinco das dezessete matérias que circularam entre os meses de maio e junho de 1927 à trajetória de Jararaca na cidade.

O bandido foi apresentado ao público como um sujeito valente, que, com graves ferimentos, “foi se arrastando na escuridão da noite até galgar a via férrea. Por ela atravessou a ponte sobre o rio Mossoró, descansando a sombra de uma árvore, na sua margem direita” até ser denunciado e preso no dia 14.⁴⁷⁴

Quanto aos detalhes que levaram a sua prisão, foram lembrados por Lauro da Escóssia como o grande momento do jornal, haja vista ter publicado, em primeira mão, a entrevista concedida pelo cangaceiro. De acordo com o colunista, a presença do cangaceiro na cadeia pública de Mossoró despertou, de início, tanto a curiosidade da população, que queria vê-lo, como uma certa apreensão, por conta das informações de que poderia acontecer uma nova investida do bando de Lampião.

Mas, o que ganhou fama no jornal foram as informações que Jararaca prestou a Lauro da Escóssia durante sua permanência em Mossoró, material publicado na

⁴⁷³ ESCÓSSIA, Lauro da. Lampião em Mossoró (III) – O Dia D. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 17 maio. 1977.

⁴⁷⁴ Id. Lampião em Mossoró (III) – O Dia D. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02. 17 maio. 1977.

edição de 19 de junho de 1927 e reimpresso, cinquenta anos depois, como homenagem do jornal a tão importante acontecimento para a história da cidade.⁴⁷⁵

Assim, pois, o uso “jornalístico do passado” ganhou lugar nas comemorações do cinquentenário.⁴⁷⁶ À medida que novos enfoques sobre cangaceiros e resistentes foram utilizados pelo poder municipal na composição da narrativa oficial sobre o acontecimento, os documentos sobre o 13 de junho (particularmente os textos jornalísticos publicados em *O Mossoroense*) foram se tornando monumentos do passado.⁴⁷⁷

Outro ponto relevante na justificativa dada pelo jornal dos Rosados a sua participação nas comemorações concerne à própria visão sobre seu lugar na fabricação das narrativas sobre o passado mossoroense, a qual está bem representada no trecho que segue:

Vivemos hoje uma nova fase dentro de uma cidade que vive uma nova época, O MOSSOROENSE, em todos os instantes, prestou às solenidades da Semana da Resistência, sua solidariedade. Da comissão organizadora, presidida pelo prefeito João Newton, faz parte o diretor Dorian Jorge Freire. A Galeria de Arte Mossoroense – GAM, criação de nosso diretor e pertencente ao Jornal, promoveu duas exposições excepcionais: uma, de Eliphas Bulhões, em promoção com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Outra, de M. Arruda, em acordo com o Banorte. Com a Secretaria de Bem Estar Social do Estado, participa da Feira de Artesanato. Durante um mês inteiro, publicamos sobre o feito histórico, o depoimento de seu redator Lauro da Escóssia, testemunha ocular dos acontecimentos. Hoje fazemos uma edição histórica: toda a primeira página é a reconstituição daquela publicada em 19 de Junho de 1927, domingo, com a reportagem escrita por Augusto e Lauro Escóssia.

⁴⁷⁵ Este foi considerado o maior furo de reportagem da história do jornal *O Mossoroense*. Segundo Lauro da Escóssia, foram impressos e vendidos 5.400 exemplares dessa edição. Id. Lampião em Mossoró (VI) – Prisão de Jararaca. Ibid., Mossoró, p. 02. 22 maio. 1977.

⁴⁷⁶ O uso jornalístico do passado em Mossoró apresenta uma imagem da cidade como exemplo ao Nordeste. Também reafirma visões e justifica mudanças na narrativa sobre o acontecimento. No caso do 13 de junho, o uso jornalístico do passado se deu, durante o cinquentenário, por meio dessas duas formas. Foram apresentados ao leitor a reprodução das matérias que circularam no jornal após o ataque e os novos posicionamentos do jornalista Lauro da Escóssia sobre algumas particularidades do acontecimento, como as devoções religiosas ao cangaceiro Jararaca, os cangaceiros como objetos da cultura e os mossoroenses como resistentes. Sobre o assunto ver: LEVI, Giovani. *Le passé lointain: sur l'usage politique de l'histoire*. In: HARTOG, François. REVEL, Jacques. **Les usages politique du passé**. Paris: Enquête/Editions de L'école des Hautes Études em Sciences Sociales, 2001, p.25-37.

⁴⁷⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 542-549.

É nossa forma humilde de estar presente (como temos estado há mais de um século) na liderança plena do que é história de Mossoró e defesa de sua comunidade.⁴⁷⁸

O lugar requerido pelo jornal como produtor e “guardião do passado” mostra a transferência da administração do periódico dos Escóssias para os Rosados como um reforço da imagem de *O Mossoroense* como importante fonte histórica.⁴⁷⁹

Ao republicar a edição completa de 19 de junho de 1927, os Rosados criaram uma situação um tanto contraditória. De um lado, monumentalizaram a narrativa jornalística sobre o 13 de junho, à medida que evocaram os lugares que distinguiam mossoroenses e cangaceiros na memória histórica sobre o acontecimento. Por outro lado, provocaram um certo esgarçamento dessa memória, ao creditarem novos lugares aos resistentes e cangaceiros no decorrer do ato comemorativo.

Os defensores da cidade, imagetivamente passaram a ocupar o posto de heróis, enquanto os cangaceiros foram enunciados como seres folclóricos, representantes de um tempo que não existe mais. Essa é a expressão de uma espacialidade onde os sujeitos folclorizados representavam um Brasil rural, conservador, arcaico, marcado pelo fanatismo e pela violência. Uma região cujos problemas sociais foram teatralizados e associados às manifestações da cultura popular, como danças e cantorias.

Nessa perspectiva, as comemorações do cinquentenário se constituíram momento de mostrar a mudança na própria forma de ver o Nordeste, procurando, por um lado, velar as dificuldades históricas e, por outro, creditar ao uso do passado a alternativa para o crescimento econômico da cidade. Esse trabalho teve como fiadores do tempo da construção da resistência mossoroense a Lampião os Rosados e parceiros da Prefeitura Municipal de Mossoró.

---

⁴⁷⁸ O MOSSOROENSE, 1977. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 12/13 jun. 1977.

⁴⁷⁹ A comissão do Cinquentenário da Resistência teve como presidentes de honra o governador Tarcísio Maia e o prefeito João Newton da Escóssia, assessorados por Lauro Monte Filho, responsável pelo turismo da cidade. Entre os membros estavam: Dorian Jorge Freire, diretor de *O Mossoroense*; Lauro da Escóssia, diretor do Museu Municipal; Helder Heronildes, reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte; Laplace Rosado Coelho, presidente da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte; Padre Sátiro Dantas, diretor do Colégio Santa Luzia; Genivan Josué Batista, vice-reitor, Antônio da Graça Machado, secretário de Educação e Cultura; Monsenhor Américo Simonetti, representante da Rádio Rural; Canindeh Alves, representante da Rádio Tapuyo; Ivonete de Paula, da Rádio Difusora; Vingt-un Rosado, presidente do Conselho Técnico-administrativo da Escola Superior de Agricultura de Mossoró; Milton Silveira, presidente da Câmara Municipal de Mossoró; Genésio Filgueira Neto, diretor do Colégio Dom Bosco; José Cesário, da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral; e Irmã Maria Aparecida, professora do Colégio Sagrado Coração de Maria.

Tecida por meio da utilização do teatro, concursos de música (voltados aos temas nordestinos como o banditismo rural representado pelo cangaço), danças folclóricas, exposições artísticas e feira de artesanato, as comemorações do cinquentenário da “resistência mossoroense” ao bando de Lampião se configuraram também como momento revelador do sentimento de pertencimento coletivo, ao passo que reafirmaram o lugar de Mossoró como ponto de partida à derrocada do cangaceirismo no Nordeste do Brasil.

Mais que um ponto de partida, o cinquentenário mostrou o que, de fato, os Rosados e aliados políticos queriam: criar mecanismos que os mantivessem no poder. O sucesso da empreitada não deve ser mensurado a curto prazo. As dificuldades em aliar o desenvolvimento econômico com o exercício do mando fizeram com que os Rosados encontrassem nas comemorações do calendário cívico municipal a principal forma de uso do passado como mecanismo de sua aproximação com a população. Isso foi imprescindível à cultura política que partilhavam, pois, as grandes comemorações sobre o passado mossoroense revelaram, na contextualidade do processo político vivenciado pelo país durante os “Anos de Chumbo”, o lugar que os Rosados ocuparam no governo dos militares.

Enquanto no cinquentenário do ataque de Lampião (1977) ficaram evidenciados o apoio dos Rosados às decisões políticas e econômicas empreendidas pelos militares e a forma como obtinham os recursos para as melhorias urbanas direcionadas ao desenvolvimento do turismo, nas comemorações do centenário da libertação dos escravos (1983) ocorreram as primeiras iniciativas da transição política em nível municipal. Nesse contexto, os Rosados fizeram um complexo percurso pelas articulações políticas que marcaram a transição do Regime Militar para a redemocratização do país.

4.2 O CENTENÁRIO DA LIBERTAÇÃO

O uso do passado, durante o centenário da libertação dos escravos em Mossoró, revelou as sensíveis articulações políticas dos Rosados durante a primeira metade da década de 1980.⁴⁸⁰ Tais articulações fizeram parte da conjuntura política

---

⁴⁸⁰ A década de 1980 foi marcada pelo acirramento das críticas aos militares, tanto pelos posicionamentos da Igreja, que desde a década anterior condenou os assassinatos do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho, no DOI-CODI de São Paulo, como pela emergência

que se delineou com maior intensidade após as eleições de 1982, quando o governo militar “obteve somente 36,7% dos votos” e os partidos de oposição chegaram a 48% dos votos para a Câmara dos Deputados.⁴⁸¹

No Rio Grande do Norte, um dos impactos políticos da referida eleição foi a ruptura entre Tarcísio Maia e os irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado, lideranças do PDS. O rompimento ocorreu durante o processo eleitoral de 1982, quando os Rosados, com exceção do deputado estadual Carlos Augusto Rosado, fizeram oposição a José Agripino Maia (filho de Tarcísio Maia e candidato a governador pelo PDS).⁴⁸² Esse posicionamento levou a saída dos Rosados do partido do governo, mesmo assim, eles mantiveram suas críticas a José Agripino, eleito governador e, aproximaram-se de Aluísio Alves, histórico adversário político.⁴⁸³

Em *O Mossoroense*, as críticas ao governador José Agripino Maia, particularmente aquelas relacionadas ao desprezo diante dos flagelados da seca de 1983, ganharam força e escancararam o rompimento político. Por todo o ano, a seca e a situação dos trabalhadores dos Programas Emergenciais foram os principais motivos das críticas ao governo estadual.

Também no jornal dos Rosados, a Polícia Militar do Rio Grande do Norte foi acusada de abuso de autoridade e uso da violência na repressão ao que denominou

---

do movimento dos trabalhadores metalúrgicos paulistas, pelo multipartidarismo, e pela força das comunidades eclesiais de base (CEBS) e das Sociedades dos Amigos de Bairro, que se proliferaram por todo o país e passaram a questionar as condições de vida da população. Inseridos nesse contexto, os Rosados mantiveram o apoio aos militares e se articularam diante das ações do ex-aliado, Tarcísio Maia, no desencadeamento da candidatura de seu filho, José Agripino Maia, ao governo do Rio Grande do Norte. SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 471-74.

⁴⁸¹ STEFPAN, Alfred C. **Os militares: da abertura à nova república**. Tradução de Adriana Lopez e Ana Luiza Amendola. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 67.

⁴⁸² O principal motivo da oposição dos Rosados à candidatura de José Agripino Maia foi a preterição, em 1978, por parte do governador Tarcísio Maia, do nome de Dix-Huit Rosado para governador do Rio Grande do Norte. A não indicação de Dix-Huit Rosado, candidato de Dinarte Mariz, é apontada por Andrea Costa como o rompimento político dos Rosados com Tarcísio Maia, bem como o fim da liderança de Dinarte Mariz sobre a Arena potiguar. COSTA, Andrea Maria Linhares. **Da Aliança ao Democratismo: a trajetória do PFL no Rio Grande do Norte (1985-2006)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFRN, Natal. 2012, p. 86.

⁴⁸³ Desde a década de 1960, Aluísio Alves foi o político que mais oposição fez aos Rosados em Mossoró, bem como o que mais sofreu com as críticas de Vingt e Dix-Huit Rosado. Estes chegaram a fundar o jornal *Diário de Mossoró*, em 1961, para combater as críticas feitas pelos aluizistas em *O Mossoroense*. Em 1965, em meio às disputas pelo controle político no Rio Grande do Norte, Aluísio Alves passou a liderar a sublegenda da Arena Verde. Um ano depois foi eleito deputado federal, mas, com o AI-5, outro líder arenista, Dinarte Mariz, articulou sua cassação. *Ibid.*, p. 73.

de “ataques dos flagelados” para conseguirem comida dos armazéns da Companhia Brasileira de Armazenagem (CIBRAZEM). Segundo *O Mossoroense*:

Ontem pela manhã, 500 flagelados atacaram o depósito local da Cibrazem, em busca de alimentação. O ataque começou a um caminhão que descarregava gêneros alimentícios, do qual os flagelados levaram todo carregamento de macarrão. De lá os flagelados saíram em procura da Cobal, que fechou as suas portas. Também tentaram alcançar os supermercados da cidade, sendo frustrados nos seus intentos.

A Polícia ao chegar ao local, Cibrazem, usou de grande violência. Primeiramente, procurando dissolver os flagelados com jatos de água. Em seguida, passando a agredi-los com cassetetes. Uma senhora grávida não escapou a fúria policial, sendo espancada. Muitas pessoas foram detidas e depois colocadas em liberdade. A polícia declara que havia infiltrações no meio dos flagelados, o que justificaria, segundo ela, a sua violência.

Que se reprima manifestações de desespero como a de ontem, é possível entender. Nunca com violência, com fúria e abuso de autoridade. Em dezenas de cidades nordestinas que estão sendo alvos das mesmas cenas de desespero por parte de flagelados e desempregados com fome, a polícia tem usado de métodos brandos, afastando os invasores e até organizando a distribuição de alimentos entre eles.⁴⁸⁴

Longe de ser defensor da multidão que atentou contra os armazéns da Cibrazem, *O Mossoroense* se aproveitou da violenta repressão policial aos flagelados para condenar as ações de José Agripino Maia diante dos problemas da seca. Nesse conturbado contexto onde se discutia a sucessão do presidente João Figueiredo, as intrigas políticas estaduais emergiram nas páginas do jornal e ganharam mais destaque que os problemas enfrentados pelos flagelados.

Nas edições seguintes, ampliou-se a alegação de que a ação dos flagelados teve origem na falta de compromisso do governo estadual com os trabalhadores nos períodos da seca. O atraso na distribuição de alimentos e a violência policial apareciam como os dois principais argumentos para a eclosão da ação dos trabalhadores e para a construção de uma imagem negativa para o governador José Agripino Maia.⁴⁸⁵

---

⁴⁸⁴ POLÍCIA, reprime com violência ataque dos flagelados a Cibrazem. **O Mossoroense**, Mossoró, p.01, 01 set. 1983.

⁴⁸⁵ POLÍCIA, reprime com violência ataque dos flagelados a Cibrazem. *Ibid.*, Mossoró, p.01, 01 set. 1983.

Em 02 de setembro do mesmo ano, foram publicados posicionamentos do prefeito Dix-Huit Rosado e de quatro populares que participaram do confronto com a Polícia Militar. O prefeito alegou que “fazia o possível para amenizar a situação dos flagelados com o alistamento de mais trabalhadores nas obras do município”. Também foi categórico, ao afirmar que “o que houve em Mossoró foi uma explosão. Explosão de fome de uma multidão castigada por cinco anos de seca”. Dix-Huit Rosado, finalizou sua fala sobre os problemas enfrentados assegurando: “não correspondem a posição política que possuem diante do governo estadual, pois são combatidos por meio de abertura de postos de trabalho para a limpeza urbana, construção de prédios e reparo de escolas”.⁴⁸⁶

Diferentemente do discurso de Dix-Huit Rosado, os populares entrevistados declararam que a culpa da violência policial na Cibrazen foi de total responsabilidade do governo estadual. Chico Soé, morador do distrito areia-branquense de Serra do Mel,⁴⁸⁷ afirmou: “a situação é de muita fome e ninguém resolve nada. Mais de mil famílias esperam o cumprimento das promessas do governador para resolver o problema”. Paulo da Silva, também apresentado como flagelado, completou: “o feijão foi todo vendido nas cantinas e nos armazéns” e o povo invadiu e levou cerca de 50 sacos de feijão.

Na mesma direção, Manoel Francisco da Silva, morador do Bairro Santo Antônio, afirmou:

A situação está preta. Estamos tentando conseguir um pouco de feijão e farinha. Sabemos que aí (depósito) tem muito. O policiamento aí é para bater no povo, com cachorro e tudo. Não tem quem chegue perto. A polícia bateu em muita gente. O povo tentou uma invasão ontem, mas apanhou homem, mulher e menino. Hoje foi trancado um naquele carro da polícia, como se fosse um marginal ou um desordeiro.⁴⁸⁸

---

⁴⁸⁶ Ibid., p. 01. Com exceção de uma pequena matéria que falava sobre a presença de Ibraim Abi-Ackel, Ministro da Justiça, nas comemorações do 30 de setembro toda a primeira página dessa edição foi composta pelo texto de Dix-Huit Rosado, pela lista das instituições contempladas com a verba parlamentar de Vingt Rosado e por comentários dos flagelados sobre a violência policial e os problemas da seca.

⁴⁸⁷ O distrito de Serra do Mel foi implantado em 1972, no governo de Cortez Pereira, como um projeto de colonização que receberia a mão de obra ociosa por conta da mecanização das salinas da cidade de Areia Branca. A distância entre a Serra do Mel e Mossoró é de 34 km.

⁴⁸⁸ O QUE HOUVE em Mossoró foi uma explosão. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 set. 1983.

As ações que motivaram a tentativa de saque foram justificadas não como desordem, nem roubo, mas como um direito de saciar a fome, de manter a existência física. Longe de uma “ação espasmódica”, a multidão que tentou saquear a Cibrazem, como apareceu nas entrevistas publicadas em *O Mossoroense*, relacionou o envio das mercadorias pelo governo para saciar a fome dos flagelados aos interesses do comércio e demandas do mercado, fundamentando suas ações a partir da noção de que estavam sendo lesados em seus direitos.⁴⁸⁹

Os argumentos vão além dos interesses do jornal em querer publicá-los, pois a preocupação de *O Mossoroense* não estava em problematizar o sentido social do saque enquanto uma “forma de resistência aos conflitos sociais que emergem no tempo da seca”,⁴⁹⁰ mas sim em utilizar o acontecimento na produção de uma imagem política negativa do governador do estado perante os leitores.

Diferente do posicionamento de *O Mossoroense*, que defendeu a ordem, mas condenou a violência policial como meio de repreender as ações do governo estadual diante do episódio, a fala de Manoel Francisco da Silva veio romper com os interesses do jornal. Ao intitular-se coletivamente como “povo”, em contraposição à condição de flagelado, ele justificou as ações na Cibrazem como um direito à sobrevivência. Ao mesmo tempo, as desconsiderou como marginais ou desordeiras e expôs o saque como um dos meios de pressão às autoridades por conta da seca.⁴⁹¹

Corroborar esse pensamento, a fala de Luís Carlos Ferreira, também residente no bairro Santo Antônio, quando defendeu os trabalhadores das Frentes de Emergência diante do descaso do governo.

Uma emergência de miséria e ainda com salários atrasado, não dando nem para tomar café. A gente vem atrás de comer. O que estamos vendo é a polícia com metralhadora, cachorro e fuzil, apontando para o povo como se a gente fosse ladrão ou marginal que estivesse atrás de roubar. Estamos atrás de comer. A polícia bateu na gente, até uma

---

⁴⁸⁹ As visões apresentadas pelos membros da multidão que, em 1983, participaram da tentativa de saque aos armazéns da Cibrazem justificam-se como uma ação coletiva organizada e baseada na defesa de seus direitos diante de suas relações com as autoridades políticas. Um dos mais importantes estudos sobre as ações populares em tempos de aumento dos preços dos alimentos que resultaram em “motins da fome” foram estudados a partir da “economia moral da multidão”. TOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 150-202.

⁴⁹⁰ Alguns estudos apontam que os saques, enquanto ações da massa de flagelados, não corresponde unicamente aos anseios de matar a fome, mas a formas de negociação e resistência em tempo de seca. Cf. NEVES, Frederico de castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 199-231.

⁴⁹¹ Ibid., p. 09-24.

mulher gestante. É uma injustiça. Cadê o governador? Onde ele está se escondendo? Qual a solução que ele tem para a gente? Se ele não resolver, vamos se juntar e entrar nesse prédio. Não tem conversa não. Estamos com fome e precisando. Se eles tivessem dado o feijão a gente, nós estávamos satisfeitos. Pegaram o feijão e venderam para as cantinas.⁴⁹²

A utilização do contexto da crise econômica pelo jornal mostra como os Rosados incluíram os trabalhadores dos Programas Emergenciais contra a Seca na campanha contra o governador José Agripino Maia. Em seus relatos, os populares recorreram ao descompromisso do governo com o pagamento dos salários e ao desvio dos alimentos destinados à população carente como expressão do seu descontentamento diante das ações do governo estadual.

Aproveitando-se dessa situação, os Rosados fizeram circular matérias sobre os saques. Na coluna “Cartas”, por exemplo, foram divulgados comentários que iam além dos problemas econômicos e políticos vivenciados no início da década de 1980. Um dos leitores, Damião Nogueira, associou as comemorações do 30 de setembro ao discurso de Mossoró como cidade da liberdade.

Senhor Diretor

Nas comemorações da data magna dos mossoroenses, bom é que se ensine as gerações mais novas aquele amor à liberdade que tanto distinguiu os nossos antepassados em 1883. A preocupação com os irmãos mais pobres, o nosso dever de lutar pela justiça, a nossa obrigação de reparar os erros e de superar os preconceitos. Mossoró, cem anos depois, não superou ainda a escravidão, da pobreza extrema, da falta de esclarecimento político. Que a lição de 30 de setembro de 1883 guie todas as gerações mais novas de nossa terra.⁴⁹³

Ao contrário do tratamento dado ao governo estadual, os Rosados proferiram elogios às ações do Presidente João Baptista Figueiredo no combate aos problemas relacionados à seca no Nordeste. Além disso, fizeram circular aos leitores de *O Mossoroense* a aproximação pessoal e política entre Vingt Rosado e o Presidente da República.⁴⁹⁴ A partir daí foram publicados telegramas pessoais e matérias que

⁴⁹² O QUE HOVE em Mossoró foi uma explosão. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 set. 1983.

⁴⁹³ NOGUEIRA, Damião. 30 de setembro de 1883. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 07 e 08 set. 1983.

⁴⁹⁴ O jornal chegou a publicar os telegramas trocados entre João Figueiredo e Vingt Rosado por conta da cirurgia cardíaca a que o presidente foi submetido em Cleveland, nos Estados Unidos, em 1983. FIGUEIREDO a Vingt Rosado. *Ibid.*, Mossoró, p. 01, 01 set. 1983.

defenderam a política econômica do governo federal, reafirmando aos leitores do jornal a força política que o presidente possuía diante da bancada do PDS e dos militares.⁴⁹⁵

Na matéria intitulada “Figueiredo está mais forte do que nunca”, aproveitou-se a homenagem feita pela oficialidade das Forças Armadas para divulgar que o presidente continuou a contar com a absoluta lealdade dos militares. O esforço de, em *O Mossoroense*, tornar públicas essas informações só evidenciou mais ainda a decisão dos Rosados por uma transição que não provocasse mudanças radicais na estrutura do poder, construído ao longo de quase vinte anos. Essa constatação está bem clara no trecho abaixo:

A unidade militar em torno do presidente reforça a sua autoridade na coordenação política de sua sucessão, que agora passa a contar com intransigente respaldo das armas.

Os comentaristas informam que cresceu nas últimas horas a tese de um candidato consensual. Um nome capaz de merecer não só a confiança do presidente João Figueiredo, das Forças Armadas, do PDS, mas também das oposições. O nome seria do vice-presidente Aureliano Chaves, que poderia ter como companheiro de chapa o senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria.

O próprio PDS vê com muita simpatia o nome do vice-presidente Aureliano Chaves, que chegaria ao páreo com a cobertura da grande bancada do PDS de Minas Gerais. E ainda com apoio dos governadores Tancredo Neves, Leonel Brizola, Franco Montoro, Iris Rezende, da oposição.

As candidaturas do ministro Mário Andreazza e Paulo Maluf cederiam em favor da tese da união nacional.⁴⁹⁶

Em nome da suposta unidade nacional, o jornal explorou a viabilidade de um civil, atrelado aos militares e que contasse com o apoio de políticos oposicionistas, para a sucessão presidencial. As especulações para a Presidência da República foram constantes, evidenciando a cada proposição a mobilização dos Rosados na travessia da transição política.

Foi nesse contexto político-econômico que ocorreram as comemorações do centenário da libertação dos escravos em Mossoró. A programação, realizada de 22 a 30 de setembro de 1983, contou com: apresentações do Coral da TELERN, alvorada

⁴⁹⁵ Os telegramas trocados entre Vingt Rosado e João Baptista Figueiredo se referem ao período em que o presidente esteve em Cleveland para tratamento de problemas cardíacos. Ibid., p. 01.

⁴⁹⁶ FIGUEIREDO está mais forte do que nunca. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 03 set. 1983.

pela Banda de Música Mossoroense; inaugurações;⁴⁹⁷ duas palestras - uma sobre os dez anos do Sistema TELEBRAS (proferida pelo presidente da TELERN, Israel de Oliveira) e outra a respeito da Formação da Cadeia Radiofônica Mossoroense da Abolição (ministrada pelo professor Raimundo Nonato da Silva nos estúdios da Rádio Tapuyo de Mossoró); a criação do Corredor Cultural de Mossoró; a realização da XXXIV Prova Ciclísticas Governador Dix-Sept Rosado; Feira de Artesanato; lançamento de livros; entrega de comendas na XIII Noite Classe A (realizada na Associação Cultura Desportiva Potiguar pela cronista social Ivonete de Paula); entrega da Medalha da Abolição durante a Sessão Magna na Loja Maçônica 24 de Junho; reconstituição do “Ato Histórico”, com a leitura da ata que libertou os escravos em Mossoró (no Centro Histórico e Cultural Manoel Hemetério); missa campal na Praça da Redenção (celebrada pelo Bispo Diocesano Dom Gentil Diniz Barreto); e desfile cívico-militar pelas principais ruas e avenidas da cidade.⁴⁹⁸

O centenário da abolição local não fugiu à estratégia dos Rosados em associar o tempo das comemorações à prática política de inauguração de obras que eram apresentadas à população. Por meio de *O Mossoroense*, essas obras apareceram como resultado do esforço do trabalho político de Vingt e Dix-Huit Rosado junto aos governos federal e estadual.

Desde o início de setembro do ano de 1983, além dos resultados das reuniões da comissão organizadora, o jornal associou as comemorações ao contexto político e econômico do Rio Grande do Norte. Durante o ato de relembrar o feito da libertação, foram publicados em suas páginas comentários sobre o papel da cidade como caminho à liberdade dos negros fugitivos das Províncias de Pernambuco e Paraíba, bem como cartas com elogios à atitude do prefeito Dix-Huit Rosado de realizar as comemorações do centenário da libertação dos escravos em um período marcado pelas calamidades da seca.

Quem não cultua suas grandes datas, nem homenageia seus grandes antepassados não está à altura do passado, nem merece respeito dos contemporâneos.

⁴⁹⁷ Foram inaugurados o prédio da Caixa Econômica Federal, das novas instalações do Sindicato dos empregados em estabelecimentos bancários da cidade, bem como foram realizadas obras de drenagem de águas pluviais e pavimentação de ruas e avenidas. Além disso, houve a restauração do Ginásio Municipal Joaquim da Silveira Borges, de escolas, do Centro Regional de Artesanato, do Centro de comercialização de confecções populares e do Pantheon dos Abolicionistas

⁴⁹⁸ PROGRAMAÇÃO de 22 ao dia 30. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 07, 17 set. 1983.

Nossos parabéns ao prefeito Dix-Huit Rosado que, mesmo enfrentando dificuldades, mesmo sem exageros nem gastos elevados, resolveu homenagear o histórico centenário da abolição da escravidão em Mossoró.⁴⁹⁹

Além das cartas dos leitores, também foram divulgados os trabalhos da comissão do centenário e textos de Dix-Huit Rosado, dos quais se destacam os convites à população para a participação no evento. Estes últimos foram formulados a partir do discurso de que as festividades do centenário da libertação dos escravos mossoroenses eram a materialização do compromisso dos homens do presente diante do feito de “homens e mulheres admiráveis que deixaram a história municipal impregnada de amor e renúncia”.⁵⁰⁰

O *Mossoroense* foi, portanto, o lugar onde o prefeito Dix-Huit Rosado expressou seu posicionamento sobre o centenário. Ele acreditou que os festejos eram o diferencial da cidade diante de tão importante data nacional. Defendeu também que a libertação dos escravos era a referência que norteava a identidade libertária mossoroense, daí ser imprescindível ter o 30 de setembro como data comemorativa no calendário cívico da cidade.

Imbuído desse discurso, o jornal *O Mossoroense* circulou com vinte e duas páginas em sua edição de 30 de setembro de 1983. A principal pauta da edição foram as comemorações do centenário da libertação local dos escravos, as quais serviram como gancho para divulgar as ações políticas do Deputado Vingt Rosado e do Prefeito Dix-Huit Rosado. Logo na primeira página, junto a dois textos sobre a libertação dos escravos, divulgou-se o nome de 38 instituições, de 22 cidades do Oeste Potiguar, contempladas com verba parlamentar de Vingt Rosado. Entre as instituições estavam: associações desportivas; de proteção e amparo à infância; de professores e estudantes, literatos; clubes de mães; a Universidade Regional do Rio Grande do Norte; escolas particulares; hospitais e prefeituras. A publicação desses dados mostra como o tempo das comemorações do centenário era imprescindível à publicização da atuação política dos Rosado, uma vez que das 38 instituições contempladas, 50% atuavam em Mossoró.⁵⁰¹

⁴⁹⁹ FERREIRA, Inês. 30 de setembro de 1883. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 14 set. 1983.

⁵⁰⁰ ROSADO, Jerônimo Dix-Huit. O 30 de Setembro de Mossoró. *Ibid.*, p. 08, 15 set. 1983.

⁵⁰¹ Das 38 instituições beneficiadas, 50% atuavam em Mossoró. Ver: VINGT para Mossoró e o Oeste. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01. 30 set. 1983.

Como único jornal impresso na cidade, *O Mossoroense* foi o maior divulgador das comemorações do centenário. Além do *Caderno 1*, que contemplou as notícias sobre a libertação dos escravos, foi publicado o *Caderno 2*, um suplemento, com 14 páginas, formado por textos e documentos referentes ao 30 de setembro de 1883. O *Caderno 2* intercalou mensagens congratulatórias do governador José Agripino Maia com as ações de empresas que atuavam na cidade, no ramo da construção civil, venda de veículos e agroindústria. Também circularam textos como o de Dix-Huit Rosado, que expressaram a importância de Mossoró na “história libertária da Pátria” e associaram as comemorações aos obstáculos do presente, apontando a “fome, a miséria, o desemprego e a doença” como formas modernas de escravidão.⁵⁰²

Diante dos problemas econômicos enfrentados pela cidade, iniciados na década de 1980 e agravados pela seca de 1983, Dix-Huit Rosado utilizou-se do jornal para conclamar a população a comemorar o centenário da libertação dos escravos como o exemplo a ser seguido pelos mossoroenses.

Como aqueles paladinos devemos nos unir, todos, a cidade e o seu povo, para atenuar o sofrimento de muitos e a aflição de quase todos. Perguntarão porque Mossoró insiste em memorar esses episódios históricos, responderemos: eles são como a arquitetura de Ruskin-precisam ser alumiados.⁵⁰³

A leitura de Dix-Huit Rosado sobre a importância do legado abolicionista para a cidade corroborou a visão que o professor Raimundo Nonato da Silva possuía sobre a história como uma lição às gerações do presente e do futuro. Ligados à produção dos intelectuais em torno da Coleção Mossoroense, Vingt e Dix-Huit Rosado expressavam, em seus textos, que o culto aos heróis do passado era o caminho a seguir para manter a imagem da cidade como espaço da liberdade.

Em meio as comemorações do centenário da abolição, as articulações de Vingt e Dix-Huit Rosado apareceram com mais intensidade. As críticas ao Governo Estadual de José Agripino Maia e o apoio ao Presidente João Figueiredo mostraram como os Rosados buscaram se manter no poder. Em várias situações, *O Mossoroense* publicou a fidelidade política dos irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado ao Presidente da

⁵⁰² ROSADO, Jerônimo Dix-Huit. O 30 de Setembro de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró., p. 01, 15 set. 1983.

⁵⁰³ Ibid., p. 01.

República. Todo o jogo político encontrou nas comemorações do 30 de setembro, notadamente nas páginas de *O Mossoroense*, o espaço para uma atuação mais categórica dos Rosados sobre o contexto político da crise dos militares no poder.

Destarte, foi no emaranhado da conjuntura política do final de 1983, quando se discutia a sucessão do Presidente João Baptista Figueiredo, que os Rosados definiram seu lugar nas contendas do Partido Democrático Social. Os problemas econômicos e as rivalidades políticas com o governo de José Agripino Maia (PDS) endossaram, nas páginas do jornal, a referência ao presente como o elemento definidor da relação dos Rosados com o passado glorioso da cidade.

Atrelada às articulações em torno da sucessão presidencial, seguiu a estratégia de, em nível nacional, manterem-se aliados aos militares em torno de João Baptista Figueiredo e, em nível estadual estabeleceram uma aproximação com inimigos políticos históricos, como o deputado peemedebista Aluizio Alves.⁵⁰⁴ Essa articulação desaguou nas comemorações do centenário da libertação dos escravos, momento em que *O Mossoroense* fez circular os discursos dos Rosados, que associavam o contexto político-econômico ao passado mossoroense, concatenando, assim, suas atividades políticas como medidas saneadoras aos problemas econômicos enfrentados pelo país.

O discurso pronunciado por Vingt Rosado, na Sessão do Plenário da Câmara dos Deputados, no dia 19 de setembro de 1983, foi publicado no *Caderno 2* da edição comemorativa do centenário da libertação dos escravos. Nele, o deputado mossoroense se referiu a Mossoró como “cidade escrava da liberdade” e comentou que a cidade comemorava o centenário de sua magna data, o momento mais dramático de sua história.

No transcurso da efeméride tão significativa qual seja a abolição da escravatura naquele município norte-riograndense temos a lamentar que ela ocorra numa quadra de tantas dificuldades para sua gente que enfrenta nos dias que passam em decorrência das secas sucessivas que assolam o Nordeste e da crise que é de âmbito nacional, como o desemprego, o subemprego e a inflação galopante. A miséria e a fome

---

⁵⁰⁴ Uma das mais significativas aproximações entre os Rosados e os Aluizistas se deu durante as críticas ao conflito entre polícia militar e trabalhadores dos Programas Emergenciais da Seca, quando os vereadores do PMDB chegaram a se reunir com o deputado Vingt Rosado. Essa reunião rendeu muitos comentários em *O Mossoroense*, a ponto do Diretório Municipal do PMDB lançar uma nota esclarecendo que os vereadores peemedebistas não estariam politicamente sendo orientados por Vingt Rosado. PMDB/MOSSORÓ esclarece sua posição política. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 07 e 08 set. 1983.

batendo a porta de sua pacata população rurícola e citadina como se fora um anátema do destino que transformou o seu povo, cem anos depois do glorioso evento, em escravos de penúria e do infortúnio. Atravessamos, na existência secular de nosso rincão amado, talvez a pior fase de sua vida. Apesar de sua honrosa tradição na resistência as intempéries e aos azares da sorte na decorrência de tantos lustros, na luta pela sobrevivência, sentimos que se exaurem as suas forças diante da calamidade aterradora e da avalanche incontida da perigosa conjuntura socioeconômica que avassala o país.⁵⁰⁵

Apesar da avassaladora situação econômica, os Rosados celebraram o centenário da libertação dos escravos porque, além de referenciar o discurso da “vocação libertária da cidade”, o evento serviu de espaço para a apresentação das realizações no combate à crise. No decorrer das comemorações, os maçons também marcaram presença nas páginas de *O Mossoroense*, junto às questões políticas e econômicas, embasadas por Vingt Rosado. O jornal explorou a atuação da instituição em prol da libertação como algo que foi além dos interesses pessoais dos abolicionistas e que deveria ser cultuado a partir dos ideais de liberdade, fraternidade e igualdade. No texto “Nossa homenagem ao Povo Altaneiro”, Massilon Pinheiro da Costa⁵⁰⁶ expôs o papel da maçonaria na articulação que resultou na libertação dos escravos em Mossoró.

Ao festejarmos o CENTENÁRIO DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS, na plaga mossoroense, e vendo o feito como ação da ORDEM MAÇÔNICA, queremos deixar claro que não tencionamos destaque da primazia, nesta avalanche humana/ideológica, porque sabemos que outros municípios nos antecederam, e mesmo a educação que temos recebido num recôndito dos TEMPLOS MAÇÔNICOS, nos afasta das disputas iméritas e vaidosas. Assim, ratificamos o rejúbilo que temos sentido pela missão cumprida, fazendo desaparecer o fator individualista, porque de fato só acreditamos na comunal universal. Sem dúvida, o nosso contentamento antes de ser ufano, representa a conscientização do aprendizado respeitável, brotado de mentalidade superiores. Reconhecemos, que o ATO ORA LEMBRADO, apenas descortinou o horizonte da LIBERDADE plena, porque conscientemente sabemos que nenhuma ação libertária foi concretizada em um dia, desde que essa vitória é consequente de trabalho coordenado, antes e depois do externamento da ideia. Os brados de emancipação político/social que não tiveram o cuidado de ser levados ao sentido mais amplo do próprio termo, não produziram

⁵⁰⁵ ROSADO, Vingt. Mossoró é liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, 30 set. 1983. Caderno 2, p. 09.

⁵⁰⁶ Massilon Pinheiro da Costa nasceu em Mossoró no dia 06 de setembro de 1922. Foi tipógrafo, com passagem pelas oficinas de *O Mossoroense* e *O Nordeste*. Membro da Maçonaria desde 1964, chegou a ser Venerável da Loja Maçônica João da Escóssia (1973-1977). Ver: BRITO, Raimundo Soares de. **AMOL**: seus patronos e acadêmicos. Natal, RN:KMP Gráfica e Editora, 2008, p. 179-180.

aquele bem-estar almejado, porque a liberdade é, não tenhamos dúvida, resultante da eleição moral da Sociedade Humana e pelo que sentimos, essa ascensão ainda não abrangeu toda a coletividade terrestre.⁵⁰⁷

Os argumentos apresentados no texto reforçam o discurso de que a libertação dos escravos em Mossoró foi um ato coletivo, baseado no “culto da razão e do amor”⁵⁰⁸, fundamento à fabricação da memória oficial sobre o 30 de setembro ao longo de um século. É, também, chave de leitura que conduz ao entendimento das estratégias dos Rosados e das instituições das quais participavam, como a maçonaria, ou de empresas de sua propriedade, como o jornal *O Mossoroense*. Quanto à circulação de suas estratégias políticas junto à população mossoroense, favoreceu tanto a reafirmação de homens como Jeremias da Rocha Nogueira, fundador de *O Mossoroense* e considerado o “*Marat das ruas de Mossoró*”,⁵⁰⁹ como os abolicionistas.

Assim como nas comemorações anteriores, em exaltação ao 30 de setembro, o centenário foi o momento de atrair importantes autoridades nacionais, entre elas o Ministro da Justiça Ibraim Abi-Ackel e Djalma Marques de Melo, Grão-Mestre e presidente do Colégio de Grão-mestres da Maçonaria Brasileira.

Partícipe de todo o processo da organização da campanha abolicionista local, a Maçonaria sempre requereu para si a liderança institucional da libertação dos escravos em Mossoró.⁵¹⁰ Em todas as comemorações do 30 de setembro, participaram ativamente da realização dos festejos e comemoraram internamente, com uma sessão especial na Loja 24 de Junho.

---

⁵⁰⁷ COSTA, Massilon Pinheiro da. Nossa homenagem ao Povo Altaneiro. **O Mossoroense**, Mossoró, 30 set. 1983, Caderno 2, p.03.

⁵⁰⁸ Ibid., p. 03.

⁵⁰⁹ Raimundo Nonato da Silva foi um dos escritores que mais influenciou a constituição de uma memória sobre Jeremias da Rocha Nogueira e seu jornal como sendo abolicionistas. A sustentação de tal argumento baseou-se na visão de que a libertação dos escravos em Mossoró foi um ato coletivo, constituído a partir das críticas ao império que Jeremias da Rocha Nogueira veiculava em *O Mossoroense*, desde a década de 1870. O período entre a fundação da Sociedade Libertadora Mossoroense (janeiro de 1883) e o dia 30 de setembro do mesmo ano foi o momento de concretização dos ideais da década anterior. Ao levar em consideração esses argumentos, na edição do dia do centenário da abolição, especificamente, no último texto do *Caderno 2* de *O Mossoroense*, Raimundo Nonato da Silva dissertou sobre a atuação jornalística de Jeremias da Rocha Nogueira e de seu jornal, reafirmando-o como “incendiário da república e da abolição”. SILVA, Raimundo Nonato da. Jeremias da Rocha Nogueira, o Marat das ruas de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, 30 set. 1983, Caderno 2, p.14.

⁵¹⁰ ESCÓSSIA, Lauro da. **A Maçonaria em Mossoró**: a história de uma secular oficina e a trajetória brilhante de outras cultuando o mesmo ideal. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense. v. 392, 1988, p. 29-32.

Em 1974, sob a liderança de Vingt-un Rosado, foi idealizada a “Noite da Cultura”, evento realizado no dia 25 de setembro na Loja Jerônimo Rosado, cujo objetivo era o lançamento de livros publicados pela Coleção Mossoroense. Durante o centenário, foi realizada a IX Noite da Cultura, com o lançamento de cem títulos e entrega de prêmios aos vencedores dos concursos de contos e criação do símbolo do centenário.⁵¹¹ Um dos livros mais esperados foi *História Social da Abolição em Mossoró*, de Raimundo Nonato da Silva, que, além de organizar diversos documentos publicados no jornal *Libertador*, debruçou-se sobre o papel dos abolicionistas cearenses na “campanha mossoroense”.⁵¹² Para Raimundo Nonato:

A campanha que se processava em todo o País em prol da abolição da escravidão negra, encontrou Mossoró de braços abertos e foi em sessões memoráveis discutido tão empolgante assunto. Havia, é certo, elementos maçons escravagistas que estorvavam a campanha. Estes tiveram de enfrentar discussões acaloradas principalmente pelo grande maçom Frederico Antônio de Carvalho, que impunha o malhete de Venerável da ‘24 de Junho’, de 1879 a 7 de agosto de 1886, e de 1889 a 1891. Dirigindo com superioridade nossa Loja, naquela época agitada, enfrentou uma surda campanha difamatória capitaneada por escravocratas insuflados pelo clericalismo inimigo da Liberdade em todas as épocas.⁵¹³

Os indícios do conflito entre escravocratas e abolicionistas mossoroenses que aparece nos poucos documentos publicados por Raimundo Nonato mostram que a abolição teve seus momentos de tensão. Em carta, de 28 de maio de 1884, por exemplo, Joaquim Bezerra da Costa Mendes comentou sobre as dificuldades para manter a campanha contra os senhores de escravos, tanto em Mossoró quanto no interior da Província.

⁵¹¹ Na IX Noite da Cultura (1983), foram entregues medalhas a Gilbamar de Oliveira Bezerra, Jomar Ferreira da Costa Rego e Damião Sabino da Silva (vencedores do concurso Mossoroense de Contos) e a Chagas Souza e Ednaldo de Oliveira Bezerra, que venceram o concurso do símbolo do centenário da abolição da escravidão local. Ver: PROGRAMAÇÃO do Centenário de 22 ao dia 30. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 07, 17 set. 1983.

⁵¹² O livro não foi lançado na noite da cultura devido ao atraso do Centro Gráfico do Senado Federal. Sua impressão foi uma homenagem do senador Nilo Coelho ao centenário da libertação dos escravos em Mossoró. Entre os documentos selecionados e publicados estavam a Ata da Sessão que libertou os escravos em Mossoró, bem como os discursos de Joaquim Bezerra da Costa Mendes (presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense), Alcebiades Dracon de Albuquerque (juiz de Mossoró) e Almino Alvares Afonso (representante da Sociedade Libertadora Cearense). SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983, p. 252-267. (Coleção Mossoroense, v.385)

⁵¹³ SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983, p. 93.

Utilizada muito mais para exaltar a atuação do abolicionista do que para expressar os conflitos existentes em meio à libertação dos escravos, a carta de Costa Mendes mostrou como a narrativa memorável sobre o passado mossoroense se sobrepôs a qualquer outra narrativa que conflitasse com a memória construída em torno da Maçonaria e do jornal *O Mossoroense*. Assim, a comemoração do centenário foi a reafirmação da memória oficial sobre a libertação dos escravos, gestada a partir da maçonaria e que encontrou no jornal *O Mossoroense* o seu lugar de circulação.⁵¹⁴

Entre os convidados a participar das solenidades na Loja 24 de Junho, estava Djalma Marques de Melo, um dos líderes da Maçonaria Brasileira. Ao escrever para Dorian Jorge Freire (diretor de *O Mossoroense*), o líder maçom afirmou que:

Não se faz liberdade sem fraternidade. Não se faz liberdade sem união. Não se faz liberdade sem amor e humildade. Não se faz liberdade com vaidades. Não se faz liberdade com a prática do vício. Não se faz liberdade alimentando ódio. Liberdade se faz com igualdade, com amor, com perdão, com união, com justiça humana e acima de tudo com sigilo maçônico, força inviolável da Maçonaria. A liberdade dos escravos nasceu na Maçonaria e venceu pela força do sigilo e da união dos maçons.⁵¹⁵

O sigilo pode ter sido o elemento irrefutável da produção da imagem positiva sobre a libertação dos escravos em Mossoró, fato desvelado nas poucas análises de Raimundo Nonato da Silva e nos documentos que publicou em sua *História Social da Abolição em Mossoró*. Nesse sentido, é indubitável o papel dado à maçonaria como a grande articuladora da libertação dos escravos mossoroenses e como grande parceira nas comemorações do centenário. Sua relação com o acontecimento foi tão forte que influenciou na circulação das narrativas sobre o evento e o fez sustentáculo na produção do esquecimento sobre as formas de resistência dos escravos.

Foi, portanto, o controle sobre as narrativas do 30 de setembro que levou a Loja 24 de Junho e o jornal *O Mossoroense* a serem importantes parceiros da Comissão do Centenário.⁵¹⁶ Com o apoio da Prefeitura Municipal de Mossoró, através do

⁵¹⁴ Segundo Raimundo Nonato da Silva, a carta é datada de 28 de maio de 1884 e se encontra na documentação do Clube do Cupim, no arquivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico. Ibid., p. 116.

⁵¹⁵ LÍDER da Maçonaria Brasileira vem para as festas do dia 30. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 24 set. 1983.

⁵¹⁶ A comissão organizadora do centenário era composta por Lupércio Luiz de Azevedo (coordenador), Lauro da Escóssia (tesoureiro), Lauro Monte Filho (secretário). Quanto aos membros, eram: Monsenhor Américo Vespúcio Simonetti, Ari Pinheiro de Amorim, Paulo Nobre de Medeiros, José Genildo de

Decreto 346/83, viabilizaram a mais simbólica solenidade da comemoração, a inauguração do *Pantheon* dos Abolicionistas, no Centro Histórico Manuel Hemetério.

A construção do local justificou-se “pelo respeito e veneração que são devidos a quantos, com destemor e patriotismo, fizeram e legaram o “30 de setembro” a história de Mossoró”.⁵¹⁷ Por conseguinte, no mesmo decreto elaborado por Dix-Huit Rosado, ficou determinado que o Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural de Mossoró seria o órgão responsável pelo contato com os familiares dos abolicionistas para o traslado dos restos mortais dos heróis mossoroenses.⁵¹⁸

O *Pantheon* dos Abolicionistas foi formado por cento e duas gavetas com placas de mármore constando em cada uma o nome do abolicionista e sua data de nascimento e falecimento. No meio, uma urna simbólica revestida de mármore, guardava os restos mortais do casal Romualdo Lopes Galvão e Amélia Dantas de Souza Galvão.⁵¹⁹

Na solenidade de sua inauguração, em 30 de setembro de 1983, João Batista Cascudo Rodrigues comentou a participação dos abolicionistas no desenvolvimento econômico da cidade e apresentou os avanços do período, com destaque para a construção da Estrada de Ferro. Coadunadas, essas questões complementaram o fio condutor da solenidade, pautada no culto aos feitos dos homens/mulheres que conduziram a libertação dos escravos em Mossoró. Para João Batista Cascudo Rodrigues:

Miranda, Francisco Fernandes Sena, Ozelita Cascudo Rodrigues, Maria Salomé de Moura, Raimundo Soares de Brito, Dorian Jorge Freire. Estes representavam a Igreja Católica, Maçonaria, Prefeitura Municipal de Mossoró, Jornal O Mossoroense, Universidade Regional do Rio Grande do Norte e escolas da rede básica de educação.

⁵¹⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Decreto n. 346/83**, de 25 de setembro de 1983.

⁵¹⁸ No artigo (*Ainda, o Pantheon*), o memorialista mossoroense Raimundo Soares de Brito cita as cartas que autorizava o traslado dos restos mortais dos abolicionistas para o Centro Cultural Manuel Hemetério. Especificamente não aparecem as datas desses translados, porém os restos mortais de Romualdo Lopes Galvão, segundo o memorialista, foram trasladados do cemitério do Alecrim (localizado em Natal) pelo Centro Mossoroense de Natal. Uma cópia desse decreto se encontra no Arquivo do Museu Histórico jornalista Lauro da Escóssia. Pasta 13.

⁵¹⁹ CASCUDO, João Batista. *Pantheon* dos Abolicionistas mossoroenses. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 06 out. 1983.

É tempo de exaltar que cada vez mais os mortos governam os vivos, neste ato inspiradamente simbólico de inauguração deste Pantheon dos Abolicionistas.

É tempo de levantar todos os estandartes de júbilo àqueles homens e àqueles mulheres – dentre outros, aqui representados pelos restos mortais de Francisco Romão Filgueira, o que mais desafiou o próprio tempo e Rafael Mossoroense da Glória, o que soube presidir o Clube dos Spartacus e ser servido pelo seu antigo senhor – Alexandre Soares do Couto – ‘Titi Xande’, do jornalista Dorian Jorge Freire; é tempo, repetidamente, de guardar, neste mausoléu central, os restos mortais de Romualdo Lopes Galvão e Amélia de Souza melo Galvão, a doce e amável Amélia, marido e mulher pelos laços do matrimônio e disseminadores da chama lançada no coração dos mossoroenses presentes à sessão histórica de 24 de Dezembro de 1882, na Loja Maçônica ‘24 de Junho’.⁵²⁰

Enquanto lugar de encontro dos Abolicionistas, o *Pantheon* foi a evocação de uma memória positiva sobre os valentes que, ainda em vida, lutaram pelo fim da escravidão, mas que já não estavam entre os mossoroenses. Sua importância, enquanto lugar de memória, residiu na relação e articulação entre passado, presente e futuro. Nesse jogo das temporalidades, o referencial às expectativas do futuro ancorou nas experiências que norteiam a necessidade de manter a memória como indicativo das ações no presente.⁵²¹ Assim, a busca em salvaguardar o 30 de setembro, através da construção de um “lugar de memória”, revelou as dificuldades em manter os “meios de memória”.⁵²² Além disso, mostrou que o “ato de recordar nunca é isolado”, porque, em sua gênese, estão implícitos elementos determinantes aos interesses do presente, bem como aqueles que produzem as expectativas do futuro.⁵²³

Este foi, portanto, o sentido que João Batista Cascudo Rodrigues buscou atribuir ao *Pantheon* dos Abolicionistas: um lugar de memória voltado à reafirmação da identidade mossoroense como cidade da liberdade e “patrimônio cultural do Brasil”.⁵²⁴ Concluída sua inauguração, ainda no Centro Cultural Manoel Hemetério, a

⁵²⁰ RODRIGUES, João Batista Cascudo. *Pantheon* dos Abolicionistas mossoroenses. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 06 out. 1983.

⁵²¹ CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015, p. 21.

⁵²² NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993, p. 07.

⁵²³ CATROGA, Fernando. Op. Cit., p.13

⁵²⁴ RODRIGUES, João Batista Cascudo. Op. Cit., p. 06.

leitura da Ata de Libertação dos escravos marcou a reconstituição histórica da Sessão da Intendência do dia 30 de setembro de 1883.⁵²⁵ À noite, na Loja 24 de Junho, sob a presidência de Djalma Marques de Melo, o ministro Ibrahim Abi-Ackel conferenciou na Sessão Magna Branca. Ele primeiro fez um balanço do papel da maçonaria na separação política de Portugal e na proclamação da República, para, depois, se referir à importância da instituição para a libertação dos escravos em Mossoró. Assim disse o ministro:

Libertar os escravos em 1883, significava romper com a ordem política vigente, significava tentar contra os interesses econômicos do País, significava antecipar a obra do tempo e passar, portanto, à condição de simples apressado, incompatível com as necessidades políticas do Império. E subitamente, não mais que subitamente, no Rio Grande do Norte, em Mossoró, algumas mulheres e alguns homens decerto permeados pelas ideias dos propagandistas da abolição, sem dúvida alguma intelectualmente formados de maneira superior à média do seu tempo, indiscutivelmente comprometidos com os ideais generosos que apenas na Europa e nos Estados Unidos encontravam guarida, em Mossoró começou uma campanha que tinha a trepidação de uma coisa sagrada, que agitava as almas como uma questão religiosa, que fazia falar aos homens como se defendessem uma palavra imortal e que punha pelas estradas afora e de porta em porta, mulheres que se transformavam em heroínas e santas, beijando pés de senhores de escravos para que se sentissem comovidos a ponto de libertar as mãos dos escravos.⁵²⁶

Ao iniciar com a justificativa de que abolir a escravidão era prejudicar a economia brasileira,⁵²⁷ Abi-Ackel fundamentou as articulações que tornaram a libertação dos escravos em Mossoró algo imprescindível à vinculação da cidade ao

⁵²⁵ A leitura da Ata de Libertação foi feita por José Genildo de Miranda, chefe de Gabinete da gestão Dix-Huit Rosado. 30 DE SETEMBRO reuniu multidão em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 02 out. 1983.

⁵²⁶ ABI-ACKEL, Ibrahim. **Oração de 30 de Setembro**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984, p. 08 (Coleção Mossoroense. Série B, n. 421).

⁵²⁷ Essa justificativa foi sendo questionada ao longo dos estudos sobre a importância da mão de obra escrava para a economia brasileira, tanto em relação ao olhar que as elites brasileiras do século XIX possuía em relação ao negro, quanto pelas transformações jurídicas concernentes ao tráfico negreiro, e pelos projetos emancipacionistas que se constituíram ao longo do século XIX. Ver: CONRAD, Robert. Os últimos anos da escravatura no Brasil. 1850-1888. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 9. edição. São Paulo: Editora UNESP, 2010; AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. 3. edição. São Paulo: Annablume, 2004; CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão**: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

circuito das áreas onde a campanha abolicionista foi mais efervescente. Isso se deu porque Abi-Ackel ratificou um lugar para Mossoró na história nacional da abolição. Em seguida, para legitimar o feito dos mossoroenses, reafirmou o discurso da transgressão às leis imperiais como elemento significativo ao lugar que Mossoró deveria ocupar na história nacional sobre a abolição da escravatura.

Imagem 9 - Noite da Cultura - 1983

Fonte: Arquivo do Museu Municipal. Álbum 01⁵²⁸

Para Abi-Ackel, foi pela influência aglutinadora e organizativa da maçonaria que os ideais libertários no Rio Grande do Norte obtiveram êxito. Esse argumento reforçou a imagem dos abolicionistas mossoroenses como promotores de uma campanha contra a mácula da escravidão, mas, por outro lado, revelou o quanto as narrativas sobre as ações da Sociedade Libertadora Mossoroense foram controladas pela visão que a maçonaria mossoroense imprimiu ao acontecimento, velando a força e a resistência dos escravos na luta pela liberdade e os colocando como sujeitos passivos dentro do processo.

---

⁵²⁸ Da esquerda para direita: Prefeito Dix-Huit Rosado, Deputado João Newton da Escóssia, Raimundo Nonato da Silva, Deputado Vingt Rosado, Ministro Abi-Ackel, empresário Milton Marques de Medeiros.

Posto isso, é possível entender que o centenário da abolição mossoroense reiterou o papel da maçonaria como promotora do discurso de que, ao transgredirem as leis imperiais, os abolicionistas mossoroenses mostraram a maturidade de seus ideais em favor dos princípios civilizatórios que levaram ao fim do trabalho escravo no Brasil.⁵²⁹

A persistência em manter na memória local o feito mossoroense e de tentar inseri-lo como marco em nível nacional esteve entre os motivos para a presença de autoridades como o Ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel nas comemorações do 30 de setembro.

É por isso que as cinzas dos seus promotores devem ser recolhidas onde quer que se encontrem para serem inumadas no Pantheon que se ergue num admirável, singelo, inesquecível e belo edifício da sua antiga Casa da Câmara e Cadeia. Naquele prédio de paredes brancas e nuas, cujas grades emolduram ainda as janelas na lembrança da arquitetura colonial, cujo pé direito, emoldurado com os paus roliços que sustenta os seus assoalhos, aquele prédio ao mesmo tempo fortim e casa da Câmara é também um Pantheon. Ele vem do fundo dos tempos na alvura das suas paredes, para nos lembrar que nós devemos diante dele dobrar simbolicamente nossos joelhos e erguer enternecidamente os nossos olhos, porque se ali atrás daquelas grades padecem as vítimas da crueldade colonial, se atrás daquelas grades penaram as vítimas da justiça, nem sempre justa, em razão das delongas da justiça, ali também se encontram restos de cinzas sagradas que casam a ideia da prisão com a liberdade e elevam aquele prédio à condição de símbolo de Mossoró, porque ali está o símbolo da Lei que prende e o símbolo do amor que liberta.⁵³⁰

Segundo Abi-Ackel, o *Pantheon* abolicionista era o espaço do reencontro que manteria na memória local a “lição do passado”, isto é, onde a cidade contemplaria mortos e vivos. No final, o conferencista agradeceu ao deputado Vingt Rosado e aos maçons presentes. Concluída a Sessão Magna, autoridades municipais e convidados participaram do “Desfile Cívico/Militar” pelas principais ruas e avenidas da cidade. O prefeito Dix-Huit Rosado desfilou acompanhado de maçons, militares, representantes do Centro Mossoroense de Natal, ex-combatentes e estudantes.

⁵²⁹ ESCÓSSIA, Lauro da. **A Maçonaria em Mossoró**: a história de uma secular oficina e a trajetória brilhante de outras cultuando o mesmo ideal. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense. v. 392, 1988, p. 29-32.

⁵³⁰ ABI-ACKEL, Ibrahim. **Oração de 30 de Setembro**. Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984, p. 09-10. (Coleção Mossoroense. Série B, n. 421).

Após o desfile, na Rádio Tapuyo, Dix-Huit agradeceu à população pela grande comemoração e encerrou a maior festa mossoroense da mesma forma que iniciara: discursando sobre a importância de comemorar o passado da cidade como a grande lição aos mossoroenses do passado e do presente.

5 OS ROSADOS E A ESPETACULARIZAÇÃO DO PASSADO

5.1 O ROMPIMENTO POLÍTICO ENTRE OS ROSADOS

As transformações políticas em Mossoró iniciaram de forma efetiva depois da primeira eleição municipal, no pós-Regime Militar, em 1988. Porém, desde o início dos anos de 1980, os Rosados se articulavam para manter o controle local dos principais partidos políticos do Estado. Partícipes do núcleo político do poder militar no Rio Grande do Norte, durante o período ditatorial pós-1964, os irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado fizeram a travessia da transição política à “redemocratização”, tornando-se agregados do presidente João Figueiredo.

A fidelidade ao Presidente da República foi demonstrada no decorrer das articulações que levaram à candidatura de Paulo Maluf, na eleição indireta de 1985.⁵³¹ No entanto, o custo político desse apoio foi intenso aos Rosados que, desde o final da década de 1970 já apresentavam rupturas com velhos aliados, como Tarcísio Maia, e aproximações com históricos adversários políticos, como Aluízio Alves.

As mudanças ocorreram, em nível estadual, quando Tarcísio Maia preteriu Dix-Huit Rosado ao cargo de governador do Rio Grande do Norte, em 1978. Desde então, os Rosados passaram a praticar uma política dúbia: aproximaram-se de Aluízio Alves, mas continuaram a defender os militares no poder. Em 1982, fizeram aliança informal. Com o voto vinculado, os irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado optaram pelo chamado “voto camarão”, isto é, votaram em todos os candidatos da chapa do PDS, menos no

---

⁵³¹ O representante da Família Rosado na Câmara Federal era o deputado Vingt Rosado. Sua atuação foi direcionada em favor das forças mais conservadoras que apoiavam os militares no poder. Em abril de 1984, esteve ausente na votação da Emenda Dante de Oliveira. Ver: **Diário do Congresso Nacional**, 26 abr.1984, p. 767. Em janeiro de 1985, votou em Paulo Salim Maluf, na eleição indireta para Presidente da República. Ibid., 16 de janeiro de 1985, p. 06.

candidato a governador, José Agripino Maia. Essa foi a forma encontrada pelos Rosados para fazer oposição ao grupo político de Tarcísio Maia e de, conseqüentemente, enfraquecê-lo em Mossoró.⁵³² Com exceção de Carlos Augusto,⁵³³ os Rosados fizeram uma campanha tão intensa que, dos 51.606 eleitores que votaram para governador, 21,5%, que se declaravam a favor do PDS, votaram em branco. Aluizio Alves conseguiu 40,7%, enquanto José Agripino ficou com 34% dos votos dos mossoroenses.⁵³⁴

O reagrupamento das forças políticas potiguares foi feito por velhas lideranças políticas e mostrou que o novo sistema partidário não coincidiu “com a instauração de um novo regime no Brasil. Ao contrário, foi mais um arranjo partidário que emergiu de bem calculada estratégia formulada pelo governo militar, visando dividir as forças oposicionistas de forma a manter o processo de liberalização sob controle”.⁵³⁵ A consequência mais visível dessa nova dinâmica política foi a aproximação dos irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado com Aluizio Alves, o que reconfigurou a relação das forças político-partidárias na cidade.

Em 1986, Vingt Rosado já estava tão alinhado ao ministro Aluizio Alves que, nas páginas de *O Mossoroense*, a imagem do peemedebista circulou como “um aliado de Mossoró”,⁵³⁶ enquanto o governador José Agripino Maia e seu pai (Tarcísio Maia) apareceram como empecilho à manutenção do mando dos Rosados na cidade.

Eleito deputado federal pela sétima vez, Vingt Rosado contabilizou, desde o processo de abertura política, um declínio de 13% em sua representação eleitoral.⁵³⁷ O dado mostra que, com o fim do Regime Militar, os Rosados diminuíram sua influência no Oeste Potiguar. Para conter o recuo eleitoral, traçaram estratégias no

⁵³² Isso ocorreu porque, no pleito eleitoral de 1982, foram estabelecidas as normas para a realização das eleições neste ano. Conforme a Lei n. 6.978, em seu artigo 8º, determinou: “o eleitor votará nos candidatos pertencentes ao mesmo partido, sob pena de nulidade do voto para os demais cargos”. Ver: BRASIL, **Lei n. 6.978, de 19 de janeiro de 1982**. Sobre o voto camarão ver: LIRA, Carlos. **Memória viva de Dix-Huit Rosado**. Natal: Editora da UFRN, 1986, p. 14. (Coleção Mossoroense, v. 327)

⁵³³ Carlos Augusto de Souza Rosado, filho do ex-governador Jerônimo Dix-Sept Rosado, exercia o cargo de deputado estadual.

⁵³⁴ TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. Ata Geral de Apuração da Eleição de 1982 – **Livro de Apuração da 33ª e 34ª Zona Eleitoral da Comarca de Mossoró**, p. 51 (verso).

⁵³⁵ KINZO, Maria d'Alva Gil. **Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do PMDB (1966-1979)**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 211.

⁵³⁶ VINGT, uma fortaleza na Constituinte. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 07, dez. 1986.

⁵³⁷ TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL- Resultados eleitorais do Deputado Jerônimo Vingt Rosado Maia. <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-antiores> Acesso em 10/04/2016

sentido de preservar o controle político em Mossoró. Nesse sentido, a aliança com Aluízio Alves pode ser entendida como articulação ao fortalecimento dos Rosados, diante da necessidade de conservar a administração municipal, uma vez que, segundo as perspectivas do contexto, saiu da Constituição de 1988 fortalecida com a descentralização político-financeira.⁵³⁸

Outra ação importante foi manter os diretórios dos principais partidos (PDS, PMDB e PFL), o que não impediu o rompimento da unidade política dos Rosados. Na eleição de 1988, formaram duas coligações. Carlos Augusto Rosado, que contou com o apoio do senador José Agripino Maia, lançou a esposa, a médica Rosalba Ciarlini Rosado, como candidata a prefeita, pela *Coligação Força do Povo*, composta por PDT, PFL e PDS. Tal composição demonstrou como Carlos Augusto Rosado articulou a aliança partidária que pôs, no mesmo projeto de poder, partidos ligados ou contrários ao Regime Militar, como foi o caso do PDT de Leonel Brizola, um dos críticos mais ferrenhos a esse governo.

Por outro lado, Vingt Rosado lançou, pelo PMDB, a candidatura do deputado estadual Laire Rosado Filho, e buscou, a partir de *O Mossoroense*, o alinhamento político do prefeito Dix-Huit Rosado.⁵³⁹ Um dos aspectos mais intrigantes do início da campanha eleitoral que pôs a Família Rosado em lados opostos pelo controle do poder municipal, em 1988, foi a incessante busca do jornal *O Mossoroense* em inserir, por meio dos comentaristas políticos, o prefeito Dix-Huit Rosado na campanha de Laire Rosado Filho.

No dia 17 de julho, o jornal citou a visita de Laire Rosado a Dix-Huit em busca de apoio político. Nessa matéria, também apareceram as articulações de Tarcísio Maia em torno da candidatura de Rosalba Ciarlini. Até a decisão de Dix-Huit Rosado em apoiar a Coligação Força do Povo (PDT, PFL e PDS), *O Mossoroense* recorreu aos problemas de saúde do prefeito para justificar seu isolamento da campanha de Laire Rosado.⁵⁴⁰

---

⁵³⁸ Sobre as discussões referentes à participação dos municípios dentro do federalismo, proposta na Constituição de 1988, ver: ISMAEL, Ricardo. A trajetória do federalismo na redemocratização brasileira: competição como regra e cooperação como princípio. In: D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). **Redemocratização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 185-186.

⁵³⁹ Laire Rosado era sobrinho e genro de Vingt Rosado. ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Escóssia**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1998, p. 144, (Coleção Mossoroense, Série C. n. 989).

⁵⁴⁰ LAIRE Rosado pede apoio ao tio Dix-Huit. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 17 jul. 1988; GUEDES, Roberto. A ausência de Dix-Huit. *Ibid.*, Mossoró, p. 02, 24 jul. 1988; LAIRE cresce, enquanto os Maias perdem apoio de correligionários. *ibid.*, Mossoró, p. 02, 30 jul. 1988; VINGT acredita em grande vitória do PMDB, *Ibid.*, Mossoró, p. 01, 02 ago. 1988; PDS apoia "Aliança Mossoroense". *Ibid.*, Mossoró, p.

No calor da disputa e da decisão de Dix-Huit Rosado em apoiar Rosalba Ciarlini, o jornal procurou mostrar o fisiologismo do apoio, expondo o papel de Tarcísio Maia para o rompimento político entre os irmãos Rosado. O artigo “É Rosado versus Maia”, do jornalista Roberto Guedes, traçou o caminho da ruptura e evidenciou a estratégia em alinhar Dix-Huit à campanha de Laire Rosado. Segue um trecho do artigo:

De fato, Mossoró não assiste a um pequeno quiproquó entre primos. Não é isto. Tem um significado muito mais forte a atual campanha, que lamentavelmente mostra sintomas de sua tendência para a radicalização, em virtude das agressões que a família Maia sempre fazia, depois sustou com oportunismo e agora volta a assestar contra o prefeito Dix-Huit Rosado. O conflito real é, portanto, entre os grupos Maia e Rosado. Uma sutileza, apenas, permite e ajuda a quem deseja ser míope enxergar entre os dirigentes da minoria que ensaia sua ruidosa e inócua oposição a eleição do médico Laire Rosado como futuro prefeito apenas um ou outro sobrinho do prefeito eventualmente ressentido com Dix-Huit Rosado. Explica-se. É que os Maia agora arranjaram acólitos que não tem este sobrenome e tem Rosado na sua genealogia. E aproveitam a oferta.

Tendo perdido sistematicamente todos os confrontos eleitorais em que foi batido por Dix-huit e Vingt Rosado em Mossoró, o ex-governador Tarcísio Maia que só chegaria ao poder no Rio Grande do Norte graças à força do fuzil e, para na undécima hora puxar o tapete de Dix-huit, naquele episódio das lentilhas que o próprio prefeito tratou de denunciar ao seu povo – adotou como estratégia um gol com pernas alheias.⁵⁴¹

A justificativa utilizada para romper o silêncio do prefeito Dix-Huit Rosado pautou-se na disputa entre as Famílias Maia e Rosado pelo controle político da cidade. Esse foi o argumento do jornalista Roberto Guedes à medida que retomou a frustração de Dix-Huit Rosado ao ser rejeitado como candidato ao governo do Estado do Rio Grande do Norte pelo então governador Tarcísio Maia, em 1978.

Assim, embora, o nome registrado perante a justiça eleitoral não seja o dele, Tarcísio, na verdade o inimigo dos Rosados que se esconde por trás da cortina de fumaça dessa anticandidatura é Tarcísio. Maquiavelicamente, Tarcísio continua procurando criar obstáculos para o futuro político de Dix-Huit, como fez em 1978, quando impediu Dix-Huit de governar o Rio Grande do Norte. Tarcísio sabia que por unanimidade, a indicação de Dix-Huit para governador era

---

03, 03 agos.1988; BRAGA, Edilson. Laire: a oposição travestiu-se de PDT, Ibid., Mossoró, p. 03, 06 set. 1988.

⁵⁴¹ GUEDES, Roberto. É Rosado versus Maia. **O Mossoroense**. Mossoró, p. 02, 23 ago. 1988.

reivindicação de toda a bancada federal de seu partido de então a bancada fora habilmente convencida da indispensabilidade de Dix-Huit à frente do Palácio Potengi pelo trabalho cotidiano de persuasão então desenvolvido por Vingt, naturalmente respaldado pelas qualificações do atual prefeito.

Os dirigentes desta anticandidatura dirão sempre, até 15 de novembro, outro pronome, outro sobrenome, para indicar seu candidato, mas na verdade quem puxa os cordões do teatrinho continua sendo o imperador da fazenda São João, caracterizado para quem entende da política esta luta como um novo “round” de sua histórica emulação com o prefeito Dix-Huit Rosado.⁵⁴²

O problema enfrentado no núcleo político da Família Rosado esteve mais direcionado à sucessão da liderança interna do que aos conflitos travados entre Vingt/Dix-Huit e Tarcísio Maia. Os Rosados perderam parte de sua unidade quando se aproximaram, no decorrer do processo eleitoral de 1982, dos principais atores da política potiguar: Tarcísio Maia e Aluísio Alves. Essa divisão, a princípio, foi vista como algo insignificante ao capital político dos Rosados no Oeste Potiguar, mas ganhou força com a vitória de José Agripino Maia para o governo do Estado.

A parceria construída entre o governador José Agripino Maia e o deputado estadual Carlos Augusto Rosado se consolidou com a criação do Partido da Frente Liberal (PFL). Além da sua expansão por todo o Oeste Potiguar, o grupo de Carlos Augusto Rosado “controlou o avanço do PMDB no município e em suas estratégias de fortalecimento local favoreceu o partido no nível estadual e nacional com a eleição regular de quadros” parlamentares.⁵⁴³

O crescimento do PFL mossoroense ampliou a influência de Tarcísio e José Agripino Maia na política local e dividiu cada vez mais o poder político dos irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado, que ficaram com o comando do PMDB. Os descontentamentos abalaram a própria estrutura do PMDB mossoroense, pois a chegada dos Rosados ao partido levou a saída de peemedebistas que tinham os Rosados como grandes adversários políticos.⁵⁴⁴

⁵⁴² GUEDES, Roberto. É Rosado versus Maia. **O Mossoroense**. Mossoró, p. 02, 23 ago. 1988.

⁵⁴³ COSTA, Andrea Maria Linhares. **Da aliança ao democratismo**: a trajetória do PFL no Rio Grande do Norte (1985-2006). Natal: UFRN, 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012, p.14.

⁵⁴⁴ DEFINIÇÃO dos Rosados pode afastar históricos do PMDB. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 01, 11 out. 1985.

Diante de todas as articulações, de ambos os lados, a decisão de Dix-Huit em apoiar Rosalba Ciarlini deu ao pleito uma excepcionalidade: após quarenta anos, os irmãos Rosado estavam em lados opostos e contavam com os respectivos apoios de seus principais adversários - Aluizio Alves (na década de 1960) e Tarcísio Maia (nos anos de 1970), protagonistas do seu rompimento político.

As matérias relacionadas ao assunto, veiculadas em *O Mossoroense* e na *Gazeta do Oeste*, apoiaram-se em versões que, na sua maioria, omitiram a questão da sucessão da liderança política na Família Rosado. Em entrevista concedida ao jornalista Edilson Braga, Laire Rosado defendeu:

Não, a Família Rosado não está dividida. Como o prefeito Dix-Huit Rosado afirmou em Natal, num pronunciamento memorável, nós tivemos uma experiência triste como o elo fraco, segundo denominação de Dix-Huit, rompeu-se e passou a acompanhar o sistema Maia no Rio Grande do Norte. Hoje a Família Maia continua a ter o apoio do elo fraco e todo o restante da família está unido em torno do meu nome a Prefeito de Mossoró; todos os meus parentes, todos os meus tios que já estiveram juntos durante todo o tempo permanecem apoiando o nosso sistema político, inclusive participando da campanha. A divisão que existiu foi apenas em 82, e que, de maneira muito feliz, em 85, o Prefeito denominou de elo fraco da família.⁵⁴⁵

Utilizando-se do argumento de Dix-Huit Rosado, de que a decisão de Carlos Augusto Rosado foi um ato do “elo fraco da família”, Laire Rosado apresentou ao leitor de *O Mossoroense* o discurso de que a Família Rosado continuava unida e que estava a apoiar a candidatura do PMDB. A associação do apoio de Tarcísio Maia a Rosalba Ciarlini foi estratégica na veiculação da imagem dos Rosados como políticos comprometidos com a redemocratização do país, a partir da presença de Vingt como constituinte e de Dix-Huit como membro do PMDB.

A trajetória dos irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado no período da transição do Regime Militar para a redemocratização foi marcada por constantes negociações com os militares. Mantiveram o apoio a Paulo Maluf e, logo após serem derrotados, buscaram ampliar a aproximação com as lideranças peemedebistas potiguares, o que foi facilitado pelo contato que mantinham com Aluizio Alves, desde 1982. Com a posse de José Sarney como Presidente da República, os Rosados foram do PDS para o

---

⁵⁴⁵ BRAGA, Edilson. Laire: a oposição travestiu-se de PDT. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 03, 06 set. 1988.

PMDB, demonstrando que a Nova República foi, em grande medida, resultante do “acordo entre setores moderados da oposição e dissidentes do governo, sem o respaldo popular”.⁵⁴⁶

Todo o cenário de aproximações e distanciamentos de velhos caciques da política potiguar revelou o quanto o contexto da crise do Regime Militar e as acomodações político-partidárias marcariam a transição conservadora para o período democrático.

Em Mossoró, as acomodações político-partidárias ganharam força no calor dos resultados eleitorais de 1986. Ao utilizar o jornal *O Mossoroense* para promover Laire Rosado dentro do grupo político, Vingt afirma que “Laire não foi como José Agripino disse um dia: quando eleito governador, tinha sido eleito líder. Laire é um processo evolutivo. Os fatos demonstrarão no pover a sua capacidade e a sua competência, e dependendo disto que eu não tenho dúvidas, haverá êxito, ele será fatalmente um dos líderes do Rio Grande do Norte”. Nota-se que a construção de Laire Rosado como liderança política dos Rosados já era pensada por Vingt muito antes que a disputa eleitoral de 1988 colocasse os interesses do vice-prefeito Sílvio Mendes como o pivô do rompimento entre Dix-Huit e Vingt Rosado.⁵⁴⁷

Um dos momentos mais significativos da transição se deu no decorrer das articulações, quando as autoridades políticas estaduais, particularmente, Tarcísio Maia e Aluizio Alves, ao buscarem o apoio dos líderes regionais, se depararam com a sucessão da liderança do grupo político dos Rosados. A primeira sucessão familiar decorreu após a morte do governador Dix-Sept Rosado, em acidente aéreo, no dia 12 de julho de 1951, quando os irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado assumiram a liderança política da Família.⁵⁴⁸ Vingt Rosado foi prefeito de Mossoró (1953-1956), deputado estadual (1959-1962) e sete vezes deputado federal (1962 a 1990). Dix-Huit, por sua vez, foi deputado estadual (1947-1951), senador da República (1959-1967) e prefeito por três mandatos (1973-1977; 1983-1988; 1993-1996). Por quatro décadas, os irmãos Rosado mantiveram o controle político da cidade de Mossoró, tendo como

⁵⁴⁶ KINZO, Maria d’Alva Gil. **A democracia brasileira**: um balanço do processo político desde a transição. São Paulo, n. 15 v. 4, 2001, p. 03-12.

⁵⁴⁷ VINGT, uma fortaleza na Constituinte. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 07 dez. 1986.

⁵⁴⁸ Sobre a primeira sucessão política dos Rosados ver: FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re) invenção do lugar** – os Rosados e o País de Mossoró. Tese. (Doutorado Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências. URFJ. Rio de Janeiro, 2000, p. 68-89.

única derrota eleitoral municipal a campanha para prefeito de 1968, quando Jerônimo Vingt-un Rosado Maia foi derrotado por Antônio Rodrigues de Carvalho, ex-aliado político.

Durante o Regime Militar, além de manter a unidade política e dar apoio aos setores mais conservadores da política brasileira, os Rosados controlaram a ARENA mossoroense e fizeram da administração pública municipal o espaço de fortalecimento de seu capital político. Porém, foi o direcionamento de Carlos Augusto Rosado em não aceitar a transição da liderança familiar e apoiar José Agripino Maia, durante a transição para a redemocratização, que deu nova orientação à política dos Rosados.

O fortalecimento de Carlos Augusto Rosado na política mossoroense ocorreu, em grande medida, com a migração de Vingt e Dix-Huit para o PMDB, em 1985. Os Rosados estavam no fio da navalha, pois, sob a liderança de Tarcísio Maia/José Agripino Maia (PDS/PFL) e do peemedebista Aluizio Alves (então ministro da Administração no governo de José Sarney) as lideranças municipais caminharam cada vez mais ao localismo político mossoroense, como forma de manter sua base eleitoral.

A movimentação política dos Rosados pode ser entendida a partir do rompimento da unidade familiar, no decorrer da década de 1980. O impacto foi tão sério que, na primeira eleição municipal pós-Regime Militar, a decisão do prefeito Dix-Huit Rosado em apoiar Rosalba Ciarlini Rosado levou a uma luta, a qual foi impressa nos jornais que estavam sob o controle ou influência dos Rosados.

O *Mossoroense* e *Gazeta do Oeste* eram os jornais impressos na cidade. O primeiro era propriedade de Vingt Rosado, enquanto o segundo pertencia ao jornalista Canindé Queiroz, forte aliado político de Carlos Augusto Rosado. Esses jornais tiveram um papel importantíssimo na veiculação das articulações políticas que marcaram o rompimento político entre Vingt e Dix-Huit Rosado. O *Mossoroense* procurou associar a trajetória política dos irmãos à candidatura de Laire Rosado, enquanto o *Gazeta do Oeste* apresentou as articulações de Carlos Augusto Rosado junto a Tarcísio Maia e a José Agripino Maia, bem como o papel de Mário Rosado (filho de Dix-Huit) e de Sílvio Mendes (vice-prefeito de Mossoró) na tomada de decisão do prefeito mossoroense em apoiar Rosalba Ciarlini.

Nos jornais, as contendas do rompimento político surgiram de forma muito peculiar. Em *O Mossoroense* foram em direção à apresentação de Vingt Rosado como o legítimo líder da Família Rosado, desde a morte de Dix-Sept Rosado.⁵⁴⁹ Também circularam matérias que produziram o discurso de que a quebra da unidade política dos Rosados foi motivada por traições a Vingt Rosado. Os jornalistas do referido jornal atuaram, então, como investigadores da trajetória política das lideranças da 'Força do Povo' e fizeram circular antigos posicionamentos do prefeito Dix-Huit Rosado, tanto em relação ao ex-governador Tarcísio Maia, quanto a respeito da sucessão da liderança política na Família Rosado.⁵⁵⁰

Entre o material republicado, uma entrevista concedida por Dix-Huit Rosado ao jornal natalense *Dois Pontos*, foi a que melhor expressou os interesses do grupo de Vingt Rosado.

Tarcísio não divide nada com ninguém. Isso é da natureza dele, da família Maia. Nós somos Maia também, mas nós misturamos com o sangue dos Rosados, que é um sangue tranquilo, de trabalho, de esforço[...] Já os Maia era um bando de cangaceiros. Alguns estudaram, se formaram, aprenderam e aí passaram a se vestir bonitinho, mas continuaram cangaceiros. Cada Maia é um cangaceiro! São homens valentões. Veja Lavoisier, feio daquele jeito, se meteu no meio de um tiroteio, quase quebrou a cara toda, mas não mandou ninguém, não. Ele mesmo foi se defrontar com os adversários. Os Maia só respeitam os Suassuna, pois cada qual é mais valente. Os Rosados não são de briga, só servem para trabalhar. Mais isto não quer dizer que sejamos covardes.⁵⁵¹

Observa-se que a distinção entre os elos familiares correspondeu aos anseios do grupo político de Vingt Rosado em produzir o discurso de que o prefeito

---

⁵⁴⁹ BARROS, Wladimir. Quem é o maior líder político de Mossoró. **O Mossoroense**. Mossoró, p. 02, 06 out. 1988.

⁵⁵⁰ Na década de 1980, os jornalistas passaram a atuar muito próximo do trabalho dos investigadores. Esse trabalho levou a uma importante mudança no jornalismo na década de 1980, apontado por Marialva Oliveira como uma das formas de construção de autoridade do jornalista e de seu discurso. Essa questão passava pela importância da exclusividade das matérias e de sua influência diante do leitor. Mesmo que esse jornalismo investigativo tivesse mais interesse na elucidação de crimes, o campo da política não ficou fora de suas preocupações. Observa-se que em meio às disputas políticas municipais, em 1988, a ruptura política dos Rosados levou os jornalistas de ambos os periódicos a atuarem como investigadores das articulações políticas dos Rosados na busca de produzir as justificativas para os discursos produzidos sobre o rompimento de Vingt e Dix-Huit. BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 228.

⁵⁵¹ ROSADO, Dix-Huit. Cada Maia é um cangaceiro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 29 out. 1988.

mossoroense negou sua trajetória política e os acordos familiares, ao associar-se a Tarcísio Maia. Pautado na sucessão familiar, *O Mossoroense* levou aos leitores, por meio das palavras de Dix-Huit Rosado, a informação de que Laire Rosado havia sido preparado “com o apoio dos mais valorosos elementos da família” para liderar politicamente os Rosados.

Nota-se que o objetivo do jornal foi de ressignificar a imagem política de Dix-Huit, que passara de defensor a “traidor de Mossoró”, como também de reafirmar o lugar de Vingt Rosado como herdeiro político de Dix-Sept Rosado. Assim, os impactos da decisão de Dix-Huit Rosado começaram a ser sentidos pelos demais membros da família. Vingt-un Rosado, que administrava por duas décadas a Mossoró Rádio Sociedade, mantenedora da Rádio Tapuyo, de propriedade de seu irmão Dix-Huit, além de entregar o cargo, em 12 de outubro de 1988, assim escreveu em *O Mossoroense*:

Fica o que disse sobre meu povo e sobre minha família. Acrescentaria apenas um capítulo para registrar a minha profunda decepção com o comportamento de soldado, que relegou todo o seu passado e mudou com armas e bagagens para os que o malsinaram, injuriaram e perseguiram. Dix-Huit Rosado de hoje é apenas uma triste sombra do Dix-Huit de ontem.⁵⁵²

A desconstrução de Dix-Huit Rosado como político que lutara ao lado dos irmãos em prol da cidade de Mossoró foi implacável em *O Mossoroense*. No artigo “Mossoró não Mudou”, o jornalista Francisco Revoredo questionou o posicionamento de Dix-Huit Rosado e evidenciou por quais caminhos se daria a ressignificação de sua trajetória política.

E certamente aquele que se bandeou para o adversário e inimigo de ontem, deixando para trás, sem uma palavra de esclarecimento, os amigos e companheiros de mais de 40 anos de lutas, que o conduziram a todos os cargos da vida pública, não contará com o apoio popular para os seus novos projetos políticos. Aí então, imponente Burgo-mestre, já não se contam mais os seus sobrinhos, os gamosos e indomáveis “Samurais”, o líder seu irmão, que tantas vezes o levou a consagração pelo voto (“Eu sou um soldado de Vingt” – frase tantas vezes repetida); o outro seu irmão, o literato e lutador obstinado; os seus amigos tradicionais, de todas as lutas – esses não comporão a nova “casa” do aristocrático Burgo-mestre, que deverá

---

⁵⁵² PROFESSOR se diz decepcionado com atual prefeito. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 11 nov. 1988.

receber no seu “feudo” – com todos os direitos de territorialidade – talvez não “imperadores”, mas toda a máfia dos seus arqui-inimigos de outrora, que muito longe da pretensão render-lhe vassalagem, irão impor-lhe o reconhecimento público, pelo que eles representaram no pleito.⁵⁵³

Contrário à atuação de *O Mossoroense*, o jornal *Gazeta do Oeste* foi o responsável em divulgar as justificativas de Dix-Huit Rosado sobre o rompimento com os peemedebistas locais e com a coligação Aliança Mossoroense.⁵⁵⁴

Imagem 10 - Apoio de Dix-Huit Rosado à candidatura de Rosalba Ciarlini

Fonte: Jornal *Gazeta do Oeste*, 04 jun. 1988, p. 03

Ele apontou as questões político-partidárias dentro do PMDB, sugeridas como o fator determinante da decisão de apoiar Rosalba Ciarlini.

A cidade e o Rio Grande do Norte, admirados e atônitos, assistem o desenrolar de fatos quase inexplicáveis. A posição ocupada em relação a mim e a Sílvia Mendes, pelos quadros diretores do PMDB, nos excluindo das decisões e dos conselhos, tornaram a nossa situação, ali, insustentável. Permanecer inermes nas velhas

⁵⁵³ REVOREDO, Francisco. “Mossoró não Mudou”. Ibid., Mossoró, p. 02, 22 nov. 1988.

⁵⁵⁴ Na fotografia, estão, da esquerda para a direita: Luiz Pinto (candidato a vice-prefeito), Rosalba Ciarlini (candidata a prefeita), Dix-Huit Rosado (prefeito), Mario Rosado (filho de Dix-Huit Rosado) e o ex-governador Tarcísio Maia. Ver: DIX-HUIT se desvincula do PMDB. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 04 out. 1988.

trincheiras não se coadunaria com o temperamento de lutadores. A inclusão, nos dolorosos e amargos debates, do nome do meu querido filho, empresário Mário Rosado, me colocou em melindrosa situação. Fomos forçados, Eu, Silvio Mendes e Mário a deliberar o apoio à candidatura de Rosalba Ciarlini Rosado. Com o sentido de não deixar apodrecer o corpo político da cidade, não me caberá, no nosso resguardo, prolatar um libelo acusatório, eis que não julgamos útil ou proveitoso a uma convocação política descer ao submundo da intriga, da falsidade e da ingratidão. Não aceitamos, assim, a candidatura familiar, mas não temos acusações ou restrições outras a fazer ao candidato, o deputado Laire Rosado. O que repudiamos é a sistemática da escolha. Não pedi nem aceitei qualquer posição nos quadros políticos do Rio Grande do Norte. Se o Estado parar para refletir e verificar que após cinquenta anos de atividade política da minha numerosa família individual, nenhum membro ocupa lugar de nomeação, o que exalta a minha conduta. Ao invés, terei contribuído com exaltação da Família Rosado, para aproveitamento de alguns de seus ilustres membros em funções administrativas rendosas e de destaque e de outros que se atrelaram na luta comum.⁵⁵⁵

A leitura da conjuntura política municipal apresentada por Dix-Huit Rosado mostra o quanto o rompimento da unidade política dos Rosados se inseriu no processo de polarização da política potiguar, representadas, no pós-regime militar, por Tarcísio Maia e Aluísio Alves. Esse aspecto torna evidente que, dentro do jogo político, na primeira campanha municipal, as relações familiares foram tão importantes quanto as nuances do alinhamento ideológico-partidário pós-período de transição política experienciado pelo país.

A quebra da unidade e as disputas entre os Rosados pelo controle político da cidade resultaram no surgimento de três grupos entre o final da década de 1980 e a primeira metade da década de 1990.⁵⁵⁶ A proposta da divisão dos representantes políticos da família em três grupos foi lançada por José Lacerda Alves Felipe, mas, é passível de questionamentos, uma vez que, com a ruptura política, os Rosados, inicialmente, se dividiram apenas em dois grupos, tendo Vingt Rosado e Carlos Augusto Rosado como líderes locais.

No início da década de 1990, Dix-Huit e o filho, Mário Rosado, tentaram, sem êxito, organizar um grupo político. Do grupo de Vingt Rosado, Laire Rosado e Frederico Rosado (neto de Vingt-un Rosado) foram eleitos, respectivamente,

⁵⁵⁵ DIX-HUIT se desvincula do PMDB. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p.03, 04 out. 1988.

⁵⁵⁶ FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re) invenção do lugar** – os Rosados e o País de Mossoró. Tese. (Doutorado Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências. URFJ. Rio de Janeiro, 2000, p. 148-149.

deputado federal e deputado estadual pelo PMDB, em 1990. Ainda nessa década, com a reaproximação entre Vingt Rosado e Dix-Huit, na eleição de 1992, Sandra Rosado (filha de Vingt Rosado) foi candidata a vice-prefeita, ao lado do tio.

Dois anos após a vitória de Dix-Huit Rosado, ocorreu o segundo rompimento entre os irmãos Rosado, o que levou novamente o grupo de Vingt Rosado à oposição. A inconsistência e a conveniência dos acordos políticos entre Vingt e Dix-Huit Rosado foram apontadas por José Lacerda como as principais características das articulações desses grupos.⁵⁵⁷ Entretanto, observa-se que ao perderem a unidade política, os Rosados ficaram dependentes do apoio das lideranças estaduais e do controle do poder municipal.

O enfraquecimento político de Dix-Huit Rosado foi tão expressivo que na polarização Vingt Rosado/Laire Rosado/Aluizio Alves, e também Carlos Augusto/Rosalba Ciarlini/José Agripino Maia os primeiros possuíam representação em todas as esferas do legislativo, enquanto os segundos controlavam o executivo municipal. A instabilidade política de Dix-Huit Rosado gerou uma reorganização das forças políticas locais em dois grupos que buscaram, por estratégias políticas distintas, manterem-se no poder.

O grupo de Vingt Rosado, além de manter a base política em Mossoró, era dependente de outros municípios do Oeste Potiguar para manter-se no legislativo, enquanto que o grupo de Carlos Augusto Rosado, após a segunda vitória de Rosalba Ciarlini para a Prefeitura de Mossoró (1993), conseguiu eleger Carlos Alberto Rosado (irmão de Carlos Augusto) como deputado federal pelo PFL em 1994.

Observa-se que a elasticidade política do grupo de Vingt Rosado no poder legislativo manteve-se por toda a década de 1990, enquanto que o grupo de Carlos Augusto/Rosalba Ciarlini se consolidou em nível local. Foram esses grupos que polarizaram a política mossoroense desde final da década de 1980 e que, por sua reorganização, impediram a emergência de outras forças políticas locais. Em meio a esse contexto, o uso do passado da cidade foi mais uma das estratégias de manutenção do poder dos Rosados, sendo redimensionado em sua forma comemorativa.

---

⁵⁵⁷ FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re) invenção do lugar** – os Rosados e o País de Mossoró. Tese. (Doutorado Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências. URFJ. Rio de Janeiro, 2000, p. 148-149.

5.2 NOVOS RUMOS

Vitorioso, o grupo liderado por Carlos Augusto Rosado teve, na prefeita Rosalba Ciarlini, sua maior expressão política. A primeira ação da gestão tendo o passado mossoroense como pano de fundo foi a realização do I Fórum do Cangaço (1989), onde foi discutido o cinquentenário da morte de Lampião.

Organizado pela Assessoria de Cultura do Município, em parceria com a Universidade regional do Rio Grande do Norte (URRN), o objetivo do evento foi ampliar os estudos sobre o cangaço como possibilidade de potencializar a temática junto às atividades turísticas. Contando com a participação de estudiosos da Bahia e Paraíba, os debates foram direcionados mais à coleta de documentos (escritos e orais) que à análise do banditismo rural como experiência histórica do nordeste brasileiro.⁵⁵⁸

As atividades programadas iniciaram no dia 11 de junho, com uma missa em Ação de Graças, celebrada pelo Padre Sátiro Cavalcanti, na Capela de São Vicente, local onde aconteceu o combate entre mossoroenses e cangaceiros. Em seguida, no Museu Histórico Municipal, teve início um ciclo de debates (com duração de 11 a 13 de junho), cuja abertura contou com a participação do escritor baiano Oleone Coelho Fontes, que proferiu palestra sobre o cangaço e lançou o livro *Lampião na Bahia*.⁵⁵⁹ No segundo dia, além das homenagens ao prefeito Rodolfo Fernandes, o pesquisador Paulo de Medeiros Gastão conferenciou sobre “Lampião, uma figura presente na História Nordestina”.

No dia 13, preencheram a pauta do último debate os usos e costumes dos cangaceiros, o crescimento urbanístico da cidade e os aspectos folclóricos relativos ao cangaço. A sociedade, representada por estudantes e entidades culturais, ao discutir sobre os lugares de memória (Museu Municipal e Igreja de São Vicente), expôs outra forma de lidar com o passado.⁵⁶⁰

---

⁵⁵⁸ Entre os estudos que referenciaram entrevistas e artigos que circularam em *O Mossoroense* durante a realização do fórum estavam: CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1963; DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; GUEIROS, Optato. **Lampeão: memória de um oficial ex-comandante de volante**. 3. ed. São Paulo: [S.n.], 1953.

⁵⁵⁹ FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

⁵⁶⁰ CINQUENTENÁRIO da morte de Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 09 jun. 1989.

A partir daí, buscou-se associar as narrativas jornalísticas aos lugares de memória, como meio de circulação da resistência mossoroense a Lampião. Uma das ações mais eficazes nesse processo ocorreu na década de 1990, quando Rosalba Ciarlini Rosado investiu na efetivação do Corredor Cultural. Os prédios da antiga Casa de Câmara e Cadeia e da Igreja de São Vicente foram inseridos nas comemorações como lugares de memória, respectivamente sobre a libertação dos escravos e a resistência a Lampião.

Reconhecidos pelo simbolismo que agregaram ao novo uso do passado, os lugares de memória existem porque “não há mais meios de memória”.⁵⁶¹ Isto é, porque passaram a compor, dentro das narrativas sobre os acontecimentos, o lugar do arquivo, da ruína, dos restos expostos como monumentos que expressam “que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas”.⁵⁶²

Foi desse modo que o cangaço e o cangaceiro reapareceram nas comemorações promovidas pelo Governo Rosalba Ciarlini, a partir de narrativas, gestadas na primeira metade do século XX, que os inseriram como constituintes da cultura popular, à medida que passaram a ser “representativos de uma dada realidade cultural, de um dado espaço, de um dado tempo”.⁵⁶³ De acordo com Durval Muniz de Albuquerque, essa inserção foi possível dentro de um contexto onde o processo de modernização e urbanização vivido pelo país conduziu à folclorização “qualquer modo, qualquer estilo de vida, qualquer sobrevivência, qualquer objeto, ritual, qualquer elemento cultural que remeta à estrutura social anterior que estava sendo destruída pela sociedade burguesa e capitalista moderna”.⁵⁶⁴

O cangaceiro, um tipo sociológico de uma “região folclórica por excelência”,⁵⁶⁵ foi inserido no novo uso do passado mossoroense a partir da potencialidade que seu exotismo agregou ao turismo cultural.⁵⁶⁶ Com essas mudanças, as comemorações

---

⁵⁶¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10. dez.1993, p. 07-14.

⁵⁶² Ibid., p. 07-14.

⁵⁶³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular**. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 254.

⁵⁶⁴ Ibid., p. 249.

⁵⁶⁵ Ibid., p. 252.

⁵⁶⁶ O conceito de Turismo Cultural, aqui empregado, diz respeito a “toda a prática turística que envolva a apreciação ou a vivência de qualquer tipo de manifestação cultural, seja tangível, seja intangível,

perderam parte de seu cariz rememorativo de culto aos mortos e foram transformadas em evento cultural, voltada ao entretenimento e aos estudos do cangaceirismo.⁵⁶⁷ No caso de Mossoró, fica claro, entretanto, que a transformação do comemoracionismo (baseado no civismo e pioneirismo da cidade) foi redimensionado a partir do rompimento político da Família Rosado, no final da década de 1980, tendo seu ápice no final da década de 1990, quando as construções dos espetáculos teatrais públicos revelaram que a estética da encenação (apresentação e desfile) tornou-se mais relevante que as narrativas sobre os acontecimentos selecionados como o passado da cidade.

Em meio a essa transformação, esteve a necessidade de associar o grupo político de Carlos Augusto/Rosalba Ciarlini às comemorações do passado mossoroense, cujo *modus operandi* foi a concatenação do rompimento político dos Rosados aos acontecimentos históricos e seu direcionamento aos debates políticos do momento.

Agora a maneira de resistir é diferente. O mesmo povo que há sessenta e dois anos escorraçou Lampião pelas armas, derrotou, em 15 de novembro de 1988, quando insistiam em dominá-lo utilizando a prepotência. A tarefa agora se constitui em derrotar a miséria e o subdesenvolvimento. As novas trincheiras se encontram montadas nas fábricas, lojas, escolas, hospitais ou qualquer outro setor onde a brava gente mossoroense continua resistindo, com trabalho árduo e diuturno, mostrando outra vez que Mossoró sabe e construirá seu futuro com desenvolvimento, que é sinônimo de paz social.⁵⁶⁸

Apresentando-se como renovação política, Rosalba Ciarlini procurou justificar a vitória eleitoral sobre Laire Rosado como uma batalha, onde a resistência esteve voltada à melhoria das condições de vida da população. Esse discurso acompanhou, em parte, o que era propagado por partidos como o PDT, de Leonel Brizola, mas que,

---

mesmo que esta não seja a atividade principal praticada pelo viajante no destino". O argumento defendido é de que o turismo cultural está imbricado a outras modalidades de turismo, uma vez que o turista que busca o litoral poderá participar de shows, apresentações folclóricas, visitas a museus, e comemorações. DIAS, Ronaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 40.

⁵⁶⁷ Esse fórum sobre o cangaço foi a referência à criação da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço em 1983. Com sede em Mossoró, a SBEC passou a congrega dezenas de pesquisadores que tinham como objeto de estudo o cangaço e o banditismo rural.

⁵⁶⁸ A RESISTÊNCIA continua pelo trabalho. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 13 jun.1989.

em Mossoró, esteve muito mais direcionado aos interesses dos que apoiaram os militares, como Tarcísio Maia e José Agripino Maia, líder estadual do PFL.⁵⁶⁹

Ao manter o controle da administração municipal, os Rosados empreenderam, como faziam há quatro décadas, um uso do passado que conviesse ao seu conservadorismo político. A modificação na forma e estrutura das comemorações ficou evidente no desfile do 30 de setembro, quando foram inseridos outros acontecimentos (primeiro voto feminino e o ataque de Lampião) e novos equipamentos, como os carros alegóricos.⁵⁷⁰

Todavia, foi na imprensa onde as mudanças mais se evidenciaram, através das disputas em torno do uso político do passado mossoroense pelos Rosados. Se, durante quatro décadas, a Família Rosado, politicamente liderada pelos irmãos Vingt e Dix-Huit Rosado, tratara os dois principais acontecimentos históricos como a celebração ao heroísmo e civismo dos abolicionistas e resistentes, com o rompimento político o que se configurou foi uma batalha de palavras e imagens em torno dos discursos sobre o passado da cidade e suas lideranças.

Em *O Mossoroense*, as narrativas sobre a abolição da escravidão local continuaram sendo veiculadas a partir dos escritos de intelectuais como Vingt-un Rosado, Raimundo Nonato da Silva e Raimundo Soares de Brito. A insistência na velha estratégia de publicar textos exaltando a figura do prefeito Rodolfo Fernandes ou divulgando as devoções ao cangaceiro Jararaca (José Leite de Santana), tido por muitos mossoroense como um milagreiro, manteve-se como estratégia jornalística sobre o passado mossoroense.⁵⁷¹

Diferentemente do que era veiculado pelo jornal de Vingt Rosado, o jornal ligado ao grupo político de Carlos Augusto Rosado e Rosalba Ciarlini, *Gazeta do*

⁵⁶⁹ COSTA, Andrea Maria Linhares. **Da aliança ao democratismo**: a trajetória do PFL no Rio Grande do Norte (1985-2006). Natal: UFRN, 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012, p.14.

⁵⁷⁰ Sobre o primeiro voto feminino, as narrativas gravitam em torno da professora Celina Guimarães, que, em 25 de novembro de 1927, teve seu pedido de inclusão na lista de votantes atendido pelo juiz Israel Ferreira Nunes. Considerada a primeira eleitora do Brasil, o direito conquistado por Celina Guimarães, à época com 29 anos, foi tomado como outro episódio que marcou o pioneirismo mossoroense em prol da liberdade. RODRIGUES, João Batista Cascudo. **A mulher brasileira**: direitos políticos e civis. 2. ed., Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 11), p. 63-82.

⁵⁷¹ Uma das narrativas que circulava com mais frequência era a entrevista que o cangaceiro Jararaca concedeu ao jornalista Lauro da Escóssia, em 1927. Ver: CAPITÃO Virgulino invade Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 04-05, 13 jun.1989.

Oeste, expressou um outro uso para o passado da cidade. A proposta conciliou o desenvolvimento da atividade turística com a divulgação da imagem política de Rosalba Ciarlini, a partir das datas cívicas locais. Por conseguinte, a homenagem aos resistentes do 13 de junho se reverteu em propaganda do governo municipal, à medida que associou a vitória de Rosalba Ciarlini Rosado a um ato de resistência.

O combate, agora, era contra os problemas sociais que impediam o crescimento econômico e social da cidade. Um discurso que, contextualmente, alinhou-se ao proposto na Carta Constitucional de 1988 e que serviu de propaganda aos políticos que haviam aderido aos partidos de esquerda, como era o caso de Rosalba, filiada ao PDT, mas pertencente a um grupo político cuja origem residia no PDS e no PFL.

Para os Rosados, espetacularizar o passado era, acima de tudo, mantê-los próximos à população, aproveitar as solenidades para as inaugurações, angariar recursos para futuros equipamentos urbanos e veicular imagens de suas lideranças em nível estadual. Na gestão de Rosalba, diferentemente do que ocorreu no período de 1948 a 1988,⁵⁷² o uso do passado mossoroense, foi incorporado à sociedade do espetáculo, a partir de uma perspectiva mercadológica, mediatizada com base no turismo.⁵⁷³

O significado político das transformações pelas quais passaram as representações de Mossoró como *Cidade da Liberdade e da Resistência* encontrou, na teatralização das comemorações mossoroenses, o mecanismo de fabricação e circulação da imagem pública de Rosalba Ciarlini. Nesse sentido, destaca-se o uso da imagem de uma rosa nas homenagens veiculadas como propaganda oficial da Prefeitura Municipal de Mossoró, durante as comemorações da libertação dos escravos. Essa foi a forma de representar a prefeita no imaginário político da cidade.⁵⁷⁴

---

⁵⁷² As comemorações promovidas pelos Rosados por quatro décadas foram marcadas por seu caráter romântico e rememorativo, onde o culto aos heróis determinava o conteúdo das solenidades e o ritual, permitia o uso político do passado, à medida que era o momento tanto da reafirmação dos laços políticos dos Rosados com a população como da captação de recursos junto as autoridades políticas estaduais e federais.

⁵⁷³ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 14.

⁵⁷⁴ O jornal Gazeta do Oeste foi o responsável pela veiculação da propaganda oficial da Prefeitura Municipal de Mossoró durante a primeira gestão de Rosalba Ciarlini.

Na imprensa, particularmente no jornal *Gazeta do Oeste*, o objetivo foi de construir vínculos entre a “nova” liderança política e a população mossoroense, ou seja, uma liderança fabricada mediante o discurso de que era chegada a hora de investir no povo, de melhorar as condições sociais por meio dos investimentos em saúde e educação e da implementação de programas voltados à inclusão social. Esse investimento resultou na produção do discurso de que Rosalba Ciarlini era a “Rosa do Povo”.⁵⁷⁵

Imagem 11 - Homenagem da Prefeitura de Mossoró ao 30 de setembro (1989)

Fonte: *Gazeta do Oeste*, 29 set.1989, p. 03.⁵⁷⁶

⁵⁷⁵ Na história brasileira, muitas lideranças políticas fizeram uso dos mais variados meios de comunicação, especialmente o rádio e os jornais, para a fabricação e veiculação de sua imagem diante da população. Um dos exemplos mais estudados foi o de Getúlio Vargas, cuja fabricação como o “pai dos pobres” é um dos mais expressivos símbolos da cultura política brasileira no Período Republicano, onde a propaganda fez veicular discursos que atraíram as massas a compor o capital político do grupo que estava no poder. Sobre a temática ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e no peronismo. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009; GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011; ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca. (Org.). **Cultura política e leituras do passado:** historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁵⁷⁶ *Mossoró Livre por Natureza* – A liberdade é um dom que se conquista, mas é preciso ter um espírito aberto e uma vontade forte, moldada pelo sentimento de ser livre. Mossoró nasceu para ser livre. Seu povo é como a natureza que não suporta amarras, e tem coragem de sonhar e força para lutar e fazer do sonho realidade. HOJE é o dia da liberdade em Mossoró. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 29 set.1989.

Percebe-se, pois, que o arranjo político dos Rosados, no período da transição, em Mossoró, teve seu primeiro resultado com a inserção de Rosalba Ciarlini como liderança popular. Produto da articulação das forças mais conservadoras do Estado, a manutenção do poder local nas mãos da família necessitou de apelo midiático que associasse o passado comemorado à gestão de sua representante.

O texto junto à imagem concatena a exaltação do civismo mossoroense aos desafios do presente, mostrando que as comemorações, enquanto espaços de construção ou reafirmação da memória, “tendem a construir e enfatizar aquilo que seria consensual, que promoveria o apagamento das diferenças e das dissensões no interior do corpo social”.⁵⁷⁷ Ademais, traz à baila a relação entre passado e presente e todas as questões pertinentes à problemática que envolve memória e comemoração.

Com efeito, o passado, quando associado às demandas do presente, é moldado aos interesses do grupo que o resgata e da sociedade que o comemora por meio de narrativas e ritualística que o explicam como festa cívica, como o momento de representação e transformação, pelo fato de sua “evocação ser seletiva”.⁵⁷⁸

No contexto em destaque, o uso político do passado referenciava as ações que o associavam ao presente, que davam sentido e publicização aos conflitos entre os grupos que disputavam o poder e que usavam as comemorações como meio de produção e circulação do que deveria ser ou não rememorado. Por essa razão, os símbolos veiculados nas comemorações são importantes à compreensão das narrativas sobre os acontecimentos que se comemoravam e sobre o lugar que seus promotores ocupavam no espaço e tempo comemorativo. Ajudam, também, na construção de um imaginário social que ganha força e se constitui a partir de imagens e discursos elaborados e consolidados por “uma colectividade como uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violência reais ou potenciais”.⁵⁷⁹

---

⁵⁷⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A necessária presença do outro – Mas qual outro? reflexões acerca das relações entre história, memória e comemoração. In: CEBALLOS, Rodrigo. BEZERRA, Josineide da Silva (Org). **História, memória e comemorações**. Campina Grande: EdUFCG, 2012, p. 17.

⁵⁷⁸ CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo** (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005, p. 103.

⁵⁷⁹ BACZKO, B. *Imaginário Social*. **Enciclopédia Einaudi**, v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

Nessa perspectiva, percebe-se que, após o rompimento político dos Rosados, os “novos” gestores municipais reforçaram o uso das comemorações sobre o passado mossoroense como estratégia de manutenção de poder. Isso se deu na medida em que o uso das práticas comemoracionistas se distinguiu, tanto na forma como no sentido, das comemorações realizadas pelo poder público municipal desde 1948.

Em algumas solenidades, como foi o caso do desfile cívico-militar do 30 de setembro, o rito foi mantido, mas a liturgia comemoracionista se restringiu à presença de autoridades estaduais e municipais. Isso demonstra que, com o retorno ao localismo político, a estratégia dos Rosados foi em investir na aproximação da líder municipal com a população.

Imagem 12 - Autoridades no desfile do 30 de setembro (1989)

Fonte: *Gazeta do Oeste*, 03 out.1989, p. 01.⁵⁸⁰

⁵⁸⁰ Aspecto do desfile comemorativo do 30 de setembro, na Avenida Alberto Maranhão, e que reuniu as principais lideranças no palanque oficial armado no patamar da Igreja de São Vicente. Como acontece todos os anos, autoridades de todo o Estado se reúnem nesta cidade para prestigiar o aniversário da libertação da escravidão em Mossoró. Na foto, da esquerda para a direita: a prefeita de Natal, Wilma Maia, senador Lavoisier Maia, deputado Carlos Augusto, senador José Agripino Maia, prefeita Rosalba Ciarlini, governador Geraldo Melo, primeira-dama do Estado, Edinólia Melo, e o deputado Laire Rosado, cujo nome aparece na legenda do jornal, mas não na imagem fotográfica. Ver: DESFILE cívico-militar do 30 de setembro. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 01, 03 out.1989.

Por toda sua primeira gestão (1989-1992), Rosalba Ciarlini Rosado continuou a investir na associação das obras que vinha desenvolvendo na cidade com as comemorações do calendário cívico municipal, bem como na inserção dos símbolos à sua imagem pessoal. Ela utilizou o tempo comemorativo sobre a abolição local dos escravos para, junto ao passado comemorado, dar destaque as suas ações administrativas e a sua imagem pessoal.

A não distinção entre o público e o privado foi amplamente utilizada em suas administrações, especialmente na veiculação do símbolo de uma rosa, grafada em praças, calçadas de escolas e páginas dos jornais. No entanto, foi no âmbito da libertação dos escravos que a divulgação da imagem pessoal de Rosalba Ciarlini ganhou ampla dimensão política e se constituiu no imaginário da cidade.

Para cada grande temática que se discutiu no Brasil, no início da década de 1990, o governo Rosalba se preocupou em associá-las às comemorações do calendário cívico municipal. Em 1991, por exemplo, no período preparatório ao encontro mundial sobre meio ambiente (Eco1992), a Prefeitura de Mossoró empreendeu um projeto de arborização da cidade e logo o associou aos festejos do 30 de setembro. Com o título “Hoje é o dia da Liberdade” e voltada à temática “Mossoró - feliz natureza”, a gestão Rosalba Ciarlini associou as demandas do presente às comemorações da libertação dos escravos. A respeito do projeto, o jornal *Gazeta do Oeste* publicou a seguinte matéria:

30 de setembro é uma data muito importante para Mossoró. Foi num dia como esse, há 108 anos, que nossa cidade se antecipou ao país e acabou com o pecado da escravidão. Esse ato serviu para mostrar que este é um povo livre e de coragem, que sabe andar com altivez e de cabeça erguida. Hoje, numa época em que o mundo inteiro se preocupa com a devastação da natureza, Mossoró mostra mais uma vez a sua coragem e se une numa grande campanha contra mais esse pecado do homem. Juntos, o povo e a prefeitura estão arborizando a cidade, seus parques, praças, roçados e quintais, educando o homem do campo, distribuindo mudas e sementes, afastando o perigo da desertificação. Só assim, o povo e a natureza podem ser livres e felizes.⁵⁸¹

---

⁵⁸¹ HOJE é o dia da liberdade em Mossoró. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 06, 29 set. 1991.

Desde a segunda metade da década de 1970 que as comemorações sobre o passado mossoroense passaram a compor o campo de possibilidades para o desenvolvimento do turismo na cidade, mas a formatação das comemorações e as ínfimas parcerias com o governo do Estado do Rio Grande do Norte, em sua maioria baseada em apoio às organizações de feiras de artesanato e apresentação de grupos folclóricos, não foram suficientes para alavancar o turismo. No início dos anos de 1990, a estratégia montada pela gestão de Rosalba Ciarlini foi direcionada no sentido de priorizar o fortalecimento dos lugares de memória da cidade que estavam voltados às duas datas cívicas locais. O Museu Municipal Lauro da Escóssia, enquanto lugar de memória, passou a ter, nessa nova configuração de apresentar o passado da cidade, um papel importantíssimo como o espaço do arquivo sobre o passado. Como tal, evidenciou tanto a ausência dos meios de memória quanto palimpsesto, onde se percebem e se “cruzam diferentes caminhos de memória”.⁵⁸²

Imagem 13 - Homenagem da Prefeitura de Mossoró ao 30 de setembro de 1991

Fonte: *Gazeta do Oeste*, 29 set.1991, p. 06

⁵⁸² HARTOG, François. **Regime de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 165. (Coleção Histórias e Historiografia).

A princípio, o investimento se concentrou na resistência ao ataque de Lampião. O Museu Municipal e a Igreja de São Vicente foram reformados com o intuito de serem os lugares de memória sobre o 13 de junho de 1927.⁵⁸³ Nas páginas dos jornais, as narrativas sobre Lampião como “herói ou bandido”⁵⁸⁴ voltaram a circular. Ao mesmo tempo, exposições foram organizadas no Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, com objetos que compunham o acervo sobre o cangaço.⁵⁸⁵

Neste mesmo ano, o 30 de setembro foi comemorado durante uma semana. No dia 24, houve a abertura da 5ª FICRO (Feira Industrial e Comercial da Região Oeste). Já no dia da abolição, a ritualística foi a mesma: às 06 h, alvorada na Praça da Redenção, feita pela Banda de Música Municipal Arthur Paraguai; às 08h, Corrida da Abolição, com largada na Escola Estadual Aída Ramalho e chegada no Palácio da Resistência; às 16h Sessão Magna da Maçonaria 24 de Junho; às 16h30min, a prefeita Rosalba Ciarlini, o governador José Agripino Maia e autoridades visitaram o *Pantheon*, no Museu Municipal Lauro da Escóssia; às 17h ocorreu o desfile cívico-militar, na Avenida Alberto Maranhão e, às 22h, encerramento com show do cantor Moraes Moreira.⁵⁸⁶

Daí em diante, o passado foi sendo utilizado como matéria prima para a construção de grandes espetáculos direcionados ao entretenimento de um público mais preocupado com as apresentações artísticas do que com o caráter evocativo dos acontecimentos que compunham o calendário cívico municipal. Por consequência, os espaços onde ocorreram a libertação dos escravos e a resistência ao bando de Lampião foram sendo remodelados, no intuito de viabilizarem uma política de turismo de eventos.

Dessa forma, os lugares de memória da cidade, como o Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia (antigo prédio da Casa de Câmara e Cadeia) e a Igreja

⁵⁸³ HOJE é o dia da liberdade em Mossoró. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 06, 29 set. 1991.

⁵⁸⁴ A principal referência a Lampião como um herói aparece nas análises sobre o banditismo social do final da década de 1960. HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1976, p. 57.

⁵⁸⁵ O acervo do Museu Lauro da Escóssia sobre o cangaço é composto por 22 reproduções fotográficas, dois rifles, estilhaços de bala, uma revista em quadrinho que narra o ataque de Lampião a Mossoró (a Revista Igapó foi publicada em 1981) e seis livros sobre o ataque dos cangaceiros a cidade. Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ - **Livro de Registro do Museu Municipal Lauro da Escóssia**, 1992, p. 12.

⁵⁸⁶ COMEMORAÇÃO do 30 de setembro será concluída com desfile. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 30 set.1992.

de São Vicente, passaram a figurar nas páginas dedicadas ao turismo, especialmente no jornal *Gazeta do Oeste*. A partir daí exposições permanentes sobre o passado mossoroense foram organizadas no museu, bem como foram contratados diretores e artistas para a montagem de um grande espetáculo teatral público inspirado na obra *Auto da Liberdade*, do cordelista Crispiniano Neto.⁵⁸⁷

5.3 O AUTO DA LIBERDADE

Como estratégia de manutenção do poder dos Rosados, a comemoração da libertação dos escravos em Mossoró não ficou incólume à ruptura político-partidária da Família, em 1988. As primeiras mudanças apareceram quando os jornais noticiaram o uso político do 30 de setembro. Em *O Mossoroense*, o prefeito Dix-Huit Rosado foi acusado de fazer uso das comemorações da abolição local em benefício político de sua aliada, Rosalba Ciarlini. Segundo o jornal de Vingt Rosado, a manutenção do direcionamento político dado às comemorações na gestão da nova prefeita distorceu o sentido histórico dos festejos.

Infelizmente, se vê que aquela atitude pequena do senhor Dix-Huit R. Maia terminou por fazer escola. Neste ano, a Prefeitura está engendrando artimanhas de toda ordem para envolver a política partidária com a comemoração abolicionista, num gesto totalmente improcedente e sem o apoio dos que efetivamente amam e lutam por ela. Certamente que, no momento certo, os mossoroenses como um todo, saberão dar a devida resposta àqueles que teimam em transformar a festa da abolição em oportunidade para expor seus espíritos de mesquinharia política. Nós hoje aqui queremos reafirmar os nossos propósitos e a nossa profissão de fé naqueles que, na sua grande maioria, querem a festa da abolição como um acontecimento apolítico e apartidário, porque resulta da união dos esforços de todos e de suas lutas para continuar cultuando os ideários libertários.⁵⁸⁸

É notório que os posicionamentos de *O Mossoroense* refletem o lugar que seu proprietário, o deputado federal Vingt Rosado, passou a ocupar no cenário político pós-regime militar. Afastado do poder municipal, base de seu capital político, o grupo de Vingt Rosado confirmou a força das comemorações da libertação dos escravos como um dos meios de aproximação das autoridades municipais à população local;

⁵⁸⁷ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró: Editora Queima Bucha, 2005.

⁵⁸⁸ A FESTA da Liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 30 set.1989.

como também a capacidade de inserção da imagem pública de grupos ou indivíduos no imaginário político local.

Nessa perspectiva, o protesto por uma comemoração apolítica e apartidária se esvaiu não só por se constituir prática comum à cultura política compartilhada pelos Rosados, mas também pela impraticabilidade de uma comemoração que não expressava os interesses dos grupos ou pessoas que a organizam. Além disso, a comemoração do 30 de setembro, enquanto evocação de uma memória local, expressou uma identidade nacional que teve, nas representações sobre a libertação dos escravos, elo com os interesses do presente.⁵⁸⁹

O simbolismo da identidade “Mossoró - cidade da liberdade”, construído em/por *O Mossoroense*, levou os grupos políticos locais à disputa em torno do sentido dado às comemorações da libertação dos escravos, o que fez emergir, na imprensa, a prática já utilizada pelos Rosados desde 1948.⁵⁹⁰

Por outro lado, o jornal *Gazeta do Oeste* apresentou algumas mudanças relacionadas à cobertura das comemorações, especialmente o desfile cívico-militar, de modo que se tornou muito mais significativa ao jornal a incorporação de outros acontecimentos do passado mossoroense, como a resistência ao bando de Lampião e a efetivação da professora Celina Guimarães Viana como a primeira mulher apta a votar no Brasil. Para o *Gazeta do Oeste*, os acontecimentos foram inseridos nas festividades do 30 de setembro porque “marcaram a participação do município no contexto nacional”.⁵⁹¹

Apesar de não ser questionada, a introdução dos acontecimentos nos discursos e propostas políticas modificou substancialmente a formatação das comemorações da libertação dos escravos no que tange a sua singularidade como principal data do calendário cívico municipal. Um dos efeitos foi a preocupação em modificar a ritualística e a liturgia comemoracionista, vista pelo governo de Rosalba Ciarlini como algo que havia caído na repetição. O problema da nova formatação do 30 de setembro

---

⁵⁸⁹ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 48.

⁵⁹⁰ Com a chegada de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia ao poder municipal, em 1948, as comemorações do 30 de setembro também se transformaram em espaço de divulgação das ações do prefeito mossoroense. No aniversário de cinco meses da sua administração, foram publicadas as ações do governo municipal relacionadas à situação financeira e aos melhoramentos urbanos como a criação da Biblioteca e Museu Municipal. Ver: IMPORTANTES festividades assinalam, este ano, o transcurso da maior data de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-03, 30 set.1948.

⁵⁹¹ DESFILE cívico mostra a história de Mossoró. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 30 set.1989.

girou em torno da conciliação entre o ato comemorativo atividade voltada à preservação da memória - e os impactos da repetição da narrativa. Esta última como característica das tradições inventadas⁵⁹² e essencial à reprodução da memória oficial, haja vista seu uso político para o grupo de Carlos Augusto Rosado/Rosalba Ciarlini.

Essa formatação das comemorações do 30 de setembro se fez necessária à medida que manteve a funcionalidade do uso do passado como meio de aproximação das lideranças locais com a população e da fabricação de uma imagem pública das lideranças políticas. Isso foi possível porque os discursos veiculados ao uso do passado mossoroense alinharam-se às demandas sociais do contexto pós-Regime Militar, o que levou as comemorações a um redimensionamento que pode ser entendido como estratégia de espetacularizar o passado, no intuito de reafirmar o lugar dos Rosados na política local.

Essas demandas sociais estão associadas ao discurso dos governos pós-regime militar, com vistas à busca de políticas públicas voltadas à melhoria das condições sociais das camadas menos favorecidas da população. Com a Constituição de 1988 ampliaram-se os direitos sociais, cujos efeitos positivos foram sentidos nas áreas de saúde e educação. Foi nesse contexto que o governo de Rosalba Ciarlini se apropriou do discurso da busca pela cidadania e empreendeu as transformações necessárias à manutenção do uso do passado como estratégia de mando, à medida que o associou às novas demandas do presente, especialmente no combate à desigualdade social, por meio da educação e do acesso aos eventos culturais patrocinados pela Prefeitura Municipal de Mossoró.⁵⁹³

Como nos lembra Michel de Certeau, “as decisões apontadas por uma estratégia, colocam em debate uma organização de poderes. Manifestar essa relação é realizar uma volta ao sistema social mediante uma análise política”.⁵⁹⁴ O retorno ao sistema social, apontado por Certeau, está direcionado, aqui, à relação que o passado passou a ter com os interesses políticos locais do grupo liderado por Carlos Augusto

⁵⁹² HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 10. (Coleção Pensamento crítico, v. 55)

⁵⁹³ Sobre esse período, ver a análise de CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 208-247.

⁵⁹⁴ CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. 5. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2008, p. 193. (Coleção Travessia do Século).

Rosado e Rosalba Ciarlini Rosado. Decerto, o caminho para inserir o passado como estratégia ao desenvolvimento cultural da cidade revela implicações no que concerne à função pedagógica das comemorações e de sua importância como elo entre os Rosados e a população mossoroense.

Das justificativas apresentadas à incorporação do passado como estratégia em implementar o turismo na cidade, o distanciamento da população das atividades comemoracionistas foi a mais plausível. Seu direcionamento ao turismo iniciou-se com as comemorações do 30 de setembro e ganhou força em 1992, quando os festejos do 13 de junho (invasão de Lampião) também passaram a ser divulgados pelo *Gazeta do Oeste*, em seu *Caderno Turismo & Lazer*.⁵⁹⁵

Com Dix-Huit Rosado novamente na prefeitura (1993-1996), a ritualística e a liturgia comemoracionista do 30 de setembro mantiveram-se com a *Sessão Branca* na Loja Maçônica 24 de Junho; a *Noite da Cultura*, na Loja Maçônica Jerônimo Rosado; e o desfile cívico-militar. Outras ações, como a retomada do Projeto do Corredor Cultural e a organização do calendário de eventos culturais e de negócios, seguiram o objetivo de incrementar o turismo local⁵⁹⁶.

Em 1996, eleita para um segundo mandato (1997-2000), Rosalba Ciarlini implementou, por meio da Fundação Municipal de Cultura, mais transformações na formatação das comemorações do 30 de setembro. Em 1999, investiu na montagem de um espetáculo público que reuniu os quatro principais acontecimentos da cidade.⁵⁹⁷ Denominado *Auto da Liberdade*, o espetáculo baseado nos versos do cordelista Crispiniano Neto, configurou-se como uma forma singular e atrativa de narrar e fazer circular o passado da cidade pela Literatura de Cordel. Publicado pela Fundação Vingt-un Rosado, o livro *Auto da Liberdade* serviu de referência para a

---

⁵⁹⁵ EXPOSIÇÃO e prédios resgatam Lampião. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, 30 set.1989. Caderno de Turismo, p.07.

⁵⁹⁶ O Projeto do Corredor Cultural foi retomado com o objetivo de preservar o patrimônio edificado da cidade. Quanto ao calendário cívico municipal, contava com as comemorações da resistência mossoroense ao bando de Lampião e os festejos juninos, o Fórum Cultural - direcionado às atividades folclóricas (agosto) -, as comemorações da libertação dos escravos (setembro), a Feira Nacional de Fruticultura – FENEFRUTI (novembro), e os festejos de Santa Luzia, em dezembro.

⁵⁹⁷ O grupo político de Carlos Augusto/Rosalba Ciarlini havia perdido a eleição para o grupo Vingt/Dix-Huit Rosado em 1992. Seu retorno ao poder municipal no quadriênio 1997-2000, foi marcado por intensa mobilização e investimentos para a realização de grandes espetáculos teatrais públicos que ampliassem a aproximação entre Rosalba Ciarlini e a população mossoroense.

montagem do espetáculo, sob a direção do teatrólogo Amir Haddad.⁵⁹⁸ Na apresentação da obra, Rosalba Ciarlini foi categórica ao afirmar que:

A preservação das tradições históricas e culturais mantém vivo o sentimento de autoestima na alma do povo. Essa não é a única motivação para o Auto da Liberdade. A valorização do artista local, manifestada nas suas variadas formas de criação (cordel, dança, música, teatro de rua, etc), é forte componente no trabalho dirigido pelo teatrólogo Amir Haddad. Experiência e talento juntam-se em um espetáculo inovador com artistas e povo, (re)vivendo a sua própria história.

O Auto da Liberdade é compromisso com a cultura local, antecipado pela criação da Estação das Artes “Elizeu Ventania”, espaço escolhido para abrigar a apoteose do evento. É o marco do “antes” e do “depois” nas comemorações abolicionistas da cidade sem descaracterizar a tradição cultuada desde os nossos ancestrais. Festivo, alegre. É assim o grande espetáculo popular pelas ruas e avenidas de Mossoró.⁵⁹⁹

O Auto da Liberdade foi anunciado como algo distinto das comemorações do período de controle político de Vingt-un e Dix-Huit Rosado. A diferença apareceu quando deixou de lado o culto rememorativo, de cariz necromântico, onde a celebração à memória dos mortos requeria determinadas solenidades que foram consideradas obsoletas e que, ao longo do tempo, caíram na repetição. Na categoria de atração turística, o espetáculo foi promovido pela Secretaria da Cidadania e tinha como meta social a formação de atores, por meio de oficinas de teatro voltadas à realização do espetáculo Auto da Liberdade.⁶⁰⁰ Junto a essa formação estava a criação de plateia para o teatro e a demanda para a construção de espaços públicos que contemplassem a grandiosidade das festividades.⁶⁰¹

O *Auto da Liberdade* se configurou como uma nova ferramenta para a reafirmação da interpretação do passado da cidade, feita pelos intelectuais

⁵⁹⁸ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 01. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1120)

⁵⁹⁹ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 01. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1120).

⁶⁰⁰ Em entrevista concedida ao jornal *Gazeta do Oeste*, o teatrólogo Amir Haddad falou da importância do Auto da Liberdade para a vida cultural da cidade no que tange à formação de atores e de plateia. Ver: SCARLAC, Carlos. Conversando com Amir Haddad. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 26 set.1999.

⁶⁰¹ Em 24 de setembro de 1999, Rosalba Ciarlini inaugurou a Estação das Artes Elizeu Ventania. Construída no edifício da antiga Estação Ferroviária Federal, a Estação das Artes seria o espaço voltado à realização dos espetáculos públicos promovidos pela Prefeitura de Mossoró. Ver: ESTAÇÃO das Artes se propõe a preservar a cultura. *Ibid.*, Mossoró, p. 01, 24 set.1999.

mossoroenses. Outrossim, reiterou o distanciamento entre a memória oficial e a documentação jornalística referente aos acontecimentos e suas narrativas em seus respectivos contextos.

Quando se referiu ao motim das mulheres, por exemplo, o cordel de Crispiniano Neto manteve a imagem progressista de Mossoró como empório comercial, bem como contextualizou, a partir das disputas políticas locais, a crise imperial através da polarização institucional entre Igreja Católica e Maçonaria.

Era o século Dezenove
Setenta e cinco era o ano,
Tinha um Brasil monarquista
E outro republicano,
Um Católico, outro maçom,
Cada qual tinha seu plano!⁶⁰²

A leitura de Crispiniano Neto sobre a ação das mulheres mossoroenses diante do alistamento militar de seus filhos e maridos para o Exército e Armada, durante a Guerra do Paraguai, corroborou o olhar que Vingt-un Rosado teceu a respeito do *Motim das Mulheres* desde 1940, quando escreveu, no jornal *A Escola*, sob o título “Revolvendo o nosso passado”, algumas notas sobre a fundação da cidade e acontecimentos de seu passado.⁶⁰³ Em agosto, voltou a publicar, no mesmo jornal, o artigo “O motim das mulheres”, referenciando as fontes pelas quais fez a leitura sobre o movimento.

Narramos, então, o que tínhamos ouvido do Major Romão Filgueira, testemunha ocular daquele acontecimento e um mestre no contar as cousas do passado mossoroense. Hoje, podemos, com satisfação, à vista de documentos que encontramos, verificar a veracidade dos informes do último sobrevivente de 83.⁶⁰⁴

Percebe-se que a relação entre o relato oral e o escrito aparece, na justificativa sobre a veracidade do motim das mulheres, como uma das inquietações da prática escriturária de Vingt-un Rosado. Voltada ao “resgate do passado”, essa escrita encontrou na “verdade documental” a distinção entre memória e história. As

⁶⁰² NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 04.

⁶⁰³ ROSADO, Jerônimo Vingt-un. Revolvendo o nosso passado. **A Escola**, Mossoró, p. 01. 12 maio.1940.

⁶⁰⁴ ROSADO, Jerônimo Vingt-un. O motim das mulheres. **A Escola**, Mossoró, p. 04, 11 ago.1940.

lembranças do Major Romão Figueira, contemporâneo do Motim das Mulheres, foram usadas como indícios sobre o acontecimento e depois comparadas com as fontes escritas em um exercício que, segundo François Dosse, constitui em apresentar a memória e a história como “um modo de seleção no passado, uma construção intelectual, e não um fluxo externo ao pensamento”.⁶⁰⁵

No livro *Mossoró*, publicado em 1940, Vingt-un Rosado reproduziu o depoimento em que Francisco Romão Figueira descreveu as características físicas da líder do “motim das mulheres” e afirmou ser o motim uma permanência que remonta às formas de resistência indígena no processo de conquista colonial.

Ana Floriano, tipo de mulher forte, olhos azuis, cabelos loiros, estatura além do comum para seu sexo, encabeçava o movimento. No dia marcado, estavam umas 300 mulheres reunidas em Mossoró, porque as próprias Evas dos arrebalde haviam aderido ao motim. O cortejo rebelde partiu da atual rua João Urbano indo até à hoje Praça Vigário Antônio Joaquim Rodrigues. Aí, foram rasgados os editais pregados nas portas da igreja e despedaçados vários livros. Da Praça Antônio Joaquim, dirigiram-se as amotinadas à Praça da Liberdade, passando pela Rua 30 de Setembro. Naquele logradouro público, achavam-se disposto um corpo de Polícia, ali posto com o fim de dominar a sedição. Aos gritos de ‘Avança’, logo ficaram confundidos, no tumulto da luta, soldados e mulheres. Como era natural, foram várias as feridas, tendo a interferência de pessoas gradas da localidade evitando mais funestas consequências. Com esta ligeira refrega, terminou o motim, no qual as filhas da terra dos Monxorós deram mostras daquela coragem espartana da mulher brasileira, coragem que vibra em páginas aureoladas da História Pátria.⁶⁰⁶

Em parte, Vingt-un Rosado não acompanhou as interpretações dos estudiosos da década de 1930, como o relogio da colonização portuguesa, feito por Gilberto Freire em *Casa Grande e Senzala*, ou, em Sérgio Buarque de Holanda, a partir de *Raízes do Brasil*, com sua interpretação da sociedade brasileira pelo prisma da superação das raízes ibéricas. Vingt-un Rosado seguiu o caminho da correlação entre as narrativas sobre a resistência dos indígenas Monxorós com os acontecimentos selecionados como passado da cidade. Essa correlação foi essencial para a construção da identidade de Mossoró como “Cidade da Liberdade”. Assim, a associação dos acontecimentos selecionados como passado da cidade à memória dos líderes dos movimentos de resistência, nos diversos contextos da história

⁶⁰⁵ DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2004. p.183.

⁶⁰⁶ ROSADO, Vingt-un. **Mossoró**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1940, p. 79-80.

mossoroense, vem desde os esforços dos abolicionistas cearenses pela adesão das autoridades mossoroenses à campanha abolicionista. Nesse sentido, o livro de Vingt-un Rosado mostra como a publicação dos documentos referente a esses acontecimentos estava mais direcionada à fabricação de uma memória que a uma nova interpretação sobre os acontecimentos.⁶⁰⁷

Nessa perspectiva, Mossoró foi tecida, desde a década de 1940, como uma cidade cuja singularidade foi a vanguarda nos movimentos de resistência desde a crise imperial até as três primeiras décadas do século XX. Foi nessa direção que Vingt-un Rosado buscou inserir o Motim das Mulheres como uma nova seleção do passado da cidade a partir de sua importância para a “História Pátria”. Porém, até o final da década de 1970, o trabalho referente a esse movimento foi direcionado à procura de documentos oficiais que comprovassem a importância da reação mossoroense ao alistamento militar à Guerra do Paraguai. Nessa busca, Câmara Cascudo e Armando Souto Maior foram imprescindíveis à construção do lugar que Vingt-un Rosado deu ao motim das mulheres mossoroense.⁶⁰⁸

Em notas e Documentos para a História de Mossoró, publicado em 1955, Luís da Câmara Cascudo apresenta o relatório enviado ao Presidente da Província do Rio Grande do Norte, João Bernardo Galvão Alcoforado Junior, ao juiz municipal de Mossoró, José Antônio Rodrigues. No documento, a autoridade judiciária aponta que a rebelião contou com a “participação de mulheres mal aconselhadas por seus maridos e parentes”.⁶⁰⁹ Já, o livro *Quebra-quilos: lutas sociais no outono do Império*,⁶¹⁰

⁶⁰⁷ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9. ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 21-143; MACHADO, Pinheiro Brasil. Raízes do Brasil: uma releitura. In: MONTEIRO, Pedro Meira. EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.) **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ EdUERJ, 2008, p. 155-180; BÓAS, Glaucia Villas. Casa grande e terra grande, sertões e senzala: a sedução das origens. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Gilberto Freire em quatro tempos**. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 115- 134.

⁶⁰⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1955; MAIOR, Armando Souto. **Quebra-quilos: lutas sociais no outono do Império**. São Paulo: Brasiliana, v. 366. Companhia Editora Nacional/MEC, 1978.

⁶⁰⁹ Foram indicados os nomes de Maria Filgueira, mulher do capitão Antônio Figueira Secundes (estes eram pais de Francisco Romão Filgueira, testemunha que auxiliou Vingt-un Rosado na produção dos artigos que circularam em *A Escola* em 1940), Joaquina Maria, esposa do camarista Silvério Siríaco de Souza (pais do historiador Francisco Fausto de Souza, apontado por Vingt-un Rosado como o primeiro a escrever sobre o motim das mulheres) e Ana Rodrigues Braga, conhecida como Ana Floriano, mãe de Jeremias da Rocha Nogueira (proprietário do jornal *O Mossoroense*). Ver: CASCUDO, **Notas e documentos para a história de Mossoró**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1955, p. 165-166.

⁶¹⁰ MAIOR, Armando Souto. Op. Cit., p.176-180.

publicado em 1978 por Armando Souto Maior, é apontado por Vingt-un Rosado como a obra que deu ao motim das mulheres mossoroenses uma “dimensão mais ampla, enquadrando-o no movimento de rebeldia que explodiu em tantas cidades nordestinas”, o Quebra-quilos.⁶¹¹

A influência de *O Motim das Mulheres* para a criação do *Auto da Liberdade* encontrou na explanação e no contexto político da crise imperial o argumento para justificar a heroificação tanto da líder do movimento, Ana Floriano,⁶¹² como de seu filho, Jeremias da Rocha Nogueira, proprietário do jornal *O Mossoroense*. Assim posto, Crispiniano Neto se vale da polarização política local entre os pares Igreja Católica/conservadores e maçonaria/liberais para reafirmar o lugar ocupado pelo jornal de Jeremias da Rocha na circulação do anticlericalismo e antimonarquismo em Mossoró.

É que a Igreja católica
Ligada com a Monarquia
Chutava os republicanos
Que se opunham à tirania
E o seu alvo predileto
Era os da maçonaria!

Mossoró pegava fogo
Naquela guerra sem fim
Com Jeremias da Rocha
Bravo igual espadachim
Topando o conservador
Vigário Antônio Joaquim

Jornal O Mossoroense
Nasceu daquela disputa,
Era a trincheira de ideias
Contra a forte força bruta
Um clarão de consciência
No calor da escura luta.⁶¹³

O Mossoroense aparece no cordel de Crispiniano Neto como a principal trincheira na luta contra os conservadores, representados pelo padre Antônio Joaquim Rodrigues, bem como é apontado como o “clarão de consciência no calor da escura

⁶¹¹ Sobre o movimento do Quebra-quilos ver: ROSADO, Vingt-un. **O motim das mulheres**: um episódio do Quebra Quilos. 2. ed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2000, p. 04. (Coleção Mossoroense. Série C. v. 1159)

⁶¹² Ana Rodrigues Braga, conhecida como Ana Floriano, era a mãe de Jeremias da Rocha Nogueira, um dos fundadores do jornal *O Mossoroense*, em 1872.

⁶¹³ NETO, Crispiniano **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 05.

luta”. Posicionamento que só corroborou para reproduzir a memória oficial de que O *Mossoroense* foi o principal veículo de combate ao escravismo e de defesa dos ideais republicanos. Vale salientar que os posicionamentos políticos veiculados no jornal apontam ao anticlericalismo e ao antimonarquismo, mas não evidenciam posicionamentos consistentes quanto aos ideais do movimento abolicionista, nem aos projetos republicanos do período.⁶¹⁴

No que concerne à libertação dos escravos, o *Auto da Liberdade* reiterou o passado glorioso da cidade por meio dos versos que apontaram ser o pioneirismo abolicionista a singularidade que elevou Mossoró a um lugar de destaque na história nacional sobre a abolição da escravidão.

Vem me escutar Mossoró
Vem me ouvir mais uma vez
Falo do século passado
Do ano de 83
Que os mossoroenses bravos
Libertaram seus escravos
Dando ao negro voz e vez!

Este ato de heroísmo
De júbilo, de amor e glória
Quanto mais anos se passa,
Mais fica em nossa memória
Quanto mais folhinha dobre
Mais merece um lugar nobre
Nos anais da nossa história

Foi no 30 de setembro
A assembleia dos bravos
Onde ficou decretado
'aqui não tem mais escravos'
E em vez de sangue e espada
Teve luz, música cantada,
Discursos, rosas e cravos.⁶¹⁵

A exaltação dos abolicionistas como bravos intensificou o processo de esquecimento da resistência dos negros à escravidão e apresentou ao leitor a imagem do consenso das elites locais quanto à necessidade de abolir a escravidão. Porém,

⁶¹⁴ Sobre o contexto político que marcou a criação e o fortalecimento do republicanismo no Rio Grande do Norte ver: BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República**: ideias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal-RN: EDUFRN, 2002.

⁶¹⁵ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 15 (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1120).

essa leitura se contradiz, em parte, com a interpretação dos intelectuais mossoroenses, que, em seus esforços para justificar a importância da abolição local antes da Lei Áurea, argumentaram ter sido a abolição em Mossoró um ato contrário aos interesses do Império e das elites proprietárias de escravos que usavam a Praça Comercial de Mossoró para realizar o tráfico interprovincial.⁶¹⁶

Essa ruptura com os intelectuais da Coleção Mossoroense e com a documentação jornalística, especialmente o jornal cearense *Libertador*, ajuda a pensar sobre a importância do *Auto da Liberdade* para a efetivação da especularização do passado mossoroense a partir da introdução de elementos ficcionais na narrativa sobre a abolição local. A informação se confirma nos versos abaixo transcritos, onde o cordelista revela o discurso de que o diferencial da libertação mossoroense, diante da libertação nacional, foi o tratamento dado aos libertos, após o 30 de setembro de 1883.

Mesmo em frente da casa de Bezerra
Presidente da livre sociedade
Fez-se um grande espetáculo de beleza
Ato extremo de solidariedade
Se formando um cenário de emoção
Pra dar simbologia à liberdade!

Duzentos e cinquenta ex-escravos
Onde hoje é a Praça da Rural,
Cem meninas de 10 a 12 anos
Desenharam de forma colossal
Uma belíssima coreografia
Preparando o abraço fraternal.
Nisto Bezerra Mendes entregou
A Almino Afonso sem ter ânsia
As quinhentas cartilhas de ABC
Que passaram pras mãos daquela infância
Entregaram com beijos para os negros
Darem fim aos grilhões da ignorância.⁶¹⁷

As ações educativas apontadas por Crispiniano Neto não aparecem na documentação sobre o 30 de setembro e se contradizem com a situação em que se encontravam os ex-escravos na cidade, porém são imprescindíveis a efetivação do

⁶¹⁶ BRAZ, Emanuel. **Abolição da escravidão em Mossoró**: pioneirismo ou manipulação do fato. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 34-46.

⁶¹⁷ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 26. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1120).

uso do passado, uma vez que passam a compor o imaginário sobre o acontecimento. No que se refere a registros fotográficos das condições materiais dos libertos do 30 de setembro de 1883, somente foram encontradas imagens do ano de 1948.⁶¹⁸ É importante atentar para o fato de que o esquecimento dessas pessoas no jornal *O Mossoroense* é inverso à valorização da memória dos abolicionistas, especialmente a de Francisco Romão Filgueira, único abolicionista vivo, à época, cuja importância como testemunha ocular era de reafirmar as narrativas que circulavam nesse jornal.

Imagem 14 - Francisco Romão Filgueira e ex-escravos - 1948

Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia –Caixa 10

Nesse período, especialmente na gestão de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia (1948-1950), quando *O Mossoroense* publicava os decretos de abertura de crédito suplementar, apareceram aqueles voltados para a realização das comemorações do 30 de setembro.⁶¹⁹ A efeméride ganhou o patrocínio público e foi transformada em um dos objetos da escrita dos intelectuais mossoroenses no *Boletim Bibliográfico*.⁶²⁰ Esse

⁶¹⁸ São duas as fotografias datadas de 1948 e que apresentam Francisco Romão Filgueira, Lauro da Escóssia e Jerônimo Vingt-un Rosado Maia com os ex-escravos de nomes Rita, Antônia, José Boi, Israel. **Arquivo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia**, Caixa 10.

⁶¹⁹ PREFEITURA Municipal de Mossoró - Administração do Prefeito Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 set.1948.

⁶²⁰ De acordo com os Boletins Bibliográficos existentes no acervo de Vingt-un Rosado, foram publicados, de outubro de 1953 a março de 1960, 12 artigos sobre a abolição dos escravos em Mossoró.

material, juntamente com os escritos de Câmara Cascudo, serviu de referência ao cordelista Crispiniano Neto para localizar temporalmente o desenrolar dos acontecimentos que culminaram com a libertação dos escravos.⁶²¹ Desse modo, nas estrofes finais sobre o 30 de setembro, o poeta leva a discussão para o contexto do final da década de 1990 e relaciona a consequência social do processo histórico de libertação dos escravos como algo que afligiu a sociedade a partir de dados sobre o lugar social da maioria dos afrodescendentes no Brasil.⁶²²

Porque tão poucos negros empresários?
 Porque tem tantos negros sem diplomas?
 E por que é menor a própria soma
 Do volume total dos seus salários?
 Tantos brancos são latifundiários
 Tantos negros sem-terra e sem fartura
 Porque tanta piada choca e dura,
 Humilhante, safada e desonesta
 Pra dizer que o branco é só quem presta
 E que não vale quem tem a pele escura?

Façam suas análises pessoais
 Pra saber se já somos bem melhores
 Ou se hoje inda estamos bem piores
 Que a cidade de mais de um século atrás?
 Se não tem preconceitos raciais,
 Se de fato queremos a igualdade
 Se seremos herdeiros de verdade
 De Nabuco, de Almino e Isabel
 De Zumbi, Chico Rei e Rafael
 Da cidade e “o país da liberdade”?⁶²³

Observa-se, então, que, no *Auto da Liberdade*, a relação entre passado-presente se deu a partir da associação da exaltação de representantes da resistência negra, líderes do movimento abolicionista e membros da família imperial com as

⁶²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p.199-240.

⁶²² No final da década de 1990, a discussão sobre a inclusão social dos grupos historicamente marginalizados, como negros e índios, ganhou fôlego e diversas ações governamentais deram direcionamento à aplicabilidade de políticas públicas baseadas no discurso de que era preciso ampliar os mecanismos de acesso à cidadania. Entre as medidas adotadas, José Murilo de Carvalho aponta as melhorias na educação, com a redução da mortalidade infantil de 73 por mil crianças nascidas vivas, em 1980, para 39,4, em 1999; a diminuição do analfabetismo da população de 15 anos, que caiu de 25,4%, em 1980, para 14,7%, em 1996; o aumento da escolarização da população de sete a 14 anos, que subiu de 80%, em 1980, para 97%, em 2000. CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 208.

⁶²³ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 32.

consequências históricas do processo abolicionista brasileiro. O interesse por um lugar para Mossoró na história nacional sobre a abolição persistiu na nova formatação das comemorações e foi o referencial na relação de força entre os interesses do presente e sua correlação com o passado.

Mas, nem sempre essa relação ocorreu de forma pacífica, pois, à medida que o passado, enquanto exemplo, foi evocado, o risco em relacioná-lo aos interesses do presente tendeu a transformar a própria narrativa oficial, haja vista esse passado ser um ausente que funda a experiência do presente como algo distinto do próprio passado.⁶²⁴ Assim, quando Crispiniano Neto requereu que o exemplo da Mossoró libertária de 1883 fosse comparado às consequências históricas do processo abolicionista, o que emergiu foi o limite da memória oficial sobre a libertação dos escravos na cidade.

Outro acontecimento mencionado no *Auto da Liberdade* foi o “voto feminino”. Logo na apresentação, Crispiniano Neto defende que a concessão do direito de votar obtida por Celina Guimarães Viana⁶²⁵ desencadeou “um grande movimento nacional [que] levou mulheres de diversas cidades do Rio Grande do Norte e de outros estados da Federação a fazerem a mesma coisa”.⁶²⁶ O autor defende que tal autorização deu impulso à luta pela regulamentação do voto em 1934 e, daí, concebe sua importância para a história do movimento feminista no Brasil.⁶²⁷

Nas três primeiras estrofes do cordel, os marcos temporais aparecem, portanto, como elementos fundadores da importância do acontecimento para sua inserção como algo que deve ser lembrado. Segue um trecho do cordel:

No ano de 27
Mossoró ganhou mais fãs
Chamando todas as mulheres
Mães, filhas, avós, irmãs

⁶²⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A poeira do passado**: tempo, saudade e cultura material. Fortaleza: Imprensa universitária, 2014, p. 31. (Coleção Estudos da pós-Graduação)

⁶²⁵ Celina Guimarães Viana nasceu em Natal, a 15 de novembro de 1890. Diplomou-se na Escola Normal de Natal, em 1911, e casou-se com Eliseu de Oliveira Lima, neste mesmo ano. Faleceu em 11 de julho de 1972, em Belo Horizonte. Ver: WANDERLEY, Walter. **Eliseu Viana**: o educador (1890-1960). Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971, p. 11-16.

⁶²⁶ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 33.

⁶²⁷ Este estudo não tem a preocupação de entender a emergência do movimento feminista no Brasil, nem problematizá-lo, mas refletir sobre a inserção do “voto feminino” em Mossoró como uma seleção ao que foi considerado como passado da cidade e sua inserção nas comemorações do 30 de setembro, através do *Auto da Liberdade*.

Para ocupar mais espaço
Seguindo o primeiro passo
De Celina Guimarães.

Há mais de um século as mulheres
Lutavam de forma audaz
Para acabar a injustiça
Dos direitos desiguais.
Se iguais foram nascidas
Porque, ao longo das vidas
Não ter direitos iguais?

Vinte e cinco de outubro
Daquele ano, é verdade,
Em toda a América do Sul
Brilhou mais nossa cidade,
Celina tirou seu título
Abrindo um novo capítulo
Do livro da liberdade.⁶²⁸

O posicionamento do cordelista do *Auto da Liberdade* reproduz a leitura que João Batista Cascudo Rodrigues fez, no livro “A Mulher brasileira: direitos políticos e civis”,⁶²⁹ sobre o pioneirismo mossoroense na luta das mulheres pelo direito de votar. A partir da documentação jornalística de *O Mossoroense* (dezembro de 1927) e *A República* (novembro de 1927), João Batista Cascudo defendeu que Mossoró, mais uma vez, dava exemplo de pioneirismo na luta em favor da liberdade⁶³⁰.

Essa imagem, corroborada pelos intelectuais da Coleção Mossoroense, resultou do conteúdo das matérias que circularam nos jornais em 1927. Telegramas com gratulações de Mossoró, Natal e do Rio de Janeiro evidenciam o quanto a concessão eleitoral de Celina Guimarães refletia os interesses dos políticos nas duas Casas Legislativas do País.

Contra-pondo-se ao discurso que transformou o alistamento eleitoral da professora Celina Guimarães Viana no resultado da luta pelos direitos políticos das mulheres, ela mesma, em entrevista ao escritor Walter Wanderley, afirmou:

⁶²⁸ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 34.

⁶²⁹ RODRIGUES, João Batista Cascudo. **A mulher brasileira: direitos políticos e civis**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 11).

⁶³⁰ João Batista Cascudo trata do contexto político sobre a criação da Lei n. 660, de 25 de outubro de 1927, que regulou o Serviço Eleitoral do Estado, bem como comenta as publicações dos telegramas de políticos, como José Augusto Bezerra de Medeiros (Presidente do Estado), Juvenal Lamartine (Senador) e Rafael Fernandes (Deputado), que felicitavam Mossoró pelo direito conquistado por Celina Guimarães Viana. Ibid., p. 63-82.

Eu não fiz nada. Tudo foi obra do meu marido. Empolgou-se pela campanha de participação da mulher na vida política brasileira e, para ser coerente, começou com a dele, levando meu nome de roldão. Jamais pude pensar que, assinando aquela inscrição eleitoral, o meu nome entraria para a história. E aí estão os livros e os jornais exaltando a minha atitude. O livro de João Batista Cascudo Rodrigues colocou-me nas alturas. Até o Cartório de Mossoró, onde me alistei, botou uma placa comemorando o acontecimento. Sou grata a tudo isso que devo exclusivamente a meu saudoso marido.⁶³¹

A fala de Celina Guimarães demonstra como a narrativa sobre o pioneirismo mossoroense na luta pelos direitos femininos foi uma construção dos intelectuais ligados à Coleção Mossoroense, a partir da documentação da imprensa local. Dito isto, o trabalho de João Batista Cascudo Rodrigues foi de organizar a documentação sobre o alistamento eleitoral de Celina Guimarães Viana e inseri-lo como um feito memorável, a partir da ideia de pioneirismo da cidade diante de questões nacionais, como foi o caso do movimento em prol dos direitos das mulheres.⁶³²

Baseado na leitura de que a cidade foi pioneira na luta das mulheres pelo direito de votar, Crispiniano Neto reforça a memória de que Mossoró esteve na vanguarda em pelo menos quatro questões sociais que possuíram repercussão nacional. Nota-se que os esforços em inserir a cidade dentro da história nacional mantiveram-se como uma das estratégias de poder do grupo político (A Família Rosado) que, desde o final da década de 1948, controlava a cidade.

Assim posto, o *Auto da Liberdade*, como forma de narrar o passado da cidade, não só reafirma o interesse dos intelectuais mossoroenses (desde a década de 1940), mas renova a estratégia de uso desse passado pela Família Rosado, à medida que preserva tanto o sentido dado a esse passado quanto o lugar que a cidade deveria ocupar na história nacional. Para Crispiniano Neto:

No direito do voto de Celina
Mossoró se mostrou mais uma vez
Lixadora da ferrugem das leis
Carcomidas, vencidas... da latrina,
Ativou novamente a oficina
De forjar sentimento cidadão

⁶³¹ WANDERLEY, Walter. **Eliseu Viana: o educador (1890-1960)**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971, p. 116.

⁶³² No Brasil, as primeiras ações efetivas em prol da luta pelos direitos das mulheres, especialmente o de votar, aparecem com Bertha Lutz que, em 1919, criou a Liga pela Emancipação Feminina, cujas reivindicações mais efetivas foram pelo direito ao voto. GOLDENBERG, Mirian; TOSCANO, Morena. **A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992, p. 25.

Como quando acabou a escravidão
Cinco anos primeiro que Isabel,
Como quando abafou voz e tropel
Do cangaço da luz do Lampião.⁶³³

O ataque/resistência de Lampião a Mossoró foi o último acontecimento do passado da cidade narrado no *Auto da Liberdade*. De forma bem pormenorizada, Crispiniano Neto descreveu as condições estruturais da cidade e a trajetória do bando de cangaceiros em sua marcha para o Rio Grande do Norte. Ademais, apresentou os líderes e os membros dos grupos de cangaceiros que se reuniram para atacar Mossoró, bem como a organização das trincheiras e os defensores mossoroense que as compunham.

Para compor seu relato, o cordelista tomou como referência a documentação jornalística e as narrativas produzidas pelas obras de Raimundo Nonato da Silva (*Lampião em Mossoró*) e Rodolfo Fernandes (*A Marcha de Lampião*), que apresentaram a Mossoró do final da década de 1920 como uma cidade pacata e ordeira. Finalizada a descrição dos detalhes do acontecimento, Crispiniano Neto solicita o não esquecimento de um povo heroico que lutou em defesa de sua cidade.

Por isso vamos lembrar
De uma gente sem maldade
Que só pensava em progresso,
Em paz, em prosperidade;
Mas que, como a história diz
Trocou a paz por fuzis
Pra defender a cidade.⁶³⁴

Seu olhar corroborou a justificativa, dada pela imprensa local, em 1927, de que a razão do ataque foi essencialmente econômica. A partir dessa explicação, se construiu, então, o discurso de que a resistência a Lampião fora um episódio que distinguiu politicamente as autoridades locais - especialmente o prefeito, coronel Rodolfo Fernandes - das autoridades cearenses, como o Padre Cícero Romão Batista, acusado de ser protetor de cangaceiros.

Dali Lampião correu
Em busca do Ceará,
Onde os poderes covardes
Lhe tratavam a bolo e chá.

⁶³³ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 41.

⁶³⁴ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 50.

Covarde, o governador,
Padre “Ciço”, um protetor
E o povo lá do setor
Não era como o de cá.⁶³⁵

Visto como produto social da expropriação econômica e exclusão política no nordeste brasileiro, entre o final do século XIX e primeira metade do XX, Lampião foi narrado no *Auto da Liberdade* a partir da construção discursiva de sua experiência enquanto bandido.

Lampião não foi santo nem herói
Foi bandido cruel e sanguinário;
Foi algoz e vítima do seu tempo
Onde a lei era o latifúndio,
O jagunço, o beato e o coronel
Quem não fosse um dos quatro, era otário.⁶³⁶

A reprodução e circulação desse discurso pela literatura de cordel vem ancorada em argumentos que explicitam o lugar e as opções que os sujeitos deveriam ocupar em sua sociedade. Esse olhar resulta na diferenciação entre as narrativas dos que entraram nas páginas dos jornais como bandidos daqueles que estiveram nos volantes ou na força policial. Para Eric Hobsbawm, a imagem cultural literária ou popular do bandido vai além da documentação produzida sobre ele, pois “existe aquilo que fica quando eliminamos a moldura local e social do bandoleirismo: uma emoção permanente e um papel permanente. Há liberdade, o heroísmo e o sonho de justiça”.⁶³⁷

A reafirmação dessas narrativas sobre o cangaceiro Lampião foi uma tônica em o *Auto da Liberdade* e serviu como referência ao cordelista para estabelecer a relação entre presente-passado, no que tange à manutenção da imagem de Mossoró como “cidade da liberdade”. A construção e conservação desse discurso, pela via narrativa da literatura de cordel, mostra o quanto sua produção e circulação foi controlada, selecionada, organizada e distribuída de formas distintas, tanto temporal quanto espacialmente.⁶³⁸

---

⁶³⁵ Ibid., p. 84.

⁶³⁶ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 86.

⁶³⁷ HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976, p. 132-133.

⁶³⁸ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006, p. 08-09.

Para se efetivar como uma ação política, o uso do passado esteve diretamente atrelado às demandas do presente, sendo essa relação o mecanismo de sua reprodução enquanto estratégia de mando da Família Rosado. No cordel de Crispiniano Neto, a relação passado-presente ocorreu a partir da proposição de que a educação seria a nova trincheira da liberdade e pré-requisito básico à construção da cidadania. Ancorado na evocação da imagem histórica de Mossoró (cidade da liberdade) e de seu lugar de vanguarda nessa luta, o cordelista absorveu, à medida que reafirmou as narrativas sobre os acontecimentos selecionados como passado da cidade, o discurso que permeou o projeto de renovação da comemoração do 30 de setembro.

É preciso a trincheira das escolas,
Do emprego, da lei e da verdade,
A trincheira que dá cidadania
E os cartuchos da pólvora da igualdade
Pra poder se escrever dia após dia
Mossoró, guardiã da liberdade!

Liberdade, Mossoró, Liberdade.
Nenhum tipo, jamais, de escravidão;
Liberdade, igualdade e irmandade,
Paz, justiça e direito ao cidadão
Pra tirarmos de nós, todos fantasmas
Que restaram da “lei” de Lampião!⁶³⁹

Foi, portanto, na espetacularização da memória oficial e na tentativa de relacioná-la ao presente que se fez o *Auto da Liberdade* algo distante das tradicionais comemorações do 30 de setembro. Nos jornais mossoroenses, o *Auto da Liberdade*, enquanto espetáculo teatral, trouxe elementos baseados nas formas de entretenimento que transformaram profundamente a relação dos mossoroenses com seu passado.

Apresentado ao público como a grande renovação das comemorações do 30 de setembro, especialmente devido à dimensão lúdica e o discurso de que seria uma atividade com o objetivo de promover a cidadania através do acesso a eventos culturais.⁶⁴⁰ Sua singularidade consistiu no uso do passado como elemento de viabilização do desenvolvimento do turismo local, tendo na literatura de cordel o

⁶³⁹ NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999, p. 85.

⁶⁴⁰ SCARLACK, Carlos. Conversando com Amir Haddad. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 26 set. 1999

suporte para a circulação da narrativa histórica sobre o que se selecionou como passado mossoroense.

Um outro ponto a ser considerado no que concerne aos impactos provocados pela espetacularização do passado mossoroense foi o rompimento com o modelo comemoracionista ancorado em valores cívicos, pautados pelos conceitos de liberdade e resistência. Com a instauração do *Auto da Liberdade*, durante as comemorações do 30 de setembro, no lugar da exaltação ao passado os jornais deram informações sobre o público, o trajeto do cortejo cultural, atração musical que fecharia o evento e sobre a participação da sociedade.

Milhares de mossoroense acompanharam na noite de quinta-feira, 30 de setembro, as festividades abolicionistas que este ano foram renovadas com a encenação do Auto da Liberdade. Uma mistura do tradicional com o inovador, um público estimado em 80 mil pessoas pode ver passar na avenida Alberto Maranhão, com a rua João Marcelino e a avenida Rio Branco, o cortejo do Auto da Liberdade contando toda a história de Mossoró. Colégios particulares, estaduais e municipais, projetos sociais, corpo policial, quadrilhas, blocos de carnavais e demais manifestações culturais de Mossoró foram as atrações em quase 260 minutos de festa. Após o desfile, o cortejo cultural se deslocou para a Estação das Artes, quando duzentos atores de grupos teatrais da cidade interpretaram o texto em versos de cordel, feitos pelo poeta Crispiniano Neto, com direção de Amir Haddad, em que retrataram o primeiro voto feminino de Celina Guimarães, o motim das mulheres contra o alistamento de maridos e filhos à Guerra do Paraguai, a abolição da escravatura e a resistência ao bando de Lampião. Após a apresentação do Auto da Liberdade o público contou com a animação da banda Circuito Musical.⁶⁴¹

A proposta de produzir um espetáculo onde estivessem presentes o tradicional (descrito pela ritualística do cortejo cultural em substituição ao desfile cívico-militar) e o inovador (que aparece na narrativa poética de Crispiniano Neto e na encenação teatral idealizada pelo teatrólogo Amir Haddad) mostra o quanto o *Auto da Liberdade* difere das comemorações organizadas desde Dix-Sept Rosado, sobretudo diante da formatação do desfile cívico-militar, que, durante décadas, levou às ruas mossoroenses instituições escolares e maçônicas.

Amir Haddad dirigiu o Auto da Liberdade em 1999 e 2000. Sua equipe era composta por artistas locais e pela equipe do *Teatro Tá na Rua*, do Rio de Janeiro. Sob sua direção, o desfile cívico-militar foi transformado no “Grande Cortejo de Cultura

⁶⁴¹ MOSSOROENSES prestigiam Auto da Liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 02 out.1999.

Popular” que recebeu em 1999 a adesão de mais de quatro mil componentes e, no ano 2000, cerca de seis mil participantes.⁶⁴²

Imagem 15 - Oficina com Amir Haddad – Auto da Liberdade - 1999

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Mossoró – Caixa 03

O propósito, como aparece no Relatório do *Auto da Liberdade* de 2001, foi de produzir o discurso de que as ações culturais realizadas pela Fundação Municipal de Cultura e órgão agregados estavam direcionadas à concretização dos compromissos da chefe do Poder Municipal que “no primeiro momento foi de reconstruir, dinamizar e revitalizar todos os setores e, num segundo momento, fazer destes, setores produtivos, alavancando o desenvolvimento”.⁶⁴³

Neste mesmo ano, o espetáculo passou por algumas alterações, sendo as mais significativas: a integração do “Cortejo Cultural” ao espetáculo teatral; a escolha dos atores locais, por meio de oficinas de teatro e canto; a participação de grupos teatrais mossoroenses; e a substituição da narração por falas próprias para cada personagem.⁶⁴⁴ Fernando Bicudo, diretor do espetáculo em 2001, imprimiu maior

⁶⁴² PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Relatório do Auto da Liberdade**, 2000, p. 04.

⁶⁴³ PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Relatório do Auto da Liberdade**, 2001, p. 03.

⁶⁴⁴ AUTO da Liberdade. **De Fato**, Mossoró, 29 set. 2001. *Caderno Total*, p. 04.

participação popular, ampliada com a formação de artistas, selecionados nas escolas municipais e estaduais. Porém, a participação do Balé Popular Ópera Brasil, do Estado do Maranhão, manteve a colaboração com apresentações de danças, como o lundu, maculelê e maracatu.⁶⁴⁵

A combinação entre o passado da cidade e as manifestações folclóricas afro-brasileiras foi uma medida que reforçou o distanciamento do *Auto da Liberdade* em relação às comemorações cívicas do 30 de setembro em Mossoró.⁶⁴⁶ No intuito de ser inserida dentro das manifestações folclóricas, com vistas ao turismo, a espetacularização da libertação dos escravos voltou-se mais à reprodução dos aspectos culturais afro-brasileiros que ao culto dos heróis abolicionistas mossoroenses.⁶⁴⁷

Esse novo formato comemorativo pode ser pensado de duas maneiras: a primeira, evidencia que a entrada de elementos que remontam um passado escravocrata dos africanos no Brasil foi inserido nas festividades mossoroenses por conta, tanto da afirmação do legado cultural das expressões artísticas afro-brasileiras, quanto da necessidade de inovação e ludicidade do espetáculo. O segundo, corresponde as substanciais modificações no sentido da representação do passado, dada pela espetacularização da libertação dos escravos e pela introdução de novos acontecimentos, o que transformou o tradicional culto cívico das comemorações do 30 de setembro em algo obsoleto diante do projeto de desenvolvimento do turismo de eventos.

O *Auto da Liberdade*, enquanto espetáculo de uso político, também esteve voltado ao fortalecimento da imagem pública de Rosalba Ciarlini, exemplo de gestão cuja estratégia foi o fortalecimento de eventos culturais. Nesse sentido, a estrutura cenográfica e cobertura midiática são reveladoras dos interesses que permearam o construção de um grande espetáculo.⁶⁴⁸

---

⁶⁴⁵ Fernando Bicudo era o diretor do Theatro Arthur Azevedo, de São Luís do Maranhão, e presidente do Centro Cultural Ópera Brasil. Trabalhou como ator, cantor e produtor de espetáculos operísticos. Ver: FERNANDO Bicudo prepara auto teatral. **Diário de Natal**, Natal, 14 set. 2001. *Caderno Muito*, p. 02.

⁶⁴⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Relatório do Auto da Liberdade**, 2002, p. 04.

⁶⁴⁷ Essas ações corroboram com os argumentos apresentados pelo jornal *Gazeta do Oeste*, de que a nova formatação das comemorações da libertação dos escravos era o “caminho cultural, artístico e, sobretudo, turístico que a cidade pode vender”. Ver: ABREU, Aglair. Conceituando as novas liberdades. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, 20 ago. 2001. *Caderno Mossoró*, p. 01.

⁶⁴⁸ O espetáculo de 2001 contou com uma estrutura de palco com dois mil metros quadrados, um painel com sessenta metros quadrados, com módulos de iluminação de dezessete metros de altura, onde se

Imagem 16 - Visão panorâmica do Auto da Liberdade - 2002

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Mossoró – Caixa 03

O espetáculo, nessa perspectiva, justificou-se mais pela ludicidade teatral do que pela preocupação em manter o culto cívico aos “heróis da cidade”. O objetivo social, como aparece nos relatórios das edições do *Auto da Liberdade*, era a inclusão, advinda dos projetos desenvolvidos pela secretaria de cidadania, como os projetos Flauta Mágica e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).⁶⁴⁹

Percebe-se, então, que foi por meio da inserção desses projetos e pela via dos eventos culturais, que Rosalba Ciarlini chegou aos diversos estratos sociais mossoroenses. Isso aconteceu à medida que o Cortejo Cultural redimensionou o

---

revezaram cerca de 2000 atores e figurantes. O evento contou com o apoio das entidades culturais da cidade (Fundação Vingt-un Rosado-FVR, Fundação Guimarães Duque-FGD, Fundação Ozelita Cascudo, Academia Mossoroense de Letras- AMOL, Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP, Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço-SBEC e COOCAR) e foi divulgado por três emissoras de TVs (Universitária-UFRN, Cabugi-Rede Globo e Ponta Negra-SBT), oito jornais (O Mossoroense, De Fato, Jornal de Mossoró, Gazeta do Oeste, Diário de Natal, Diário do Nordeste, O Povo e Tribuna do Norte) Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Relatório do Auto da Liberdade**, 2001, p. 03-20.

⁶⁴⁹ Alguns dos projetos, como o PETI eram do Governo Federal em parceria com o Governo Municipal. Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Relatório do Auto da Liberdade**, 2002, p. 05-10.

papel da sociedade mossoroense, incluindo temáticas voltadas à erradicação do trabalho infantil e de combate à violência.

Imagem 17 - Bloco da Paz – Cortejo Cultural Popular - 2002

Fonte: Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Mossoró – Caixa 03

Em síntese, pode-se afirmar que foi por meio da espetacularização das demandas sociais que o 30 de setembro ganhou uma dimensão política cada vez maior. Esse resultado não se deve somente ao fato da efetiva participação da sociedade diante dos problemas sociais, mas da utilização do espetáculo, do Cortejo Cultural e do *Auto da Liberdade* como espaços de reafirmação simbólica entre a liderança rosadista e a população.

Com efeito, a revitalização das comemorações, promovida pelo governo Rosalba Ciarlini, além de manter o discurso do resgate da história, do patriotismo e dos anseios libertários da cidade, atribuiu uma nova roupagem ao uso político do passado mossoroense, cujas consequências foram a espetacularização e a quebra do sentido das comemorações, a partir do fim do cariz cívico e necromântico da liturgia e do ritual rememorativo, bem como das mudanças nas formas de expor os objetos referentes aos acontecimentos históricos no Museu Municipal.⁶⁵⁰

---

⁶⁵⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Relatório do Auto da Liberdade**, 2002, p. 05.

6 UMA CASA PARA O PASSADO

6.1 O MUSEU MUNICIPAL

O museu, enquanto casa para o passado, sustenta-se no argumento de que, na historicidade de sua construção, ações como reunir, selecionar e expor são reveladoras das estratégias do uso que se fez dos resquícios de acontecimentos tornados memoráveis. Desde os interesses de sua criação às formas de selecionar e expor objetos como testemunhos do passado,⁶⁵¹ esse espaço é terreno fértil para a construção das identidades.⁶⁵² Com o olhar atento para essa perspectiva, este trabalho esclarece que, além das “funções de colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor”, o museu mantém um diálogo com a sociedade por meio de exposições que revelam um olhar sobre o passado.⁶⁵³

Longe de ser imóvel, o espaço museológico pode ser interpretado como um palimpsesto, cujas marcas temporais, evidenciadas em suas transformações, desvelam o fascínio pela cristalização da memória e produção de identidades, que podem ocorrer por intermédio de projetos individuais ou coletivos, sendo possível compreendê-las mediante a análise das permanências, rupturas ou disputas de memória.

Enquanto lugar de memória, o museu está longe de ser um depósito de coisas velhas. “Esvaziados do valor de uso, em benefício do valor documental”, seus objetos manifestam a relação de força que faz dos interesses que atuam no ato de expor o sentido social da produção da memória.⁶⁵⁴ Ademais, revelam, em sua relação temporal (presente-passado-futuro), a operacionalização da circulação da memória coletiva, como pode ser percebido na organização do acervo do Museu Histórico

---

⁶⁵¹ BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Museus históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Série. v. 5, p. 175-203 – jan./dez.1997.

⁶⁵² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo Nova Série. n. 1, 1993, p. 211.

⁶⁵³ POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 22. (Coleção Ensaio Geral)

⁶⁵⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Para que serve um museu histórico. São Paulo: **Anais do Museu Paulista** (USP), 1996, p. 03-06.

Municipal de Mossoró e nas transformações pelas quais passou no decorrer do uso do passado pelas famílias Escóssia e Rosado.

Criado em 1948, na administração municipal de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, o Museu mossoroense, inicialmente agregado à Biblioteca Pública Municipal, buscou representar “a natureza e o homem de Mossoró”.⁶⁵⁵ Seu acervo, organizado e exposto em seções de história, etnografia, arqueologia-mineralogia e paleontologia, mostrou o lugar que a instituição ocupou na produção do discurso da Família Rosado sobre a nova fase da história política e administrativa mossoroense.⁶⁵⁶

No jornal *O Mossoroense*, o Museu Municipal foi sinônimo do avanço cultural da cidade. Assim foi descrito pelo periódico:

Admirável esse Museu! Informa-se que no Nordeste parece difícil algo semelhante. E tudo fichado, estudado, catalogado. Dá gosto visita-lo, pelo que reúne: fardas de oficiais da Guarda Nacional, o velho estandarte da Libertadora Mossoroense, retratos de abolicionista, fotografias de antigas ruas da cidade, seção de numismática, machados de pedra, fósseis, cretáceos do Município, peixes e repteis, a excelente coleção arqueológica pertencente anteriormente ao sr. Oswaldo Lamartine. [...]

Quem visitar Mossoró, não pode perder o ensejo de um momento na Biblioteca e no Museu. A impressão é magnífica, sobretudo quanto ao interesse público pelas duas instituições.

Dirige-se a Vingt-Un Rosado, tenaz e paciente estudioso de etnografia e de história, espécie de monge beneditino perdido entre aquelas estantes, verificando, catalogando, selecionando, anotando.

Tão alto quanto as chaminés de suas fábricas, é assim a flama do espírito em Mossoró, de que a Biblioteca e o Museu se transformaram em centro catalizadores, em colmeias de estudo e de trabalho, numa generalização formidável de cultura e de conhecimentos.⁶⁵⁷

Inserido na proposta de melhorar o nível educacional da cidade, a partir da criação de instituições culturais que funcionassem como “escolas do povo”, o museu mossoroense teve dupla importância para os Rosados: lugar de guarda do conhecimento geológico (de grande interesse dos Rosados); lugar de produção de narrativas sobre os acontecimentos selecionados como passado da cidade. Com essa visão, os Rosados negaram todo o esforço de seus antecessores no que tange às

⁶⁵⁵ PRIMEIRO ano da administração de Dix-Sept Rosado. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 01, 31 mar. 1949.

⁶⁵⁶ Ibid., p. 01 31 mar.1949.

⁶⁵⁷ DESENVOLVIMENTO Cultural. Ibid., Mossoró, p. 02, 16 out. 1949.

melhorias educacionais e acesso aos equipamentos culturais. Ao mesmo tempo, produziram o discurso de que o crescimento econômico passava pela formação cultural da população, daí a importância do investimento na Biblioteca e Museu municipais.

A estratégia foi apoiada por *O Mossoroense*, que corroborou e veiculou as ações de Dix-Sept Rosado na administração municipal. No primeiro aniversário de sua gestão, a edição de 31 de março de 1949 foi dedicada exclusivamente às realizações do prefeito. Entre as obras apresentadas à população, a Biblioteca e o Museu apareceram como as instituições que melhoraram a vida dos mossoroenses. Paralelo à construção do acervo bibliográfico e museológico, Vingt-un Rosado e Francisco de Assis Silva criaram o Boletim Bibliográfico, cuja função era publicar a documentação sobre o passado mossoroense.⁶⁵⁸

Juntos, a Coleção Mossoroense e o Boletim Bibliográfico expressavam a importância do trabalho de Vingt-un Rosado no que tange aos estudos sobre Mossoró e o Oeste do estado. Englobando estudos de vários campos do conhecimento (história, arqueologia, paleontologia e geologia), Vingt-un Rosado conseguiu, por meio do uso dos recursos públicos municipais, publicar as obras e documentos, bem como enviá-los a escolas, Biblioteca Municipal, instituições culturais e científicas, pesquisadores independentes e intelectuais que compunham sua rede de sociabilidade.

Aliada a essas publicações, também se procedia a coleta de objetos materiais na região, os quais, depois de estudados e catalogados, eram expostos à população. A primeira exposição permanente do museu foi organizada com o material lítico coletado em Mossoró e em outras cidades do Oeste do Rio Grande do Norte.⁶⁵⁹

Acolhedor da experiência dos Rosados, Luís da Câmara Cascudo propôs a criação de mais dois museus no Rio Grande do Norte. Um em Natal e outro na região

---

⁶⁵⁸ O Boletim Bibliográfico era a publicação que tratava tanto das atividades da Biblioteca Pública e do Museu, quanto das publicações dos documentos históricos da cidade, como as atas da Câmara Municipal. Também eram publicados alguns textos referentes às principais datas comemorativas. Durante o mandato de Dix-Sept Rosado, foram abertos vários créditos para o pagamento de edições do Boletim Bibliográfico e custeio das monografias sobre o município que eram publicadas pela Coleção Mossoroense, como o Decreto n. 79 de 04 de setembro de 1949.

⁶⁵⁹ Vingt-un Rosado manteve contato com muitos pesquisadores estrangeiros. Entre 1909 e 1910, o geólogo norte-americano Roderic Crendall foi o responsável pela organização da “fauna fóssil mossoroense”, sendo sua identificação feita pela paleontóloga Carlota Joaquina Maury. PRIMEIRO ano da administração de Dix-Sept Rosado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 04, 31 mar.1949.

do Seridó,⁶⁶⁰ especificamente na cidade de Currais Novos. As instituições teriam particularidades: o museu natalense seria dedicado às Ciências Sociais, enquanto o seridoense estaria voltado à geologia e mineralogia do Rio Grande do Norte.⁶⁶¹ A proposta de criação e especialização desses museus, no entanto, ficou somente no papel.

Apesar de pequeno, o acervo do museu era diversificado e voltado às questões mossoroenses, pois o interesse dos organizadores era expressar que o crescimento cultural da cidade passava também pelo conhecimento e glorificação do passado.⁶⁶² Buscaram, então, construir um espaço que retratasse o processo histórico por meio das peças arqueológicas e história natural, a partir dos fósseis e potencialidades do território mossoroense, como bem demonstra a tabela abaixo.

Tabela 2 - Acervo do Museu Municipal de Mossoró em 1948

Seção	Peças	Valor em Cr\$
História	18	3.000,00
Etnologia	34	498,00
Arqueologia	46	2.450,00
Geologia-mineralogia	12	155,00
Paleontologia	14	557,00
Fotografias	125 e 259 negativos	2.838,50
Arquivo	4	370,00
Total		9.868,50

Fonte: *O Mossoroense*, p. 04, 02 abr.1949.

⁶⁶⁰ A microrregião do Seridó, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, corresponde à porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e possuía, em 1975, vinte municípios. O Seridó foi uma das microrregiões do Rio Grande do Norte que passou por algumas transformações em sua delimitação, na década de 1980. Alguns de seus municípios eram Jucurutu (transferida para a microrregião do Vale do Açu) e Cerro-Corá (ficou na microrregião da Serra de Santana). Uma boa discussão sobre a construção das espacialidades do Seridó e seus limites historicamente construídos foi tecida por: MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. **Ser(Tão) Seridó em suas configurações espaciais**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História. Centro de ciências Humanas, Letras e artes. Departamento de História. Natal: UFRN, 2007.

⁶⁶¹ **Boletim Bibliográfico**. Ano II. n. 23, abril de 1950. p. 07.

⁶⁶² PRIMEIRO ano da administração de Dix-Sept Rosado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 04, 31 mar.1949.

Esse acervo pode ser compreendido, antes de tudo, pela preocupação dos Rosados com as possibilidades de petróleo em solo mossoroense. No Boletim Bibliográfico nº 53, de 31 de janeiro de 1953, Vingt-un Rosado publicou o texto “Ocorrência de foraminíferos na formação cretácea da Região de Mossoró- Rio Grande do Norte”, escrito por Luciano Jacques de Moraes.⁶⁶³ Nesse artigo, foi discutida a importância científica do aparecimento desse protista para os estudos sobre a existência de petróleo em rochas no Nordeste brasileiro.

Extremamente interessado em geologia e paleontologia do Oeste do Rio Grande do Norte, dois anos depois, Vingt-un Rosado publicou, no Boletim Bibliográfico nº. 83 (abril de 1955), o texto “Oil Possibilities in Brazil”, do professor norte-americano John C. Branner, que circulou em Nova York em fevereiro de 1922.⁶⁶⁴ O autor comentou, a partir dos horizontes geológicos encontrados no Brasil, as características geológicas do Nordeste e sua relação com as áreas petrolíferas.⁶⁶⁵

Com base nessas leituras, Vingt-un Rosado citou, no boletim de maio de 1955, que o interesse pela bibliografia sobre o petróleo datava de 1944/45 e que encontrou nos escritos de John Branner a primeira referência sobre o assunto. Porém, foi o texto “Possível Ocorrência de petróleo no Rio Grande do Norte”, de autoria de Luciano Jacques de Moraes, em 1929, que, de fato, entusiasmou Vingt-un Rosado à empreitada de estudar as riquezas minerais do Oeste do estado.

Tais estudos são apontados como significativos ao Museu de Mossoró⁶⁶⁶ e elucidam a tipologia dos objetos que compuseram a maior parte do seu acervo. Percebe-se, então, que a preocupação dos Rosados se voltava a diversas áreas, capitaneadas em função do crescimento da cidade e que propiciassem seu fortalecimento, através do conhecimento das potencialidades mineralógicas do território.⁶⁶⁷

---

⁶⁶³ Esse texto foi publicado no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1952. Entre suas análises, aparece a importância das coletas de Roderic Crandall e dos estudos e catalogação de Carlota Joaquina Maury para o conhecimento da geologia e paleontologia no Nordeste brasileiro. Todo o material coletado foi entregue à Seção de paleontologia da Divisão Nacional de Produção Mineral e seus resultados foram publicados no *Bulletin of the American Museum of Natural History*, v. LXVII, 1934, orticie IV, em New York. **Boletim Bibliográfico**, n. 56. 31 de janeiro de 1953, p. 02.

⁶⁶⁴ John C. Branner era professor na Universidade de Stanford, Califórnia.

⁶⁶⁵ **Boletim Bibliográfico**, n. 83, abril de 1955, p. 06-09.

⁶⁶⁶ *Ibid.*, n. 84, maio de 1955, p.03.

⁶⁶⁷ Desde 1911, os Rosados atuavam no setor de mineração de gipsita, no distrito de São Sebastião, atual município de Governador Dix-Sept Rosado. Sobre a relação dos Rosados com o setor de mineração de gipsita, ver: FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re)**

Os objetos expostos, nessa época, mostravam a importância das pesquisas nas áreas de geologia, paleontologia e arqueologia. Já os documentos referentes aos acontecimentos históricos, como o Estandarte da Libertadora Mossoroense e as fotografias das ruas e praças da cidade, indicavam um outro caminho diante da proposta de criação do museu e dos interesses que moviam a busca pelo conhecimento geológico do Oeste do Rio Grande do Norte.

Desde sua formatação original (arqueológico e paleontológico) à sua dimensão histórica, o museu, ao longo de seis décadas, passou por, no mínimo, três modos de organização, o que mostra sua importância como lugar de memória aos interesses das Famílias Escóssia e Rosado.⁶⁶⁸ Diante disso, a criação do acervo fotográfico e jornalístico foi significativo à compreensão da nova diretriz que direcionou a memória sobre a abolição da escravidão local a partir do final da década de 1940. As imagens fotográficas selecionadas foram organizadas em álbuns ou expostas nas alas do Museu Municipal, enquanto os exemplares dos jornais *O Mossoroense*, *Correio do Povo*, *O Nordeste* e *Diário de Mossoró* estavam disponíveis à consulta.⁶⁶⁹

Com documentos sobre a abolição da escravatura e a invasão de Lampião, o Museu foi a instituição que melhor sinalizou as mudanças na produção e circulação das memórias sobre a cidade, bem como seu uso e sentido nas comemorações cívicas. Longe de estar isolada, a instituição atuou junto aos interesses dos Rosados de propagar uma imagem sobre uma Mossoró como a principal cidade do Oeste Potiguar. Estes, com o auxílio dos grandes desfiles cívico-militares, escamoteavam as condições sociais e políticas pelas quais passava o país e exaltavam seu papel no apoio ao Regime Militar, instalado em 1964.

---

invenção do lugar – Os Rosados e o “País de Mossoró”. Tese (Doutorado Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza – Instituto de Geociências. Rio de Janeiro: UFRJ. 2000. p. 64.

⁶⁶⁸ O uso que a Família Escóssia fez do passado corresponde, principalmente, à relação que o jornal *O Mossoroense* construiu como guardião do passado de Mossoró. Proprietária do jornal, a Família Escóssia, especialmente Lauro da Escóssia, esteve amplamente relacionada à construção das narrativas sobre os dois principais acontecimentos da cidade: a libertação dos escravos e o ataque de Lampião. Este último foi Lauro Escóssia quem fez a principal reportagem sobre as particularidades do ataque e da defesa mossoroense, inclusive chegou a entrevistar o cangaceiro Jararaca.

⁶⁶⁹ As fotografias que compõem o acervo do Museu Municipal pertenciam ao Estúdio Fotográfico de Manuelito Pereira dos Santos Magalhães Benigno e retratam, desde a década de 1930, cenas do cotidiano da cidade, de ex-escravos, jornalistas, políticos comemorações, paisagens e vistas de autoridades nacionais e estaduais a cidade em campanha política ou para inaugurações de instituições, como as universidades existentes na cidade. AZEVEDO, Adélia. **Manuelito, um homem além do seu tempo**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 2001, p. 03-06. (Coleção Mossoroense, Série B. n. 1948).

Percebe-se, então, que a função social do Museu Municipal, enquanto lugar de memória, ancorou-se no tempo das comemorações para consolidar Mossoró como cidade da liberdade e da resistência, o que contribuiu para camuflar o lugar que os Rosados ocupavam como representantes políticos do governo militar. Nesse sentido, o espaço e o tempo das comemorações serviram para a demonstração da força política dos Rosados, que, junto às autoridades estaduais e nacionais, produziram o discurso de estarem trabalhando pela resolução dos problemas enfrentados pela cidade.⁶⁷⁰

Pode-se dizer, então, que as comemorações funcionavam como meio de expressão dos posicionamentos políticos das lideranças locais, que, na maioria das vezes, evidenciavam o alinhamento com os grupos dirigentes nacionais. O fortalecimento das solenidades mostrou que, na operacionalização da estratégia de manutenção do mando, o uso do tempo e do espaço comemorativo serviu aos Rosados de múltiplas formas: como demonstração de influência no cenário nacional, através da presença de autoridades militares; para o aumento da participação da sociedade, por meio da inclusão das escolas e instituições culturais nos desfiles; e para a consolidação do sentido glorioso do passado mossoroense, através da criação de lugares de memória, como o Museu Municipal.

Ao se associarem politicamente aos militares, os Rosados transformaram a tradição comemoracionista da cidade em estratégia de captação e divulgação dos convênios destinados às obras públicas. A partir daí houve a inserção de temáticas que abordavam o contexto político mundial, como foi a corrida espacial que marcou a polarização do período da Guerra Fria. O desfile cívico-militar do 30 de setembro de 1969 exemplifica bem a relação entre o ato de comemorar e as demandas do presente.

---

⁶⁷⁰ PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias do País de Mossoró**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1998. p. 103-126.

Imagem 18 - Comemoração do 30 de setembro (1969)

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Mossoró – Caixa 10

Imagem 19 - Desfile do 30 de setembro (1969)

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Mossoró – Caixa 10

A transformação do caráter do museu mossoroense de arqueológico para histórico ocorreu em consonância com a consolidação das comemorações, como a festa cívica, durante o Regime Militar. A organização de exposições permanentes

sobre a libertação dos escravos e o ataque de Lampião levou à aquisição de objetos como o Estandarte da Libertadora Mossoroense, armas de cangaceiros (rifles e punhais), objetos de uso pessoal, fotografias de abolicionistas e ex-escravos, bem como a documentação jornalística de *O Mossoroense*, *Correio do Povo* e *o Nordeste* a respeito de tais acontecimentos.

A criação do arquivo do Museu Municipal, especialmente a hemeroteca, foi, portanto, imprescindível à circulação da memória sobre a abolição e ataque dos cangaceiros, porque, além do ganho do sentido histórico que o próprio prédio possuía (antiga Casa de Câmara e Cadeia), tornou-se uma das instituições responsáveis pela realização das comemorações, o que facilitou a doação dos mais variados objetos sobre o passado mossoroense.

O material adquirido foi organizado em pastas, especialmente as fotografias. Ao todo, o museu possui 22 pastas com material fotográfico, doado desde a década de 1960. A pasta de nº 10, por exemplo, contém fotografias de ex-escravos, abolicionistas, intelectuais e autoridades políticas, como também imagens publicadas em matérias jornalísticas entre 1970 e 1987. Em sua maioria, as imagens são de exposições organizadas durante as comemorações do 30 de setembro, o que mostra a função do museu como um lugar de circulação das narrativas sobre o passado da cidade.

Imagem 20 - Major Romão Filgueira, Vingt-un Rosado e ex-escravos (1948)

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Mossoró – Caixa 10 ⁶⁷¹

⁶⁷¹ Na foto, estão, de pé, o major Romão Filgueira, último abolicionista vivo, e Vingt-un Rosado (com paletó preto). Sentados estão, respectivamente, da esquerda para a direita, Rita, Francisca Maria da Conceição, Israel e José Boi, ex-escravos. Israel, pertenceu à guarda protetora dos escravos; José Boi

A partir do museu, a memória da cidade continuou a ser gerida em favor do heroísmo e pioneirismo abolicionista mossoroense. Entretanto, a reafirmação da natureza elitista do movimento enfatizou a dimensão política do desenvolvimento cultural da gestão de Dix-Sept Rosado, através da legitimação do passado glorioso da cidade. Logo no primeiro ano da sua gestão, a discrepância entre os valores destinados aos libertos/descendentes (Cr\$ 2.500,00) e às comemorações (Cr\$ 15.000,00) mostrou que Dix-Sept Rosado e colaboradores dedicaram-se à realização da festa cívica e a inaugurações de equipamentos culturais como mecanismo de promoção de sua imagem política.⁶⁷²

À medida que preparavam o calendário cívico, os Rosados e os intelectuais mossoroenses reproduziam e fabricavam fontes. Nessa “Batalha da Cultura”, a republicação de matérias jornalísticas e a exposição de objetos dos abolicionistas, resistentes e cangaceiros foram agregadas ao discurso de que o progresso tinha como referencial a valorização do passado e o desenvolvimento cultural da população, através dos investimentos em instituições culturais como o Museu e a Biblioteca, e dos melhoramentos dos serviços urbanos, como foi o caso da distribuição da energia elétrica.⁶⁷³

Transformadas em objetos museológicos, as fotografias dos abolicionistas, ex-escravos e descendentes também serviram para o destaque dos intelectuais mossoroenses, que trabalharam na constituição e organização dos equipamentos culturais e na produção dos discursos retratados nas exposições e comemorações sobre o 30 de setembro no final da década de 1940. Entre essas figuras estavam Vingt-un Rosado e Lauro da Escóssia, então secretário municipal de Dix-Sept Rosado. Ambos compartilhavam do mesmo projeto de uso do passado mossoroense como estratégia política, porém, pertenciam a distintas trajetórias familiares diante dos acontecimentos selecionados.

Vingt-un Rosado iniciou as pesquisas sobre Mossoró ainda no início da década de 1940. Foi o articulador do discurso de que o crescimento cultural mossoroense se

---

era filho de Josa, escrava de Simão Balbino Guilherme de Melo; Antônia, viúva de Rafael Mossoroense da Glória; Rita, filha de Romana, escrava de Francisco de Assis Nogueira; e Francisca Maria da Conceição, viúva de Estevão Casca Grossa. **Boletim Bibliográfico**, n. 01, 30 de setembro de 1948, p.07.

⁶⁷² DECRETOS da Prefeitura Municipal de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 set. 1948.

⁶⁷³ UM AMPLO programa de transformação à grande efeméride mossoroense. *Ibid.*, Mossoró, p. 01, 25 set. 1949.

deu por conta da vinculação entre o simbolismo comemoracionista (do 30 de setembro e do 13 de junho) e o exercício do mando político de sua família, pautado na realização de obras estruturais para o município, como a construção de escolas, bibliotecas, museu e melhoria do sistema de abastecimento de água.

Lauro da Escóssia, por sua vez, estava ligado ao passado mossoroense pelos vínculos que o jornal de sua família afirmou possuir com o 30 de setembro de 1883 e com a resistência ao ataque de Lampião. Ele foi contemporâneo e principal narrador dos desdobramentos da defesa da cidade diante dos cangaceiros.

Imagem 21 - Lauro da Escóssia e ex-escrava (1948)

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Mossoró- Pasta 10

A relação entre Escóssias e Rosados vem desde a segunda fase de *O Mossoroense* (1902 a 1934). Na administração de Dix-Sept Rosado (1948-1950), o jornal foi o principal meio de divulgação das ações do governo municipal. Mas, a relação entre as duas famílias foi abalada entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, por conta do alinhamento político de Lauro da Escóssia Filho com o deputado federal Aluizio Alves (UDN).

Os atritos entre os donos de *O Mossoroense* e os Rosados começaram com as críticas que o jornal direcionou à administração do udenista Antônio Rodrigues de Carvalho (prefeito mossoroense e correligionário de Vingt Rosado). Em seguida, a relação foi rompida, durante o processo eleitoral de 1960, quando os Escóssias

apoiaram a candidatura de Aluizio Alves e fizeram ampla campanha, nas páginas do jornal, contra o então governador Dinarte Mariz, que lançou a chapa Djalma Marinho e Vingt Rosado, respectivamente governador e seu vice. A situação ficou tensa a ponto de o governo transferir Lauro da Escóssia da função de Fiscal de Renda Estadual da comarca de Areia Branca para Santa Cruz (270 km de distância de Mossoró).⁶⁷⁴

Na década de 1970, com o acirramento político estadual, Lauro da Escóssia Filho, ainda alinhado a Aluizio Alves (agora pelo MDB), principal opositor dos Rosados no Oeste do Estado, foi candidato a prefeito mossoroense em disputa com Dix-Huit Rosado (ARENA). Entre as críticas feitas por *O Mossoroense* estavam os mecanismos de dependência política construídos por Vingt e Dix-Huit Rosado, a partir de suas práticas paternalistas e clientelistas.⁶⁷⁵

Em meio aos atritos políticos entre as duas famílias de maior influência política em Mossoró, as condições estruturais do Museu Municipal foi tema do jornal *Tribuna do Norte*, que afirmou ser a instituição tratada de forma bem diferente pelos irmãos Rosado.⁶⁷⁶ Segundo o jornal, enquanto Vingt-un desenvolveu um trabalho para coletar e conservar o material, quando estava nas dependências do Ipiranga Esporte Clube, Dix-Huit Rosado não deu importância ao acervo e o levou à dilapidação.

Lauro da Escóssia, por sua vez, foi apontado pela *Tribuna do Norte* como o maior incentivador da reorganização do museu. Após a transferência da instituição da rua 30 de Setembro para o prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, ele ampliou seu acervo, especialmente com o recebimento do arquivo pessoal do fotógrafo Manuelito, que, entre as décadas de 1930 e 1980, registrou cenas do cotidiano, comemorações, campanhas eleitorais e espaços públicos da cidade (praças e avenidas).

Mesmo com uma década de oposição aos Rosados, o jornal *O Mossoroense* não conseguiu desvincular-se da constituição do acervo do Museu Municipal.⁶⁷⁷ Sua

---

⁶⁷⁴ PERSEGUIÇÃO Grosseira. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 10 abr. 1960.

⁶⁷⁵ OLHO por OLHO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 05, 25 out. 1972.

⁶⁷⁶ A *Tribuna do Norte* era propriedade de Aluizio Alves, deputado federal caçado pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5), em 1969.

⁶⁷⁷ Do início da década de 1960 até a primeira metade da década de 1970, os proprietários de *O Mossoroense* se associaram politicamente ao deputado Aluizio Alves e travaram grandes embates políticos com os Rosados, com culminância na eleição de 1972, quando Lauro da Escóssia Filho foi candidato, pelo MDB, contra Dix-Huit Rosado, da ARENA.

participação nas duas primeiras décadas de funcionamento da instituição esteve voltada ao apoio e participação na organização das festividades do 30 de setembro e na divulgação das campanhas de doações de objetos e exposições do material referente aos estudos geológicos, arqueológicos e paleontológicos sobre a cidade e região Oeste do estado.

Imagem 22 - Museu Municipal –1972

Fonte: Acervo do Museu Municipal – Pasta 10

Após a reestruturação de 1976, o acervo do museu já estava direcionado aos objetos que reportavam ao 30 de setembro, ao 13 de junho e aos desdobramentos que as comemorações possuíam dentro da cultura política na qual os Rosados estavam inseridos. Porém, a grande mudança no local ocorreu, de fato, na administração municipal de João Newton da Escóssia,⁶⁷⁸ quando, em 1977, nomeou Lauro da Escóssia diretor do museu. Nessa fase, a instituição recebeu apoio do Governo do Estado, através da Fundação José Augusto,⁶⁷⁹ passando a funcionar

⁶⁷⁸ João Newton da Escóssia foi eleito Prefeito de Mossoró, pela ARENA, em 1976. Para derrotar o candidato do MDB, Leodécio Fernandes Néo, João Newton contou com o apoio de Dix-Huit e Vingt Rosado, lideranças arenistas da cidade. Cf. JOÃO Newton foi eleito. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 19 de nov.1976.

⁶⁷⁹ Fundada no governo de Aluísio Alves pelo Decreto-lei n. 2.885, de 08 de abril de 1963, a Fundação José Augusto voltou-se tanto a “aglutinar e manter outras organizações que lhe eram preexistentes, como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, o Instituto Juvenal Lamartine, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza e o Museu de Arte e História”, quanto para promoção das atividades culturais e artísticas no Rio Grande do Norte. GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Fundação**

“com pessoas especializadas para explicação mais detalhada de cada peça do acervo”.⁶⁸⁰

Dentre as modificações realizadas por Lauro da Escóssia está a organização de visitas compartilhadas por estudantes da rede básica, acompanhada da montagem de uma estrutura para atuação pedagógica dos guias. Composto por salas temáticas sobre a libertação dos escravos e o ataque dos cangaceiros, o Museu Municipal teve importante papel na divulgação das narrativas sobre o passado da cidade, em sintonia com a participação de intelectuais na preservação desse passado. Nesse sentido, a metodologia aplicada à exposição dos objetos estava pautada nas narrativas produzidas pela Coleção Mossoroense e pelos equipamentos culturais construídos pelos Rosados.

Entre os intelectuais engajados nessa tarefa merecem destaque Raimundo Nonato, com sua obra sobre as comemorações do 30 de setembro; Lauro da Escóssia, que levou ao Museu Municipal a documentação jornalística de *O Mossoroense*; e Vingt-un Rosado, articulador da campanha para se conseguir artefatos arqueológicos e paleontológicos para a instituição.⁶⁸¹

Imagem 23 - Exposição no Museu Municipal de Mossoró - 1972

Fonte: Acervo do Museu Municipal – Pasta 10

José Augusto: 40 anos 1963-2003/Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine. Natal, RN: Fundação José Augusto, 2004, p. 39.

⁶⁸⁰ MUSEU Municipal volta a abrir. *O Mossoroense*, Mossoró, p. 03, 30 jan.1977.

⁶⁸¹ Na vasta correspondência estabelecida entre Raimundo Nonato e Lauro da Escóssia (1972-1980), a preocupação com a organização dos arquivos e consulta aos documentos esteve associada à prática escriturária desses intelectuais em tornar o Museu Municipal a principal referência à memória histórica da cidade, bem como tê-lo como o repositório de suas trajetórias pessoais. Ver: ESCÓSSIA, Lauro da. **Cartas de amizade a Raimundo Nonato.** Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1990. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 833).

Sem as legendas autoexplicativas nas peças, estudantes e turistas ficavam dependentes das narrativas produzidas pelos guias, que reproduziam a memória oficial sobre o passado da cidade presentes nas matérias de *O Mossoroense* e nos estudos da Coleção Mossoroense, especialmente os que trataram do 30 de setembro e do 13 de junho.⁶⁸² Tal metodologia facilitou o direcionamento que Lauro da Escóssia atribuiu às formas de expor o acervo, bem como ajudou a reproduzir as narrativas sobre os acontecimentos por meio de palestras e publicação de artigos no jornal *O Mossoroense*, produzidos por Câmara Cascudo, Vingt-un Rosado, Raimundo Nonato e Walter Wanderley durante as comemorações da libertação dos escravos.

Em síntese, a participação do Museu Municipal nas comemorações cívicas mossoroenses teve como consequências a ampliação do espaço de intervenção e circulação das interpretações sobre o passado e o reforço do lugar de *O Mossoroense* como guardião da memória histórica sobre a abolição da escravidão e invasão de Lampião, no decorrer da década de 1970.

A partir do final dessa década, os objetos expostos já demonstravam que o 30 de setembro e o 13 de junho se misturavam com a história do jornal de Lauro da Escóssia. Enquanto diretor do museu, ele fez o possível para relacionar a história do jornal às peças do acervo. Todo esse trabalho ganhou fôlego com as comemorações do cinquentenário da resistência de Mossoró ao bando de Lampião e do centenário da abolição da escravidão local.

6.2 O DEVER DE MEMÓRIA

Em 1977, a abertura das festividades do cinquentenário ocorreu nas dependências do museu.⁶⁸³ A solenidade foi marcada pelos discursos do prefeito João Newton da Escóssia e do diretor do museu Lauro da Escóssia. Na ocasião, foi lançado o livro *Cangaço, recordação do ataque frustrado*, de Gilbamar de Oliveira Bezerra,

---

⁶⁸² ROSADO, Jerônimo Vingt-un. **Mossoró**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1940; CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1955; SILVA, Raimundo Nonato da. **Lampião em Mossoró**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1955.

⁶⁸³ SEMANA da Resistência começa hoje. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 07 jun.1977.

que abordou o ataque e a organização da defesa da cidade por meio de entrevistas de testemunhas da invasão dos cangaceiros.⁶⁸⁴

Por conta das comemorações, o museu foi novamente redimensionado. Com a nova organização das exposições, compuseram seu acervo: objetos referentes aos índios canelas; armas dos cangaceiros; o estandarte da Libertadora Mossoroense; e a documentação jornalística de *O Mossoroense*, *O Nordeste* e *Correio do Povo*, juntamente com os materiais líticos. Essas peças fizeram um referencial à produção da identidade mossoroense como cidade da liberdade e da resistência.⁶⁸⁵

O impulso das transformações pelas quais passou o museu se verificou, sobretudo, quando Lauro da Escóssia, depois dos atritos políticos do início dos anos de 1970, voltou a ser um dos articuladores, junto aos Rosados e seus correligionários, na busca pela aquisição de uma sede permanente para a instituição. Foi no contexto da organização do cinquentenário da resistência mossoroense ao bando de Lampião que se iniciaram as discussões na imprensa para a transformação da Cadeia Pública da Cidade em centro de turismo, a exemplo do que o governo de Tarcísio Maia tinha feito com a Casa de Detenção, em Natal.⁶⁸⁶

Nos jornais, desde o fim da década de 1970, o discurso de desenvolver o turismo motivava os posicionamentos sobre o uso do passado como uma forma de alavancar a economia mossoroense. Foi com essa visão que a Empresa de Promoções Turística do Rio Grande do Norte (EMPROTURN) participou ativamente na realização das comemorações do cinquentenário, promovendo apresentações de grupos folclóricos e articulando-se com o Governo do Estado para criar as condições propícias ao calendário cívico da cidade.⁶⁸⁷

A partir dessa experiência, ganhou força o discurso de que, pelo uso do passado, o turismo, enquanto atividade econômica, seria viabilizado em Mossoró. No entanto, algumas questões estruturais, especificamente a melhoria dos serviços

---

⁶⁸⁴ BEZERRA, Gilbamar de Oliveira. **Cangaço, recordação do ataque frustrado**. Mossoró, RN. Cadernos da Caatinga: ESAM, 1977, p. 13.

⁶⁸⁵ O MUSEU. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 27 fev. 1977.

⁶⁸⁶ TURISMO. Ibid., Mossoró, p. 01, 02 fev. 1977.

⁶⁸⁷ Na imprensa, Lauro da Escóssia teve importante papel em retratar, durante as comemorações do cinquentenário da resistência ao bando de Lampião, momentos marcantes que vivenciou como jornalista de *O Mossoroense*. Isso fez com que grande parte do acervo do jornal (exemplares do século XIX e XX) compusesse o arquivo do museu. Mesmo com dificuldades em suas instalações, a exposição dos objetos sinalizava, principalmente, um reforço da abolição da escravidão como a mais importante data comemorativa de Mossoró.

urbanos e os investimentos nas instituições culturais, apareceram como desafio à proposta de agregar as comemorações cívicas às atividades turísticas. Entre essas instituições, estava o Museu, que necessitava de um espaço maior, adequado e seguro para a guarda e exposição do acervo. Essa necessidade surgiu porque o crescimento material e funcional, dentro da estratégia de poder dos Rosados, não foi acompanhado pela melhoria das condições de preservação dos objetos.

O Museu Municipal Lauro da Escóssia foi o primeiro lugar de memória a compor as matérias que trataram as comemorações como eventos culturais voltados ao turismo.

Visto pela maioria das pessoas como um 'lugar onde se guarda velharias' o museu continua estigmatizado como um lugar monótono e didático. Porém, o museu pode ser dinâmico e objetivo e ao mesmo tempo, cumprindo sua função de ensinar e, porque não, de entreter. O Museu Municipal Lauro da Escóssia se encaixa nessa categoria. Não são raros os concursos promovidos pelo Centro Cultural Manoel Hemetério, que funcionam nele, servindo para incentivar diversos setores artísticos da cidade a desenvolverem suas especialidades. Várias exposições e mostras podem ser vistas e saboreadas tanto por turistas quanto por mossoroenses. Curiosidades referentes às pessoas que ajudaram a construir Mossoró, como máquinas e documentos do começo do século, chamam a atenção de pessoas de todas as idades.⁶⁸⁸

A monotonia e o didatismo do museu, mencionados pelo jornal, são evidências de que as transformações nas formas de expor objetos e documentos escritos sobre a libertação dos escravos não significariam alterações substanciais no caráter (in)formativo, pois, para se efetivar como instituição educativa, o museu teria não só de promover o reconhecimento da memória histórica, mas também contribuir para “a construção do próprio conhecimento, que incomoda na medida que conhecer não é confirmar o que se sabe”.⁶⁸⁹

Algumas ações, como a escolha de Raimundo Soares de Brito para a direção do Museu Histórico Lauro da Escóssia e a criação de exposições permanentes sobre os acontecimentos que compunham o desfile cívico-militar do 30 de setembro,

⁶⁸⁸ MUSEU Lauro da Escóssia pode ser dinâmico e cumprir seu papel. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, 12 set.1992. Caderno de Turismo, p. 07

⁶⁸⁹ RAMOS, Francisco Regis Lopes. A identidade ainda será a espinha dorsal dos museus? Questões sobre o uso e abuso da memória. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v. 43, p.11-40, 2011.

reforçaram o caráter informativo da instituição e fortaleceram os mecanismos de preservação da memória oficial sobre a libertação dos escravos.⁶⁹⁰

Diferentemente do final dos anos de 1940, onde a demanda era por aquisição de peças, na década de 1970, as preocupações com o espaço museológico voltaram-se à associação entre as comemorações e o uso jornalístico do passado pelos Rosados. Destarte, foram as comemorações cívicas, organizadas a partir da dimensão política e do enaltecimento das lideranças locais, que modificaram a relação da sociedade mossoroense com o passado, contribuindo com a cultura histórica, cujo eixo norteador foi a memória dos heróis, que serviu à exaltação dos feitos das autoridades políticas do presente. Imbuídos do discurso de que eram os artífices da cidade e seguidores dos “princípios” que conduziram os homens do passado em seus feitos gloriosos, os Rosados e correligionários demarcaram, pela via das comemorações, as ações políticas e as expectativas de futuro, como aparece na mensagem do prefeito João Newton da Escóssia, no 30 de setembro de 1981.

Todas as emoções dos festejos desse 30 de setembro, tem para mim significado maior, e tocam profundamente os meus sentimentos. Deles me sirvo para fazê-los de primeiro mensageiro ao meu povo e a minha cidade, da palavra do seu prefeito que começa a agradecer e a se despedir de sua gente como Chefe do Executivo Mossoroense. Portanto, de tão extraordinária e maior importância, como este, não poderia ter sido, por mim escolhido, quando tenho a última e derradeira oportunidade de usá-lo, pois no próximo ano, já não serei no 30 de setembro, o Chefe do Município. (...) Desejo e espero que me dêem novos caminhos que me levem a continuar servindo a meu povo. Aguardo tranquilo o seu julgamento. Ao fazê-lo, porém, lembrem-se das minhas limitações e não se esqueçam da terrível tristeza e dificuldades dos 03 anos de seca. Orgulho-me e reverencio os vultos do passado que, com dignidade, escreveram o 30 de setembro e exulta-me participar, com todos vocês, do histórico trabalho de construirmos hoje, o nosso destino do amanhã.⁶⁹¹

⁶⁹⁰ Raimundo Soares de Brito foi um dos mais ferrenhos defensores da memória oficial produzida pelos intelectuais em torno da Coleção Mossoroense. Como diretor do Museu Municipal, atuou em diversas frentes na “Batalha pela Cultura” em Mossoró. Suas pesquisas sobre a abolição da escravidão em Mossoró foram direcionadas à genealogia e à organização de arquivos. Entre os livros publicados estão: BRITO, Raimundo Soares de. **Notas genealógicas sobre a família de Dona Amélia de Souza Melo Galvão**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1982. Série B, n. 194; BRITO, Raimundo Soares de. **Estudos de história do Oeste Potiguar**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1979. Série C, n. 94; BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1986. Série C, n. 337.

⁶⁹¹ Mensagem do Prefeito João Newton da Escóssia ao povo mossoroense, em decorrência das comemorações do 98º Aniversário da Abolição dos Escravos em Mossoró. **Acervo do Museu Municipal**. Pasta 05.

Os festejos da abolição da escravidão eram também momentos de despedidas de cargos eletivos, avaliações e alianças para outras campanhas eleitorais. O texto de João Newton da Escóssia esclarece bem como os Rosados utilizavam o tempo da comemoração para levar à população suas realizações e novas empreitadas políticas.

Escolhido por Vingt Rosado para disputar uma vaga na Assembleia Legislativa Estadual em 1977, João Newton foi inserido no redimensionamento dos cargos eletivos. Nesse momento, Vingt manteve-se na esfera federal, enquanto Dix-Huit Rosado voltou à disputa municipal, mostrando mais uma vez, que era no município onde residia a estratégia paternalista e clientelista que os mantinham no poder.

Diante dessa situação, as comemorações cívicas se constituíram momentos especiais e simbólicos de aproximação das lideranças políticas com os eleitores, daí o objetivo de reforçar o localismo de poder e as relações simbólicas com o passado comemorado. Sem dúvida, era no espaço comemorativo, sobretudo, que se renovavam os compromissos, a dependência política e o discurso de que o crescimento da cidade era o objetivo do exercício político dos Rosados, por isso, a importância do ciclo, que começava com a captação dos recursos e se renovava com as inaugurações no tempo das comemorações.

Para além do uso simbólico que as comemorações possibilitavam anualmente, por intermédio dos discursos e imagens veiculados no decorrer do tempo dos festejos, outros mecanismos de aproximação com a população se processavam, como a ritualística em torno da heroificação de abolicionistas e resistentes a Lampião. Em meio a esses processos, a imagem dos Rosados, como novos “bravos” da cidade,⁶⁹² também ganhou impulso na imprensa e nas obras publicadas pela Coleção Mossoroense.

A produção e circulação da imagem das lideranças políticas da Família Rosado se fundamentou a partir de “uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história”.⁶⁹³

---

⁶⁹² Essa denominação aparece nas músicas de campanha eleitoral de Vingt, desde a década de 1950, quando encamparam ser ele o continuador do trabalho de Dix-Sept Rosado, bem como adjetiva a trajetória dos jornalistas que se debruçaram sobre o passado da cidade, como foi o caso de Lauro da Escóssia, ao ser homenageado três anos após seu falecimento, com a denominação do Museu Municipal. A justificativa da prefeita Rosalba Ciarlini, ao nomear a instituição como Museu Histórico Municipal Jornalista Lauro da Escóssia, foi caracterizar o homenageado como um representante que “simbolizava a geração de bravos”. Ver: Decreto n. 954/91 de 18 de julho de 1991. Acervo do Museu Histórico Municipal Jornalista Lauro da Escóssia. Pasta 02.

⁶⁹³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 82.

Os irmãos Vingt, Dix-Huit e Vingt-un Rosado, ao tratarem dos principais problemas da cidade, denominavam de “batalhas” a busca pela resolução de problemas como o abastecimento de água, chegada de energia elétrica e desenvolvimento cultural. Em meio a essas batalhas, seus esforços eram propagados como atitudes heroicas em benefício do bem comum da cidade.⁶⁹⁴

Na Batalha pela Cultura, o prédio da Casa de Câmara e Cadeia⁶⁹⁵ foi reformado, ao longo de dois anos, pela Fundação José Augusto. Sob a supervisão da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), recebeu a denominação de Centro Histórico Cultural Manuel Hemetério, albergando, no térreo, a Biblioteca Municipal e, no primeiro andar, o Museu Municipal.⁶⁹⁶ Nesse espaço, o museu se consolidou como o lugar de memória dos dois principais acontecimentos selecionados como passado da cidade, o que ocorreu, em grande medida, na administração de Dix-Huit Rosado.

Ao realizar as comemorações do centenário da abolição da escravidão em 1983, ele promoveu uma extensa programação com atividades culturais direcionadas ao folclore regional; inaugurações de obras; assinaturas de projetos; e convênios voltados à melhoria dos serviços urbanos.

Um dos momentos mais simbólicos dos festejos do centenário da libertação dos escravos em Mossoró foi a criação do *Pantheon* dos Abolicionistas.⁶⁹⁷ Durante a inauguração do monumento, João Batista Cascudo Rodrigues, primeiro diretor do Museu Municipal, expressou seu significado, ao invocar o civismo como o referencial ao passado da cidade. Eis um trecho de seu discurso:

---

⁶⁹⁴ Um dos exemplos mais contundentes dessa construção midiática dos Rosados como heróis da cidade, se deu encima da morte de Dix-Sept Rosado, em acidente aéreo, em 1951. O Mossoroense foi enfático ao defender que ele morreu em busca da solução dos principais problemas do Estado e de Mossoró. Ver: FATALIDADE – O Rio Grande do Norte de luto. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 14 jul.1951; COSTA, Bruno Albino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 42.

⁶⁹⁵ O prédio tem uma importância histórica para a cidade, pois, foi em seu salão que aconteceu a sessão que libertou os escravos em 1883. Ademais, uma de suas celas serviu de prisão ao cangaceiro Jararaca em 1927. A transformação do prédio em Centro Histórico Cultural Manuel Hemetério foi oficializada pelo Prefeito de Mossoró, Alcides Fernandes da Silva, através do Decreto nº 273, de 26 de outubro de 1982. **ÁLBUM DA ABOLIÇÃO – Acervo do Museu Histórico Jornalista Lauro da Escóssia**.

⁶⁹⁶ ESCÓSSIA, Lauro da. [Carta] 18 ago. 1980, Mossoró [para] SILVA, Raimundo Nonato da. Rio de Janeiro. 2f. Tratou da reforma do prédio da Cadeia Municipal, local onde será instalado o Museu Municipal de Mossoró.

⁶⁹⁷ O *Pantheon* foi criado pelo Decreto n. 346/83, de 25 de setembro de 1983 e inaugurado em 30 de setembro, sendo de responsabilidade do Centro Histórico e Cultural Manuel Hemetério e do Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico Cultural de Mossoró. **ÁLBUM DA ABOLIÇÃO – Acervo do Museu Histórico Jornalista Lauro da Escóssia**.

[...] Minha alma está ocupada por Mossoró para testemunhar, neste momento de eternidade, perante este Pantheon dos Abolicionistas neste chão sagrado do antigo Paço Municipal, da sessão magna da Sociedade Libertadora Mossoroense, da legenda nacional da primeira eleitora brasileira, nesta cidade que jamais passou pelos desmaios da História. Minha alma está ocupada por Mossoró para testificar que esta chama votiva da liberdade arderá, permanentemente, pelo espírito altaneiro dos norte-rio-grandenses, celebrando a ansiedade do tempo. Porque o tempo envelheceu nestes cem anos. Porque o tempo não venceu Mossoró, cidadela do civismo. Porque Mossoró venceu o tempo.⁶⁹⁸

Para Cascudo Rodrigues, monumentos como a inauguração do *Pantheon* retificam a memória gloriosa e reafirmam o compromisso de mantê-la como a “presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente”.⁶⁹⁹ Nessa perspectiva, a memória sobre os abolicionistas foi importantíssima no que se refere à estratégia de manutenção do poder dos Rosados, pois, para além dos aspectos rememorativos, a evocação do passado, pela via da comemoração, mobilizava a cidade nas mais diversas formas. Ademais, possibilitava uma atuação, tanto efetiva quanto simbólica, das autoridades municipais diante da força da memória sobre a abolição mossoroense.

Com a criação do *Pantheon*, ocorreu um deslocamento de parte das comemorações realizadas diante da Estátua da Liberdade, na Praça da Redenção, para o Museu Municipal. Como lugar de memória da libertação dos escravos mossoroenses, o local sacralizou a cerimônia de exaltação aos homens e seus feitos gloriosos. Sua inauguração se configurou como a segunda intervenção direta dos Rosados em produzir lugares de memória que tinham como referência os próprios abolicionistas.

É importante lembrar que a primeira dessas ações se deu em 1953, quando, na administração municipal de Vingt Rosado, foram afixadas placas de agradecimento nas residências dos abolicionistas como distinção dos lugares em que se articulou a abolição. Ao mesmo tempo, ocorreu a monumentalização do espaço, como foi o caso

⁶⁹⁸ Discurso lido no Centro Histórico e Cultural Manuel Hemetério, em 30 de setembro de 1983. Cf. RODRIGUES, João Batista Cascudo. *Pantheon dos Abolicionistas de Mossoró*. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 06 out.1983.

⁶⁹⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. **Projeto História**, n. 17, nov. 1998, p. 213-221.

da rua 30 de setembro, onde estavam situadas a Loja Maçônica 24 de Junho e algumas residências dos que empreenderam a libertação dos escravos na cidade.⁷⁰⁰

Imagem 24 - Inauguração do *Pantheon* dos Abolicionistas (1983)

Fonte: Acervo do Museu Municipal - Pasta 10

O trabalho de organizar as comemorações e produzir lugares que abrigasse a memória mostra o quanto os Rosados contribuíram na cristalização e circulação das narrativas memoráveis sobre o 30 de setembro e o 13 de junho como forma de manter um outro tempo dentro do espaço urbano, o tempo das comemorações. A faina pelo tempo da comemoração residiu, por outro lado, em estratégia para o agenciamento e veiculação da imagem dos Rosados como promotores e defensores da cidade, o que contribui para inseri-los no imaginário social, a partir do lugar que ocupavam nos atos comemorativos.

⁷⁰⁰ Na foto 13 estão presentes, da esquerda para a direita: Naide Rosado (esposa do prefeito Dix-Huit Rosado), Vingt-un Rosado, Cid Campos (repórter), Raimundo Soares de Brito, Marx (motorista e auxiliar da Rádio Tapuyo), Raimundo Nonato da Silva (conferencista), Edmundo Torres (repórter da Rádio Tapuyo) e Dix Huit Rosado (prefeito de Mossoró).

Imagem 25 - Comemoração do 30 de setembro (1991)

Fonte: Acervo do Museu Municipal – Pasta 10

Por esse olhar, toda a prática comemoracionista realizada pela Família Rosado tem como fundamento uma dimensão política, ancorada em elementos identitários (liberdade e resistência) presentes no imaginário social. A partir das representações que possui no interior da memória que se pretende coletiva, monumentos como o *Pantheon* tornam-se indicativos da relação que a cidade possui com o passado e com as formas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário.⁷⁰¹

Durante as décadas de 1980 e 1990, especialmente na segunda administração de Dix-Huit Rosado (1983-1988), o Museu Municipal foi a principal instituição relacionada às comemorações do 30 de setembro e da resistência ao bando de Lampião. Ao passo que as exposições foram redimensionadas aos interesses, que, desde a década passada, visavam relacionar o passado da cidade ao desenvolvimento do turismo, redefiniu-se seu papel de produtor da identidade mossoroense como cidade da liberdade e da resistência.

Por esse caminho, à medida que as espetacularizações transformavam as principais datas da cidade em objeto de consumo da indústria do turismo local, as

⁷⁰¹ BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In: **Enciclopédia Einaudi**, n. 5. "Anthropos-Homem". Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 309.

comemorações foram se distanciando dos “enunciados performativos” diante da estátua da liberdade ou do túmulo de Rodolfo Fernandes. Desse modo, é possível perceber a gestação de novos olhares sobre o uso do passado.⁷⁰²

Mesmo assim, nas comemorações, tanto do cinquentenário da resistência (1977) quanto no centenário da abolição (1983), o ritual comemorativo apresentou uma liturgia cívica voltada à rememoração dos mortos (os heróis), por meio da criação de lugares de memória. Esses lugares expressam o quanto as estratégias dos Rosados e correligionários⁷⁰³ se constituíram em liturgias cívicas que presentificavam o passado e silenciavam o fato de sua evocação ser seletiva.⁷⁰⁴

Passados os festejos do centenário da abolição, algumas mudanças aconteceram nas comemorações feitas pelos Rosados. Na imprensa, a preocupação era em agilizar o desenvolvimento turístico da cidade por meio da propaganda das belezas naturais e do “passado glorioso”. Por consequência, em 1987, foi lançado o primeiro Guia Turístico de Mossoró. Nele, a principal preocupação foi mostrar os avanços que a administração Dix-Huit Rosado fez para a urbanizar e melhorar os serviços da cidade.

Foi mais propaganda política que um projeto voltado ao incremento da atividade turística em Mossoró. No Guia Turístico, a gestão de Dix-Huit Rosado ganharam tanta importância que suas antigas realizações - como a fundação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, criada em 1969, quando era o Presidente do Instituto nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) -, foram associadas às que estavam em curso, como o Abatedouro Frigorífico Industrial de Mossoró, a urbanização da Avenida Rio

---

⁷⁰² Para Paul Connerton, as comemorações possuem enunciados performativos visíveis, tanto no uso da linguagem (utilização de pronomes de solidariedade) como nas atitudes do corpo (como a postura e os movimentos apropriados por ações prescritas). Esses enunciados são fundamentais para a constituição e significação da própria comemoração. CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. 2. ed. Oeiras: Celta editora, 1999, p. 67-68.

⁷⁰³ Não se deve esquecer a importância da Família Escóssia na realização e manutenção das comemorações das duas datas comemorativas mossoroenses. A relação que os Escóssias possuem com as comemorações do 30 de setembro e do 13 de junho é mais antiga que a dos Rosados, pois foram os Escóssias, enquanto donos do jornal *O Mossoroense*, que incentivaram as comemorações, a ponto das primeiras comemorações ficarem restritas ao espaço do jornal. Mas, o contexto em que isso ocorreu com maior intensidade foi durante a administração de João Newton da Escóssia (1977- 1982), quando se realizou o cinquentenário da resistência a Lampião e começou a preparação para o centenário da abolição, destacando-se as comemorações do 95º e 98º ano da abolição pela quantidade de obras inauguradas e variada programação cultural. Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. *Folders do 95º Aniversário da Abolição do Escravos em Mossoró*, 1978. **Arquivo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia**. Pasta 08.

⁷⁰⁴ CATROGA, Fernando. **Nação, Mito e Rito**: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005. p. 103.

Branco, a tricotomização do rio Mossoró, construção e revitalização de praças, nova frota de veículos e o novo cemitério.

Das instituições culturais presentes no material, destacou-se o Museu Municipal, mais pela invasão de Lampião que pela libertação dos escravos, o que mostra uma mudança, ainda que tímida, nas formas de uso do passado da cidade. Esse novo cenário do uso político do passado mossoroense pode ser, entendido dentro de uma nova estratégia política dos Rosados, como um mecanismo de transformação da própria memória social, após a saída dos militares do poder.

Imagem 26 – 1º Guia Turismo de Mossoró-1987

Fonte: Museu Municipal de Mossoró – Pasta 07

Dentro dessa nova formatação, o Museu Municipal ganhou mais espaço e, na administração de Rosalba Ciarlini (1989-1992), passou a ser o centro das discussões culturais da cidade. Nele foram organizados eventos, como o Fórum Cultural Mossoroense (FOCUM), realizado na primeira quinzena de junho de 1989, pela Secretária Municipal de Educação e Cultura. O objetivo era congregar, durante uma

semana, atividades literárias e artísticas, por meio de oficinas teatrais, palestras sobre temas políticos, lançamentos de livros e shows com artistas locais.

Essas transformações vinham desde 1987, quando a administração de Dix-Huit Rosado começou a fortalecer as festividades juninas com financiamento do poder público. Lauro Monte Filho, então secretário de turismo, e Salomé Moura, secretária de educação do governo Dix-Huit Rosado, foram os responsáveis pela organização das festividades juninas. De início, era um evento com pouca logística e sem nenhuma referência ao passado mossoroense, mas, a importância creditada a sua realização não parou de crescer. Assim, no terceiro governo Rosalba Ciarlini (1997-2004) ganhou investimentos e publicização, passando a ser chamado de Mossoró - Cidade Junina.

Junto ao crescimento dos festejos juninos, as discussões sobre o cangaço ganharam vulto. Entre 11 e 13 de junho de 1989, realizou-se, nas dependências do Museu Municipal, o I Fórum sobre o Cangaço. O encontro, alusivo às comemorações dos 50 anos da morte de Lampião, teve como programação: uma missa, na Capela de São Vicente; exposição do acervo do museu; homenagem a Rodolfo Fernandes; júri simulado sobre a vida de Lampião; programa radiofônico sobre a resistência ao grupo de Lampião; e palestras com os pesquisadores do cangaço, Oleone Coelho Fontes e Paulo Medeiros Gastão.⁷⁰⁵

Na década seguinte, à espetacularização das comemorações sobre a abolição e a resistência a Lampião foi agregada a sazonalidade turística dos festejos juninos, que fez do passado da cidade um produto da indústria cultural implantado por Rosalba Ciarlini em Mossoró. Daí em diante não se comemorou mais o 30 de setembro, nem o 13 de junho como forma de relembrar o passado glorioso de Mossoró, nem muito menos a memória sobre os heróis abolicionistas ou resistentes.

As narrativas desses espetáculos remontam às décadas de 1920 e 1950 e encontra seu lugar no trabalho dos folcloristas, que apresentam os cangaceiros como seres cujo exotismo agregou-se aos interesses de desenvolver o turismo através da festa - Mossoró-Cidade Junina.⁷⁰⁶

⁷⁰⁵ CENTENÁRIO da morte de Lampião será comemorado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 09 jun.1989.

⁷⁰⁶ Em 1997, o projeto Mossoró-Cidade Junina iniciou o concurso de quadrilhas e grandes shows de forró na Praça do Povo. Três anos depois, os festejos juninos tinham se transformado na maior festa pública do Estado. Transferido da Praça do Povo para a Estação da Artes Elizeu Ventania. O Mossoró-Cidade Junina tinha se transformado em uma festa de 16 dias e com shows de renomados artistas internacionais, como Elba Ramalho. Ver: MOSSORÓ Cidade Junina: exemplo do trabalho de Rosalba pela cultura. Ibid., Mossoró, p. 02, 30 jun. 2000.

No que tange ao 13 de junho, o Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia fez várias exposições sobre os objetos e fotografias dos cangaceiros como parte dos eventos relacionados à invasão/resistência, os quais foram organizados pela Prefeitura de Mossoró, pela Universidade Regional do Rio Grande do Norte e pela Sociedade Brasileira de estudos do Cangaço (SBEC).⁷⁰⁷ Desse modo, a década de 1990 fez surgir instituições que congregaram pesquisadores (acadêmicos ou não) de vários estados do Nordeste em torno da temática do cangaço e fez realizar, em Mossoró, um fórum anual para debater principalmente a invasão e a resistência mossoroense a Lampião.⁷⁰⁸

A SBEC trouxe para Mossoró estudiosos sobre o banditismo, ex-cangaceiros e familiares do Jararaca, cangaceiro sepultado no cemitério São Sebastião, em Mossoró. A presença dessas pessoas na cidade faz parte da visão que se procurou retratar sobre a vida no cangaço. Pelas temáticas e entrevistas concedidas, percebe-se que o teor da discussão promovida pela SBEC estava mais direcionado ao factual que a uma problematização das condições sociopolíticas e culturais demarcadoras das relações sociais desse tipo de banditismo.

Por conseguinte, a assiduidade das “testemunhas” e dos pesquisadores nas comemorações e nos debates promovidos pela Sociedade Brasileira do Cangaço, teve significativa importância midiática no reforço da imagem de Mossoró como Cidade da Resistência, especialmente no mês de junho ou durante o dia de finados, quando a invasão/resistência se tornava temática nas discussões sobre o cangaço e os cangaceiros.⁷⁰⁹

---

⁷⁰⁷ Entre os eventos sobre o cangaço, realizados no Museu Municipal durante a década de 1990, citam-se: “Fórum: Lampião- 65 anos depois” (realizado, em 1992, pela Prefeitura Municipal de Mossoró); I Encontro do Cangaço do Nordeste (realizado pela Universidade Regional do Rio Grande do Norte, em 1993); e o Fórum do Cangaço (realizado anualmente na semana em que se comemora a invasão/resistência mossoroense a Lampião).

⁷⁰⁸ A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço foi fundada em 13 de junho de 1993, em Mossoró. Seu primeiro presidente foi Paulo Medeiros Gastão. O primeiro Fórum do Cangaço, como foi denominado, ocorreu neste mesmo ano, nas dependências do Museu Municipal.

⁷⁰⁹ Entre os ex-cangaceiros que estiveram em Mossoró, citam-se: Antônio Luiz Tavares (ex-cangaceiro Asa Branca), que manteve residência em Mossoró desde a década de 1960 até 1981, ano de sua morte. O túmulo do ex-cangaceiro Asa Branca fica vizinho ao túmulo do cangaceiro Jararaca; Ilda Rodrigues (ex-cangaceira Sila e companheira do cangaceiro Zé Sereno), que esteve na cidade em setembro de 1994, a convite de Paulo de Medeiros Gastão. Na ocasião, concedeu entrevista ao jornal *O Mossoroense* e recebeu o título de sócia da SBEC. Em 1995, voltou para o lançamento do livro **Sila, uma cangaceira de Lampião**, publicado pela Traço Editora, em 1984. Por último, veio, em 1997, para participar do V Fórum do Cangaço. Em novembro de 1999, foi a vez dos parentes de Jararaca e de Manoel Dantas Loiola (ex-cangaceiro Candeeiro), este último também e tornou sócio da entidade. Ver:

Nesse sentido, a SBEC foi uma instituição que, apesar de apresentada como independente dos grupos políticos que comandavam Mossoró, necessitava da colaboração financeira da Prefeitura Municipal de Mossoró para a realização do Fórum do Cangaço, especialmente da utilização do Museu Municipal Lauro da Escóssia como sede da entidade e local de realização do Fórum.

A princípio, as ações da SBEC seriam um contraponto às mudanças que vinham se configurando nas comemorações sobre o 13 de junho. Mas, com a consolidação do Fórum do Cangaço, o efeito foi positivo na reafirmação e no aprofundamento das mudanças sofridas pelas formas de comemorar a data, uma vez que reforçaram a discussão sobre a invasão/resistência e trouxeram a debate as temáticas do folclore, história e cinema. Portanto, mesmo sem coadunar com o projeto dos Rosados em fazer do 13 de junho um espetáculo voltado ao turismo, a importância da SBEC residiu em manter a cidade voltada à discussão da temática e atraindo personagens e pesquisadores para o principal evento cultural sobre o cangaço no Nordeste.

Vale ressaltar que o Museu Municipal foi a instituição que mais expressou os impactos das transformações empreendidas pelo Governo Rosalba Ciarlini Rosado às comemorações da abolição e da invasão de Lampião, tanto na circulação da memória como no sentido social. A espetacularização das principais datas da cidade e sua inserção no consumo turístico se configurou como uma faceta da estratégia de uso político do passado e suscitou mudanças no Museu Municipal Lauro da Escóssia à medida que alojou a nova seleção do passado da cidade.

Foi por meio dessas práticas que o Museu, ao longo de meio século, foi um dos lugares onde a estratégia de Escóssias e Rosados encontrou abrigo. As marcas que ficaram grafadas nas fotografias e discursos, durante as comemorações cívicas, são, nesse sentido, reveladoras da intrincada relação entre o tempo comemorativo, a dimensão política do passado e os lugares de memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A 25 de setembro de 1996, na 22ª Noite da Cultura, João Batista Cascudo Rodrigues, um dos primeiros intelectuais mossoroenses a entrar nas “trincheiras da Batalha da Cultura”, assim expressou seu olhar sobre os interesses nela envolvidos:

Faz quase quarenta anos do encontro do Prof. Vingt-un Rosado com o Mestre Rodrigo Mello Franco de Andrade, na Academia SPHAN”, no Rio de Janeiro. No início da Batalha da Cultura, o gesto do Mestre de Mossoró significava um olhar conjunto com o Mestre de Paracatu sobre a Biblioteca Pública e o Museu Municipal. Seria para colocar Mossoró sob os “olhos da nação” -, em tratamento preventivo do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.⁷¹⁰

O encontro, como mostra Cascudo Rodrigues, fez parte da estratégia de inserir o principal fruto da batalha da cultura - a escrita sobre o passado mossoroense - no cenário nacional, sendo este um dos meios de levar aos cuidados do SPHAN os bens imóveis da cidade, como a Loja 24 de Junho, a Cadeia Pública e a Igreja de São Vicente, que representavam a “vinculação a fatos memoráveis”.

O tempo que separa o contato com o SPHAN e os resultados alcançados pela Batalha da Cultura é revelador tanto dos avanços quanto do insucesso em tornar a memória de Mossoró “Cidade da Liberdade e Resistência” presente no circuito da escrita da história nacional. Esse fato demonstra que a historicidade do processo de fabricação e uso político do passado mossoroense tem, na construção de uma memória oficial, produzida no interior de dois projetos que se fundem no final da década de 1940, sua particularidade, identificada pelo interesse de Escóssias e Rosados em buscarem um lugar para os “feitos gloriosos da cidade”.

As ações empreendidas por essas duas famílias, no que tange à fabricação e uso político do passado mossoroense, se constituíram a partir dos limites que o exercício do poder poderia propiciar em nível local. A influência dos cargos que ocuparam nas esferas estadual e federal e os meios de comunicação (especialmente os jornais) por eles utilizados para a produção e circulação das narrativas sobre os acontecimentos do 30 de setembro de 1883 e do 13 de junho de 1927 foram fundamentais à capilarização da rede de sociabilidade coordenada por Vingt-un

---

⁷¹⁰ RODRIGUES, João Batista Cascudo. **Mensagem à XXII Noite da Cultura**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1996, p. 01. (Coleção Mossoroense, Série A, n. 46).

Rosado, cujo principal resultado foi a escrita sobre o passado da cidade, presente nas publicações da Coleção Mossoroense.

Seja pelo papel timbrado do jornal *O Mossoroense*, ou pela produção dos intelectuais coordenados por Jerônimo Vingt-un Rosado na Coleção Mossoroense, Escóssias e Rosados foram fiadores de uma escrita que, ao longo de um século, direcionou o que deveria ser ou não lembrado como passado. Afinal, o que aproximou acontecimentos isolados contextualmente no momento em que se fabricou um passado para Mossoró? Quais interesses estavam envoltos na prática escriturária que desembocou na construção da memória sobre o pioneirismo mossoroense na campanha nacional contra a escravidão? Como a defesa ao ataque do bando de Lampião se revestiu em um tipo de escrita que elevou Mossoró à condição de referência ao combate ao banditismo no contexto onde as relações entre coronéis e cangaceiros era parte da capilaridade do jogo político regional?

A explicação aos questionamentos acima reside na distinção operacional entre os projetos empreendidos pelas duas famílias. Enquanto os Escóssias buscaram um calendário cívico com comemorações sobre os acontecimentos em que membros de sua família participaram ativamente, os Rosados se apropriam do tempo e do espaço comemorativo no sentido de ampliar as relações políticas com a sociedade mossoroense. Tais procedimentos resultaram no sucesso parcial dos projetos. Os Escóssias entraram no imaginário político local ao associarem Ana Floriano, Jeremias da Rocha Nogueira, João da Escóssia e Lauro da Escóssia como defensores dos ideais libertários pela via jornalística. Os Rosados, por sua vez, se tornaram memoráveis pela estrutura que construíram com o financiamento público das comemorações e inaugurações de instituições culturais e obras de serviços urbanos. Eles mantiveram, a partir do controle do poder executivo local, representantes nas casas legislativas estadual e federal.

Mas, então, que parte dos projetos não obteve o êxito almejado? Justamente a pretensão – norteadas desde a retomada das matérias do *Libertador* por João da Escóssia, passando pelos esforços de Vingt-un Rosado na “Batalha da Cultura” - de fixarem a libertação dos escravos e a resistência a Lampião “sob os olhos da nação”.

Longe de serem fatos isolados, a libertação dos escravos e a invasão/resistência a Lampião suscitaram uma escrita a eles relacionada ancorada em argumentos fundamentados na base civilização/barbárie, que, também, alargou o próprio sentido atribuído ao conceito de liberdade em contextos cuja experiência social

e a relação com os interesses envolvidos dotaram-lhe a feição de que tal sentido poderia manter-se temporalmente.⁷¹¹ Por conseguinte, junto à escrita sobre o passado mossoroense, também se construiu a memória de Mossoró como “A Cidade da Liberdade e da Resistência”.

Fruto dos escombros da falência dos procedimentos adotados por Escóssias e Rosados em fazer transitar, além dos limites locais, as narrativas sobre o pioneirismo e o civismo mossoroense em questões de abrangência nacional, essa memória norteou toda a prática dos intelectuais da Coleção Mossoroense e incentivou, por todas as lutas impressas da “Batalha da Cultura”, a busca por um lugar na história da nação. Sob essa ótica, a compreensão de que a “escrita sobre o passado da cidade” se restringiu, em ternos de circularidade, apenas à região potiguar, também não pode ser considerada como o único saldo positivo de todo esse processo, uma vez que a distribuição dos trabalhos da Coleção Mossoroense chegou em diversos espaços culturais nacionais e internacionais.

Um saldo desolador também não pode ser considerado, pois, à medida que a fabricação do passado da cidade se processava, foi sendo construída uma estrutura que alimentou o paternalismo e o clientelismo, bases de sustentação política, em nível local, do poder dos Rosados. Nesse sentido, os monumentos em papel, em pedra e cal, erguidos sob a égide das batalhas pelo crescimento da cidade, fizeram parte de um longo processo cujos resultados podem ser mensurados a partir das transformações que revelam como foram fabricados e usados politicamente.

Pautada nos resquícios da política coronelística do final dos anos de 1940, a Família Rosado se apropriou da tradição comemoracionista de *O Mossoroense* e articulou, ao longo de seis décadas, instituições e imprensa para expressar, no tempo das comemorações, os parâmetros que possibilitaram o uso do passado comemorado. Sempre aptos à adaptação política, desde o final dos anos de 1940, eles estiveram no centro do poder municipal e não mediram esforços, como

---

⁷¹¹ Para Reinhart Koselleck, “todo conceito relaciona-se a um certo contexto, sobre o qual também pode atuar tornando-se compreensível”. Isso significa dizer, que a própria teorização do conceito encontra-se no contexto de sua emergência e utilização, tornando-o, segundo o autor, uma construção dentro da experiência histórica. KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e metodológicos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

demonstrou a imprensa local, em se utilizar do espaço e do tempo das comemorações para travar “batalhas de palavras” contra adversários políticos.

Institucionalizadas na gestão de Dix-Sept Rosado, as comemorações passaram a ter como referências as obras dos intelectuais mossoroenses. Fundamentais à fabricação de um passado, as obras de Câmara Cascudo, Vingt-un Rosado, Raimundo Nonato, Raul Fernandes, Walter Wanderley e Raimundo Soares de Brito, resultantes da garimpagem pelos diversos arquivos pesquisados no Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco, moldaram o que deveria ser a memória sobre os dois principais acontecimentos da cidade. De suas páginas brotaram o pioneirismo e o civismo como elemento catalizador da identidade mossoroense.

A espetacularização desses acontecimentos, empreendida pelos Rosados, tomou como base os olhares dos intelectuais em torno de Vingt-un, daí o entendimento de que o tempo e o espaço das comemorações eram os lugares em que mais visivelmente se percebeu o papel da Coleção Mossoroense de ser controladora das informações, da interpretação e circulação sobre o passado da cidade. O tempo das comemorações era, pois, o momento das famílias detentoras do poder expressarem suas relações com a cidade. Para os Escóssias, era a reafirmação de seu lugar no imaginário da cidade, como vanguarda das grandes questões em torno da escravidão, abolicionismo, republicanismo e combate ao cangaceirismo. Para os Rosados, era o tempo de inauguração de instituições e obras de melhorias urbanas eram inauguradas, renovando seus vínculos com a cidade.

Com objetivos distintos, mas partilhando e mantendo o mesmo sentido dado ao passado, essas famílias participaram ativamente não só da seleção e fabricação do passado da cidade, mas também da criação de instituições para mantê-lo, como o Museu Municipal. Nessa configuração, o museu seria a casa do passado e as comemorações o lugar onde os interesses do presente eram associados ao passado comemorado. Logo, tanto o Museu Municipal quanto as comemorações expressam a historicidade de todo o processo de fabricação e uso do passado da cidade, não só por se constituírem os lugares da memória sobre esse passado, mas porque evidenciam o contexto de uma memória oficial sobre a abolição da escravidão e a resistência a Lampião, especialmente o político, onde o comemoracionismo foi mais acentuado.

Partícipes do jogo político durante o Estado Autoritário Brasileiro, sob o controle dos militares, Vingt, Dix-Huit Rosado e seus correligionários, entre eles João Newton

da Escóssia, foram promotores das grandes comemorações do cinquentenário do ataque de Lampião e do centenário da libertação dos escravos. Enquanto momento de reafirmação das narrativas sobre os acontecimentos selecionados como passado da cidade, as comemorações possuíram programações no sentido de serem aplicadas ao uso prático de determinadas atividades econômicas, assim foi com o cinquentenário, direcionado ao desenvolvimento do turismo.

O centenário da libertação dos escravos (1983), por sua vez, se configurou em uma comemoração mais simbólica. Expressão dessa característica foi a inauguração do *Pantheon* dos Abolicionistas, que trouxe à tona a importância dos lugares de memória para a manutenção do sentido do que convencionaram chamar de passado. O *Pantheon*, enquanto monumento, “não é em si a incorporação ou a expressão de uma memória, mas tem uma função meramente intermediária” em sua fabricação,⁷¹² o que não o impede de ser produtor de diferenciações cujos significados mostram que sua singularidade reside na articulação com os objetos materiais para a constituição de um lugar de memória da abolição da escravidão mossoroense.

Assim, por toda década de 1980, a memória sobre a abolição da escravidão, com seus grandes desfiles cívico-militares e com suas solenidades, que incitavam os vivos a lembrarem dos mortos, terminou com substanciais alterações. Essas alterações são perceptíveis principalmente quando as festas juninas começaram a ser inseridas no calendário cultural da cidade e a partir do fortalecimento das discussões sobre o cangaço.

O que estava em processo era uma nova configuração nas formas do uso do passado da cidade, especialmente após o rompimento político da família Rosado, no final da década de 1980. Divididos politicamente, os Rosados, vitoriosos em 1988 (grupo de Carlos Augusto Rosado/Rosalba Ciarlini), empreenderam algumas mudanças nas comemorações. Os impactos dessas mudanças ficaram mais evidentes na segunda gestão de Rosalba Ciarlini Rosado (1997-2000), quando, em 1999, foi criado o Auto da Liberdade, um projeto que visava teatralizar os principais acontecimentos do passado da cidade e unificá-los sob o signo da “cidade da liberdade”. Montado a partir do livro *Auto da Liberdade*, do cordelista Crispiniano Neto,

---

⁷¹² ANKERSMIT, Frank R. *Commemoration and National Identity*. In: MARTINS, Estevão C. de Rezende (Org.). *Memória, Identidade e Historiografia. Textos de História*, vol. 10, n.1/2, 2002, p. 15-40.

o espetáculo, dirigido pelo teatrólogo Amir Haddad, adicionou aos festejos do 30 de setembro outros acontecimentos, como o motim das mulheres, o voto feminino e a resistência dos mossoroenses ao bando de Lampião.

Seguindo essa tendência de transformações, as comemorações do 30 de setembro foram completamente modificadas em sua estrutura e significado. Os grandes desfiles continuavam, mas os discursos no Museu Municipal, diante do *Pantheon*, chegavam ao fim, bem como ficaram enfraquecidas as comemorações diante da Estátua da Liberdade, na Praça da Redenção.

Montado como uma nova atração cultural para o mês de setembro, o Auto da Liberdade se inseriu aos novos interesses do grupo político liderado pelo casal Rosalba Ciarlini/Carlos Augusto Rosado. Diferente das tradicionais comemorações, cujo papel estava voltado a rememorar os mortos e aclamar os vivos, o Auto da Liberdade não atrairia mais a população pelo sentimento de rememorar os heróis da cidade ou ratificar as glórias do passado. Sua divulgação foi direcionada à venda de um produto, um espetáculo teatral e musical que só encontra referência com o passado comemorado no tempo de Vingt, Dix-Huit e Vingt-un Rosado, usado como uma das estratégias de manutenção de poder.

7 FONTES

7.1 LISTA DE FONTES HEMEROGRÁFICAS

ABREU, Aglair. Conceituando as novas liberdades. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, 20 ago. 2001. Caderno Mossoró, p. 01.

ADESÕES em massa à homenagem a Vingt. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 19 nov. 1976.

A ESTÁTUA da Liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 30 set.1904.

A FALLA do Throno. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 11 jan.1873.

A FESTA da Liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 30 set.1989.

A MAIOR noite de autógrafos do Brasil. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 20/21 set. 1983.

ANIVERSÁRIO (17 de outubro). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 24 out. 1874.

A' NOBRE e leal cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 04 ago.1883.

AO SENHOR Dr. Juiz de Direito de Mossoró, Alcebíades Dracon de Albuquerque Lima. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 04 ago.1883.

A RESISTÊNCIA continua pelo trabalho. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 13 jun.1989.

AS DECLARAÇÕES do cangaceiro Bronzeado do grupo de Massilon. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 2, 24 jul.1927.

AUTO da Liberdade. **De Fato**, Mossoró, 29 set. 2001. Caderno Total, p. 04.

AVE Mossoró! **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 03 jul.1927.

BARROS, Wladimir. Quem é o maior líder político de Mossoró. **O Mossoroense**. Mossoró, p. 02, 06 out. 1988.

BRAGA, Edilson. Laire: a oposição travestiu-se de PDT, **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 06 set. 1988.

BRAVURA e civismo dos mossoroenses. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03-06, 13 jun.1962.

BRAVURA mossoroense de 1927 foi revivida em painéis. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 16 jun. 1971.

CAPITÃO Virgulino invade Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 04-05, 13 jun. 1989.

CARTA de Sucuru. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 07 ago. 1927.

CARVALHO, Joel. 30 de Setembro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 27 set. 1931.

CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna. **A República**, Natal, p. 03, 04 out. 1940.

CAVALCANTI, Cônego Francisco Sales. Pe. Mota – sacerdote e benfeitor (XII). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 30 maio. 1972.

CENTENÁRIO da morte de Lampião será comemorado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 09 jun. 1989.

CINCO meses de administração de Dix-Sept Rosado: melhoramentos realizados. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 30 set. 1948.

CINQUENTENÁRIO da morte de Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 09 jun. 1989.

COMEMORAÇÃO do 30 de setembro será concluída com desfile. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 30 set. 1992.

COMO salvar Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 17 fev. 1977.

COMO se faz um monstro. **O Nordeste**, Mossoró, p. 03, 22 jul. 1927.

CORONEL Rodolpho Fernandes **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun. 1949.

CORRESPONDÊNCIA. **Libertador**, Fortaleza, p. 03, 30 ago. 1883.

COSTA, Massilon Pinheiro da. Nossa homenagem ao Povo Altaneiro. **O Mossoroense**, Mossoró, 30 set. 1983, Caderno 2, p.03.

CRÔNICA da Semana. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 17 jun. 1951.

DANTAS, Jaime Hipólito. Infidelidade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 24 nov. 1976.

_____. Lampião em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 01 abr. 1977.

_____. Teatro para Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 abr. 1977.

_____. Turismo em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 14 jan. 1977.

DECRETOS da Prefeitura Municipal de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 set. 1948.

DEFINIÇÃO dos Rosados pode afastar históricos do PMDB. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 01, 11 out. 1985.

DESENVOLVIMENTO Cultural. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 16 out. 1949.

DESFILÉ cívico-militar do 30 de setembro. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 01, 03 out.1989.

DESFILÉ cívico mostra a história de Mossoró. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 30 set.1989.

DIX-HUIT se desvincula do PMDB. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 04 out. 1988.

ESCÓSSIA, Lauro da. Lâmpião em Mossoró (I) – Guerra à vista. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 maio. 1977.

_____. Lâmpião em Mossoró (II). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 15 maio. 1977.

_____. Lâmpião em Mossoró (III). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 17 maio. 1977.

_____. Lâmpião em Mossoró (IV). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 18 maio. 1977.

_____. Lâmpião em Mossoró (VI) – Prisão de Jararaca. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 22 maio. 1977.

ESTAÇÃO das Artes se propõe a preservar a cultura. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p.01, 24 set.1999.

EVOcando a página negra da história de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p.04, 12 jun. 1932.

EX-CANGACEIRA permanece na cidade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 05, 14 set.1994.

EX-CANGACEIRO de Lâmpião, hoje fazendeiro fluminense quer amparar Asa Branca. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 07 abr.1974.

EXPOSIÇÃO e prédios resgatam Lâmpião. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, 30 set.1989. Caderno de Turismo, p.07.

FAMÍLIA de Jararaca veio reverenciar ex-cangaceiro. **O Mossoroense**, Mossoró, 02 nov. 1999, Caderno Gerais/Estado, p. 01.

FATALIDADE – O Rio Grande do Norte de luto. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 14. jul.1951.

FERNANDES, Augusto. 30 de setembro. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 30 set. 1883.

FERNANDO Bicudo prepara auto teatral. **Diário de Natal**, Natal,14 set. 2001. Caderno Muito, p. 02.

FERREIRA, Inês. 30 de setembro de 1883. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 14 set. 1983.

FIGUEIREDO a Vingt Rosado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 01 set. 1983.

FIGUEIREDO está mais forte do que nunca. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 03 set. 1983.

GUEDES, Roberto. A ausência de Dix-Huit. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 24 jul.1988.

GUEDES, Roberto. É Rosado versus Maia. **O Mossoroense**. Mossoró, p. 02, 23 ago. 1988.

GURJÃO, Rafael Fernandes. Estrada de Ferro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 18 fev.1919.

HOJE é o dia da liberdade em Mossoró. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 29 set.1989.

HOMENAGEM a Mossoró. **Libertador**, Fortaleza, p. 01, 30 set.1883

HUNOS da nova espécie – Mossoró continua em armas na expectativa de um novo ataque. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 26 jun. 1927.

IMPORTANTES festividades assinalam, este ano, o transcurso da maior data de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-03, 30 set.1948.

JOÃO Newton foi eleito. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 19 de nov.1976.

JOSÉ do Patrocínio. **O Mossoroense**, Mossoró, p, 01 16 fev.1905.

JÚLIO quer dinamizar o turismo em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 19 maio. 1977.

LAIRE cresce, enquanto os Maias perdem apoio de correligionários. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 30 jul. 1988.

LAIRE Rosado pede apoio ao tio Dix-Huit. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 17 jul. 1988.

LAMPEÃO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 07 ago.1927.

LAMPIÃO e seu séquito. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 17 jul.1927.

LÍDER da Maçonaria Brasileira vem para as festas do dia 30. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 24 set. 1983.

MAIA, Geraldo. Vingt-un e o Hospital do Sal, Caderno Universo. Jornal **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 24 fev. 2008.

MAIS um ano, amanhã, do frustrado assalto de Lampeão à cidade de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 12 jun. 1955

MAIS um triunfo da liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 26 jul.1874.

MENSAGEM do Prefeito – Para a História: o que foi o Cinquentenário de Lampião em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12/13 jun. 1977.

MOSSORÓ Cidade Junina: exemplo do trabalho de Rosalba pela cultura. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 30 jun. 2000.

MOSSORÓ e Vingança! **Libertador**, Fortaleza, p. 01, 30 set.1883.

MOSSORÓ Livre! **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 24 out.1883.

MOSSORÓ relembra durante 7 dias luta contra cangaço. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 abr. 1977.

MOSSOROENSES prestigiam Auto da Liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 02 out.1999.

MOTA, Leonardo. A GESTA de Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

MUSEU. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 27 fev. 1977.

MUSEU Lauro da Escóssia pode ser dinâmico e cumprir seu papel. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, 12 set.1992. Caderno de Turismo, p. 07.

MUSEU Municipal volta a abrir. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 30 jan.1977.

NEGREIROS, Rafael. Indústria do Turismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 22 maio 1971.

NOGUEIRA, Damião. 30 de setembro de 1883. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 07 e 08 set. 1983.

NOTÍCIAS e Notas Diversas. **Correio do Povo**, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

O ATAQUE de Lampião foi o princípio da derrocada do Rei do Cangaço. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12 jun.1949.

O BANDIDO Lampeão e seu grupo. **O Nordeste**, Mossoró, p.01, 09 jul. 1927.

O BANDIDO Lampeão e seu grupo. **O Nordeste**, Mossoró, p. 01, 22 jul./25 out.1927.

O BANDITISMO do Nordeste e o Ceará. **Correio do Povo**, Mossoró, p. 03, 26 jun. 1926

O CEARÁ e a causa abolicionista. **Libertador**, Fortaleza, p. 02, 08 ago.1883.

O EXTERMÍNIO do banditismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-02, jun. 1931.

OLHO por Olho. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 05, 25 out. 1972.

O MOSSOROENSE, 1977. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 12/13 jun. 1977.

O MUSEU. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 27 fev.1977.

O QUE HOVE em Mossoró foi uma explosão. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 set. 1983.

ORGANIZAÇÃO de nossa defesa feita pelo governo do Estado – contra o banditismo. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 22 maio 1927.

PAPEL carbono. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 24 out. 1972.

PDS apoia “Aliança Mossoroense”. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 03 agos.1988.

PERSEGUIÇÃO Grosseira. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03,10 abr.1960.

PMDB/MOSSORÓ esclarece sua posição política. **O Mossoroense**, p. 01, 07 e 08 set. 1983.

POLÍCIA, reprime com violência ataque dos flagelados a Cibrazem. **O Mossoroense**, Mossoró, p.01, 01 set. 1983.

PREFEITURA Municipal de Mossoró - Administração do Prefeito Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 set.1948.

PRÊSO, por ventura, Lampeão, não o fuzilem. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 24 jul.1927.

PRIMEIRO ano da administração Dix-Sept Rosado. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 31 mar. 1949.

PROFESSOR se diz decepcionado com atual prefeito. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02,11 nov. 1988.

PROGRAMA. **Libertador**, Fortaleza, p.1, 01 jan. 1881.

PROGRAMAÇÃO de 22 ao dia 30. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 07, 17 set. 1983.

REVOREDO, Francisco. “Mossoró não Mudou”. **Mossoró**, Mossoró, p. 02, 22 nov. 1988.

RODRIGUES, João Batista Cascudo. *Pantheon* dos Abolicionistas de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 06 out.1983.

RODOLPHO Fernandes de Oliveira Martins. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01-02, 16 out.1927.

ROSADO, Dix-Huit. Cada Maia é um cangaceiro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 29 out.1988.

_____. 30 de setembro. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 30 set. 1983.

_____. O 30 de Setembro de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 08, 15 set. 1983.

ROSADO, Vingt. Mossoró é liberdade. **O Mossoroense**, Mossoró, 30 set. 1983. Caderno 2, p. 09.

ROSADO, Vingt-un. Revolvendo o nosso passado. **A Escola**, Mossoró, p. 01, 12 maio.1940.

_____. Revolvendo o nosso passado. **A Escola**, Mossoró, p. 04, 11 ago.1940.

SCARLAC, Carlos. Conversando com Amir Haddad. **Gazeta do Oeste**, Mossoró, p. 03, 26 set.1999.

SEMANA da Resistência começa hoje. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 07 jun.1977.

SEMANA da Resistência já tem programa oficial. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 17 abr. 1977.

SERVIÇO Telegráfico. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 26 jun.1927.

SILVA, Raimundo Nonato da. Jeremias da Rocha Nogueira, o Marat das ruas de Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, 30 set. 1983, Caderno 2, p.14.

TARCÍSIO Maia – Governador retorna e fala hoje a imprensa. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 08 jun.1977.

TRINTA anos da frustrada tentativa de Lampeão para tomar Mossoró de assalto. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 12 jun. 1957.

TURISMO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 fev. 1977.

UM AMPLO programa de transformação à grande efeméride mossoroense. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 25 set. 1949.

VASCONCELOS, José Martins de. Adulterando a história sobre o 30 de setembro de 83 em Mossoró. **Correio do Povo**, Mossoró, p. 03, 04 de out.1910.

VINGT acredita em grande vitória do PMDB. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 ago. 1988.

VINGT – mais de 2 milhões para projeto de João. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 21 abr. 1977.

VINGT para Mossoró e o Oeste. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01. 30 set. 1983.

VINGT quer mais recursos para asfaltar a cidade. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 20 abr. 1977.

VIGNT Rosado agora é acionista deste jornal. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 02 fev. 1977.

VINGT, uma fortaleza na Constituinte. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 07 dez. 1986.

13 DE JUNHO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 17 jun.1928.

13 DE MAIO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 14 de maio. 1910.

30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 19 ago. 1904.

15 DE NOVENBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 15 nov.1904.

30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 30 set.1907.

30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 30 set.1909.

30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 09 out.1910.

30 DE SETEMBRO. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 01, 04 out.1920.

30 DE SETEMBRO reuniu multidão em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 02 out. 1983.

30 DE SETEMBRO. **Correio de Natal**, Natal, p. 01-04, 30 de set.1883.

7.2 DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia - **Subsídios ao planejamento da área nordestina**. Rio de Janeiro, 1971. v.16.

_____. **Lei nº 6.978**, de 19 de janeiro de 1982.

_____. Ministério do Interior. Banco do Nordeste do Brasil. Departamento de estudos econômicos do Nordeste (ETENE). **Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980**. Turismo. Fortaleza, 1971.

_____. SUDENE. **III Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste**. 1. ed. Recife. Divisão de Documentação, 1966. (Série Planejamento).

_____. **Tribunal Superior Eleitoral** - Resultados eleitorais do Deputado Jerônimo Vingt Rosado Maia. <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-anteriores>. Acesso em 10/04/2016

Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Norte (1874-1882). Mossoró-RN. Coleção Mossoroense. (Série G, n. 06, 2001).

Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Norte – 1883-1888. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un, 2001. Coleção Mossoroense (Série G, nº 07).

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Decreto nº 346/83**, de 25 de setembro de 1983.

_____. **Livro de Registro do Museu Municipal Lauro da Escóssia**, 1992.

_____. Folder do 95º Aniversário da Abolição do Escravos em Mossoró, 1978. **Arquivo do Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia**. Pasta 08.

_____. **Relatório do Auto da Liberdade de 2000.**

_____. **Relatório do Auto da Liberdade de 2001.**

_____. **Relatório do Auto da Liberdade de 2002.**

PRONUNCIAMENTOS do Deputado Federal Vingt Rosado. **Diário do Congresso Nacional**, 30 de novembro de 1967.

_____. **Diário do Congresso Nacional**, 30 nov. 1967.

_____. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, 26 ago. 1964.

_____. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, 26 nov. 1977.

_____. **Diário do Congresso Nacional**, 26 abr.1984.

PRONUNCIAMENTOS do Senador Dix-Huit Rosado. **Diário do Congresso Nacional**. Brasília,1959-1966.

Relatório do 2º Vice-Presidente da Província do Ceará, Antônio Theodorico da Costa. Fortaleza. Typographia do Cearense. 1883. Center for Research Libraries – Chicago/USA. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1432/000020.html>>. Acesso em: 10/05/2016.

Relatório do Presidente de Estado do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, em outubro de 1927. Natal, Typografia d'A Republica, 1927

RIO GRANDE DO NORTE. **Tribunal Regional Eleitoral**. Disponível em: <<http://inter04.tse.jus.br/ords/dwtse/f?p=1945:1:::NO:RP:P0HIDMOSTRA:S>>. Acesso em 03/11/2015.

_____. **ANUÁRIO ESTATÍSTICO**, Natal. v. 2, 1975.

_____. **Diagnóstico Estrutural do Estado.** Natal: Secretaria do Planejamento/IDEC, 1975. v. I.

_____. **Tribunal Regional Eleitoral.** Ata Geral de Apuração da Eleição de 1982 – **Livro de Apuração da 33ª e 34ª Zona Eleitoral da Comarca de Mossoró.**

7.3 FONTES EPISTOLOGRÁFICAS

CASCUDO, Luís da Câmara. [Carta] 19 out. 1937, Natal [para] ROSADO, Jerônimo Vingt-un. Mossoró. 1f.

Carta de Raimundo Nonato da Silva para Vingt-un Rosado. Natal, 02/06/1955. **Acervo Pessoal de Vingt-un Rosado.** 1f.

ESCÓSSIA, Lauro da. [Carta] 18 ago. 1980, Mossoró [para] SILVA, Raimundo Nonato da. Rio de Janeiro. 2f. Tratou da reforma do prédio da Cadeia Municipal, local onde será instalado o Museu Municipal de Mossoró.

7.4 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABI-ACKEL, Ibrahim. **Oração de 30 de Setembro.** Mossoró, RN: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984. (Coleção Mossoroense. Série B, n. 421).

BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM. 1986. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 337).

_____. **Nas Garras de Lampião** – Diário do coronel Antônio Gurgel. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. 1996. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 910)

_____. **Raimundo Nonato:** ano 80. – Mossoró, RN: Coleção Mossoroense. v. 405, 1987.

CAMPOS, Luís de Oliveira. **Vitória de Mossoró no ano de 27.** Mossoró, RN: Cadernos da Caatinga. v. 6, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na Província,** Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

_____. **Notas e documentos para a história de Mossoró.** – 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2010.

ESCÓSSIA, Lauro da. **Cartas de amizade a Raimundo Nonato**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1990. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 833).

SOUZA, Francisco Fausto de Souza. **História de Mossoró**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1979. (Coleção Mossoroense).

FERNANDES, Raul. **A marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. 6. ed. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2005. (Coleção Mossoroense - Série C. v. 1488).

LIMA, José Octávio Pereira. **A derrota de Lampeão em Mossoró**. Mossoró, RN: Atelier Octávio, 1927.

MOSSORÓ. PREFEITURA MUNICIPAL. **Boletim Bibliográfico**, n. 01, 30 de setembro de 1948.

_____. **Boletim Bibliográfico**. Ano II. n. 23, abril de 1950.

_____. **Boletim Bibliográfico**, Ano V. n. 56. 31 de janeiro de 1953.

_____. **Boletim Bibliográfico**, Ano VII. n. 83, abril de 1955.

_____. **Boletim Bibliográfico**, Ano VII. n. 84, maio de 1955.

NETO, Crispiniano. **Auto da Liberdade**. Mossoró: Editora Queima Bucha, 2005.

RANCHINHO, Mariano. **O Assalto de Lampeão a Mossoró onde foi derrotado**. Agência Pernambucana, Natal, 1927.

RODRIGUES, João Batista Cascudo. **Mensagem à XXII Noite da Cultura**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1996. (Coleção Mossoroense, Série A, n. 46).

ROSADO, Jerônimo Vingt-un. **Joaquim Nabuco não tomou conhecimento da abolição em Mossoró**: Mossoró, RN: Fundação Guimaraes Duque, 2002. (Coleção Mossoroense, Série B. n. 2146).

_____. **Minhas Batalhas da Cultura**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-un Rosado, 2001.

_____. **Mossoró**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1940. Série B, n. 2146).

_____. **Museu Epistolográfico Maria Sylvia de Vasconcelos Câmara** (Fundação Ozelita Cascudo Rodrigues). Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1996. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 723).

_____. **Novas Imagens de Mossoró**. – Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 107)

_____. **O motim das mulheres: um episódio do quebra quilos**. 2. ed. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 2000. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1159).

_____. **O trinta de setembro nasceu na maçonaria**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1988. (Coleção Mossoroense. Série B, n. 499).

_____. **Repercussões pernambucanas do movimento abolicionista mossoroense.** Mossoró: Coleção Mossoroense. Série C, v. 507, 1989)

_____. ROSADO, América Fernandes Rosado. **Alguns subsídios à saga quase centenária da abolição mossoroense.** Mossoró, RN: Gráfica ASTECAM, 1977. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 53).

SILVA, Raimundo Nonato da. **História Social da Abolição em Mossoró.** – Mossoró: Coleção Mossoroense, v. 285.

_____. **Lampião em Mossoró.** – Rio de Janeiro: Pongetti, 1955.

_____. **O movimento abolicionista mossoroense:** sua repercussão internacional. Mossoró, RN: Cadernos da Caatinga, 1977.

SOBRINHO, José Saldanha de Menezes. **Lampião em Mossoró em 1927.** 2. ed. Mossoró, RN: Pedagogia da Gestão, 2004.

WANDERLEY, Walter. **Eliseu Viana:** o educador (1890-1960). Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.

_____. **Paulo Albuquerque: o poeta da abolição.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1969

8 REFERÊNCIAS

ABREU, Luciano Aronne de Abreu; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **Autoritarismo e cultura política.** Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos.** São Paulo: Mercado das Letras, 2006.

_____. Então se fosse a história bonita: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, jul./dez. 2004

ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca. (Org.). **Cultura política e leituras do passado:** historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos:** a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Nordestinos:** a invenção do falo – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros)

_____. **“O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular.** São Paulo: Intermeios, 2013.

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 2)

ALMEIDA, Érico. **Lampeão: sua história.** 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 1998. (A primeira edição é de 1926)

ALMEIDA, Fenelon. **Jararaca: o cangaceiro que virou santo.** Recife: Cadernos Guararapes, 1981.

ALVES, Késia Cristina França. **O Santo do Purgatório: a transformação mística do cangaceiro Jararaca em herói.** Natal, RN, 2005.

ANKERSMIT, Frank R. *Commemoration and National Identity.* In: MARTINS, Estevão C. de Rezende (Org.). *Memória, Identidade e Historiografia. Textos de História*, vol. 10, nº 1/2, 2002.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência- O Estado de São Paulo e Movimento.** Bauru: EDUSC, 1999.

ARAUJO, José Ricardo da Silva. **A dimensão pedagógica do teatro: reflexões sobre uma proposta metodológica,** 2006. 198f. Dissertação. (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas/Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Maceió, 2006.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural.** Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2011.

AZEVEDO, Adélia. **Manuelito, um homem além do seu tempo.** Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, Série B. n. 1948).

AZEVEDO, André Nunes de. Sob o lume da civilização: um estudo da ideia de progresso no Brasil das últimas décadas do período monárquico. **Intellèctus**, Ano XIII, nº 1, 2014.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites século XIX.** 3ª edição. São Paulo: Annablume, 2004.

AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo.** Tomo II: terceira época: 1930-1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginário Social.* In: **Enciclopédia Einaudi**, n. 5. “Anthropos-Homem”. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço**: Lampião e outros cangaceiros. São Paulo: ABC Editora, 2012.

_____. **Heróis e bandidos**: os cangaceiros do Nordeste – São Paulo: ABC Editora, 2012.

BATISTA, Paula Virginia Pinheiro. **Bastidores da escrita da história**: a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927). 2008. 231f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BATISTA, Pedro. **Cangaceiros do Nordeste**. Parayba do Norte: Livraria São Paulo, 1929.

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006. (Série Turismo)

BEZERRA, Gilbamar de Oliveira. **Cangaço, recordação do ataque frustrado**. Mossoró, RN. Cadernos da Caatinga: ESAM, 1977.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

_____. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução de Carmen C. Varriale et al.; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Museus históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. V. 5, jan./dez.1997.

BRITO, Raimundo Soares de. **AMOL**: seus patronos e acadêmicos. Natal, RN:KMP Gráfica e Editora, 2008.

_____. **Estudos de história do Oeste Potiguar**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1979. Série C, nº 94.

_____. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1986. Série C, n. 337.

_____. **Notas genealógicas sobre a família de Dona Amélia de Souza Melo Galvão**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1982. Série B, n. 194.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRAZ, Emanuel Pereira. **Abolição da escravidão em Mossoró**: pioneirismo ou manipulação do fato. – Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1999.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República**: ideias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal-RN: EDUFRN, 2002.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da Ordem**: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. 1. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CARVALHO, Rodrigues de. **Cancioneiro do Norte**. 3. ed. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Flor de Romances Trágicos**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/Fundação José Augusto, 1982.

_____. **Viajando o Sertão**. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense. Série B. n. 1138, 1992.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito**: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005.

_____. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Natal, RN: EDUFRN, 2006.

CEBALLOS, Rodrigo. BEZERRA, Josineide da Silva (Org.). **História, memória e comemorações**. Campina Grande: EdUFCG, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. – Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século)

_____. **A escrita da História**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão**: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 5.ed. São Paulo: Edições Liberdade, 2011.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Leituras e leitores da França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

CHIRIO, Maud. **Fêtes nationales et régime dictatorial au Brésil**. Vingtième Siècle. Revue d'histoire 2006/2 (nº 90).

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. 2. ed. Oeiras: Celta editora, 1999.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil (1850-1888)**; Tradução Fernando de castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CORDEIRO, Janaina Martins. *As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972: uma festa esquecida?* In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho de 2001. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300478234_ARQUIVO_ANPUH2011.pdf. Acesso em: 25/04/2016.

COSTA, Andrea Maria Linhares. **Da Aliança ao Democratismo**: a trajetória do PFL no Rio Grande do Norte (1985-2006), 2012. 239f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFRN, Natal. 2012.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro**: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012.

_____. ESTEVAM, Saul. (Org.). **História do Rio Grande do Norte**: novos temas. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, São Paulo, v. 17, n. 2, jul. /dez.2014.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **A Abolição**, 9. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010

COSTA, Hilton. **Horizontes raciais**: a ideia de raça no pensamento social brasileiro – 880-1920. 2004. 148 f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2004.

CRUZ, Heloisa de faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana- 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa oficial SP, 2000.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DANTAS, Jaime Hipólito. **A Imprensa em Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un, 2002.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampião e o Rio Grande do Norte**: a história da grande jornada. Natal: Cartgraf, 2005.

D'ARAÚJO, Maria Celina et al. (Org.). **Visões do golpe: a memória militar sobre 1994**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1964.

_____. (Org.). **Redemocratização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, São Paulo, n.6, jun. 2003.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada; trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

DE PAULA, Jeziel. **Imagens construindo a história**: a fotografia na difusão do imaginário constitucionista de 32. 1996. 272f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de pós-Graduação em História, Campinas, 1996.

DIAS, Ronaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2004. (Coleção História).

DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)**. 2011, 175f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em História, João Pessoa, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCÓSSIA, Lauro da. **Cronologias Mossoroenses**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010.

_____. **A Maçonaria em Mossoró**: a história de uma secular oficina e a trajetória brilhante de outras cultuando o mesmo ideal. Mossoró, RN: Coleção Mossoroense. v.392, 1988.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1963.

FALCÃO, Marcílio Lima. **Jararaca**: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró. Mossoró, RN: Edições UERN, 2013.

FARGE, Arlete. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2001. (Coleção História e Historiografia).

FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re) invenção do lugar** – os Rosados e o País de Mossoró. 2000, 184f. Tese (Doutorado em Geografia). Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2000.

FERNANDES, Paula Rejane. **A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia**: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005. 2014, 210f. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal do Espírito Santo Centro de Ciências Humanas e Naturais. Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Vitória, 2014.

_____. **Mossoró**: uma cidade impressa nas páginas de O Mossoroense (1872-1930). 2009, 121f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2009.

_____. O intelectual e a Coleção: a escrita de si de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia por meio da Coleção Mossoroense. **Revista Sertões**, Mossoró, RN, v.2, n.1, jan./jun. 2012.

FERNANDES, Saul Estevam. **O (in)imaginável elefante mal-ajambrado**: a questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte e o exame da formação espacial e identitária norte-rio-grandense na Primeira República. 2012, 154f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2012.

FILGUEIRA, Maria da Conceição Maciel. **Dominação política e universidade**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2006. (Coleção Mossoroense. Série C. v.1508)

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

FORTUNATO, Maria Lucinete. **O coronelismo e a imagem do coronel**: de símbolo a simulacro do poder local. 2000, 236f. Tese. (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. **Memória, cultos funerários e canonizações populares em dois cemitérios do Rio Grande do Norte**. 2006. 211f. Tese (Doutorado Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ/IFCS

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. – São Paulo: Global, 2006.

FREITAS, Antônio de Pádua Santiago de et al. **Pesquisa histórica**: fontes e trajetórias. Fortaleza: EDUECE/ABEU, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Verdade e memória do passado*. **Projeto História**, n. 17, nov. 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALVÃO, João Batista. **Subsídios para a história da abolição do cativo no Rio Grande do Norte**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1982. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 211).

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes**: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1800 e 1950. 2009. 246 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS Porto Alegre, 2009.

GEISEL, Ernesto Beckmann. **Discursos**. Brasília, DF: Assessoria de Imprensa da Presidência da República/Departamento de Imprensa Nacional, 1976. v.2.

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história; tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**; trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. TOSCANO, Morena. **A revolução das mulheres**: um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. **História & Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Fundação José Augusto: 40 anos 1963-2003/Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 2004.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião**: senhor dos sertões: vidas e mortes de um cangaceiro. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **Cangaceiros**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006

GUEIROS, Optato. **Lampeão**: memória de um oficial ex-comandante de volante. 3. ed. São Paulo: [S.n.], 1953.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção História & Historiografia).

_____. **O Espelho de Heródoto**: ensaios sobre a representação do outro. Trad. de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **Regime de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Histórias e Historiografia)

_____. REVEL, Jacques. *Note de conjoncture historiographique*. In: **Les usages politiques du passé**. Paris, Éditions de l'EHESS, 2001.

HAUCK, João Fagundes [et. al] **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX, 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

_____. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. RANGER, Terence. (Org.). **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1976.

HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo Moreno do Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

KINZO, Maria d'Alva Gil. **Oposição e autoritarismo**: gênese e trajetória do PMDB (1966-1979). São Paulo: Vértice, 1988.

_____. **A democracia brasileira**: um balanço do processo político desde a transição. São Paulo em Perspectiva, 15 (4), 2001.

KOSELLECK, Reinhart, **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos; trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e metodológicos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Gilberto Freire em quatro tempos**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade**: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900. São Paulo, SP: Editora da USP; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et. al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. NORA, Pierre. (Orgs.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEITE, Arlan Eloi. **O jornal Tribuna do Norte e o Golpe Militar de 1964** [recurso eletrônico]: a publicidade da “subversão” potiguar. Natal, RN: EDUFRN, 2016.

LESSA, Mônica Leite. FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito. **Entre a Monarquia e a República**: imprensa, pensamento político e historiografia (1822-1889). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

LIMA, Francisco Vanderlei de. **A estrada de Ferro Mossoró-Souza**: do sonho econômico à miséria do discurso político. 1997, 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-UFRN, 1997.

LIMA, Nestor. **Tradições e Glórias de Mossoró**. Natal: Tipografia Santo Antônio, 1938.

LIRA, Carlos. *Memória Viva de Dix-Huit Rosado*. Natal, EDUFRN, 1986.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov., 1998.

LUCA, Tânia Maria de. MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

- LUNA, Luiz. **Lampião e seus cabras**. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1972.
- LUSTOSA, Isabel. **De olho em Lampião**: violência e esperteza. São Paulo: Claro Enigma, 2011.
- MACHADO, Maria Christina Russi da Matta. **Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro**. São Paulo: Coleção da revista de História. 1974.
- MACHADO, Ronaldo Silva. História e Poesia na Poética de Aristóteles. **Mneme** - Revista de Humanidades. Caicó, v.1, n. 01. ago/set. 2000.
- MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado**. v. 3. A guerra de Guerrilha (Fase de Domínio). Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- _____. **Lampião, seu Tempo e seu Reinado**, v. 6. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- MAIA, Jerônimo Vingt-un Rosado. **Novas Imagens de Mossoró**. – Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980. Coleção Mossoroense, v. 107.
- MAIOR, Armando Souto. **Quebra-quilos**: lutas sociais no outono do Império. São Paulo: Brasiliense, 366. Companhia Editora Nacional/MEC, 1978.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. *O enigma do passado: construção social da memória histórica*. **Textos de História**. vol. 15, n. 1/2, 2007.
- MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Sebo Vermelho edições, 2005.
- MEDEIROS, Honório de. **Massilon**: nas veredas do cangaço e outros temas afins. Natal (RN): Sarau das letras, 2010.
- MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. **Ser(Tão) Seridó em suas configurações espaciais**. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Centro de ciências Humanas, Letras e artes. Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Natal, 2007.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro**: a estética do cangaço. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiro**, São Paulo, 34, 1992.
- _____. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. Nova Série. n. 1, 1993.
- _____. Para que serve um museu histórico. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série. N. 1, 1993.

MONTEIRO, Pedro Meira. EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.) **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Roberto Pedrosa. **O outro lado do cangaço**: as forças volantes em Pernambuco – 1922-1938. Recife: Ed. Do Autor, 2004.

MONTENEGRO, Aberlado F. **Fanáticos e cangaceiros**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.

MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. 3. ed., Rio de Janeiro, Cátedra: Brasília, INL, 1976.

_____. **Violeiros do Norte**: poesia e linguagem do sertão nordestino. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **Culturas Políticas na História**: novos estudos. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

MÜLLER, Dalila. et al. **O despertar do turismo no Brasil**: a década de 1970. International Conference on tourism e management studies. Book of Proceedings. v. I, Algarves, 2011.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NEVES, Frederico de castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de lassas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NEVES, Lúcia Maria Bastos; P. MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C (Org.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993.

NOVOA, Jorge. FRESSATO, Soleni Biscouto. FEIGELSON, Kristian (Org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião**: cangaço e Nordeste. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1970.

PAIVA FILHO, Francisco das Chagas. **Uma análise da dualidade do mercado produtor salineiro do Rio Grande do Norte**. Natal: PRAEU, 1982.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias do País de Mossoró**. Fundação Vingt-Un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, Série C. v. 1056).

PAMPLONA, Marcos (Org.). **Escravidão, exclusão e cidadania**. Rio de Janeiro: Access, 2001.

PENNA, Lincoln de Abreu. **República brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Camila Mendonça. **Abolição e Catolicismo**: a participação da Igreja Católica na extinção da escravidão no Brasil. 2011, 140f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense/ Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/ Departamento de História), Niterói, 2011.

PEREIRA, João Baptista Borges (Org.). **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012.

PERICÁS, Luís Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 29, p. 24, 1995.

PINSKY, Carla Bessanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

PINTO, Marcos. **Datas e notas para a história de Apody**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. (Série C, v. 1164).

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940). 2012, 176f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-Graduação em História. Natal, 2012.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**; Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Ensaio Geral)

PRATA, Ranulfo. **Lampião**: documentário. São Paulo: Editora Piratininga LTDA, 1934.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.

_____. **O Messianismo no Brasil e no mundo**. Prefácio de Roger Bastide. 3. ed. São Paulo: Alfa- Ômega, 2003.

QUEIROZ, Raquel de. **Lampião**: drama em cinco atos. Rio de Janeiro, 1954.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A identidade ainda será a espinha dorsal dos museus?** Questões sobre o uso e abuso da memória. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 43, 2011.

_____. **A poeira do passado:** tempo, saudade e cultura material. Fortaleza: Imprensa universitária, 2014. (Coleção Estudos da Pós-Graduação)

_____. SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. (Org.) **Cultura e Memória:** os usos do passado na escrita da História. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil:** de Varnhagen a FHC. 9. ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento;** Tradução Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIOS, Kênia Souza. FILHO, João Ernani Furtado. (Org.) **Em Tempo:** história, memória e educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

RODRIGUES, João Batista Cascudo. BRITO, Raimundo Soares de. **A mulher brasileira:** direitos políticos e civis. 2. Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 11).

RODRIGUES, José Augusto (Org.) **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista.** Mossoró, RN: Coleção Mossoroense, v. 355, 1987.

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Síntese Histórica de O Mossoroense.** Mossoró: Coleção Mossoroense. (Série B, v. 1224, 1992).

_____. **Escóssia.** Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 989).

SACHS, Viola. **Brasil & EUA:** religião e identidade nacional [et al]; Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo:** o autor da cidade e o espaço como autoria. 2009, 181f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História – UFRN, Natal, 2009.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam:** estratégias e instrumentos da consolidação do mando. Mossoró, RN: Queima Bucha, 2004.

SILVA, Raimundo Nonato da. **O Romeiro do 30 de setembro:** viagens do Rio de Janeiro a Mossoró – presença nas sessões das Noites da Cultura. - Mossoró, RN.

Coleção Mossoroense, Série C. v. 703, 1991. (Minhas memórias do Oeste Potiguar. v. 20)

_____. **Jesuíno Brilhante**: o cangaceiro romântico (1844-1879). 3. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2007.

STEFAN, Alfred C. **Os militares**: da abertura à nova república. Trad. Adriana Lopez e Ana Luiza Amendola. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

TOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALENCI, Lucette. **Fábulas da memória**: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo; tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VIANA, Claudio José Alves. **Religião e cangaço na cidade de Mossoró**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.